Michael Crichton

(PARQUE JURASICO)

Tradução de
CELSO NOGUEIRA

Título original: Jurassic Park
Copyright © Michael Crichton, 1991
Licença editorial para o Círculo do Livro por acordo com a Editora Nova Cultural Ltda. e o detentor dos direitos autorais
Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA., que se reserva a propriedade desta tradução.

EDITORA BEST SELLER
uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda.

CIRCULO DO LIVRO
Fotocomposto na Editora Nova Cultural Ltda. Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

Orelha do Livro

John Hammond está prestes a ver concretizado o sonho de sua vida: inaugurar um sofisticado (e lucrativo) parque turístico em que o ambiente foi reconstruído para se parecer com a Terra de milhões de anos atrás e cujos animais são... dinossauros! Confinados em Islã Nublar, uma pequena ilha da Costa Rica, os quase trezentos espécimes produzidos com a mais revolucionária tecnologia da engenharia genética parecem sob o controle absoluto dos supercomputadores e dos cérebros geniais que os criaram. Contudo, um detalhe foi esquecido. Desaparecidos da face do planeta antes que o homem viesse a habitá-lo, os dinossauros podem apresentar reações inesperadas aos seres humanos. Ante a iminência de uma catástrofe de dimensões notáveis entra em cena o paleontólogo Alan Grant, a quem sobra a colossal tarefa de enfrentar monstros enlouquecidos. Com suspense de tirar o fôlego e um final imprevisível, O Parque dos Dinossauros é uma obra de literatura e ficção científica que também incursiona magistralmente no campo das novas teorias matemáticas e dos assombrosos feitos da informática, propondo uma reflexão cuidadosa sobre o uso que se pode fazer da ciência.

Os répteis são criaturas repugnantes por causa de seu corpo frio, coloração pálida, esqueleto cartilaginoso, pele asquerosa, aspecto feroz, olhar astuto, cheiro incômodo, sibilar irritante, esconderijos miseráveis e veneno terrível; seu Criador, portanto, não exerceu o poder de produzir muitos deles. "

LINNAEUS, 1797

"Nao se pode recriar uma forma de vida extinta. "
ERWIN CHARGAFF, 1972

AGRADECIMENTOS

A o preparar este livro, busquei informações nos trabalhos de muitos paleontólogos destacados, particularmente Robert Bakker, John Horner, John Ostrom e Gregory Paul. Também me vali dos esforços da nova geração de ilustradores, inclusive Kenneth Carpenter, Alargarei Colbert, Stephen e Sylvia Czerkas, John Gurche, Mark Hallet, Douglas Henderson e William Stout, cujas reconstituições incluem os novos conceitos sobre o comportamento dos dinossauros. Certas idéias apresentadas, referentes a o paleo-DNA, o u seja, o material genético dos animais extintos, foram inicialmente articuladas por Charles Pellegrino, com base nas pesquisas de George O. Poinar Jr. e Roberta Hess, que fundaram o Grupo de Estudos do DNA Extinto em Berkeley.
Determinadas discussões sobre a teoria do caos derivam, em parte, dos comentários de Ivar Ekeland e James Gleick. Os programas de computador de Bob Gross inspiraram alguns dos gráficos. O trabalho do finado Heinz Pagels gerou Ian Malcolm. Contudo, este livro é pura ficção, e as opiniões expressas aqui são minhas, bem como é minha a responsabilidade por erros factuais que possam existir no texto.

INTRODUÇÃO

"O Incidente InGen"

O final do século 20 testemunhou uma corrida do ouro científica de proporções assombrosas: a fúria

delirante e desesperada para comercializar produtos da engenharia genética. Essa empreitada realizou-se com tanta rapidez — e tão poucas críticas isentas — que suas dimensões e implicações são praticamente desconhecidas. A biotecnologia acena com a maior revolução na história da humanidade. Ao final desta década, terá superado os computadores e a energia atômica em termos de efeitos na vida cotidiana. Nas palavras de um estudioso, "a biotecnologia transformará cada aspecto da vida humana: medicina, alimentação, saúde, entretenimento, até mesmo nosso próprio corpo. Vai mudar literalmente a cara do planeta." Mas a revolução da biotecnologia difere, em três aspectos importantes, das transformações científicas do passado. Em primeiro lugar, os Estados Unidos ingressaram na era atômica através do trabalho de um único instituto de pesquisa, em Los Alamos. A entrada na era dos computadores resultou dos esforços de uma dúzia de empresas. Mas a pesquisa biotecnológica atual vem sendo conduzida em mais de dois mil laboratórios, somente naquele país. Quinhentas multinacionais gastam cinco bilhões de dólares por ano nessa área.

Em segundo lugar, grande parte da pesquisa é frívola ou inconseqüente. As tentativas de criar trutas mais claras para permitir melhor visualização na água, árvores quadradas para facilitar o corte de tábuas e células odoríferas injetáveis para que a pessoa recenda para sempre seu perfume favorito podem parecer piadas, mas não são. Na verdade, o fato de a biotecnologia poder ser aplicada a indústrias tradicionalmente sujeitas aos caprichos da moda, como a de cosméticos

e as de diversões, aumenta a preocupação quanto ao uso estapafúrdio
dessa nova e poderosa tecnologia.

Em terceiro, o trabalho se desenvolve sem controle. Ninguém o supervisiona. As leis federais não o regulam. Não existe preocupação governamental com a questão, nem nos Estados Unidos nem em outras partes do mundo. E, como a aplicação da biotecnologia abrange dos remédios aos produtos agropecuários, passando pela neve artificial, torna-se difícil implantar uma política coerente. O fato mais alarmante, contudo, é a falta de controle por parte dos próprios cientistas. Vale notar que quase todos dedicados à pesquisa genética estão envolvidos com o comércio da biotecnologia. Não há observadores neutros. Todo mundo tem algum interesse.

A comercialização da biologia molecular é o caso ético mais assombroso da história da ciência, e ocorreu com assustadora velocidade. Por quatrocentos anos, desde Galileu, a ciência comportou-se como uma investigação livre e aberta sobre o funcionamento da natureza. Os cientistas sempre ignoraram fronteiras nacionais, mantendo-se acima dos conceitos transitórios da política e até mesmo da guerra. Sempre se rebelaram contra pesquisas secretas, chegando a recusar a idéia de patentear suas descobertas. Consideravam-se trabalhadores a serviço de toda a humanidade. E, por várias gerações, as descobertas dos cientistas realmente possuíam uma característica peculiar, o desprendimento.

Quando, em 1953, dois jovens pesquisadores da Inglaterra, James Watson e Francis Crick, decifraram a estrutura do DNA, seu trabalho foi saudado como um triunfo do espírito humano, dentro da busca centenária pela compreensão científica do universo. Acreditava-se piamente que a descoberta seria ampliada e utilizada em benefício da humanidade como um todo.

Mas não foi bem isso o que aconteceu. Trinta anos depois, quase todos os colegas cientistas de Watson e Crick encontravam-se comprometidos com um tipo completamente diferente de empreitada. A

pesquisa genética molecular tornou-se um projeto comercial gigantesco,
multibilionário, datado não de 1953, mas sim de abril de 1976. Essa foi a época de um encontro que se tornaria famoso, no qual Robert Swanson, um capitalista ousado, abordou Herbert Boyer, bioquímico da Universidade da Califórnia. Os dois homens resolveram fundar uma empresa comercial, para explorar as técnicas de manipulação de genes de Boyer. A nova companhia, Genentech, tornou-se rapidamente a maior e mais bem sucedida das empresas pioneiras de engenharia genética.

Parecia que todo mundo queria ficar rico de repente. Novas empresas surgiam a cada semana, e os cientistas brigavam para participar da pesquisa em genética. Até 1986, pelo menos trezentos e sessenta e dois cientistas, inclusive sessenta e quatro membros da Academia Nacional, assumiram cargos nos conselhos consultivos de indústrias de biotecnologia. O número de cientistas prestando consultoria ou participando de conselhos de acionistas era bem maior. Torna-se necessário enfatizar o quanto esta mudança de atitude é significativa. No passado, cientistas puros olhavam para os negócios com ar esnobe. Consideravam a busca do lucro pouco interessante intelectualmente, própria para comerciantes. E pesquisar para uma indústria, mesmo em locais de prestígio como os laboratórios da Bell ou IBM, servia apenas para quem não conseguia uma função na universidade. A atitude dos cientistas, portanto, era fundamentalmente crítica em relação à ciência aplicada e à indústria em geral. Esse antagonismo secular manteve os pesquisadores universitários livres da contaminação provocada por laços com a indústria, e sempre que surgia
algum
debate
sobre
questões
tecnológicas,
cientistas
desvinculados das indústrias estavam disponíveis para discuti-las em alto nível.
Isso não é mais verdade. Há poucos biólogos moleculares e pouquíssimas instituições de pesquisa sem ligações comerciais. Os bons tempos se foram. A pesquisa genética prossegue, em um ritmo mais alucinado do que nunca. Mas é feita em segredo, às pressas, em

função do lucro.

Dentro desse ambiente comercial, talvez seja inevitável o surgimento de uma empresa ambiciosa como a InGen, International Genetic Technologies, Inc., de Paio Alto. Pouco surpreende também que a crise genética por ela criada não tenha sido divulgada. Afinal de contas, a pesquisa da InGen realizou-se em segredo; o incidente propriamente dito ocorreu em uma das áreas mais remotas da América Central; e menos de vinte pessoas o testemunharam. Deste total, apenas um pequeno grupo sobreviveu.
Mesmo no final, quando a International Genetic Technologies baseou seu pedido no Capítulo 11 da lei de falência, dando entrada no Tribunal Federal de Falências em San Francisco, no dia 5 de outubro de 1989, os editais quase não chamaram a atenção da imprensa. Pareciam tão corriqueiros: a InGen era a terceira pequena empresa norte- americana de bioengenharia a fechar naquele ano, e a sétima desde 1986. Poucos documentos do processo vieram a público, uma vez que os credores pertenciam a um consórcio japonês, formado por companhias como a Hamaguri e Densaka, que tradicionalmente evitavam a publicidade. Para impedir revelações desnecessárias, Daniel Ross, da Cowan, Swain e Ross, advogado da InGen, também representou os investidores japoneses. E a petição um tanto inusitada do vice-cônsul da Costa Rica foi transmitida a portas fechadas. Sendo assim, não espanta que, no prazo de um mês, os problemas da InGen tenham sido discreta e cordialmente resolvidos. Os envolvidos no acordo, inclusive os eminentes conselheiros da junta de consultores científicos, assinaram um termo comprometendo- se a manter total sigilo sobre os fatos, e nenhum deles se dispõe a falar sobre o que aconteceu. Contudo, muitos dos principais protagonistas do "incidente InGen" não assinaram o termo, e aceitaram discutir os notáveis episódios que desembocaram nos dois dias cruciais em agosto de 1989, em uma ilha remota no litoral oeste da Costa Rica.

PRÓLOGO

A Mordida do Raptor

Chovia a cântaros naquela região tropical, a água martelava o teto de zinco da clínica, descia gorgolejando pelas calhas galvanizadas, explodia no chão em uma torrente. Roberta Carter suspirou, olhando pela janela. Ali da clínica mal dava para ver a praia, ou o oceano ao longe, encoberto pela neblina baixa. Não era bem isso que esperava quando chegara a Bahia Anasco, uma vila de pescadores na parte oeste do litoral da Costa Rica, para passar dois meses como médica visitante. Bobbie Carter procurava sol e sossego, depois de dois anos estafantes de residência no pronto-socorro do hospital Michael Reese de Chicago. Ela já se encontrava há três semanas em Bahia Anasco. E chovia diariamente.

No mais ia tudo bem. Gostava do isolamento da região e da cordialidade das pessoas. A Costa Rica possuía um dos vinte melhores serviços médicos do mundo, e até naquela vila remota da costa havia uma clínica bem aparelhada. Manuel Aragón, o enfermeiro, era inteligente e bem treinado. Bobbie conseguia praticar o mesmo nível de medicina a que se habituara em Chicago. Mas como chovia! Uma chuva constante, interminável! Do outro lado da sala de atendimento, Manuel virou a cabeça. — Escute — falou.

— Creia em mim, eu escuto — Bobbie retrucou. — Falo sério. Ouça.

Só então ela percebeu outro som, misturado à chuva, um ronco surdo que engrossou até encorpar o suficiente para ser ouvido claramente: o latejar ritmado de um helicóptero. Pensou que era

loucura voar com um tempo daqueles.

Mas o som cresceu mais, e o helicóptero rompeu a névoa do oceano e roncou acima deles, circulou e voltou. Ela viu quando o aparelho balançou por cima da água, perto dos barcos de pesca, depois passou de lado pelo instável cais de madeira e retornou à praia. Procurava um lugar para pousar.

Era um Sikorsky barrigudo, com uma listra azul na lateral, com as palavras "InGen Construções", nome da companhia responsável por um novo empreendimento turístico numa das ilhas. Tratava-se de um local de veraneio espetacular, além de muito complicado; diversos moradores locais tinham sido contratados para a obra, que já se arrastava havia mais de dois anos. Bobbie podia imaginar direitinho como seria — um imenso complexo hoteleiro do tipo americano, com piscinas e quadras de tênis, onde os hóspedes podiam jogar e tomar seus daiquiris sem ter nenhum contato com a vida real do país. Bobbie ficou a imaginar o que haveria de tão urgente na ilha para obrigar o helicóptero a voar no meio da tempestade. Viu, pela janela, quando o piloto suspirou aliviado, ao conseguir pousar na areia molhada da praia. Homens uniformizados saltaram, escancarando a porta lateral. Ela ouviu gritos frenéticos, e Manuel a cutucou delicadamente.

Eles precisavam de um médico.

Dois empregados negros carregaram um homem prostrado até ela, enquanto um branco gritava ordens. O sujeito branco usava um impermeável amarelo. O cabelo ruivo despontava nas beiras do boné de beisebol dos Mets.

— Tem um médico aqui? — perguntou, quando ela se aproximou.

— Sou a doutora Carter — respondeu Bobbie. A chuva forte martelava sua cabeça e seus ombros. O ruivo franziu a testa para ela, que usava jeans e uma blusa curta. Carregava o estetoscópio no ombro, já meio enferrujado por causa da maresia.

— Sou Ed Regis. Trouxemos um homem muito doente, doutora.
— Então é melhor levá-lo para San José — ela disse. San José era a capital, e ficava a vinte minutos de distância, pelo ar. — Seria bom, mas não conseguiríamos passar as montanhas com este tempo. Vai precisar cuidar dele aqui mesmo. Bobbie caminhou ao lado do homem ferido enquanto o carregavam para dentro da clínica. Era moço, quase menino, dezoito anos no máximo. Erguendo a camisa empapada de sangue, ela viu um rasgo ao longo do ombro, e outro na perna. — O que aconteceu?
— Acidente de trabalho — Ed gritou. — Caiu. Uma retroescavadeira passou por cima dele.
O rapaz estava pálido, trêmulo, inconsciente. Manuel ficou parado na porta verde brilhante da clínica, indicando o caminho. Os homens transportaram o ferido para dentro, e o acomodaram na mesa existente no centro da sala. Manuel providenciou soro por via intravenosa, e Bobbie acendeu a luz sobre o rapaz, debruçando-se para examinar os ferimentos. Imediatamente percebeu que o estado do moço era crítico. Morreria, com toda certeza. Uma laceração larga começava no ombro e terminava no torso. No final do ferimento, a carne se reduzira a tiras. No centro, o ombro fora deslocado, expondo os ossos claros. Um segundo golpe retalhara os músculos pesados da coxa, em profundidade, deixando visível a pulsação da artéria femoral sob eles. A primeira impressão de Bobbie foi de que a perna havia sido rasgada.
— Fale mais sobre o acidente — pediu ao ruivo. — Eu não vi nada. Disseram que a retroescavadeira o pegou. — Parece até que foi atacado por uma fera — ela comentou, examinando a ferida. Como a maioria dos médicos de pronto-socorro, lembrava-se detalhadamente de pacientes que atendera há anos. Havia tratado de dois casos de ataque por animais. No primeiro, uma criança de dois anos fora mordida por um cão Rottweiler. No outro, um funcionário do circo embriagado tivera um encontro com o tigre de

Bengala. Os dois ferimentos eram similares. As marcas deixadas por
animais possuíam um aspecto inconfundível. — Atacado? Que nada! Impossível, acredite em mim — Ed contestou, molhando os lábios com a língua ao falar. Agia evasivamente, como se houvesse feito algo de errado. Bobbie ficou intrigada. Caso utilizassem mão-de-obra local, sem qualificação, na construção do balneário, os acidentes certamente seriam comuns. — Quer uma limpeza? — Manuel indagou.
— Sim. Depois da anestesia.
Abaixando-se mais, ela tateou o ferimento com a ponta do dedo. Se uma retroescavadeira o atingira, haveria terra entranhada na carne. Mas não encontrou nenhuma sujeira, apenas uma espécie de espuma, pegajosa. E o ferimento emitia um odor estranho, como um cheiro de morte e podridão. Ela nunca havia sentido um cheiro assim antes. — Há quanto tempo ocorreu o acidente?
— Cerca de uma hora.
Mais uma vez Ed Regis mostrou seu nervosismo. Era um tipo ansioso, agitado. E não tinha cara de empreiteiro da construção civil. Parecia um executivo. Obviamente, estava fora de seu ambiente. Bobbie Carter concentrou-se nos ferimentos. Não conseguia identificar um trauma mecânico. As indicações não conferiam. Nenhuma contaminação por terra no local atingido, nenhuma contusão. Traumas mecânicos de qualquer origem — acidente de automóvel ou numa fábrica — quase sempre apresentavam contusões. Mas não havia nenhuma. Em vez disso, a pele do paciente fora rasgada — lacerada — no ombro e na coxa.
Na verdade parecia mais uma mordida. Por outro lado, o corpo não apresentava arranhões generalizados, típicos de um ataque de animal. Ela examinou novamente a cabeça, os braços, as mãos... As mãos.
Sentiu um arrepio ao olhar para as mãos do rapaz. Havia cortes pequenos, rasgos nas palmas, e pontos arroxeados nos punhos e ante- braços. Ela trabalhara em Chicago tempo suficiente para saber o que

significavam.
— Muito bem — disse a Ed —, espere lá fora. — Por quê? — ele perguntou alarmado. Não gostara da ordem. — Quer que eu o ajude ou não? — impacientou-se Bobbie, empurrando-o e fechando a porta na cara dele. Não sabia o que se passava, e não se sentia à vontade.
Manuel hesitou.
— Continuo a limpeza?
— Sim — ela concordou, erguendo a Olympus de foco automático. Tirou várias fotos dos ferimentos, posicionando a luz para conseguir detalhes. Parecia mesmo uma mordida, pensou. O rapaz gemeu, e ela guardou a câmera, debruçando-se sobre o paciente. Os lábios dele moveram-se, a língua enrolada.
— Raptor — ele murmurou. — Lo sa raptor... Ao ouvir tais palavras, Manuel gelou, recuando horrorizado. — O que quer dizer? — Bobbie perguntou. Manuel abanou a cabeça.
— Não sei, doutora. Lo sa raptor não é espanhol. — Não? — Para ela parecia espanhol. — Por favor, prossiga com a limpeza.
— Não posso, doutora. Cheiro ruim. — Ele franziu o nariz e fez o sinal da cruz.
Bobbie deteve-se nos restos de espuma pegajosa existentes no ferimento. Tocou-a, esfregando o material entre os dedos. Assemelhava- se um pouco com a saliva.
Os lábios do rapaz ferido mexeram-se de novo. — Raptor — sussurrou.
— Ele o mordeu — disse Manuel aterrorizado. — Quem o mordeu?
— O raptor.
— O que é raptor?
— Significa hupia.
Bobbie franziu a testa. Os costarriquenhos não eram

excessivamente supersticiosos, mas já ouvira menções aos hupias na
vila. Segundo a lenda, eram aparições noturnas, vampiros sem rosto que raptavam crianças pequenas. Viviam antes nas montanhas da Costa Rica, e agora habitavam as ilhas da costa. Manuel recuara, fazendo de novo o sinal da cruz e murmurando: — Este cheiro não é normal. Foi um hupia. Bobbie estava a ponto de ordenar que o enfermeiro voltasse ao trabalho quando o rapaz machucado sentou-se na mesa, com os olhos arregalados. Manuel gritou apavorado. O paciente gemeu e virou a cabeça, lançando um olhar esgazeado para um lado e para outro, e em seguida vomitou uma golfada de sangue. Entrou imediatamente em convulsões, o corpo todo vibrando. Bobbie o agarrou, mas ele pulou da cama para o chão cimentado. Vomitou outra vez. Havia sangue por toda parte. Ed abriu a porta, gritando:
— Ei, o que está acontecendo aqui? — Mas quando viu tanto sangue recuou, com as mãos na boca.
Bobbie pegou um bastão para colocar entre os dentes do rapaz, mas percebeu que seria inútil. Com um espasmo final ele relaxou e ficou quieto, estendido no chão.
Ela se abaixou para fazer a respiração boca a boca, mas Manuel segurou seu ombro, puxando-a.
— Não. O hupia vai pegá-la.
— Manuel, por favor...
— Não. — Ele a encarou alucinado. — Não pode entender estas coisas.
Bobbie olhou para o corpo no chão e concluiu que não faria diferença; era impossível ressuscitá-lo. Manuel chamou os outros homens, que entraram na sala e levaram o corpo embora. Ed surgiu, limpando a boca com as costas da mão, resmungando: — A senhora fez o possível, doutora.
Ela observou os homens que levavam o corpo de volta ao helicóptero e partiam trovejando rumo ao céu. — Melhor assim — Manuel comentou.

Bobbie pensava nas mãos do rapaz. Estavam cobertas de cortes

e machucados, um padrão característico de tentativa de defesa. Tinha certeza absoluta de que ele não sofrerá um acidente de trabalho. Havia sido atacado, e erguera as mãos para se proteger. — Onde fica essa ilha de onde vieram?
— No oceano. Mais ou menos a cento e cinqüenta ou duzentos quilômetros da costa.
— Meio longe para um balneário. Manuel observou o helicóptero.
— Espero que não voltem nunca mais aqui. Bem, pensou Bobbie, pelo menos tinha tirado as fotos. Mas ao virar para a mesa, viu que a câmera desaparecera. À noite a chuva finalmente parou. Sozinha no quarto atrás da clínica, Bobbie folheava o dicionário espanhol de bolso já muito manuseado. O rapaz falara em "raptor", e apesar do que Manuel afirmara, ela suspeitava que se tratava de uma palavra espanhola. E não deu outra, estava lá no dicionário. Significava "seqüestrador" ou "raptador".
Isso a fez pensar. O sentido da palavra era perturbadoramente próximo ao significado de hupia. Claro, ela não acreditava em superstições. E os cortes na mão não poderiam ter sido feitos por uma aparição. O que o rapaz tentara dizer a ela? Ouviu gemidos no quarto ao lado. Uma das mulheres da vila entrara em trabalho de parto, e Elena Morales, parteira local, a auxiliava. Bobbie voltou à clínica e chamou Elena para fora por um instante.
— Elena...
— Sim, doutora?
— Sabe o que é um raptor?
Elena era uma sessentona grisalha, uma mulher forte, com os pés no chão, pouco dada a fantasias. Sob o ar da noite ela franziu o cenho e repetiu:
— Raptor?

— Sim. Já ouviu essa palavra?
— Já. Quer dizer... alguém que entra à noite e leva uma criança. — Um seqüestrador?
— Sim.
— Um hupia?
A atitude da mulher mudou de imediato.
— Não diga essa palavra, doutora.
— Por que não?
— Não fale em hupias agora — Elena pediu com firmeza, indicando com um movimento da cabeça a mulher que se preparava para o parto. — Não convém dizer essa palavra. — Mas um raptor morde e lacera as vítimas? — Morde e lacera? — Elena pareceu surpresa. — Claro que não, doutora. Nada disso. Um raptor é um homem que leva um bebê embora. — Ela parecia irritada com a conversa, ansiosa para encerrá-la. Recuou em direção à clínica. — Eu aviso quando ela estiver pronta, doutora. Creio que ainda demora uma hora, talvez duas. Bobbie olhou para as estrelas, e ficou ouvindo o movimento suave das ondas na praia. Na escuridão, identificou as sombras dos barcos pesqueiros ancorados. A paisagem era tão normal, tão calma, que se sentiu como uma tola, por falar em vampiros seqüestradores de bebês.
Retornou ao quarto, lembrando-se novamente de que Manuel insistira em afirmar que a palavra não era espanhola. Por curiosidade, procurou o termo no dicionário da língua inglesa, e para sua surpresa encontrou um verbete também ali:

raptor (do latim raptor, seqüestrador, der. de raptus, seqüestro, rapto): ave de rapina.

PRIMEIRA ITERAÇÃO

"Nos primeiros esboços da curva fractal, poucas indicações da estrutura matemática subjacente podem ser verificadas." IAN MALCOLM

QUASE UM PARAÍSO

Mike Bowman assobiava animado enquanto conduzia o Land Rover pela Reserva Biológica de Cabo Blanco, no lado oeste da Costa Rica. Naquela manhã magnífica de julho, a estrada à frente era espetacular: acompanhava a beirada de um penhasco, com vistas para a mata e o azul do Pacífico. De acordo com os guias de turismo, Cabo Blanco era quase um paraíso selvagem, intocado. Ao visitá-lo Bowman sentia que suas férias retomavam o curso normal. Bowman, trinta e seis anos, trabalhava como incorporador imobiliário em Dallas, e resolvera passar duas semanas de férias na Costa Rica, com a mulher e a filha. Na verdade a viagem fora idéia da esposa; Ellen ficara semanas a fio insistindo na beleza dos parques nacionais da Costa Rica, e no quanto Tina aproveitaria os passeios. Depois ,que chegaram ao país, ele descobrira que Ellen tinha consulta marcada com um cirurgião plástico em San José. Então ouvira falar, pela primeira vez, nas cirurgias plásticas baratas e excelentes disponíveis na Costa Rica, e nas clínicas particulares de luxo de San José.
Claro, saiu uma briga feia. Mike achou que ela mentira, e tinha razão. E recusou-se a aceitar a história da cirurgia plástica. De qualquer modo era uma idéia ridícula, Ellen, uma linda mulher, tinha apenas trinta anos. Puxa vida, ela fora a rainha da turma em Rice, há menos de dez anos. Mas Ellen mostrava fortes tendências para a insegurança e a preocupação excessiva. E nos últimos anos, pelo jeito, preocupara-se excessivamente com a perda da beleza. Com isso e com quase tudo.
O Land Rover caiu num buraco, espalhando lama. Sentada ao lado dele, Ellen indagou:

— Mike, tem certeza de que pegamos a estrada certa? Não
vemos ninguém há horas.
— Passamos por um carro há quinze minutos. Lembra-se, aquele azul?
— Seguindo para o outro lado...
— Amor, você pediu para ir a uma praia deserta. O que esperava? Ellen balançou a cabeça, insegura.
— Tomara que tenha razão.
— Isso, papai, tomara mesmo — Christina repetiu no banco traseiro. Tinha oito anos.
— Confiem em mim, estamos no caminho certo. — Ele dirigiu em silêncio por algum tempo. — Não é maravilhoso? Olhem que vista. Linda.
— Serve — Tina falou.
Ellen apanhou o estojo de maquiagem e o abriu, olhando-se no pequeno espelho, massageando a área sob os olhos. Depois, suspirando, fechou o estojo.
A estrada começava a descer, e Mike Bowman concentrou-se no volante. Repentinamente uma pequena sombra escura cruzou veloz o caminho, e Tina gritou:
— Olhem lá! Olhem lá! — Mas a sombra sumira na mata. — O que era? — Ellen perguntou. — Um sagüi? — Talvez fosse um sagüi — Bowman admitiu. — Posso marcar? — Tina perguntou, pegando o lápis. Ela estava fazendo uma lista de todos os animais avistados, como trabalho escolar. — Não sei — Mike hesitou.
Tina consultou as ilustrações em seu livro. — Não creio que tenha sido um sagüi. Acho que era só mais um macaco comum. — Já tinham visto muitos macacos durante a viagem. — Puxa vida — ela

continuou animada. — De acordo com o livro, "as praias de Cabo Blanco apresentam grande variedade de animais silvestres, inclusive macacos de cara branca, preguiças e quatis". Acha que vamos ver um bicho-preguiça, papai?

— Aposto que sim.
— Sério mesmo?
— É só se olhar no espelho.
— Não achei graça nenhuma, pai.
A ladeira varava a floresta, dando na beira do mar.
Mike Bowman sentiu-se um herói ao chegar finalmente à praia, três quilômetros de areia branca em crescente, completamente deserta. Estacionando o Land Rover à sombra das palmeiras que acompanhavam a orla, apanhou a cesta de piquenique. Ellen vestiu o maio, reclamando:
— Honestamente, não sei o que vou fazer para me livrar desta gordura toda.
— Você está ótima, doçura. — Na verdade, ele a achava muito magra, mas aprendera a não falar nisso. Tina já corria pela areia da praia.
— Não se esqueça de passar o protetor solar! — Ellen gritou. — Mais tarde — Tina retrucou por cima do ombro. — Primeiro vou procurar uma preguiça.
Ellen Bowman examinou a praia e a mata fechada. — Acha que não tem perigo?
— Amor, não tem ninguém nem a quilômetros daqui. — E as cobras?
— Pelo amor de Deus! — Mike exclamou. — Não há cobras na praia.
— Mas e se tiver...
— Doçura, as cobras têm sangue frio. São répteis. Não podem controlar a temperatura do corpo. A areia está pelando, a uns trinta e cinco graus. Se uma cobra se atrever a passar ali, vai morrer cozida, juro. Não há cobras na praia. — Ele observou enquanto a filha corria, um pontinho escuro na areia alva. — Deixe-a ir. Está se divertindo. E passou o braço em torno da cintura da mulher. Tina correu até se cansar e depois deitou-se na areia, rolando

até a beira do mar. A água estava quente, quase sem ondas. Sentou-se
por um momento, para recuperar o fôlego, olhando para os pais e o jipe, calculando o quanto se distanciara.
A mãe acenou, pedindo que voltasse. Tina fez um gesto, fingindo não entender. Não queria passar protetor solar. E não queria voltar e ouvir a mãe reclamar do excesso de peso. Queria ficar ali mesmo, e quem sabe achar uma preguiça.
Tina vira uma preguiça há dois dias, no zoológico de San José. O bicho parecia um personagem dos Muppets, inofensivo. De qualquer modo, não conseguia se mover com rapidez. Ela poderia facilmente deixá-la para trás na corrida.
Quando a mãe começou a gritar, Tina resolveu ir para a sombra, afastando-se do mar, procurando abrigo sob as palmeiras. Naquela parte da praia as palmeiras erguiam-se sobre um emaranhado de raízes do mangue, que impediam a exploração da área. Tina sentou-se na areia e chutou as raízes do manguezal. Encontrou várias pegadas de pássaros na areia. A Costa Rica era um país famoso pelos pássaros. Os livros diziam que havia ali o triplo de aves em comparação com os Estados Unidos e Canadá juntos.
Na areia, viu três marcas da pegada de algum pássaro tão pequenas, tão leves, que mal podiam ser identificadas. Havia outras pegadas maiores, fundas. Tina olhava distraidamente para as marcas quando ouviu um bicho assobiar e percebeu um movimento entre as raízes emaranhadas do manguezal.
As preguiças assobiavam? Tina duvidava, mas não tinha certeza. Talvez fosse uma ave marinha. Ela

esperou imóvel, em silêncio, atenta para o ruído farfalhante do movimento, que se repetiu. Finalmente identificou a origem do som. A poucos metros, um lagarto saiu do meio das raízes e olhou para ela.
Tina prendeu a respiração. Um novo animal para sua lista! O lagarto ergueu-se nas patas traseiras, balançando a cauda grossa, e a encarou. Em pé, como estava, atingia trinta centímetros de altura, verde-escuro, com listras marrons nas costas. As patas dianteiras

minúsculas terminavam em pequenos dedos que se mexiam nervosos
no ar. O lagarto empinou a cabeça ao olhá-la. Era uma gracinha, Tina pensou. Parecia uma salamandra grande. Ela ergueu a mão e também mexeu os dedos. O lagarto não se amedrontou. Veio em sua direção, andando sobre as patas traseiras. Pouco maior que uma galinha, movia a cabeça como se fosse uma, ao se locomover. Tina imaginou que daria um ótimo bichinho de estimação.
Ela notou que o lagarto deixava três marcas na areia, iguais a pegadas de aves. Ele acercou-se de Tina, que permaneceu imóvel, para não assustar o animalzinho. Ficou espantada com a aproximação, mas depois se lembrou de que se achava em um parque nacional. Os animais do parque sabiam que estavam protegidos. Provavelmente o lagarto era manso. Talvez estivesse querendo comida. Infelizmente não trouxera nada para lhe dar. Lentamente, Tina esticou a mão espalmada, para mostrar que não tinha comida. O lagarto parou, empinou a cabeça e sibilou.
— Que pena! — Tina disse. — Não tenho nada agora. De repente, sem aviso, o lagarto pulou em sua palma aberta. Tina sentiu os pequenos dedos perfurando a pele da mão e o peso surpreendente do animal pressionando seu braço para baixo. Em seguida o lagarto trepou pelo braço, buscando seu rosto. — Eu preferiria que ela ficasse à vista — Ellen Bowman disse, semicerrando os olhos por causa do sol. — Só isso. Poder vê-la. — Aposto que está ótima — Mike retrucou, verificando a cesta de piquenique preparada no hotel. O frango assado parecia pouco apetitoso, e havia também uma espécie de torta de carne. Ellen jamais comeria aquilo.
— Acha que ela se afastou da praia? — Ellen insistiu. — Não, doçura, não acho.
— Eu me sinto tão isolada aqui.
— Pensei que era isso que pretendia.
— E era.

— Então qual é o problema?
— Gostaria que ela ficasse à vista, só isso — Ellen repetiu. Nesse momento, trazida pelo vento, ouviram a voz da filha na praia. Ela estava gritando.

PUNTARENAS

— A menina já está se sentindo bem melhor agora, creio — disse o dr. Cruz, baixando o plástico da tenda de oxigênio em torno de Tina, que repousava. Mike Bowman sentou-se ao lado da cama, próximo à filha. Concluiu que o dr. Cruz era muito capaz. Falava inglês excelente, graças ao treinamento em centros médicos de Londres e Baltimore. Irradiava competência, e a Clínica Santa Maria, o moderno hospital de Puntarenas, era imaculado e eficiente. Mesmo assim, Mike Bowman se sentia muito nervoso. Não havia como negar o fato de que sua única filha estava seriamente doente, e eles muito longe de casa.
Quando encontrara Tina, ela chorava histericamente. O braço esquerdo coberto de sangue mostrava uma série de pequenas dentadas, cada uma delas do tamanho de um polegar. E havia trechos cobertos por uma espuma pegajosa, como saliva.
Ele a tirara da praia. Seu braço começara a inchar e a ficar vermelho em seguida. Mike demoraria muito para se esquecer da viagem frenética de volta para a civilização, o Land Rover com tração nas

quatro rodas derrapando e deslizando na estrada enlameada pelas montanhas, enquanto a filha gritava de dor e pânico, o braço cada vez mais inchado e vermelho. Muito antes de chegarem à entrada do parque o pescoço de Tina começara a inchar também e a menina passara a respirar com dificuldade.
— Será que vai ficar boa? — Ellen perguntou, olhando para dentro da tenda de oxigênio.
— Creio que sim. Tomou uma nova dose de esteróides e a respiração está quase normal. E, como podem ver, o edema no braço reduziu-se bastante — mostrou o dr. Cruz. — E quanto às mordidas? — Mike Bowman quis saber. — Ainda não as identificamos. Pessoalmente, nunca vi mordidas assim antes. Mas, como podem notar, estão desaparecendo.

Quase não dá mais para vê-las. Felizmente tirei fotografias para
pesquisa. E lavei o braço, coletando amostras daquela saliva pegajosa: uma será analisada aqui, outra enviada a um laboratório em San José. Congelaremos uma também, caso seja necessária no futuro. Têm o desenho que ela fez?
— Sim. — Mike Bowman entregou ao médico o esboço de Tina, feito a pedido dos médicos.
— Então este foi o animal que a mordeu? —- indagou o dr. Cruz, examinando o desenho.
— Sim — confirmou Mike Bowman. — Segundo ela, trata-se de um lagarto verde, do tamanho de uma galinha ou um corvo. — Não conheço tal lagarto — comentou o médico. — Ela o desenhou em pé, sobre as patas traseiras. — Isso mesmo. Disse que andava assim.
O dr. Cruz franziu a testa, examinando o desenho por mais algum tempo.
— Não sou especialista no assunto. Pedi ao doutor Guitierrez que desse um pulo até aqui. Ele é o pesquisador titular da Reserva Biológica de Carara, do outro lado da baía. Talvez possa identificar o animal para nós.
— Não há ninguém de Cabo Blanco? — Bowman perguntou. — Ela levou a mordida lá.
— Infelizmente não há. Cabo Blanco não possui uma equipe fixa, e nenhum pesquisador trabalhou lá recentemente. Vocês foram as primeiras pessoas a pisar naquela praia nos últimos meses, creio. Mas verão que o doutor Guitierrez é um especialista competente. O dr. Martin Guitierrez era um sujeito barbudo, usando short caqui e camisa. Surpreendentemente, era norte-americano. Ao ser apresentado à família Bowman, disse com um leve sotaque sulista: — Senhor e senhora Bowman, muito prazer em conhecê-los. — Depois explicou que era biólogo de Yale, realizando pesquisas de campo na Costa Rica havia cinco anos.
Examinou Tina minuciosamente, erguendo seu braço com

cuidado, iluminando as mordidas com uma lanterna de bolso, medindo-
as com uma pequena régua. Depois de algum tempo, afastou-se, balançando a cabeça como se tivesse compreendido algo importante. Verificou as fotos Polaroid e fez várias perguntas sobre a saliva, que segundo Cruz fora enviada ao laboratório para os testes. Finalmente dirigiu-se a Mike Bowman e esposa, que aguardavam tensos.
— Creio que Tina vai ficar boa. Gostaria apenas de esclarecer alguns detalhes. — Tomando notas com mão firme, prosseguiu: — Sua filha disse que foi mordida por um lagarto verde, com aproximadamente trinta centímetros de altura, que andava de pé, na praia, perto do manguezal?
— Isso mesmo.
— E o lagarto fazia uma espécie de ruído. — Tina disse que assobiava, ou guinchava. — Como um rato?
— Sim.
— Muito bem. Conheço esse lagarto. — Ele explicou que das seis mil espécies de lagarto existentes no mundo, cerca de uma dúzia somente andava sobre as patas traseiras. Destas, apenas quatro eram encontradas na América Latina. E, a julgar pela cor, o lagarto só poderia pertencer a uma delas. —

Tenho certeza de que é um Basiliscus amoratus, um lagarto listrado existente aqui na Costa Rica e também em Honduras. Anda sobre as patas traseiras e atinge até trinta centímetros de altura.
— Sabe se é venenoso?
— Não, senhor Bowman, de modo algum. — Guitierrez explicou que o inchaço no braço de Tina se devia a uma reação alérgica. — De acordo com a literatura, quatorze por cento das pessoas sofre de alergia intensa em relação aos répteis. Ao que parece, sua filha pertence ao grupo.
— Ela gritou tanto, disse que doía muito. — Provavelmente. A saliva dos répteis contém serotonina, capaz

de causar uma dor intensa. — Guitierrez dirigiu-se a Cruz: — A pressão
sangüínea normalizou-se com o anti-histamínico? — Sim — Cruz confirmou. — Instantaneamente. — Serotonina, sem dúvida — disse Guitierrez. — Afinal de contas, por que o lagarto a mordeu? — perguntou El-len Bowman, ainda receosa.
— Mordidas de lagartos são muito comuns — contou Guitierrez. — Tratadores de animais nos zoológicos levam mordidas com freqüência. Outro dia mesmo soube que um lagarto mordeu uma criança em seu berço, em Amaloya, a cerca de noventa quilômetros do local onde vocês estavam. As mordidas acontecem. Só não sei bem por que sua filha foi mordida tantas vezes. O que ela fazia naquele momento?
— Nada. Estava quieta, parada, para não assustar o animal. — Quieta? — Guitierrez repetiu, intrigado. Balançou a cabeça. — Bem, não sabemos exatamente o que ocorreu. Animais silvestres são imprevisíveis.
— E quando à saliva espumante no braço? — Ellen questionou. — Tenho medo da raiva.
— Nenhum problema. Um réptil não pode ser portador de raiva, senhora Bowman. Sua filha sofreu uma reação alérgica à mordida de um lagarto basilisco. Nada sério.
Mike Bowman mostrou a Guitierrez o desenho feito por Tina. Guitierrez confirmou com um gesto.
— Eu consideraria isso um retrato do lagarto basilisco — disse. — Alguns detalhes não conferem, claro. O pescoço é muito longo, e ela desenhou apenas três dedos nas patas traseiras, em vez de cinco. A cauda é muito grossa, e muito levantada no ar. Mas, fora isso, trata-se do lagarto a respeito do qual falei.
— Mas Tina insistiu que o pescoço era longo. — Ellen Bowman não se deu por satisfeita. — E afirmou que havia três dedos na pata traseira.
— Tina é uma boa observadora — contribuiu Mike Bowman.

— Acredito que sim — assentiu Guitierrez, sorrindo. — Mas
ainda assim penso que sua filha foi mordida por um Basiliscus amoratus comum, apresentando uma reação alérgica forte. A recuperação normal, com estes medicamentos, leva doze horas. Estará bem pela manhã.

No moderno laboratório no porão da Clínica Santa Maria, chegou a notícia de que o dr. Guitierrez identificara o animal que mordera a menina
americana.
Apenas
um
inofensivo
lagarto
basilisco.
Imediatamente a análise da saliva foi suspensa, embora um fracionamento preliminar tivesse

mostrado proteínas de peso molecular extremamente alto, com atividade biológica desconhecida. Mas o técnico da noite estava muito atarefado, e colocou as amostras de saliva no congelador. Na manhã seguinte o encarregado verificou as amostras, conferindo o nome dos pacientes que receberam alta. Vendo o nome "Bowman, Christina L." entre os liberados, jogou fora as amostras de saliva. No último momento, o funcionário percebeu que uma das amostras exibia a tarja vermelha, indicando que deveria ser enviada para o laboratório da universidade de San José. Ele retirou o tubo de ensaio da cesta de lixo e o mandou para lá. — Vamos embora. Agradeça ao doutor Cruz — ordenou Ellen Bowman, puxando Tina.
— Muito obrigada, doutor Cruz — Tina disse. — Eu me sinto bem melhor agora. — Ergueu-se, apertando a mão do médico. — Está usando uma camisa diferente.
Por um momento o médico ficou perplexo; depois sorriu. — Isso mesmo, Tina. Quando passo a noite de plantão no hospital, mudo a camisa pela manhã.
— Mas não a gravata.
— Não. Apenas a camisa.
— Mike disse que ela era observadora — Ellen Bowman comentou.
— Certamente. — O dr. Cruz também sorriu ao apertar a mão

da menina. — Aproveite bem suas férias na Costa Rica, Tina.
A família Bowman estava de saída quando o dr. Cruz chamou: — Ah, Tina, ainda se lembra do lagarto que a mordeu? — Claro.
— Lembra-se dos pés?
— Claro.
— Tinha dedos?
— Sim.
— Quantos dedos você viu?
— Três — ela disse.
— Como tem certeza?
— Porque eu olhei. Sabe, os pássaros na praia deixam marcas na areia, com os três dedos, assim. — Ela ergueu a mão, abrindo três dedos para mostrar. — O lagarto deixou marcas iguais na areia. — O lagarto deixou marcas iguais às dos pássaros? — Deixou — Tina confirmou. — Ele andava como se fosse um pássaro, também. Mexia a cabeça assim, para cima e para baixo. — Tina deu alguns passos, balançando a cabeça para imitar o lagarto. Depois da partida da família Bowman, o dr. Cruz resolveu relatar a conversa ao dr. Guitierrez, na unidade de pesquisa biológica. — Admito que a história da menina é intrigante. Tomei a iniciativa de fazer algumas pesquisas. Não tenho tanta certeza de que ela foi mordida por um lagarto basilisco. Há dúvidas. — Mas o que pode ter sido, então?
— Bem — disse Guitierrez —, não vamos tirar conclusões precipitadas. Por falar nisso, soube de outras mordidas de lagartos no hospital?
— Não, por quê?
— Por favor, se souber de mais algum caso, me avise.

A PRAIA

Martin Guitierrez sentou-se na areia e observou o sol que se punha, refletindo seus raios na água da baía e tingindo de dourado a copa das palmeiras. Depois, pensativo, voltou o olhar para o man- guezal, na praia de Cabo Blanco. Encontrava-se bem perto do local onde a menina americana fora mordida, há dois dias. Embora fosse verdade o que contara aos Bowman sobre mordidas de lagartos, Guitierrez

nunca ouvira falar de alguém que tivesse sido atacado por um lagarto basilisco. E seguramente jamais soubera de um caso de hospitalização. Além disso, a marca deixada no braço de Tina parecia ser um pouco grande demais para um basilisco. Ao voltar para a estação de pesquisa em Carara, consultara a pequena biblioteca existente ali, mas não encontrara referências a mordidas de basilisco. Checara em seguida o International BioSciences Service, um banco de dados computadorizado nos Estados Unidos. Também lá nada havia sobre mordidas de basilisco, nem internamentos por ataques de lagartos.

Em seguida tinha ligado para o médico responsável por Amaloya, que confirmara a história da criança atacada no berço. Um bebê de nove dias, quando dormia, fora mordido por um animal que a avó — a única pessoa que realmente o viu — afirmou ser um lagarto. Pouco depois o pé do recém-nascido inchou, e ele quase morreu. A avó descreveu o lagarto, que seria verde, com listras marrons. Mordera a criança várias vezes, antes que a mãe o afugentasse. — Muito estranho — Guitierrez falou.

— Nada disso, foi igual aos outros casos — retrucou o médico, contando vários incidentes similares. Uma criança em Vásquez, a vila seguinte na costa, fora mordida enquanto dormia. E outra em Puerta Sotrero. Todos os casos aconteceram nos últimos dois meses. E todos

envolviam bebês e crianças pequenas que dormiam.

Um padrão tão novo e inusitado levara Guitierrez a suspeitar da presença de uma espécie de lagarto até então desconhecida. Tal fato não o surpreenderia, na Costa Rica. Com apenas cento e vinte quilômetros de largura em seu ponto mais estreito, o país era menor do quajo Estado do Maine. Contudo, dentro daquele espaço limitado, abrigava uma notável plêiade de habitats biológicos: costas, tanto do lado Atlântico quanto Pacífico; quatro cadeias montanhosas distintas, incluindo picos de quatro mil metros de altura e vulcões ativos; florestas tropicais, florestas cobertas por nuvens, zonas temperadas, pântanos e desertos áridos. Tal variedade ecológica permitia uma diversidade espantosa de espécies animais e vegetais. A Costa Rica tinha três vezes mais espécies de pássaros do que toda a América do Norte. Mais de mil espécies de orquídeas. Mais de cinco mil de insetos. Novas espécies eram descobertas a todo momento, em um ritmo que aumentara nos anos recentes, por um triste motivo. A Costa Rica vinha sendo desmatada, e quando as espécies existentes na floresta perdiam seus habitats, mudavam-se para outros locais, alterando muitas vezes o comportamento.

Assim sendo, uma nova espécie era perfeitamente possível. Mas, junto com a excitação da descoberta, vinha a possibilidade preocupante de novas doenças. Os lagartos eram portadores de viroses, e várias delas poderiam ser transmitidas a seres humanos. A mais séria era a encefalite central sáuria, ou ECS, que provocava uma espécie de doença do sono em pessoas e cavalos. Considerava importante localizar esse novo lagarto, no mínimo para verificar as doenças que poderia transmitir.

Sentado na praia, acompanhando o pôr-do-sol, Guitierrez suspirou. Talvez Tina Bowman tivesse visto um novo animal, talvez não. Ele com certeza não o vira. No início da manhã apanhara a pistola de pressão, carregada com dardos de ligamina, e seguira para a praia cheio de esperanças. Mas o dia fora perdido. Logo precisaria pegar o carro e voltar. Não queria encarar aquela estrada no escuro.

Levantou-se e caminhou pela praia. Um pouco adiante, viu a silhueta escura de um macaco, movendo-se na beira do manguezal. Guitierrez afastou-se, aproximando-se do mar. Se havia um macaco ali, haveria outros nas árvores, e eles costumavam urinar nos intrometidos. Mas aquele macaco parecia estar sozinho, e caminhava devagar, parando a todo momento, agachado. O macaco levava algo na boca. Conforme Guitierrez aproximou-se, percebeu que comia um lagarto. A cauda e as patas traseiras pendiam na boca do animal. Mesmo a distância, Guitierrez viu as listras marrons no corpo esverdeado. Guitierrez abaixou-se e apontou a pistola. O macaco, acostumado a viver protegido na reserva, encarou-o curioso. Não fugiu, nem

mesmo quando o primeiro dardo passou por ele sem acertá-lo. Quando o segundo cravou-se na coxa, o macaco gritou de raiva e surpresa, largando os restos de sua refeição ao fugir para a mata. Guitierrez levantou-se e chegou mais perto. Não se preocupava com o macaco: a dose de tranqüilizante era pequena, só provocaria alguns minutos de tontura e mais nada. Já começava a pensar no que fazer com sua descoberta. Ele mesmo redigiria o relatório preliminar, mas os restos do animal teriam de ser enviados aos Estados Unidos, para uma identificação final positiva, claro. Para quem o mandaria? O especialista mais conhecido era Edward H. Simpson, professor emérito de zoologia na Universidade Colúmbia, em Nova York. Um senhor elegante, com cabelos brancos penteados para trás, Simpson era a maior autoridade mundial em taxonomia de lagartos. Provavelmente, Martin pensou, mandaria aquele exemplar para o dr. Simpson.

NOVA YORK

O dr. Richard Stone, diretor do Laboratório de Doenças Tropicais do Centro Médico da Universidade Colúmbia, costumava ressaltar que o nome sugeria um estabelecimento muito maior do que o existente. No início do século 20, quando o laboratório ocupava o quarto andar inteiro do prédio da pesquisa biomédica, equipes trabalhavam para debelar surtos de febre amarela, malária e cólera. Mas os sucessos da medicina — e a criação de laboratórios de pesquisa em São Paulo e Nairobi — diminuíram bastante a importância do centro norte-americano. Atualmente muito reduzido, empregava apenas dois técnicos em período integral, ocupados prioritariamente em diagnosticar moléstias contraídas por nova-iorquinos durante viagens ao exterior. A tranqüila rotina do laboratório não estava preparada para o material que chegou naquela manhã.

— Olhe só que interessante — comentou a técnica no Laboratório de Doenças Tropicais ao ler o rótulo da amostra. — Fragmento parcialmente mastigado de lagarto não identificado da Costa Rica. — Ela torceu o nariz. — Isso é para o senhor, doutor Stone. Richard Stone atravessou o laboratório para inspecionar o material.

— Seria esta a amostra do laboratório de Ed Simpson? — Sim — ela respondeu. — Mas não sei por que mandaram este lagarto logo para nós.

— A secretária dele ligou — Stone explicou. — Simpson está em viagem de pesquisa, foi passar o verão em Bornéu. Como existe um caso de doença relacionado a o lagarto, ela pediu a o nosso laboratório para dar uma olhada nele. Vamos ver o que descobrimos. O cilindro de plástico era do tamanho de uma embalagem de

dois litros de leite. Possuía fechos metálicos e tampa de rosca. O rótulo
dizia: "Embalagem internacional para espécime biológico". Estava cheio de adesivos com avisos em quatro idiomas. Os avisos destinavam-se a impedir a abertura do cilindro pelos desconfiados funcionários da alfândega.

Pelo jeito os avisos tinham funcionado. Ao aproximar a luminária, Richard Stone percebeu que os lacres permaneciam intactos. Acionou os manipuladores a ar, colocando as luvas plásticas e a máscara no rosto. Afinal de contas, o laboratório identificara recentemente espécimes contaminados com febre

eqüina da Venezuela, encefalite B japonesa, vírus da floresta de Kyanasur, vírus Langat e Mayaro. Ele dasatarraxou a tampa.
A névoa branca escapou do recipiente, com o chiado típico dos gases. O cilindro esfriou, congelando. Dentro havia um saco plástico tipo zip, contendo uma coisa esverdeada. Stone abriu um pano cirúrgico sobre a mesa e esvaziou o conteúdo do saco. Um pedaço de perna congelada bateu na mesa com um barulho seco. — Puxa — disse a técnica. — Parece que foi comido. — Sim, parece — concordou Stone. — O que esperam de nós? A técnica consultou os documentos anexos. — O lagarto anda mordendo crianças da região. Eles querem a identificação da espécie, e se preocupam com doenças transmitidas pela mordida. — Ela mostrou um desenho infantil, retratando o lagarto, assinado por "Tina". — Uma delas fez um desenho do lagarto. Stone olhou de relance para o esboço.
— Obviamente não podemos identificar a espécie. Mas podemos checar as doenças facilmente, se conseguirmos um pouco de sangue do fragmento. Como se chama o animal?
— Basiliscus amoratus com anomalia genética de três dedos — ela respondeu, lendo o documento anexo. — Certo — Stone assentiu. — Vamos trabalhar. Enquanto espera o descongelamento, faça um raio X e tire fotos Polaroid para o arquivo. Assim que obtiver um pouco de sangue, comece com os testes

de anticorpos, para ver no que dá. Avise se tiver algum problema.

Antes do almoço, o laboratório encontrou a resposta: o sangue do lagarto aparentemente não reagia aos antígenos bacterianos ou virais. Realizaram testes de toxidez, também, encontrando apenas uma resposta positiva: o sangue reagia medianamente ao veneno da cobra indiana naja real. Mas essas reações cruzadas eram comuns entre as espécies de répteis, e o dr. Stone não achou que valia a pena incluir isso no fax enviado ao dr. Martin Guitierrez naquela mesma tarde. Eles nem sequer pensaram em identificar o lagarto: isso deveria esperar pela volta do dr. Simpson, que só retornaria dali a várias semanas, e a secretária pediu ao laboratório que guardasse o fragmento do animal nesse meio tempo. O dr. Stone o devolveu ao saco plástico e o guardou no freezer.
Martin Guitierrez leu o fax do Laboratório de Doenças Tropicais do Centro Médico Colúmbia. Era curto:
ASSUNTO: Basiliscus amoratus com anomalia genética (enviado pelo departamento do dr. Simpson)
MATERIAIS: Segmento posterior (?), animal parcialmente devorado
PROCEDIMENTOS REALIZADOS: Raio X, microscópio, RTX imunológico para doenças virais, parasitológicas e bacterianas. CONCLUSÕES: Não há evidências de doenças contagiosas transmissíveis a seres humanos nesta amostra de Basiliscus amoratus. Richard A. Stone, M. D., Diretor

Guitierrez tirou duas conclusões do memorando. Primeiro, que sua identificação do lagarto como um basilisco fora confirmada pelos cientistas da Universidade Colúmbia. Segundo, que a ausência de doenças transmissíveis significava que as mordidas esporádicas de lagartos não representavam uma ameaça séria para a saúde pública na Costa Rica. Pelo contrário, sua suposição inicial fora confirmada: uma

espécie de lagarto trocara a selva por um novo habitat e entrara em
contato com as populações das vilas. Imaginou que dentro de algumas semanas o lagarto se adaptaria e os casos de ataque cessariam. A chuva tropical caía pesadamente, martelando o teto da clínica em Bahia Anasco. Era quase meia-noite. A luz fora cortada durante a tempestade, e a parteira Elena Morales trabalhava à luz de uma lanterna, quando ouviu um silvo, quase um guincho. Pensando tratar-

se de um rato, ela imediatamente colocou uma compressa na testa da mãe e foi até o quarto vizinho para olhar o recém-nascido. Quando sua mão tocou a maçaneta, ouviu o guincho novamente e relaxou. Evidentemente tratava-se apenas de um pássaro, escondido no parapeito da janela para se proteger da chuva. Os costarriquenhos acreditavam que um pássaro visitando um bebê trazia boa sorte. Mesmo assim Elena abriu a porta. O recém-nascido jazia em um moisés de vime, enrolado em uma manta leve, com o rosto exposto. Em volta do moisés, três lagartos verde-escuro estavam debruçados, como gárgulas. Quando viram Elena, ergueram as cabeças e a olharam curiosos, mas não fugiram. A lanterna na mão de Elena iluminou o sangue que pingava de suas bocas. Assobiando suavemente, um dos répteis abaixou a cabeça e, com um movimento rápido, arrancou um naco de carne do bebê.
Elena correu, gritando, e os lagartos desapareceram na escuridão. Bem antes de chegar ao moisés, ela viu o que acontecera com o rosto do bebê e percebeu que a criança estava morta. Os lagartos espalharam-se na noite chuvosa, guinchando e sibilando, deixando para trás apenas as pegadas tripartidas, semelhantes às dos pássaros.

UMA INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Mais tarde, quando se acalmou, Elena Morales decidiu não revelar o ataque dos lagartos. Apesar da cena horrível que presenciara, começou a temer que a criticassem por ter deixado o neném sozinho. Disse à mãe que o bebê morrera sufocado e registrou a morte nos formulários enviados a San José como SIMS — Síndrome Infantil da Morte Súbita. Tratava-se de uma síndrome de morte inexplicável em crianças recém-nascidas. Nada de especial. O relatório passou despercebido.
O laboratório da universidade de San José analisou a amostra de saliva retirada do braço de Tina Bowman, descobrindo uma série de fatos notáveis. Havia, como se esperava, um índice alto de serotonina. Mas entre as proteínas salivares foi identificada uma verdadeira monstruosidade: com massa molecular de um milhão e novecentos e oitenta mil, tratava-se de uma das maiores proteínas conhecidas. A atividade biológica ainda estava sendo estudada, mas aparentemente a proteína era um veneno neurotóxico similar ao veneno de cobra, embora mais primitivo em sua estrutura.
O laboratório também detectou quantidades ínfimas de hidrolase gama-amino metionina. Como esta enzima caracterizava experimentos de engenharia genética, não sendo encontrada em animais silvestres, os técnicos presumiram que se tratava de contaminação ocorrida no laboratório, e não se referiram a ela quando contataram o dr. Cruz, o médico de Puntarenas responsável pela remessa. O fragmento de lagarto permaneceu no freezer da Universidade Colúmbia, esperando pela volta do dr. Simpson, o que ainda demoraria um mês. E as coisas teriam continuado neste pé, se uma técnica chamada Alice Levin não tivesse visto o desenho feito por Tina Bowman ao entrar no laboratório e perguntado:

— Ah, quem desenhou este dinossauro?
— O quê? — indagou Richard Stone, virando-se lentamente. — O dinossauro. Quem desenhou? Meu filho faz isso o tempo inteiro.
— Isso é um lagarto — Stone disse. — Da Costa Rica. Uma menina de lá o desenhou.
— Não. — Alice abanou a cabeça. — Olhe direito. Está claro. Cabeça grande, pescoço comprido, em pé nas patas traseiras, cauda grossa. É um dinossauro.
— Não poderia ser. Tem só trinta centímetros. — E daí? Havia dinossauros pequenos também — Alice insistiu. — Acredite em mim, eu conheço. Tenho dois filhos, sou especialista nisso. Os menores dinossauros não chegavam a trinta centímetros. Tenissauros ou algo assim. Sei lá. Os nomes são

impossíveis. Ninguém consegue guardar tais nomes depois dos dez anos. — Acho que não está entendendo — insistiu o dr. Stone. — Trata-se de um animal contemporâneo. O desenho chegou junto com um fragmento do espécime. Está no freezer agora. — Stone foi buscá-lo e despejou o conteúdo do saco sobre a mesa. Alice Levin olhou o pedaço de perna e cauda congeladas e deu de ombros. Não o tocou.
— Sei lá, para mim parece ser de um dinossauro. Stone balançou a cabeça.
— Impossível.
— Por quê? — Alice Levin perguntou. — Pode ser um remanescente, um sobrevivente, como dizem. Stone continuou abanando a cabeça. Alice estava mal informada; não passava de uma técnica com excesso de imaginação que trabalhava no laboratório de bacteriologia, no final do corredor. Stone lembrou-se da época em que ela afirmara estar sendo seguida por um dos serventes...
— Sabe — Alice prosseguiu —, se isso for mesmo um dinossauro, Richard, temos uma grande descoberta nas mãos.

— Não é um dinossauro.
— Alguém já verificou isso?
— Não — Stone admitiu.
— Bem, então levem a amostra ao museu de História Natural, por exemplo. É o que deveriam fazer.
— Seria constrangedor.
— Quer que eu o leve?
— Não — respondeu Richard Stone. — Não quero. — Mas não vai fazer nada?
— Nada mesmo. — Ele devolveu o saco ao freezer, batendo a porta. — Não se trata de um dinossauro e sim de um lagarto. E seja lá o que for, pode esperar pela volta do dr. Simpson de Bornéu! Ele vai identificá-lo. Chega deste assunto, Alice. O lagarto não será levado a lugar nenhum.

SEGUNDA ITERAÇÃO

"Com as linhas subseqüentes da curva fractal, podem aparecer mudanças repentinas."

IAN MALCOLM

A COSTA DO MAR INTERNO

Alan Grant agachou, quase encostando o nariz no chão. A temperatura era superior a trinta e sete graus. Sentia os joelhos doloridos, apesar das proteções acolchoadas que usava sempre. Os pulmões sofriam com a poeira alcalina áspera. Pingos de suor da testa manchavam o chão. Mas Grant ignorava o desconforto. Toda a sua atenção se concentrava em um quadrado de terra à frente, medindo vinte centímetros de lado.
Trabalhando pacientemente com um palito de dente e um pincel de pêlo de camelo, ele expôs um pequeno fragmento de mandíbula em forma de L. Mal atingia três centímetros, e não era mais grosso que seu dedo mínimo. Os dentes formavam uma fileira de pequenos pontos e possuíam o ângulo

mediai característico. Fragmentos do osso soltaram-se enquanto ele cavava. Grant parou por um instante, para passar cimento de borracha no osso antes de prosseguir. Sem dúvida tratava-se da mandíbula de um filhote de dinossauro carnívoro. Seu dono morrera há setenta milhões de anos, com a idade aproximada de dois meses. Com um pouco de sorte, encontraria também o resto do esqueleto. Nesse caso, seria o primeiro esqueleto completo de um filhote de dinossauro carnívoro...
- Ei, Alan!
Alan Grant olhou para cima, franzindo os olhos no sol forte. Apanhou os óculos escuros e limpou a testa com as costas da mão. Ele estava de cócoras na encosta de um morro erodido, nas terras áridas próximas a Snakewater, em Montana. Sob a imensa bolha azul do céu, morros gastos, meras elevações expostas de calcário fragmentado, estendiam-se por quilômetros, em todas as direções. Não havia uma única árvore, nem uma moita. Nada além da rocha nua, sol forte e vento lúgubre.

Os visitantes consideravam as terras áridas aborrecidas e
deprimentes, mas quando Grant olhara aquela paisagem, vira algo completamente diferente. A terra devastada exibia os restos de uma outra era, de um mundo muito diferente, que desaparecera oitenta milhões de anos atrás. Com os olhos da mente, Grant voltara ao tempo da costa quente, pantanosa, que acompanhava o grande mar interno. Esse mar de mil e quinhentos quilômetros de diâmetro estendia-se desde as recentes Montanhas Rochosas até os picos recortados, pontudos dos Apalaches. O oeste americano inteiro jazia debaixo d'água.
Naquele tempo, nuvens leves passeavam pelo céu, escurecido pela fumaça dos vulcões. A atmosfera era densa, mais rica em dióxido de carbono. As plantas cresciam depressa à beira do mar. Os peixes não nadavam naquelas águas, mas havia caramujos e conchas. Os pterossauros saíam em busca de algas na superfície. Uns poucos dinossauros carnívoros percorriam as margens pantanosas do grande lago, por entre as palmeiras. Perto da beirada havia uma ilha, com cerca de oito mil metros quadrados. Cercada de densa vegetação, servia de santuário para os grupos de dinossauros herbívoros com bico-de-pato que punham ovos em imensos ninhos comunitários e criavam em segurança seus filhotes barulhentos.
Nos milhões de anos seguintes, o lago de águas claras, verdes e a-calinas, foi ficando cada vez mais raso, e finalmente desapareceu. A terra exposta rachou e contraiu-se com o calor. E a ilha dos ninhos de dinossauros tornou-se um morro comido pela erosão no norte de Montana, onde Alan Grant escavava.
- Ei, Alan!
Ele se levantou. Era um sujeito forte aos quarenta anos, o peito musculoso. Escutou o ruído do gerador portátil e o matraquear distante da britadeira que cortava a rocha dura no morro vizinho. Viu os rapazes trabalhando com a britadeira, transportando os blocos de pedra cortados, depois de checar a existência de fósseis. No sopé do morro distinguiu as seis tendas indígenas, conhecidas como tipis, que

formavam o acampamento, uma barraca mal-ajambrada e o trailer que
servia de laboratório. Ellie acenava, na sombra do trailer-laboratório. — Visitas — disse ela, apontando para o leste. Grant reparou então na nuvem de pó e no Ford seda azul sacolejando na estrada esburacada que levava até o acampamento. Espiou o relógio. Pontuais. No outro morro, os rapazes olharam interessados para o carro. Não recebiam muitos visitantes em Snakewater, e o fato de um advogado da Agência de Proteção ao Meio Ambiente ter marcado uma conversa com Alan Grant tinha gerado especulações.
Mas Grant sabia que a paleontologia, o estudo da vida extinta, assumira recentemente uma importância inesperada. O mundo estava mudando depressa, e problemas urgentes de clima,

desmatamento, aquecimento do globo e diminuição da camada de ozônio poderiam ser entendidos, pelo menos em parte, com ajuda das informações do passado. Ele fora requisitado como consultor especializado por duas vezes, nos últimos anos.
Grant começou a descer o morro para receber o advogado. O visitante tossiu por causa da poeira branca, ao bater a porta do carro. — Bob Morris, da APMA — disse, estendendo a mão. — Sou do escritório de San Francisco.
— Parece morto de calor — Grant comentou, apertando-lhe a mão. — Quer tomar uma cerveja?
— Puxa se quero! — Morris tinha quase trinta anos, usava gravata e calça de terno. Carregava uma valise. Seus sapatos de ponta fina rangiam nas pedras, quando caminhava. — Quando cheguei no alto do morro pensei que fosse uma reserva indígena — observou, apontando para os tipis.
— Nada disso. Apenas o melhor modo de se viver por aqui. — Grant contou que em 1978, durante o primeiro ano de escavações, eles tinham utilizado barracas octogonais na encosta norte, as mais modernas disponíveis. Mas as barracas foram destruídas pelo vento. Tentaram outros tipos, o resultado foi o mesmo. Finalmente começaram

a erguer os tipis, maiores por dentro, mais confortáveis e mais estáveis
no vento forte. — Estes são tipis dos Pés Negros, construídos em torno de quatro estacas — explicou. — Os sioux usam três. Mas, como aqui era território dos Pés Negros, pensamos... — Quem diria — disse Morris. Ele apertou as pálpebras para olhar a paisagem desolada, balançando a cabeça. — Há quanto tempo está aqui?'
— Há cerca de sessenta caixas — Grant respondeu. Como Morris pareceu surpreso, ele explicou: — Contamos o tempo em cerveja. Começamos em junho, com cem caixas. Até agora demos conta de sessenta, por alto.
— Sessenta e três, para ser exato — ajuntou Ellie Sattler, quando chegavam ao trailer. Grant riu ao perceber que Morris arregalava os olhos ao vê-la. Ellie usava jeans cortados na altura da coxa e uma camisa amarrada na cintura. Tinha vinte e quatro anos e pele bem bronzeada. Os cabelos loiros estavam presos. — Ellie nos dá forças para prosseguir — Grant comentou ao apresentar a moça. — Ela é ótima em sua especialidade. — E qual é? — Morris quis saber.
— Paleobotânica — Ellie contou. — Também faço a preparação dos sítios. — Ela abriu a porta para que entrassem. O ar condicionado dentro do trailer só conseguia reduzir a temperatura a trinta graus, o que parecia fresco depois do calor do meio-dia. O compartimento possuía uma série de mesas compridas de madeira, com pedacinhos de ossos arrumados com capricho, exibindo etiquetas e rótulos. Mais adiante havia potes e pratos de cerâmica. O cheiro de vinagre imperava.
Morris olhou para os ossos.
— Pensei que os dinossauros fossem grandes. — E eram — Ellie confirmou. — Mas tudo que está vendo aqui pertence a filhotes. Snakewater é importante pelo número de ninhos de dinossauro existentes. Quando começamos a trabalhar, havia poucos esqueletos de filhotes para estudo. Um único ninho havia sido

descoberto, no deserto de Gobi. Nós já encontramos doze de
hadrossauros, incluindo ovos e esqueletos de filhotes. Enquanto Grant ia até a geladeira, ela mostrou a Morris os banhos de ácido acético, utilizados para dissolver o calcário dos ossos delicados.
— Parece osso de galinha — Morris opinou, examinando os pratos de cerâmica.
— Sim — ela confirmou. — São muito semelhantes aos de galinha.
— E aqueles? — Morris apontou para uma pilha de ossos grandes embrulhados em plástico no lado de fora, através da janela do trailer.
— Descartados — Ellie disse. — Ossos fragmentados demais quando os retiramos do solo.

Antigamente jogávamos tudo fora, mas agora são enviados para pesquisa genética. — Pesquisa genética? — Morris se espantou. — Pronto. — Grant passou a cerveja ao advogado. Deu também uma a Ellie, que a virou de um gole, esticando o pescoço longo para trás. Morris ficou atônito.
— Somos muito informais por aqui — Grant riu. — Quer vir ao meu escritório?
— Claro — Morris concordou. Grant o levou ao final do trailer, onde havia um sofá velho, uma cadeira bamba e uma mesa de canto gasta. Desabou no sofá, que estalou, soltando uma nuvem de poeira branca. Recostou, apoiando as pernas em cima da mesa, e com um gesto indicou a cadeira para que Morris sentasse. — Fique à vontade. Grant era professor de paleontologia na Universidade de Denver, e um dos pesquisadores de campo mais conceituados, mas jamais se adaptara à etiqueta da sociedade. Considerava-se um homem destinado a viver ao ar livre, e sabia que o trabalho mais importante da paleontologia era feito em campo, com as mãos. Tinha pouca paciência com os acadêmicos, com os curadores dos museus, com a turma que apelidara de Caçadores de Dinossauros de Gabinete. E fazia questão,

através dos trajes e do comportamento, de se distanciar deles, chegando
ao ponto de dar aulas de jeans e tênis. Grant observou Morris, que limpou a cadeira antes de se sentar. O advogado abriu a pasta, fuçou nos papéis e olhou de esguelha para Ellie, que manipulava alguns ossos com pinças, nos banhos de ácido na mesa do trailer, sem dar importância aos dois homens. — Provavelmente quer saber o motivo de minha visita. Grant fez que sim.
— É uma longa viagem até aqui, senhor Morris. — Bem — Morris disse. — Vou direto ao assunto. A APMA anda preocupada com as atividades da Fundação Hammond. Soube que recebe auxílio deles.
— Trinta mil dólares por ano — Grant confirmou. — Há cinco anos.
— O que sabe da fundação? — Morris perguntou. Grant deu de ombros.
— A Fundação Hammond é uma instituição respeitada, que dá bolsas de pesquisa acadêmica. Eles financiam pesquisadores no mundo inteiro, inclusive vários estudiosos de dinossauros. Sei que contribuem para a pesquisa de Bob Kerry, de Tyrrell, em Alberta, e para a de John Weller, no Alasca. Deve haver mais.
— Sabe por que a Fundação Hammond financia tantos estudos sobre dinossauros?
— Claro. Porque o velho John Hammond é louco pelo assunto. — Já esteve com Hammond?
— Uma ou duas vezes. — Grant tornou a dar de ombros. — Ele esteve aqui, em visitas rápidas. Está muito velho, sabe? E é excêntrico, como ocorre às vezes com os ricos. Mas sempre demonstrou muito entusiasmo. Por quê?
— Bem — disse Morris. — A Fundação Hammond é uma instituição muito misteriosa. — Ele puxou um xerox de mapa, marcado com pontos vermelhos, e o entregou a Grant. — Estes são os locais de escavações financiados por eles no ano passado. Nota algo de estranho?

Montana, Alasca, Canadá, Suécia... Sempre no hemisfério norte. Nada
abaixo do paralelo quarenta e cinco. — Morris mostrou outros mapas. — Não muda, ano após ano. Projetos sobre dinossauros no sul, em Utah, no Colorado ou no México, nunca conseguem verbas. A Fundação Hammond só apoia pesquisas em climas frios. Gostaríamos de saber o motivo.
Grant examinou rapidamente os mapas. Se era verdade que a fundação só apoiava pesquisas em clima frio, isso seria mesmo estranho, porque alguns dos melhores pesquisadores trabalhavam em zonas quentes, e...
— E hã outros problemas — continuou Morris. — Por exemplo, qual a relação entre dinossauros e âmbar? — Âmbar?
— Sim. A resina fóssil amarelada de uma planta extinta... — Sei do que se trata. Mas por que pergunta? Morris explicou: — Porque nos últimos cinco anos Hammond comprou quantidades

enormes de âmbar nos Estados Unidos, Europa e Ásia, inclusive peças de joalheria de museus. A fundação gastou dezessete milhões de dólares em âmbar. Ela agora possui o maior estoque particular da substância em todo o mundo. — Não compreendo — disse Grant.
— Ninguém compreende — retrucou Morris. — Pelo que sabemos, não faz o menor sentido. O âmbar pode ser facilmente sintetizado. Não tem valor comercial ou estratégico. Não existe nenhum motivo para estocá-lo. Mas é o que Hammond vem fazendo, há vários anos.
— Âmbar — repetiu Grant, balançando a cabeça. — E quanto à ilha na Costa Rica? — Morris prosseguiu. — Há dez anos a Fundação Hammond conseguiu comprar uma ilha do governo da Costa Rica, alegando que a transformaria em uma reserva biológica.
— Não sei de nada sobre esse assunto — garantiu Grant, franzindo o cenho.

— Eu também não descobri muita coisa — Morris confessou. —
A ilha fica a uns cento e tantos quilômetros, na costa oeste. É muito escarpada, e se encontra em uma área do oceano onde a combinação de ventos e correntes a mantém coberta de nuvens. Era conhecida como Ilha das Nuvens. Islã Nublar. Obviamente o governo da Costa Rica ficou satisfeito quando alguém mostrou interesse por ela. — Morris examinou a pasta. — Eu a mencionei porque, de acordo com minhas informações, o senhor prestou consultoria remunerada em atividades relacionadas à ilha.
— Eu? — Grant espantou-se.
Morris mostrou uma folha de papel a Grant. Era o xerox de um cheque emitido em março de 1984, pela InGen Inc., Farallon Road, Paio Alto, Califórnia. Pagamento a Alan Grant, no valor de doze mil dólares. No canto inferior do cheque estava escrito: "Serviços de Consultoria — Costa Rica — Hiperespaço Juvenil". — Ah, claro — Grant falou. — Eu me lembro disso. Foi bem estranho, mas eu me lembro. E não teve nada a ver com a tal ilha. Alan Grant achara o primeiro depósito de ovos de dinossauro em 1979, em Montana, e muitos outros nos dois anos que se seguiram, mas só divulgou suas descobertas em 1983. Seu trabalho publicado, relatando a existência de um grupo de dez mil dinossauros de bico-de- pato vivendo ao longo da costa de um imenso mar interno, construindo ninhos comunitários colossais na lama, criando os filhotes no meio da manada, tornaram-no uma celebridade instantânea. O conceito de instinto maternal em dinossauros gigantescos — e os desenhos de graciosos filhotes saindo dos ovos — despertaram interesse mundial. Grant foi assediado por pedidos de entrevistas, conferências, livros. Tipicamente recusou tudo, pois queria apenas continuar suas escavações. Durante aquele período frenético, na década de 80, a corporação InGen o abordara, solicitando serviços de consultoria. — E nessa época já tinha ouvido falar da InGen? — Morris quis saber.
— Não.

— Como o contataram?
— Telefonaram. Foi um sujeito chamado Gennaro ou Gennino, algo assim.
Morris meneou a cabeça, assentindo.
— Donald Gennaro. É o consultor legal da InGen. — Bem, ele estava interessado nos hábitos alimentares dos dinossauros. E me ofereceu uma boa quantia para que eu apresentasse um trabalho escrito sobre o tema. — Grant bebeu um gole de cerveja, colocando a lata no chão. — Gennaro interessava-se especialmente pelos filhotes de dinossauros. Em sua alimentação. Acho que ele pensou que eu entendia do assunto.
— E entendia?
— Não muito. Quase nada. Havíamos encontrado muitos ossos, mas pouquíssimas informações sobre a dieta. Porém Gennaro disse que não havíamos publicado todos os dados, e precisava de quaisquer detalhes suplementares disponíveis. E me ofereceu um pagamento generoso. Cinqüenta mil dólares.

Morris apanhou o gravador e o colocou em cima da mesinha. — Importa-se?
— Não, faça como quiser.
— Então quer dizer que Gennaro telefonou para o senhor em 1984. O que aconteceu?
— Bem, está vendo nossa estrutura aqui. Cinqüenta mil poderiam financiar dois verões de escavações. Eu lhe disse que faria o possível.
— Quer dizer que concordou em preparar o relatório? — Concordei.
— Sobre os hábitos alimentares dos jovens dinossauros? — Sim.
— Conheceu Gennaro pessoalmente?
— Não, só por telefone.
— Gennaro disse por que desejava tais informações? — Disse — Grant falou. — Planejava criar um museu para

crianças, e queria colocar filhotes de dinossauros. Contou que estava
contratando alguns consultores científicos, e deu os nomes. Havia paleontólogos como eu, um matemático do Texas chamado Ian Malcolm, e um par de ecologistas. Um analista de sistemas. Uma boa equipe. Morris balançou a cabeça, tomando notas. — Aceitou a consultoria, certo?
— Sim. Combinei que mandaria um resumo de nosso trabalho: tudo que sabíamos sobre os hábitos dos hadrossauros de bico-de-pato que encontráramos.
— E que tipo de informação lhe forneceu? — Um pouco de tudo: comportamento nos ninhos, tamanho dos territórios, hábitos alimentares, comportamento social. Tudo. — E como Gennaro reagiu?
— Ele telefonava toda hora. De vez em quando, no meio da noite. Os dinossauros comiam tal coisa? E o que mais? O museu deveria pôr isso? Nunca entendi por que vivia tão ansioso. Quero dizer, considero os dinossauros muito importantes, também, mas ele era demais. Estavam mortos há mais de sessenta e cinco milhões de anos. Eu achava que seus telefonemas poderiam esperar até a manhã seguinte, pelo menos.
— Entendo — Morris disse. — E os cinqüenta mil dólares? Grant abanou a cabeça.
— Fiquei cansado de Gennaro e desisti do projeto. Acertamos a contas, deu doze mil dólares. Isso deve ter acontecido na metade de 1985, mais ou menos.
Morris fez uma anotação.
— E a InGen? Teve outros contatos com eles? — Nunca mais, desde 1985.
— E quando a Fundação Hammond começou a financiar sua pesquisa?
— Preciso checar — Grant disse. — Mas foi nessa época. Anos oitenta.
— E, pelo que sabia, Hammond era apenas um milionário louco

por dinossauros.
— Sim.
Morris escreveu mais coisas no bloco.
— Espere aí — Grant disse. — Se a APMA está tão preocupada com John Hammond e suas atividades, os sítios de dinossauros no norte, as compras de âmbar, a ilha na Costa Rica, por que não perguntam tudo a ele?
— No momento não podemos — respondeu Morris. — Por que não?
— Porque não temos nenhuma prova de atividades ilegais — Morris explicou. — Mas, pessoalmente, estou convencido de que John Hammond anda burlando a lei.
— E de onde vem essa sua convicção? — Grant quis saber. — Tudo começou quando fui procurado pelo órgão encarregado do controle de transferência de tecnologia, o CTT. Eles acompanham as remessas de produtos norte-americanos com possível importância militar. Ligaram para dizer que a InGen tinha duas áreas onde poderia haver transferência ilegal de tecnologia. Primeiro, a InGen

enviou três Crays XMP para a Costa Rica. A InGen classificou a remessa como transferência entre setores do conglomerado, e disse que não se destinavam à revenda. Mas o CTT não conseguia imaginar por que diabos alguém precisaria de tal poder de processamento na Costa Rica. — Três Crays — Grant repetiu. — Isso é um tipo de computador? Morris fez que sim.
— Supercomputadores muito poderosos. Para lhe dar uma idéia, três Crays representam mais capacidade de processamento do que o disponível em qualquer empresa privada dos Estados Unidos. E a InGen mandou os computadores para a Costa Rica. Adivinhe para quê. — Sei lá. — Grant deu de ombros. — Para quê? — Ninguém sabe. E os Hoods nos preocupam ainda mais — Morris prosseguiu. — Os Hoods são seqüenciadores automáticos de genes, máquinas que trabalham com o código genético. São tão recentes que ainda não foram postos nas listas de restrições. Mas qualquer

laboratório de engenharia genética gostaria de ter um, se pudesse pagar
meio milhão de dólares. — Ele folheou suas anotações. — Bem, ao que parece a InGen despachou vinte e quatro seqüenciadores Hood para a Costa Rica.
—- Puxa! — exclamou Grant.
— Mais uma vez declararam que se tratava de uma transferência entre departamentos, e não uma exportação. O CTT não podia fazer nada a respeito. Oficialmente, não cuidam do uso dessas máquinas. Mas a InGen obviamente estava construindo um dos laboratórios de engenharia genética mais poderosos do mundo, em uma ilha perdida num país da América Central. Um país sem leis a respeito. Esse tipo de coisa não é bem uma novidade.
Não era a primeira empresa de bioengenharia que se mudava para outro país para fugir das restrições e regulamentos. O caso mais famoso, Morris explicou, foi o da raiva, na Biosyn. Em 1986 a Genetic Biosyn Corporation, de Cupertino, pesquisando uma vacina contra raiva baseada em experiências de engenharia genética, escolheu uma fazenda no Chile para o teste. Não informaram o fato ao governo daquele país, e ocultaram dos trabalhadores da fazenda que eles estariam servindo de cobaias. Simplesmente aplicaram a vacina.
Esta consistia em vírus da raiva vivos, modificados geneticamente para se tornarem inócuos. Mas isso não era garantido. A Biosyn não sabia se o vírus provocaria ou não a raiva. E, pior de tudo, o vírus tinha sido modificado. Normalmente a raiva só se transmite pela mordida do animal, contudo a Biosyn havia alterado o vírus para que este atravessasse os alvéolos pulmonares. A pessoa poderia contrair a doença se o inalasse. Os funcionários da Biosyn levaram esse vírus da raiva para o Chile em uma sacola, num vôo normal. Morris sempre imaginava o que teria acontecido se a cápsula se rompesse durante o vôo. Todos os passageiros poderiam contrair a doença. Foi um escândalo. Irresponsabilidade pura. Negligência criminosa. Mas nenhuma medida contra a Biosyn chegou a ser tomada.

Os trabalhadores chilenos que arriscaram suas vidas sem saber eram
camponeses ignorantes. O governo do Chile andava mais preocupado com a crise econômica. E as autoridade norte-americanas não tinham jurisdição sobre outro país. Lewis Dodgson, o geneticista responsável pelo teste, ainda trabalhava na Biosyn, que continuava tão irresponsável quanto antes. E outras companhias norte-americanas corriam para montar filiais em países estrangeiros sem leis disciplinando a pesquisa genética. Países que consideravam a engenharia genética similar a outros avanços da tecnologia de ponta, e a recebiam de braços abertos, sem se dar conta dos perigos existentes. — Foi por isso que começamos a investigar a InGen — Morris esclareceu. — Há cerca de três semanas. — E o que descobriram de concreto até agora? — Grant perguntou.
— Quase nada — confessou Morris. — Quando voltar para San Francisco provavelmente encerraremos a investigação. E acho que já terminei aqui também. — Ele começou a guardar as coisas na pasta. — Por falar nisso, o que significa "hiperespaço juvenil"? — Foi apenas um nome que dei ao

meu trabalho, uma fantasia minha — Grant explicou. — Hiperespaço é um termo para um espaço multidimensional, que inclui as três dimensões. Se levar em conta todo o comportamento do animal, sua alimentação, movimentos e sono, pode situá-lo em um espaço multidimensional. Alguns paleontólogos referem- se ao comportamento dos animais como algo que acontece em um hiperespaço ecológico. "Hiperespaço juvenil" diz respeito aos hábitos dos jovens dinossauros, usando o tom mais presunçoso possível. No outro lado do trailer o telefone tocou. Ellie atendeu, dizendo depois:
— No momento ele está em reunião. Pode ligar mais tarde? Morris fechou a pasta e levantou-se.
— Muito obrigado pela colaboração. E pela cerveja. — De nada.
Grant acompanhou Morris até a porta do trailer, na outra ponta.

Antes de sair, o advogado ainda perguntou:
— Hammond alguma vez solicitou amostras dos materiais coletados? Ossos, ovos, algo assim?
— Não — Grant respondeu.
— A doutora Sattler disse que faziam trabalhos genéticos aqui... — Bem, não exatamente — Grant corrigiu. — Quando removemos os fósseis quebrados, ou por algum motivo inadequados para preservação em museus, enviamos para laboratórios, que os moem e tentam extrair as proteínas para nós. As proteínas são depois identificadas e recebemos um relatório. — E qual é o nome do laboratório?
— Medical Biological Services, de Salt Lake. — Como o escolheram?
— Tinham o melhor preço.
— Tem algo a ver com a InGen? — Morris perguntou. — Não que eu saiba.
Grant abriu a porta do trailer e sentiu o bafo de ar quente vindo de fora. Morris parou para pôr os óculos escuros. — Só mais uma coisinha — disse. — Suponha que a InGen não esteja realmente organizando um museu. O que poderiam fazer com as informações contidas no relatório que enviou a eles? Grant riu.
— Eles poderiam alimentar um filhote de hadrossauro. Morris riu também.
— Um filhote de hadrossauro. Seria interessante. Qual o tamanho dele?
— Mais ou menos desta altura — Grant mostrou, abrindo as mãos cerca de vinte centímetros. — Do tamanho de ume esquilo. — Quanto tempo demorariam para atingir a idade adulta? — Tr*ês anos, mais ou menos. Morris estendeu a mão. — Muito obrigado pela ajuda.
— Cuidado com a estrada na volta — Grant recomendou. Observou Morris por um momento, enquanto o advogado caminhava

para o carro, e depois fechou a porta do trailer.
Ellie o esperava.
— O que achou? — perguntou a ela. s A moça deu de ombros.
— Inocente.
— Gostou da parte onde John Hammond apareceu como um bandido desalmado? — Grant riu. — John Hammond é tão sinistro quanto Walt Disney. Por falar nisso, quem ligou? — Ah — Ellie disse. — Uma mulher chamada Alice Levin. Trabalha no Centro Médico Colúmbia. Conhece-a? Grant fez que não.
— Bem, tem algo a ver com a identificação de um animal. Ela pediu que você ligasse assim que pudesse.

ESQUELETO

Ellie Sattler afastou uma mecha de cabelos loiros da face e concentrou a atenção nos banhos de ácido. Havia seis em fila, com concentrações variando entre cinco e trinta por cento. Precisava ficar de olho nas soluções mais fortes, porque assim que o ácido corroía o calcário atacava também o osso. E ossos de filhotes de dinossauro eram muito frágeis. Já era surpreendente terem sido preservados, depois de oitenta milhões de anos.

Ouviu distraída quando Grant falou ao telefone: — Senhorita Levin? Aqui é Alan Grant. O que queria comigo?... Tem o quê? Como? — Ele começou a rir. — Ora, sinto muito... Bem, posso dar uma olhada, mas garanto com toda a certeza de que se trata de um lagarto basilisco. Mas... sim, pode fazer isso. Tudo bem. Mande agora mesmo. — Grant desligou, balançando a cabeça. — Me aparece cada uma.

— O que era? — Ellie se interessou.

— Estão tentando identificar um lagarto — Grant explicou. — Ela vai mandar um fax com um raio X. — Aproximou-se do aparelho e esperou que a transmissão terminasse. — Por falar nisso, tenho uma novidade para você. Uma descoberta das boas. — E mesmo? Grant fez que sim.

— Eu a encontrei pouco antes da chegada do nosso visitante. Filhote de Velociraptor: mandíbula e dentição completa, de modo que não há dúvida quanto à identificação. E o local parece ter permanecido intocado. Talvez haja um esqueleto completo. — Isso é fantástico — Ellie comemorou. — Muito jovem? — Bastante. Dois, talvez quatro meses no máximo. — E trata-se de um Velociraptor mesmo? — Certamente — Grant confirmou. — Talvez nossa sorte tenha

virado.

Nos últimos dois anos, em Snakewater, a equipe encontrara apenas hadrossauros de bico-de-pato. Já tinham material suficiente sobre as enormes manadas desses dinossauros herbívoros, que percorriam as planícies no período Cretáceo em grupos de dez ou vinte mil, como mais tarde fariam os bisões.

Mas uma pergunta se impunha, cada vez mais: onde estavam os predadores?

Esperavam que os predadores fossem raros, claro. Os estudos da proporção entre predadores e presas nas reservas florestais da África e da índia indicavam que havia um carnívoro predador para cerca de quatrocentos herbívoros. Isso significava que uma manada de dez mil hadrossauros sustentaria apenas vinte e cinco tiranossauros. Portanto, era difícil encontrar a ossada de um predador de grande porte. Mas e quanto aos predadores menores? Snakewater possuía dúzias de ninhos — em alguns pontos, o solo estava literalmente coberto de fragmentos de ovos de dinossauros — e muitos dinossauros menores se alimentavam de ovos. Animais como o Dromaeosaurus, o Ovirap-tor, o Velociraptor e o Coelurus — predadores com noventa centímetros a um metro e oitenta de altura — deveriam existir em abundância por ali.

Mas ainda não haviam encontrado nenhuma ossada. Talvez aquele esqueleto de velociraptor significasse que a sorte deles tinha mudado. E um ainda jovem! Ellie sabia que o sonho de Grant era estudar o desenvolvimento das crias dos dinossauros carnívoros, como antes havia pesquisado o comportamento dos herbívoros. Talvez aquele fosse o primeiro passo para a realização de seu sonho.

— Deve estar muito animado — comentou. Grant não respondeu.

— Eu disse que deve estar muito animado — Ellie insistiu. — Meu Deus! — Grant exclamou, olhando fixo para o fax. Ellie olhou por cima do ombro de Grant, examinando o raio X,

respirando pausadamente.

— Acha que é um Amassicus?

— Sim — Grant disse. — Ou um Triassicus. O esqueleto é tão leve.

— Mas não é um lagarto — ela constatou. — Não — Grant falou. — Isso não é um lagarto. Os lagartos com três dedos viviam neste planeta há duzentos milhões de anos. Ellie pensou inicialmente

que se tratava de uma fraude. Uma fraude engenhosa, bem-feita, mas apenas uma fraude. Todo biólogo sabia que tal ameaça pairava sobre sua cabeça. A mais famosa, do homem de Piltdown, demorou quarenta anos para ser descoberta, e seu autor jamais foi identificado. Mais recentemente, o astrônomo Fred Hoyle tinha afirmado que um fóssil de dinossauro alado, o Archaeopteryx, em exibição no Museu Britânico, era falso. Depois foi provado que era genuíno.
A essência de uma fraude bem sucedida era apresentar aos cientistas aquilo que eles esperavam encontrar. E, aos olhos de Ellie, o raio X do lagarto era perfeito. Os três dedos estavam bem dispostos, com a garra mediai menor. Os indícios dos ossos do quarto e do quinto dedo localizavam-se mais para cima, perto da junção do metatarso. A tíbia era forte, e bem mais longa do que o fêmur. No quadril, o acetábulo estava inteiro. A cauda mostrava quarenta e cinco vérte-bras. Era um jovem Procompsognathus.
— O raio X pode ser falso?
— Não sei — Grant disse. — Mas é quase impossível falsificar um raio X. E o procompsognato é um animal obscuro. Muita gente familiarizada com dinossauros nunca ouviu falar nele. Ellie leu a nota:
— "Espécime apanhado na praia de Cabo Blanco, no dia 16 de julho..." Aparentemente um macaco estava comendo o animal, e este fragmento foi a única parte recolhida. Ah... diz que o lagarto atacou uma menina.
— Duvido muito — Grant contrapôs. — Mas pode até ser. O

procompsognato era tão pequeno e leve que sua dieta deveria se compor
de criaturas mortas, presumimos. E podemos calcular o tamanho... — ele mediu rapidamente a pata — tem cerca de vinte centímetros até o quadril. Isso quer dizer que o animal teria cerca de trinta de altura. Mais ou menos do tamanho de uma galinha. Mesmo uma criança o assustaria terrivelmente. Poderia morder um recém-nascido, nunca uma criança.
Ellie franziu a testa para a cópia do raio X. — Acha que poderia ser uma redescoberta legítima? Como o celacantino?
— Talvez — Grant assentiu.
O celacantino era um peixe com um metro e meio de comprimento, considerado extinto há sessenta e cinco milhões de anos, até que um exemplar foi capturado no mar, em 1938. Mas havia outros exemplos. O gambá pigmeu da Austrália era conhecido apenas através de fósseis, até que um animal vivo foi encontrado em uma lata de lixo de Melbourne. E um fóssil do morcego da Nova Guiné, que se alimentava de frutas, com dez mil anos de idade, foi descrito por um zoólogo, que pouco tempo depois recebeu um exemplar vivo pelo correio. — Mas seria real? — Ellie insistiu. — E quanto à idade? Grant balançou a cabeça.
— A idade é um problema.
A maioria dos animais redescobertos eram espécies recentes do mundo fóssil: dez ou vinte mil anos apenas. Alguns tinham uma história que datava de alguns milhões de anos, como no caso do celacantino. Mas o espécime para o qual olhavam era muito mais antigo do que isso.
Os dinossauros, surgidos durante o período Triássico, havia cerca de duzentos e vinte milhões de anos, tinham sido a forma dominante de vida no planeta durante o Jurássico, cento e noventa milhões de anos atrás. Desapareceram durante o período Cretáceo, havia sessenta e cinco milhões de anos. O procompsognato, por sua vez, vivera no início do período Triássico — um tempo tão distante que

nosso planeta nem tinha sua aparência atual. Todos os continentes
estavam grudados numa única massa de terra, chamada Pangaea, que ia do Pólo Norte ao Pólo Sul — um vasto continente de pântanos e florestas entremeado por alguns grandes desertos. O oceano Atlântico era um lago estreito, entre o que seria a África e a Flórida. O ar apresentava-se mais denso.

O solo mais quente. Havia centenas de vulcões ativos.
— Bem — disse Ellie — conhecemos animais que sobreviveram. O crocodilo é basicamente um animal triássico vivendo no presente. O tubarão é triássico. Sabemos que aconteceu antes. Grant concordou:
— Além disso, de que outro modo poderíamos explicar isso? Ou se trata de uma fraude, o que eu duvido, ou de uma redescoberta. O que mais poderia ser?
O telefone tocou.
— Alice Levin novamente, aposto. Vamos ver se ela pode mandar o espécime para cá. — Ele atendeu e olhou para Ellie, surpreso. — Sim, posso falar com o senhor Hammond. Claro, sem dúvida. — Hammond? O que ele quer? — Ellie indagou. Grant balançou a cabeça e depois disse no telefone:
— Sim, senhor Hammond. Sim, também fico contente em conversar com o senhor novamente... Sim... — Ele olhou para Ellie. — Ah, é mesmo? Sei. E verdade?
Tapou o bocal com a mão. — Continua excêntrico como antes. Precisa ouvir essa.
Grant apertou o botão do alto-falante, que reproduziu a voz rouca de Hammond, falando depressa:
— ... tive muitos aborrecimentos com um sujeito da APMA, parece que ficou desconfiado, por conta própria, e andou passeando pelo país inteiro, conversando com as pessoas, querendo levantar dúvidas. Mas ninguém iria até aí para perturbá-lo, eu suponho. — Para dizer a verdade — Grant falou —, um sujeito esteve aqui sim.

Hammond resmungou.
— Eu temia isso. Um rapaz metido, chamado Morris, não é? — Sim, o nome dele era Morris — Grant confirmou. — Ele vai visitar todos os nossos consultores — Hammond suspirou. — Foi falar com Ian Malcolm um dia desses, sabe, aquele matemático do Texas. Foi a primeira vez em que ouvi falar no Morris. Estamos tendo um trabalho dos diabos para controlar isso, é típico da forma como o governo age, não há nenhuma queixa, nenhuma acusação, apenas pressão da parte de um moleque que não tem quem lhe dê uma orientação decente, e fica por aí, passeando com o dinheiro dos nossos impostos. Ele o incomodou? Perturbou seu trabalho? — Não, ele não me incomodou.
— Bem, mesmo assim isso é péssimo, porque eu poderia tentar pará-lo se alguém reclamasse. Como está fica difícil, meus advogados ligaram para a APMA, tentando descobrir o que havia. O chefe do departamento disse que desconhecia qualquer investigação! Dá para acreditar? Maldita burocracia. Droga, acho que esse moleque está tentando ir para a Costa Rica, meter o nariz em tudo, entrar na nossa ilha. Sabia que temos uma ilha lá?
— Não — Grant mentiu, olhando para Ellie. —- Não sabia. — Temos. Compramos a ilha e demos início ao projeto, faz uns quatro ou cinco anos. Esqueci a data exata. Chama-se Islã Nublar; uma ilha imensa, a mais de cem quilômetros da costa. Será uma reserva biológica. Lugar maravilhoso. Selva tropical. Sabe, precisaria visitá-la, doutor Grant.
— Parece interessante — Grant disse. — Contudo, eu... — Já está quase pronta, sabia? — Hammond insistiu. — Enviei algum material a respeito. Chegou às suas mãos? — Não. Estamos meio isolados aqui...
— Talvez chegue ainda hoje. Dê uma olhada. A ilha é linda. Tem tudo. Estamos terminando as instalações. Pode imaginar. Um grande parque. Abrirá em setembro do ano que vem. Precisa visitá-la logo, sem dúvida.

— Parece maravilhoso, mas na verdade...
— Para ser sincero — Hammond prosseguiu — eu insisto para que vá até lá, doutor Grant. Sei que vai achá-la perfeita. Fascinante. — Estou no meio de uma...
— Olhe, vamos fazer uma coisa — Hammond cortou de novo, como se a idéia tivesse surgido naquele

instante. — Algumas das pessoas que nos deram consultoria há tempos visitarão a ilha neste final de semana. Passe alguns dias conosco, conheça o local. Como nosso convidado, claro. Será maravilhoso poder contar com a sua opinião.
— É impossível — Grant recusou.
— Ora, só um final de semana — Hammond insistiu, com a teimosia excitada de um velho. — É só o que peço, doutor Grant. Não quero interromper sua pesquisa. Sei o quanto seu trabalho é importante. Acredite, sei mesmo. Jamais interrompi seu trabalho. Mas poderia ir até lá no final de semana, e voltar na segunda-feira. — Não, eu não poderia — Grant declarou. — Acabei de descobrir um novo esqueleto e...
— Claro, maravilhoso, mas acho que deveria vir assim mesmo — disse Hammond, sem dar atenção a ele. — E acabamos de receber um material muito interessante, que parece provir de um procompsognato vivo. — O quê? — Hammond exclamou, perdendo a pressa. — Não entendi bem. Disse que se trata de um procompsognato vivo? — Isso mesmo — Grant confirmou. — Um espécime biológico, um fragmento parcial de animal coletado na América Central. Um animal vivo.
— Não diga. — Hammond fez uma pausa. — Um exemplar vivo? Mas que coisa extraordinária.
— Sim — Grant tornou a assentir. — Também pensamos isso. Portanto, como pode perceber, não é o momento apropriado para passeios...
— Disse que veio da América Central?

— Disse.
— De que ponto da América Central, o senhor sabe? — Uma praia chamada Cabo Blanco, não sei bem onde fica... — Entendo. — Hammond pigarreou. — E quando este... hã... espécime chegou às suas mãos?
— Hoje.
— Hoje. Compreendo. Hoje. — Hammond pigarreou novamente. Grant olhou para Ellie e indagou baixinho: — Mas o que está havendo, afinal? Ellie balançou a cabeça: — Ele parece perturbado.
— Veja se Morris ainda está por aí — Grant pediu a Ellie. Ela foi até a janela procurar, mas o carro se fora. Desistiu e voltou. Eles ouviram Hammond tossindo pelo alto-falante. — Bem, doutor Grant, já descobriu algo a respeito? — Não.
— Bom, isso é muito bom. Bem, acho melhor ser franco com o senhor, doutor Grant. Tenho alguns pequenos problemas na ilha. Essa investigação da APMA veio num momento muito delicado. — Como assim? — Grant perguntou.
— Bem, tivemos problemas, e alguns atrasos... Vamos dizer que a pressão aumentou um pouco por aqui, por isso gostaria que desse uma olhada na ilha para mim. Para dar sua opinião. Posso pagar a taxa normal de consultoria, vinte mil por três dias. E se a doutora Sattler estiver disponível, ganhará a mesma quantia. Precisamos de um especialista em botânica. O que me diz? Ellie olhou para Grant, e este falou:
— Bem, senhor Hammond, uma quantia dessas financiaria nossas expedições nos próximos dois anos, integralmente. — Ótimo, ótimo — Hammond disse suavemente. Parecia distraído agora, com os pensamentos em outro lugar. — Gostaria que tudo corresse bem... Certo, então mandarei o jatinho da companhia apanhá-lo no aeroporto particular de Choteau. Sabe a qual me refiro? Fica a apenas duas horas de carro do local onde se encontra. Esteja lá

amanhã às cinco da tarde, estarei esperando. Viremos direto para cá. O
senhor e a doutora Sattler podem pegar esse avião? — Acho que sim.
— Ótimo. Não precisa de muita bagagem. Nem de passaporte. Deixe tudo por minha conta — Hammond finalizou, desligando.

COWAN, SWAIN E ROSS

O sol do meio-dia banhava o escritório da firma de advocacia Cowan, Swain e Ross em San Francisco, dando ao local uma alegria que Donald Gennaro não sentia. Ele prestava atenção à voz ao telefone, enquanto olhava para seu chefe, Daniel Ross, frio como um agente funerário em seu terno escuro riscado.

— Compreendo, John — Gennaro disse. — E Grant concordou em ir? Ótimo... sim, para mim está perfeito. Parabéns, John. — Ele desligou e dirigiu-se a Ross. — Não podemos mais confiar em Hammond. Está sob pressão excessiva. A APMA anda investigando suas atividades, o projeto na Costa Rica atrasou muito, os investidores estão inquietos. Correm boatos demais sobre problemas no local. Morreram muitos operários. E agora temos esse caso de um procompsit-não-sei-o- que vivo na costa...

— O que isso significa? — Ross perguntou. — Talvez nada — Gennaro respondeu. — Mas Hamachi é um de nossos principais investidores. Recebi um relatório do representante da Hamachi em San José, capital da Costa Rica. De acordo com o informe, uma espécie desconhecida de lagarto anda atacando crianças na costa. Ross piscou.

— Um lagarto?

— É — Gennaro disse. — Não podemos permitir esse tipo de erro. Precisamos inspecionar a ilha imediatamente. Pedi a Hammond que providenciasse inspeções independentes a cada semana, nas próximas três semanas.

— E o que Hammond alega?
— Ele insiste em que não há nada de errado na ilha. Disse que tomou todas as precauções em matéria de segurança. — Mas não acredita nele, certo?

— Não — Gennaro disse. — Não acredito.
Donald Gennaro deixara seu trabalho como analista de investimentos em bancos para entrar na Cowan. Os clientes high-tech da firma precisavam freqüentemente de capital, e Gennaro ajudava a conseguir o dinheiro. Uma de suas primeiras tarefas, em 1982, fora acompanhar John Hammond quando o velho magnata, já com quase setenta anos, reunira os fundos para iniciar a InGen Corporation. Acabara conseguindo quase um bilhão de dólares, e Gennaro nunca se esqueceria dessa aventura.
— Hammond é um sonhador — Gennaro comentou. — Um sonhador potencialmente perigoso — Ross completou. — Nunca deveríamos ter entrado nisso. Qual é a nossa posição financeira? — Nossa firma — explicou Gennaro — é dona de cinco por cento do empreendimento.
— Geral ou limitado?
— Geral.
Ross balançou a cabeça, desconsolado.
— Nunca deveríamos ter feito isso.
— Parecia uma boa idéia na época — Gennaro ponderou. — Puxa, já faz oito anos. Recebemos as ações como parte do pagamento de nossos serviços. E, se não se esqueceu, o plano de Hammond era altamente especulativo. Ele estava arriscando muito. Ninguém acreditava no sucesso.
— Mas aparentemente deu certo — Ross observou. — De qualquer forma, concordo que está mais do que na hora de uma inspeção. E quanto aos especialistas no local? — Estou começando com os consultores contratados por Hammond no início do projeto. — Gennaro jogou uma lista na mesa de Ross. — O primeiro grupo é composto por um paleontólogo, um paleobotânico e um matemático. Visitarão a ilha neste final de semana. Irei com eles.
— Acha que falarão a verdade? — Ross especulou. — Creio que sim. Nenhum deles se envolveu diretamente com a

ilha, e pelo menos um, o matemático, Ian Malcolm, desde o começo
mostrou-se abertamente contrário à idéia. Insistiu que nunca poderia dar certo.
— E quem mais?
— Apenas um técnico em análise de sistemas de computação. Vai revisar os computadores do parque e rever alguns programas. Deve chegar na sexta-feira de manhã.
— Ótimo — Ross disse. — Tomou todas as providências? — Hammond pediu para fazer as ligações pessoalmente. Penso que ele quer fingir que não há nenhum problema, que se trata apenas de um passeio. Quer mostrar a ilha.
— Melhor assim — concordou Ross. — Mas garanta que a inspeção aconteça. Fique de olho nesse caso. Quero a solução para os problemas da Costa Rica em uma semana. — Ross levantou-se, saindo da sala.
Gennaro discou, ouvindo o chiado de um radiofone. Depois uma voz:
— Alô? Grant falando.
— Olá, doutor Grant. Aqui é Donald Gennaro. Sou conselheiro geral da InGen. Conversamos há alguns anos, não sei se ainda se lembra...
— Eu me lembro — Grant disse.
— Bem — Gennaro prosseguiu. — Acabei de falar com John Hammond pelo telefone, e ele me deu uma boa notícia. Disse que o senhor nos acompanharia durante a visita à ilha na Costa Rica... — Sim

— Grant confirmou. — Vamos para lá amanhã. — Bem, eu só liguei para agradecer sua boa vontade, fazendo isso assim tão de repente. Todos nós na InGen agradecemos muito. Convidamos Ian Malcolm, que como o senhor, prestou consultoria no início do projeto. Ele é matemático na Universidade do Texas, em Austin.
— John Hammond mencionou isso — Grant disse. — Então está bem. Eu também irei, caso não saiba. E quanto

ao espécime encontrado, este pro... procom... como é mesmo?
— Procompsognato — disse Grant.
— Isso. Tem a amostra com o senhor? O espécime propriamente dito?
— Não. Apenas o raio X. O espécime encontra-se em Nova York. Uma pessoa da Universidade Colúmbia ligou. — Bem, será que poderia me dar os detalhes do caso? — Gennaro pediu. — Para que eu possa localizar o espécime para o senhor Hammond. Ele está muito animado com a descoberta. Tenho certeza de que também quer ver a amostra. Talvez eu consiga que a enviem para a ilha, enquanto estivermos lá.
Grant deu as informações que ele queria. — Muito bem, isso é ótimo, doutor Grant — Gennaro agradeceu. — Dê lembranças à doutora Sattler. Amanhã nos veremos. — E desligou.

PLANOS

— Acabou de chegar — Ellie disse no dia seguinte, dirigindo-se para os fundos do trailer com um grosso envelope pardo. — Um dos rapazes trouxe da cidade. Hammond o enviou. Grant notou o logotipo azul e branco da InGen, quando abriu o envelope. Dentro não havia nenhuma carta para introduzir o material, só um monte de papel empacotado. A o desembrulhar, descobriu que eram plantas, em cópias reduzidas, encadernadas em um volume grosso. Na capa estava escrito: "Islã Nublar — Instalações Para Hóspedes (Conjunto Completo: Alojamento Safári)" — Mas que diabo é isso?
Quando abriu o livro uma folha solta caiu.
Meus caros Alan e Ellie,
Como podem imaginar, ainda não temos um material promocional oficial. Mas isso pode lhes dar uma idéia do projeto de Islã Nublar. Eu o considero muito excitante!
Mal posso esperar para discutir isso com vocês! Aguardo ansiosamente sua chegada!
Abraços,
John

— Não entendo — Grant disse, folheando o volume. — São plantas arquitetônicas. — Ele abriu na primeira página:

CENTRO DE VISITANTES/ COMPLEXO DE ISLA NUBLAR ALOJAMENTO
_____ CLIENTE InGen Inc., Paio Alto, Calif.
ARQUITETOS Dunning, Murphy e Associados, Nova York. Richard Murphy, supervisor de projeto.

Theodore Chen, arquiteto responsável. Shendon James, encarregado administrativo.

ENGENHEIROS Harlow, Whitney e Fields, Boston, estruturas. A. T. Misikawa, Osaka, mecânica.
PAISAGISMO Shepperton Rogers, Londres. A. Ashikiga, H. Ieyasu, Kazanawa. N. V. Kobayashy, Tóquio. A. R. Makasawa, consultor.

COMPUTADORES Integrated Computer Systems, Inc., Cambridge, Mass. Dennis Nedry, supervisor de projeto.

Grant passou para as plantas propriamente ditas. Ostentavam o carimbo: "Segredos Industriais — Cópia Proibida", e também: "Informações para uso industrial — Distribuição proibida". As páginas eram numeradas, tendo sempre o cabeçalho o aviso: Estas plantas constituem criações confidenciais da InGen. Caso não tenha assinado o documento 112/4A, corre o risco de processo criminal. — Para mim parece pura paranóia — comentou. — Talvez haja um motivo — Ellie ponderou. Na página seguinte havia um mapa topográfico da ilha. Mostrava que Isla Nublar tinha o contorno de uma gota invertida, mais gorda no norte, afinando em direção ao sul. Com doze quilômetros de comprimento, fora dividida no mapa em diversos setores grandes. A parte norte trazia a indicação "Área para visitantes", e continha estruturas com legendas como "Chegada dos Visitantes", "Centro de Visitantes/Administração", "Energia/Dessalinização/Apoio", "Residência de Hammond" e "Alojamento Safári". Grant identificou os contornos de uma piscina, retângulos indicando quadras de tênis e áreas arredondadas, com jardins e bosques.

— Parece mesmo um complexo turístico — Ellie opinou.
Eles examinaram as plantas do alojamento safári. Nas perspectivas, parecia interessante: a construção térrea continha uma série de pirâmides no teto. Mas havia poucas informações sobre os outros prédios da área destinada aos visitantes. O resto da ilha era ainda mais misterioso. Pelo que Grant pôde entender, eram áreas abertas. Havia uma rede de estradas, túneis e prédios, além de um lago comprido e estreito, que parecia obra humana, com diques e barreiras de concreto. Mas, em sua maior parte, a ilha fora dividida em grandes áreas arredondadas, com poucas construções. Cada uma das áreas era indicada por um código: /P/PROC/V/2A, /D/TRIC/L/59(4A + 1), /LN/OTHN/C/4(3A + l) e /VV/HADR/X/ll(6A + 3 + 3DB).
— Será que tem alguma tabela para esses códigos? — Ellie perguntou.
Grant folheou o volume, mas não encontrou nada. — Talvez tenha sido retirada — ela especulou. — Como eu já disse, pura paranóia. — Grant estudou as grandes divisões em curva, separadas umas das outras por um emaranhado de estradas. Havia apenas seis setores em toda a ilha. E cada uma das áreas era isolada da estrada por um fosso de concreto. Na beirada de cada um havia uma pequena cerca, com um minúsculo raio desenhado. Isso os intrigou, até que concluíram que as cercas eram eletrificadas.
— Isso é muito estranho — ela disse. — Cercas eletrificadas em um complexo turístico?
— Quilômetros de cercas — Grant observou. — Cercas eletrificadas e fossos, juntos. E normalmente tem uma estrada que os acompanha.
— Parece um zoológico — Ellie concluiu. Retornaram ao mapa topográfico e estudaram atentamente os contornos. As estradas tinham sido dispostas de modo incoerente. A principal seguia de norte para sul, por entre os morros centrais da ilha,

inclusive um trecho que parecia ter sido literalmente cortado na rocha,
na beira do penhasco, acima de um rio. Pelo jeito, haviam feito um esforço deliberado para manter as áreas maiores isoladas, separadas entre si e das estradas por fossos e cercas eletrificadas. E as estradas

eram altas, acima do solo, para que se pudesse olhar por cima das cercas.
— Sabe de uma coisa — Ellie disse —, essas obras são enormes. Olhe só. Esse fosso de concreto tem dez metros de largura. Parece uma fortificação militar.
— O mesmo vale para as construções. — Grant reparou que cada uma das divisões maiores possuía na parte interna algumas edificações, normalmente localizadas em cantos protegidos. Mas os prédios eram todos de concreto, com paredes grossas. Os cortes laterais mostravam bunkers com janelas pequenas. Como os que os nazistas usavam nos antigos filmes de guerra.
Naquele momento, ouviram uma explosão abafada, e Grant deixou os papéis de lado.
— Vamos voltar ao trabalho.
— Fogo!
Houve uma ligeira vibração e linhas amarelas apareceram na tela do computador. Agora a resolução estava perfeita, e Alan Grant pôde olhar o esqueleto, bem definido, o longo pescoço arqueado para trás. Sem dúvida nenhuma era um filhote de velociraptor, e parecia em perfeito...
A tela ficou vazia.
— Odeio computadores — Grant reclamou, olhando para o sol. — O que foi agora?
— Defeito no cabo do transformador — um dos assistentes explicou. — Um minuto, por favor. — O rapaz debruçou-se sobre o emaranhado de fios atrás do computador portátil. Eles o haviam colocado em cima de uma caixa de cerveja, no morro Quatro, perto do dispositivo que chamavam de Thumper.
Grant sentou-se na encosta do morro e olhou para o relógio. Em

seguida comentou com Ellie:
— Vamos precisar lidar com isso do modo antigo. Um dos rapazes o escutou.
— Ora, Alan.
— Sabe — Grant disse —, preciso pegar o avião. E quero deixar o fóssil protegido antes de minha partida. Quando se começava a expor um fóssil, era preciso ir até o fim, ou se arriscar a perdê-lo. Os visitantes imaginavam que a paisagem nas terras áridas era imutável, mas na verdade esta sofria erosão constante. Durante todo o dia escutavam o barulho das pedras rolando nas encostas. E sempre havia o risco de uma tempestade. Mesmo uma pancada rápida destruiria um fóssil delicado. Sendo assim, o esqueleto parcialmente exposto por Grant corria perigo e precisava ser protegido até sua volta.
Proteger um fóssil habitualmente significava jogar um encerado em cima do sítio e cavar uma vala no perímetro, para evitar as enxurradas. O problema era saber o tamanho da vala necessária para proteger o fóssil de velociraptor. Até agora, com os outros fósseis, vinham utilizando tomografia sônica auxiliada por computador, ou TSC. Tratava-se de um procedimento novo, no qual o Thumper detonava um projétil de chumbo no solo, provocando ondas de choque que eram lidas pelo computador. Este produzia uma espécie de raio X da encosta do morro. Tinham lançado mão desse recurso durante todo o verão, com resultados variáveis.
O Thumper estava a sete metros deles, uma caixa prateada grande, com rodas e um guarda-sol por cima. Parecia um carrinho de sorvete, parado contraditoriamente no deserto. Dois jovens assistentes recarregavam o Thumper com mais um projétil de chumbo. Até agora o Thumper só servira para localizar os fósseis, ajudando a equipe de Grant a escavar com mais eficiência. Mas os técnicos garantiam que dentro de poucos anos seria possível gerar uma imagem tão detalhada que dispensaria a escavação. Teriam uma visão tão perfeita dos ossos, em três dimensões, que isso inauguraria uma

nova era para a arqueologia, sem escavações.
Mas nada disso acontecera ainda. E o equipamento, que funcionara com perfeição no laboratório, mostrava-se delicado e sensível demais para o trabalho de campo. — Demora muito? — Grant

perguntou.
— Já conseguimos arrumar, Alan. Não ficou mal. Grant voltou a observar a tela do computador. Viu o esqueleto completo, desenhado em amarelo vivo. Realmente, era um espécime bem jovem. As características mais marcantes do velociraptor: garra com um único dedo, que no animal adulto era curva, com quinze centímetros de comprimento, poderia rasgar a carne de sua presa. No caso do filhote, ainda não passava do tamanho de um espinho de roseira. Mal se podia vê-la na tela. E o velociraptor era um dinossauro leve, de qualquer modo, com ossos finos como os de uma galinha, e presumidamente tão inteligente quanto essa ave. O esqueleto parecia em bom estado, apenas a cabeça e o pescoço virados para trás. A flexão do pescoço era tão comum em fósseis que os cientistas criaram uma teoria para tentar explicá-la, sugerindo que os dinossauros foram extintos por envenenamento com alcalóides que as plantas desenvolveram. O pescoço virado seria resultado da agonia final do dinossauro. Grant conseguira descartar a teoria, mostrando que muitas espécies de aves e répteis sofriam de uma contração póstuma dos ligamentos posteriores do pescoço, o que provocava o movimento peculiar da cabeça. Não tinha nada a ver com a causa da morte, e sim com a carcaça seca ao sol.
Grant notou que o esqueleto em questão sofrerá também uma virada lateral, de modo que a perna e o pé direitos se erguiam acima da coluna.
— Parece um pouco distorcido — um dos rapazes comentou. — Mas não acho que seja por causa do computador. — Não — Grant confirmou. — É só por causa do tempo. Muito, muito tempo.
Grant sabia que as pessoas eram incapazes de imaginar o tempo

geológico. A vida humana se processava em uma outra escala. Uma
maçã escurecia em poucos minutos. A prata em alguns dias. Uma pilha de material orgânico virava adubo em uma estação. Uma criança virava adulto em uma década. Nenhuma das experiências humanas cotidianas preparava as pessoas para imaginar o significado de oitenta milhões de anos — o período transcorrido desde a morte daquele pequeno animal. Quando dava aula, Grant tentava comparações. Se imaginassem que o período médio de vida de um ser humano, sessenta anos, fosse comprimido em um dia, então oitenta milhões de anos valeriam três mil, seiscentos e cinqüenta e dois anos — uma idade superior à das pirâmides. O velociraptor estava morto há muito tempo. — Não parece muito ameaçador — falou outro dos rapazes. — E não era mesmo — Grant explicou. — Pelo menos até crescer.
Provavelmente o filhote se alimentava de animais mortos, dos restos deixados pelos adultos, depois do banquete dos animais maiores, quando estes ficavam descansando ao sol. Os carnívoros podiam comer até vinte e cinco por cento de seu peso corporal em uma única refeição, o que os deixava sonolentos em seguida. Os filhotes passariam por cima dos corpos largados dos adultos indulgentes, para mordiscar a carcaça do animal morto. Provavelmente eram até graciosos. Mas um velociraptor adulto mostrava-se bem diferente. Respeitadas as proporções, apresentara-se como o dinossauro mais feroz que existira. Embora relativamente pequeno — cerca de noventa quilos, do tamanho de um leopardo — os velociraptores eram ágeis, inteligentes e ladinos, capazes de atacar ferozmente com seus dentes afiados e patas fortes, dotadas de garra terrível. Caçavam em grupo, e Grant imaginava a cena excitante de uma dúzia daquelas feras correndo a toda velocidade, pulando nas costas de um dinossauro muito maior, rasgando o pescoço e retalhando o dorso e a barriga da vítima.
— Nosso tempo está se esgotando — Ellie disse, trazendo-o de volta à realidade.

Grant deu as instruções para que cavassem a vala. Graças ao
computador, sabiam que o esqueleto se confinava a uma área relativamente pequena; uma vala em torno de um quadrado de dois metros bastaria. Enquanto isso, Ellie estendia o encerado que protegeria

a encosta do morro naquele trecho. Grant a ajudou a cravar as últimas estacas.
— Como o filhote morreu? — um dos assistentes perguntou. — Duvido que possamos descobrir — Grant respondeu. — A taxa de mortalidade dos animais silvestres é alta, chega a setenta por cento em alguns carnívoros. Pode ter sido qualquer coisa: doença, separação do grupo, até mesmo ataque de um adulto. Sabemos que os animais caçavam em grupo, mas não descobrimos nada ainda sobre seu comportamento coletivo.
Os estudantes balançaram a cabeça, concordando. Haviam estudado o comportamento animal, e sabiam, por exemplo, que um novo macho, ao assumir o controle de um bando de leões, matava imediatamente as crias. O motivo era aparentemente genético: o macho procurava disseminar seus genes, o máximo possível, e ao matar as crias provocava o cio nas fêmeas, podendo engravidá-las. Também impedia que as fêmeas desperdiçassem seu tempo cuidando dos filhotes de outro macho.
Talvez o bando de velociraptores caçadores também fosse comandado por um macho dominante. Sabiam tão pouco sobre os dinossauros, Grant pensou. Depois de cento e cinqüenta anos de pesquisas e escavações, ainda desconheciam os hábitos desses animais. — Precisamos ir — Ellie insistiu. — Se quisermos chegar a Choteau às cinco horas.

HAMMOND

A secretária de Gennaro entrou apressada, com uma mala nova, ainda com a etiqueta pendurada.
— Senhor Gennaro, quando se esquece de fazer as malas, me leva a pensar que no fundo não deseja fazer a viagem -— ela disse preocupada.
— Talvez tenha razão. É aniversário de minha filha. — A festa de Amanda seria no sábado, e Elizabeth convidara vinte crianças barulhentas, de quatro anos. Além do palhaço Cappy e um mágico. Elizabeth não ficara nem um pouco satisfeita quando soubera que Gennaro precisava viajar. Nem Amanda.
— Bem, fiz o que pude, dada a pressa — a secretária explicou. — Coloquei tênis, short de brim e camisas, além de barbeador. Para o frio, jeans e agasalho. O carro está lá embaixo, esperando para levá-lo ao aeroporto. Precisa ir agora, ou vai perder o avião. Gennaro percorreu o corredor enquanto removia as etiquetas da mala. Quando passou pela sala de reuniões envidraçada, Dan Ross ergueu-se da mesa e saiu.
— Boa viagem — disse a Gennaro. — Mas vamos deixar uma coisa bem clara. Não tenho idéia ainda da gravidade da situação. Caso haja algum problema na ilha, Donald, queime tudo até virar cinza. — Mas Dan... pelo amor de Deus, estamos falando de um investimento enorme.
— Não hesite. Nem pense no assunto. Simplesmente obedeça e faça isso. Entendeu bem?
Gennaro fez que sim.
— Eu entendi. Mas Hammond...
— Hammond que se dane — disse Ross.
— Ora, ora, meu rapaz. Como tem passado? — perguntou a

familiar voz rouca.
— Muito bem, senhor — Gennaro respondeu, recostando-se na poltrona de couro do jato Gulfstream II enquanto voavam para o leste, na direção das Montanhas Rochosas.
— Nunca mais me ligou — Hammond reclamou. — Senti saudades, Donald. Como tem passado sua adorável esposa? — Bem. Elizabeth está ótima. Temos uma filha agora. — Maravilhoso. Adoro crianças. Ela vai ficar encantada com nosso novo parque na Costa Rica.
Gennaro se esquecera de como Hammond era baixo. Quando estava na poltrona, os pés não

alcançavam o chão, e ele balançava as pernas ao falar. Havia algo de infantil naquele velho, embora tivesse agora setenta e cinco anos ç^u mais. Parecia mais acabado do que no último encontro deles, mais de cinco anos antes. Hammond era exuberante, um verdadeiro showman, e andava com um elefante dentro de uma jaula, em 1983. O elefante tinha vinte centímetros de altura e cerca de trinta de comprimento. Era perfeito, só as presas mirradas. Hammond levava o elefante nos encontros com investidores. Gennaro costumava se encarregar das preliminares, enquanto a jaula ficava coberta por um pano, como uma bandeja de chá. Hammond fazia seu discurso costumeiro sobre o desenvolvimento do que chamava de "produtos da biologia voltados ao consumidor". Depois, no momento mais dramático, removia o pano e mostrava o elefante. E pedia dinheiro.
O elefante sempre fazia o maior sucesso. Seu corpo miúdo, pouco maior do que o de um gato, prometia maravilhas inimagináveis do laboratório de Norman Atherton, o geneticista de Stanford que se associara a Hammond naquela nova aventura. Mas, ao discursar sobre o elefante, Hammond deixava muita coisa de fora. Por exemplo, ele acabara de fundar uma empresa de engenharia genética, mas o elefantinho não era resultado de procedimentos genéticos. Atherton simplesmente pegara um embrião de elefante anão e o desenvolvera em um útero artificial, com modificações

hormonais. Isso era um feito e tanto, mas não tinha nada a ver com as
promessas de Hammond.
Além disso, Atherton fora incapaz de duplicar o elefante miniatura, por mais que tentasse. E todos os que o viam queriam ter um. Além do mais, o animalzinho se resfriava facilmente, em especial durante o inverno. Quando a pequena tromba começava a pingar Hammond se apavorava. Por vezes o elefante prendia as presas entre as barras da jaula, e rugia irritado, tentando se libertar. As infecções na parte próxima às presas eram freqüentes. Hammond temia que o bicho morresse antes que Atherton providenciasse um substituto. Hammond também ocultava dos possíveis investidores que o comportamento do elefante se modificara bastante com o processo de miniaturização. A pequena criatura parecia um elefante, mas agia como um roedor malévolo, ágil e mal-humorado. Hammond evitava que as pessoas encostassem a mão nele, para que não levassem uma mordida. Embora Hammond falasse com segurança em faturar sete bilhões de dólares de receita bruta em 1993, seu projeto era puramente especulativo. O velho tinha visão e entusiasmo, mas não havia nenhuma garantia de que seu plano pudesse funcionar. Principalmente porque Norman Atherton, o cérebro por trás da idéia, estava com câncer avançado — este o detalhe final que Hammond jamais mencionava. Mesmo assim, com a colaboração de Gennaro, ele conseguira o dinheiro. Entre setembro de 1983 e novembro de 1985, John Alfred Hammond e seu "Projeto Paquiderme" levantaram oitocentos e setenta milhões de dólares em capital de risco, para financiar a fundação de uma empresa, a International Genetic, Inc. E teria conseguido mais, se não insistisse no segredo absoluto e não prometesse retorno para o capital senão para dali cinco anos. Isso afugentara muitos investidores. No final, obtiveram a maior parte dos recursos de conglomerados japoneses. Os japoneses eram os únicos com paciência suficiente para esperar.

Sentado na poltrona de couro do jatinho, Gennaro pensava no

quanto Hammond andava evasivo. Agora o velho tentava ignorar que a
firma de advocacia de Gennaro havia imposto aquela viagem. Em vez disso, comportava-se como se estivessem apenas passeando. — Lamento que você não tenha trazido sua família também, Donald — ele disse.
Gennaro deu de ombros.
— Minha filha está fazendo anos. Convidamos vinte crianças. Encomendamos um bolo, contratamos o

palhaço. Sabe como são essas coisas.
— Mas é claro, eu compreendo — Hammond assentiu. — As crianças dão muita importância a isso.
— E o parque já pode receber visitas? — Gennaro mudou de assunto.
— Oficialmente, ainda não — Hammond respondeu. — Mas o hotel está pronto, de modo que há um local para hospedar as pessoas. — E os animais?
— Claro, os animais estão todos lá. Nos locais destinados a eles. — Eu me recordo de que na proposta original esperava-se obter um total de doze...
— Ah, já fomos muito mais longe — Hammond esclareceu. — Temos duzentos e trinta e oito animais, Donald. — Duzentos e trinta e oito?
O velho riu, adorando a surpresa de Gennaro. — Pode imaginar? Temos bandos de animais lá. — Duzentos e trinta e oito... de quantas espécies? — Quinze espécies diferentes, Donald.
— Isso é incrível — Gennaro disse. — Fantástico. E quanto às outras coisas que queria? As instalações, os computadores? — Temos tudo, tudo. Tudo que existe na ilha é de primeira. Vai ver por si mesmo, Donald. Está tudo perfeito, maravilhoso. Por isso eu acho que essa ... preocupação... não tem sentido. Não há problema nenhum na ilha, sério.
— Então não há mal nenhum na inspeção — Gennaro retrucou.

— Claro que não — Hammond disse. — Mas atrasa os planos.
Precisamos interromper tudo para a visita oficial... — Está atrasado, de qualquer modo. Adiou a inauguração. — Eu sei. — Hammond alisou o lenço de seda no bolso do paletó. — Isso era de se esperar.
— Por quê? — Gennaro perguntou.
— Entenda bem, Donald. Para compreender a coisa, precisamos voltar ao conceito original do projeto. Pretendíamos construir o mais avançado parque de diversões do mundo, combinando os mais recentes avanços da tecnologia eletrônica e engenharia genética. Não estou falando de passeios. Em qualquer lugar temos passeios. Até em Coney Island. E hoje em dia há muitos ambientes com animação eletrônica. Casa mal-assombrada, navio pirata, velho oeste, terremoto. Está em toda parte. Sendo assim, nós procuramos atrações biológicas. Atrações vivas. Animais maravilhosos, capazes de assombrar o mundo inteiro. Gennaro sorriu. Era o mesmo discurso, palavra por palavra, usado para atrair os investidores, anos atrás. — E não podemos nos esquecer do objetivo final do projeto na Costa Rica: ganhar dinheiro. — Hammond olhou pela janela do jato. — Muito dinheiro, uma fortuna.
— Eu me lembro — Gennaro assentiu.
— E o segredo para se ganhar dinheiro em um parque de diversões é limitar os custos da mão-de-obra. Tratadores, bilheteiros, pessoal de manutenção. Fizemos um parque que pode ser administrado com um mínimo de pessoal. Por isso investimos na tecnologia dos computadores. Automatizamos tudo que foi possível. — Eu me lembro de que...
— Mas o problema — Hammond prosseguiu —, é que há imprevistos, quando se põe em atividade todos os animais e sistemas de computadores. Conhece alguém que conseguiu montar um sistema de grande porte em computação dentro dos prazos previstos? Impossível. — Então temos apenas atrasos normais?
— Claro, é isso mesmo. Atrasos normais — Hammond repetiu.

— Fui informado de alguns acidentes durante a construção — Gennaro
disse. — Alguns operários morreram.
— Sim, tivemos vários acidentes — Hammond confirmou. — E um total de três mortes. Dois operários morreram durante a construção da estrada do penhasco. Outro morreu por causa de um acidente com uma retroescavadeira, em janeiro. Mas não temos acidentes há meses. — Ele segurou o

braço de Gennaro. — Donald, acredite em mim quando digo que tudo está saindo conforme planejado. As coisas na ilha vão muito bem.
O alto-falante estalou:
— Apertem os cintos, por favor. Vamos aterrissar em Choteau.

CHOTEAU

A planície desértica se estendia até o horizonte escuro. O vento da tarde soprava pó e bolas de mato pelo piso de concreto rachado. Grant esperou junto com Ellie ao lado do jipe, enquanto o aerodinâmico jato Grumman manobrava para aterrissar. — Odeio esperar pelos magnatas — Grant resmungou. Ellie deu de ombros.
— Faz parte do trabalho.
Apesar de vários ramos da ciência, como a física e a química, receberem verbas federais consideráveis, a paleontologia ainda dependia muito de financiadores particulares. Mesmo deixando de lado sua curiosidade a respeito da ilha na Costa Rica, Grant não podia se esquecer disso. Se John Hammond pedia ajuda, ele colaboraria. Era assim que o mecenato funcionava. Há muito tempo. O jatinho aterrissou e aproximou-se rapidamente deles. Ellie jogou a sacola ao ombro. O jato parou e a aeromoça de uniforme azul abriu a porta.
Grant ficou surpreso ao ver como o interior era minúsculo, apesar de todo o luxo. Ele precisou curvar-se quando apertou a mão de Hammond.
— Doutor Grant e doutora Sattler — Hammond disse. — Foi uma grande gentileza aceitar nosso convite. Gostaria de apresentar meu sócio, Donald Gennaro.
Gennaro era um sujeito musculoso, atarracado, com trinta e poucos anos, usando terno Armani e óculos de aro metálico. Grant antipatizou com ele à primeira vista. Apertou sua mão rapidamente. Quando Ellie foi apresentada, Gennaro exclamou surpreso: — Você é mulher!
— Estas coisas acontecem — ela disse, e Grant pensou: não

gostou dele também.
Hammond voltou-se para Gennaro:
— Já sabe, é claro, o que o doutor Grant e a doutora Sattler fazem. Eles são paleontólogos. Trabalham com dinossauros. — E começou a rir, como se achasse isso muito divertido. — Tomem seus lugares, por favor — a aeromoça pediu, fechando a porta. Imediatamente o avião começou a se mover. — Espero que me desculpe — Hammond disse —, mas estamos com uma certa pressa. Donald prefere chegar lá o quanto antes. O piloto anunciou que o vôo levaria quatro horas, até Dallas, onde reabasteceriam o avião. Depois seguiriam para a Costa Rica, onde chegariam pela manhã.
— Quanto tempo ficaremos na Costa Rica? — Grant perguntou. — Bem, isso depende — Gennaro respondeu. — Precisamos esclarecer alguns detalhes.
— Eu prometo uma coisa — Hammond interferiu. — Ficaremos lá apenas quarenta e oito horas.
Grant prendeu o cinto de segurança.
— E essa ilha que visitaremos, o que é, algum segredo? Nunca ouvi falar dela antes.
— De certa forma sim — Hammond confirmou. — Tomamos muito cuidado para garantir que ninguém descobrisse o que era, até o dia da abertura da ilha, para um público surpreso e maravilhado.

UMA OPORTUNIDADE ÚNICA

A Biosyn Corporation, de Cupertino, Califórnia, jamais convocara uma reunião de emergência do alto escalão da empresa. Os dez diretores sentados na sala de reuniões estavam irritados e impacientes. Conversaram entre si durante uns dez minutos e depois fizeram silêncio. Remexeram seus papéis. Olharam agressivos para o relógio. Já passava das oito horas da noite. — O que estamos esperando? — um deles quis saber. — Falta um diretor — Lewis Dodgson explicou. — Precisamos de mais um. — Ele olhou para seu relógio de pulso. A secretária de Ron Meyer afirmara que ele viria no vôo das seis de San Diego. Já deveria ter chegado, mesmo supondo que o trânsito estivesse ruim na região do aeroporto.
— Precisamos de quorum? — perguntou um outro diretor. — Sim — Dodgson confirmou. — Precisamos. Todos se calaram por um instante. A necessidade de quorum significava que deveriam tomar uma decisão importante. E deveriam mesmo, embora Dodgson preferisse não fazer reunião nenhuma. Mas Steingarten, presidente da Biosyn, exigira a consulta: — Vai precisar da aprovação deles para fazer isso, Lew. Lewis Dodgson era considerado o mais agressivo geneticista de sua geração, ou o mais irresponsável, conforme a fonte consultada. Quase careca aos trinta e quatro anos, rosto aquilino e expressivo, havia sido expulso da John Hopkins no final do curso, por tentar terapia genética em pacientes humanos sem permissão das autoridades responsáveis. Contratado pela Biosyn, realizara testes controvertidos no Chile, com uma vacina anti-rábica. Atualmente liderava o setor de desenvolvimento de produtos da Biosyn, que na realidade concentrava-se na "reversão genética": pegavam um produto da concorrência, estudavam o código

genético, aprendiam como funcionava e faziam sua própria versão. Na
prática, isso significava espionagem industrial, centrada basicamente na InGen Corporation.
Na década de 80 algumas empresas de engenharia genética começaram a se perguntar sobre qual seria o equivalente genético do walk-man da Sony. Essas empresas não se interessavam por produtos farmacêuticos ou remédios, e sim por diversões, esportes, lazer, cosméticos e animais de estimação. A demanda por "produtos biológicos de consumo popular" seria alta na década de 90 e tanto a InGen como a Biosyn trabalhavam nessa área.
A Biosyn já conseguira alguns sucessos, como a criação de uma truta mais clara, para o Departamento

de Caça e Pesca do Estado de Idaho. Mais fácil de ser avistada nos riachos montanhosos, a truta foi anunciada como um grande progresso para a pesca esportiva. Pelo menos terminaram as queixas de que não havia trutas nos rios. Na verdade a truta branca morria facilmente com o sol forte, e a carne era flácida e sem gosto, mas isso não foi levado em consideração. A Biosyn ainda procurava aperfeiçoar o projeto.

A porta se abriu e Ron Meyer entrou na sala, acomodando-se em uma poltrona. Dodgson conseguira o quorum necessário e imediatamente ergueu-se:

— Senhores, estamos aqui reunidos esta noite para analisar uma oportunidade única. Falo da InGen.

Ele explicou rapidamente a situação. A InGen, fundada em 1983 com financiamento japonês, comprara três supercomputadores Cray XMP, adquirira a Isla Nublar, na Costa Rica, estocara âmbar e fizera doações inesperadas a zoológicos do mundo inteiro, da Sociedade Zoológica de Nova York ao Rathapur, um parque para animais selvagens na índia.

— Apesar de todas estas pistas — Dodgson prosseguiu —, não tínhamos a menor idéia do que a InGen poderia estar fazendo. A com: panhia realizava pesquisas com animais, obviamente, e contratara pesquisadores interessados no passado: paleobiólogos, estudiosos do

DNA fóssil e assim por diante. Depois, em 1987, a InGen adquiriu o controle de uma empresa obscura, chamada Millipore Plastic Products, de Nashville, Tennessee. Tratava-se de uma empresa agropecuária, que tinha acabado de patentear uma nova espécie de plástico, com características similares às da casca de ovo. O plástico poderia ser moldado em forma de ovo e utilizado para o desenvolvimento de embriões de galinha. No ano seguinte a InGen reservou toda a produção desse plástico da Millipore para seu próprio uso. — Senhor Dodgson, tudo isso é muito interessante, mas... — Ao mesmo tempo — Dodgson continuou, sem se incomodar com o aparte —, iniciaram-se as obras em Islã Nublar. Isso incluía terraplanagem em larga escala, inclusive para construção de um lago raso, com três quilômetros de comprimento, no centro da ilha. Os planos para a formação de um complexo turístico foram levados adiante, cercados do maior sigilo. Mas parece que o que a InGen de fato construiu foi um enorme zoológico na ilha. Um dos diretores inclinou-se para a frente: — E daí, senhor Dodgson?

— Não se trata de um zoológico comum — Dodgson explicou. — Esse zoológico é o único do mundo no gênero. Ao que parece a InGen conseguiu algo realmente extraordinário. Eles tiveram sucesso na tentativa de clonar animais do passado. — Que animais?

— Animais que saem de ovos e precisam de muito espaço num zoológico.

— Que animais?

— Dinossauros — Dodgson revelou. — Eles conseguiram gerar dinossauros através da clonagem.

A consternação que tomou conta dos presentes era completamente desnecessária, na opinião de Dodgson. O problema dos executivos que cuidavam do dinheiro era a ignorância: investiam no ramo, mas não tinham a menor idéia do que seria possível criar. Na verdade, as discussões sobre clonagem de dinossauros eram

tema da literatura especializada desde 1982. A cada ano, a

manipulação do DNA tornava-se mais fácil. Já se extraía material genético de múmias egípcias e do couro do quagga, uma espécie de zebra africana extinta desde 1880. Em 1985 já parecia possível reconstituir o DNA do quagga e gerar um novo animal. Caso isso ocorresse, seria o primeiro caso de uma criatura salva da extinção exclusivamente através da reconstrução do DNA. Se isso era possível, o que mais se poderia fazer? Recriar o mastodonte? O tigre dos dentes-de- sabre? O dodó, aquele tipo de pombo que existira na ilha Maurícia? Quem sabe o dinossauro?

Claro, não se tinha notícia da existência de DNA de dinossauros no planeta, atualmente. Mas através da pulverização de grandes quantidades de ossos desses répteis seria possível extrair fragmentos de DNA. Antigamente os cientistas acreditavam que a fossilização eliminava completamente o DNA. Hoje em dia já se sabia que não era bem assim. Se conseguissem recuperar uma quantidade razoável de fragmentos de DNA, talvez se chegasse à clonagem de um animal vivo. Em 1982 os problemas técnicos mostravam-se desanimadores. Mas não existia nenhum impedimento teórico. Apenas seria caro, difícil e pouco provável. Mas poderia dar certo, se alguém tentasse. InGen aparentemente resolvera tentar.

— O que eles fizeram — Dodgson prosseguiu —, foi construir a maior atração turística de todo o mundo. Como sabem, os zoológicos são extremamente populares. No ano passado, mais pessoas passaram pelos zoológicos dos Estados Unidos do que pelos campeonatos de beisebol e futebol americano somados. E os japoneses adoram zoológicos: existem mais de cinqüenta no Japão, fora os ainda em construção. E para este zoológico, a InGen poderia cobrar o ingresso que quisesse. Dois mil dólares por dia. Dez mil dólares por dia... Sem falar no merchandising. Os livros ilustrados, camisetas, videogames, bonés, brinquedos, revistas em quadrinhos, bichos de estimação. — Bichos de estimação?

— Mas é claro. Se a InGen consegue produzir dinossauros

grandes, também pode criar espécies pequenas, como mascotes.

Imaginem o que uma criança não daria para ter um pequeno dinossauro em casa. Um animal patenteado por eles, claro. A InGen venderia milhões deles. E os engenheiros da InGen poderiam dar um jeito para que esses dinossauros mirins se alimentassem apenas com a ração InGen para répteis pré-históricos... — Meu Deus! — um dos diretores exclamou. — Isso mesmo — Dodgson disse. — O zoológico é apenas a peça central de uma empreitada monumental.

— Disse que os dinossauros seriam patenteados? — Sim. Animais gerados geneticamente agora podem ser patenteados. A Suprema Corte determinou isso em 1987, no caso Harvard. A InGen será dona dos dinossauros, e ninguém mais poderá criá-los legalmente.

— O que nos impede de desenvolver nossos próprios dinossauros? — alguém perguntou.

— Nada, exceto que eles têm cinco anos de vantagem. Seria praticamente impossível alcançá-los antes da virada do século. — Ele fez uma pausa. — Por outro lado, poderíamos obter amostras dos dinossauros deles, estudar as características e criar os nossos, com modificações no DNA, claro, para evitar o problema das patentes. — E podemos conseguir essas amostras de dinossauros? Dodgson ficou em silêncio por alguns instantes, depois respondeu: — Acredito que sim. Alguém pigarreou. — Não há nada de ilegal nisso?

— Claro que não — negou Dodgson imediatamente. — Não há na* da de ilegal. Estou falando em uma fonte legítima do DNA deles. Um empregado descontente, ou algo recolhido no lixo. Coisas do tipo. — Tem uma fonte legítima disponível, doutor Dodgson? — Tenho sim. Mas infelizmente precisamos nos apressar, no que diz respeito a esta decisão, porque a InGen está atravessando uma pequena crise, e minha fonte precisa agir nas próximas vinte e quatro horas.

Um longo silêncio tomou conta da sala. Os homens olharam

para a secretária que fazia anotações, e para o gravador a sua frente. — Não vejo necessidade de uma votação formal neste caso — Dodgson opinou. — Apenas uma confirmação dos presentes, indicando se devo seguir em frente ou não.
Lentamente, as cabeças se moveram para cima e para baixo, em sinal de aprovação. Ninguém falou nada. Não haveria registros no gravador.
— Obrigado por terem vindo, senhores — Dodgson disse. — De agora em diante eu cuido de tudo.

AEROPORTO

Lewis Dodgson entrou no café na ala de embarque do aeroporto de San Francisco e olhou em volta agitado. O homem com quem tinha um encontro já estava lá, esperando no balcão. Dodgson sentou-se a seu lado e colocou a maleta no chão, entre eles. — Chegou atrasado, cara — disse o sujeito. Ele se deteve no chapéu de palha usado por Dodgson e riu. — O que é, resolveu vir disfarçado?
— Todo cuidado é pouco — retrucou Dodgson, sufocando a raiva. Durante seis meses cultivara o relacionamento com aquele sujeito, que se tornava mais desagradável e arrogante a cada encontro. Mas Dodgson não podia fazer nada a respeito — os dois sabiam exatamente o que estava em jogo.
O DNA obtido através da engenharia genética era, levando-se em conta o peso, o material mais valioso do mundo. Uma única bactéria microscópica, pequena demais para ser vista a olho nu, contendo os genes para uma enzima contra ataques do coração, ou de ice-minus, que impedia os danos causados pela geada às lavouras, poderia valer cinco bilhões de dólares para o cliente certo. Assim, criou-se um campo novo e bizarro para a espionagem industrial. Dodgson era especialista no assunto. Em 1987 convenceu um geneticista descontente a trocar a Cetus pela Biosyn, levando consigo cinco amostras de bactérias geneticamente modificadas. O cientista simplesmente pingou uma gota de cada nas unhas da mão e saiu da empresa.
Mas o caso da InGen representava um desafio bem maior. Dodgson queria mais do que DNA bacteriano. Ele desejava embriões congelados, e sabia que a InGen os guardava sob sete chaves. Para obtê-los, precisava de um empregado da InGen que tivesse acesso aos

embriões, estivesse disposto a roubá-los e conseguisse driblar as
sofisticadas medidas de segurança. Não fora fácil achar alguém. Dodgson finalmente encontrara um funcionário da InGen disposto a tudo isso, no início do ano. Embora o sujeito não tivesse acesso ao material genético, Dodgson manteve o contato, marcando reuniões no Carlos e Charles do Vale do Silício, ajudando-o no que fosse possível. Como a InGen estava convidando pessoas que prestaram serviços e consultoria para visitar a ilha, chegara o momento que Dodgson tanto esperava, pois o sujeito teria acesso aos embriões. — Vamos direto ao assunto. Tenho só dez minutos, o avião já vai sair.
— Quer repassar tudo de novo? — Dodgson perguntou. — Droga, não precisa, doutor Dodgson — o sujeito disse. — Quero ver o dinheiro, pô.
Dodgson abriu o fecho da valise e a ergueu alguns centímetros. O outro olhou para baixo disfarçadamente. — Está tudo aí?
— Metade do total. Setecentos e cinqüenta mil dólares. — Ótimo. Perfeito. — O sujeito virou para o outro lado, bebendo seu café. — Então está tudo certo^ doutor Dodgson. Dodgson trancou a valise.
— Queremos as quinze espécies, não se esqueça. — Eu sei. Quinze espécies, embriões congelados. Como irei transportá-los?
Dodgson entregou ao homem uma lata grande de espuma de barbear Gillette.
— Só isso?

— Só.
— Eles podem abrir a minha bagagem... Dodgson deu de ombros.
— Aperte o botão —- instruiu.
O sujeito apertou a válvula e o creme de barbear branco jorrou em sua mão.

— Muito bem. — Ele limpou a espuma na beirada do prato. —
Muito bem.
A lata é apenas um pouco mais pesada do que o normal. — A equipe técnica de Dodgson trabalhara dia e noite, nas últimas quarenta e oito horas, para preparar aquilo. Ele mostrou rapidamente como funcionava.
— Quanto gás congelante coube aí dentro? — O suficiente para trinta e seis horas. Os embriões devem chegar a San José antes disso.
— Aí já vai depender do cara do barco. Melhor avisar a ele para colocar uma geladeira portátil a bordo. — Farei isso.
— Vamos só repassar o combinado...
— Vale o mesmo trato — Dodgson disse. — Cinqüenta mil para cada embrião entregue. Se estiverem em boas condições, mais cinqüenta mil por cada um.
— Isso mesmo. Providencie para que o barco esteja à espera na doca leste da ilha, na sexta-feira à noite. Ele deve evitar a doca norte, onde os barcos maiores atracam para desembarcar os suprimentos. Doca leste, entendeu? É um pier pequeno, para manutenção. Ficou claro?
— Já entendi — Dodgson assentiu. — Quando voltará a San José?
— No domingo, provavelmente. — O sujeito levantou-se do balcão. Dodgson irritou-se.
— Tem certeza de que sabe como operar o... — Sei — o sujeito falou. — Pode deixar que eu sei. — Além disso — Dodgson insistiu —, acreditamos que a ilha mantém contato permanente com a sede da InGen na Califórnia por rádio, de modo que...
— Olha, eu previ tudo. Relaxe, e prepare o resto do dinheiro. Quero receber tudo no aeroporto de San José, no domingo de manhã. Em dinheiro.

— Estarei esperando por você — Dodgson disse. — Não se
preocupe.

MALCOLM

Poucos antes da meia-noite ele entrou no avião, no aeroporto de Dallas. Era um homem alto, magro, meio calvo, de trinta e cinco anos. Toda a roupa que vestia — camisa, calça, tênis e meias — era preta. — Olá, doutor Malcolm — Hammond recebeu-o, esforçando-se para sorrir.
Malcolm riu irônico.
— Olá, John. Infelizmente o desmancha-prazeres está aqui novamente. Apertou as mãos de todos, dizendo rapidamente: — Sou lan Malcolm, como vai? Sou matemático. — Ele deixou Grant intrigado, por parecer mais satisfeito com o passeio do que o resto do grupo. Grant o conhecia de nome, certamente. Ian Malcolm era um dos exemplos mais famosos da nova geração de matemáticos que se interessavam profundamente pelo modo como o "mundo real" funcionava. Esses estudiosos tinham rompido com a tradição hermética da matemática em diversos aspectos importantes. Para começar, usavam exaustivamente os computadores, máquinas para as quais os matemáticos tradicionais faziam cara feia. Além disso, trabalhavam principalmente com equações não-lineares, um campo promissor chamado teoria do caos. E, como se não bastasse, pareciam se preocupar em que a matemática

descrevesse coisas que realmente existiam. Para terminar, como se quisessem enfatizar sua passagem do mundo acadêmico para o comum, vestiam-se e falavam de um modo que um matemático da velha guarda descrevera como "deplorável excesso de personalidade." Na verdade, eles freqüentemente se comportavam como estrelas do rock.
Malcolm sentou-se em uma das poltronas de couro. A aeromoça perguntou se queria tomar um drinque.
— Diet Coke, pura, por favor — ele pediu.

O ar úmido de Dallas entrou pela porta aberta.
— Não está um pouco quente para roupas pretas? — Ellie perguntou.
— Você é uma gracinha, doutora Sattler. E u poderia passar o dia admirando suas pernas. Mas, respondendo sua pergunta, acho que não. Na verdade, o preto é uma cor excelente para o calor, se pensar nas radiações corporais. A cor mais eficiente. De qualquer modo, só uso duas cores, cinza e preto.
Ellie olhava para ele boquiaberta.
— São cores adequadas para qualquer ocasião — Malcolm continuou —, e combinam entre si, caso eu vista meias cinzas com calça preta.
— Mas não acha cansativo usar só duas cores? — De jeito nenhum. Acho que me liberta. Acredito que minha vida seja valiosa, e não gosto de desperdiçá-la pensando no que vestir. Nem quero pensar no que vou pôr amanhã de manhã. Sério, dá para imaginar algo mais cansativo do que a moda? Esportes profissionais, talvez. Homens crescidos jogando bola, enquanto a multidão paga para ver. Mas, no geral, considero a moda mais chata do que os esportes. — O doutor Malcolm — Hammond explicou — é um homem cheio de opiniões.
— E louco de pedra — Malcolm completou animado. — Mas deve admitir, estas questões não são triviais. Vivemos num mundo assustador, de coisas prontas. Está decidido que as pessoas devem se comportar de tal maneira. Está decidido que devem se preocupar com tais e tais assuntos. Ninguém mais pensa nas coisas que chegam prontas. Não é incrível? Na sociedade da informação, ninguém mais pensa. Esperávamos acabar com o papel, mas na verdade acabamos com o pensamento.
Hammond voltou-se para Gennaro e ergueu as mãos: — Você o convidou.
— O que foi uma sorte — Malcolm observou. — Pelo jeito estão enfrentando sérios problemas.

— Não temos nenhum problema — Hammond retrucou ligeiro.
— Sempre afirmei que essa ilha seria impraticável. Previ os problemas desde o início. — Malcolm pegou uma pasta de couro mole. — Acredito que a esta altura todos já saibam qual vai ser o desfecho. Precisarão acabar de uma vez com o projeto. — Cale a boca! — Hammond gritou, erguendo-se furioso. — Isso é ridículo!
Malcolm deu de ombros, indiferente à explosão de Hammond. — Trouxe cópias de meu estudo original para que dessem uma olhada. O estudo encomendado pela InGen n o início d o plano. A matemática é meio indigesta, mas posso ajudá-los nisso. Estamos partindo agora?
— Preciso dar alguns telefonemas — Hammond disse, entrando na cabine vizinha.
— Bem, temos um longo vôo — Malcolm comentou com os outros. — Pelo menos meu estudo vai servir para distraí-los um pouco. O avião seguia rasgando a noite.
Grant sabia que Ian Malcolm tinha inúmeros detratores, e podia entender porque alguns consideravam seu estilo meio agressivo, e suas aplicações da teoria do caos muito espetaculares. Folheou o estudo, olhando de relance para as equações.
— Seu trabalho conclui que a ilha de Hammond tem tendência a fracassar? — Gennaro perguntou a Malcolm. — Correto.

— Por causa da teoria do caos?
— Correto. Para ser mais preciso, por causa do comportamento de um sistema no espaço fase.
Gennaro deixou o texto de lado:
— Poderia explicar isso melhor?
— Claro — Malcolm concordou. — Vamos ver por onde devemos começar. Sabe o que é uma equação não-linear? — Não.
— Está bem — Malcolm disse. — Vamos voltar ao início. — Ele

fez uma pausa, olhando para o alto. — A física conseguiu grandes êxitos
na descrição de determinados tipos de comportamento: planetas em órbita, espaçonaves a caminho da Lua, pêndulos, molas e bolas que rolam, coisas do gênero. O movimento regular dos objetos. Podemos descrevê-los através das chamadas equações lineares, e os matemáticos resolvem essas equações com facilidade. Fazemos isso há centenas de anos.
— Certo — Gennaro assentiu.
— Mas existe um outro tipo de comportamento, como o qual a física não consegue lidar adequadamente. Por exemplo, qualquer tipo de turbulência. A água jorrando de uma fonte. O ar movendo-se numa asa de avião. O tempo. O sangue fluindo no coração. Os eventos turbulentos são descritos por equações não-lineares. Elas são difíceis de resolver: na verdade, quase sempre impossíveis. Assim sendo, os físicos nunca entenderam bem esse tipo de evento. Até há uns dez anos. A nova teoria, que os descreve, é chamada de teoria do caos. Ele se acomodou melhor na poltrona e prosseguiu: — A teoria do caos surgiu originalmente com a tentativa de simular modelos climáticos em computadores, na década de 60. O clima é um sistema grande e complicado, no qual a atmosfera da Terra interage com o solo e o sol. O comportamento de um sistema assim tão grande e complicado sempre desafiou nossa compreensão. Obviamente, não podíamos prever o tempo. Os primeiros pesquisadores aprenderam nos modelos feitos em computador que, mesmo entendendo o funcionamento, era impossível fazer uma previsão exata do tempo. A razão encontra-se em que nesse caso o sistema depende sensivelmente das condições iniciais.
— Não entendi — Gennaro falou.
— Se eu usar um canhão para disparar um projétil de determinado peso, a uma certa velocidade, com um determinado ângulo de inclinação, e depois disparar um segundo tiro, com o mesmo peso, velocidade e ângulo, o que acontecerá?
— Os dois tiros atingirão o mesmo ponto.

— Bem — Malcolm disse. — Isso é dinâmica linear.
— Certo.
— Mas se eu estiver estudando as condições meteorológicas, e começar com uma certa temperatura, vento e umidade, e se isso se repetir, com a mesma temperatura, vento e umidade, o segundo sistema não vai se comportar exatamente da mesma maneira. Poderá haver trovoadas ao invés de sol. Isso é dinâmica não-linear. Interferência das condições iniciais: pequenas diferenças tornam-se importantes.
— Acho que compreendo — Gennaro assentiu. — Chamam isso de "efeito borboleta". Uma borboleta bate as asas em Pequim e o tempo muda em Nova York. — Então o caos é incerto e imprevisível? — Gennaro arriscou. — Não — Malcolm respondeu. — Podemos encontrar repetições regulares dentro da variedade complexa de comportamento do sistema. Por isso a teoria do caos tornou-se tão abrangente, sendo utilizada para estudar o mercado de ações, multidões descontroladas e ondas cerebrais durante um ataque de epilepsia. Qualquer tipo de sistema onde haja confusão e imprevisibilidade. Podemos encontrar ali uma ordem oculta. Certo?
— Certo. — Gennaro balançou a cabeça. — Mas qual é essa ordem oculta?

— Ela se caracteriza essencialmente pelo movimento do sistema dentro do espaço fase.
— Meu Deus — Gennaro suspirou. — Eu só queria saber por que acha que a ilha de Hammond não vai dar certo. — Chegaremos lá — Malcolm disse. — A teoria do caos afirma duas coisas. Primeiro, que os sistemas complexos como o tempo possuem uma ordem oculta. Segundo, que o inverso também vale: sistemas simples podem originar comportamentos complexos. Vamos ver o exemplo das bolas de bilhar. A gente bate na bola e ela começa a quicar na mesa. Na teoria, trata-se de um sistema simples, quase newtoniano. Uma vez que se pode conhecer a força usada na bola, sua massa e calcular os ângulos em que vai bater nas bordas da mesa,

pode-se prever seu comportamento futuro. Em teoria, pode-se prever
esse comportamento no futuro próximo, enquanto ela fica batendo de um lado para outro. Podemos dizer onde vai estar dentro de três horas, na teoria.
— Certo.
— Mas na prática — Malcolm prosseguiu —, vemos que não se pode prever mais do que alguns segundos no futuro da bola. Pois quase que imediatamente pequenos efeitos, imperfeições na superfície da bola, pequenas variações na madeira da mesa, começam a fazer diferença. E não demora muito para que isso afete os cálculos feitos com tanto cuidado. Assim, descobrimos que um sistema simples como uma bola de bilhar pode ter um comportamento imprevisível. — Certo.
— E o projeto de Hammond — Malcolm disse —, é mais um sistema aparentemente simples... animais dentro de um ambiente de zoológico... que no final vai mostrar um comportamento imprevisível. — Sabe disso por causa...
— Da teoria —- completou Malcolm.
— Mas ainda não viu a ilha, para examinar o que exatamente foi feito?
— Não, isso é totalmente desnecessário. Os detalhes não importam. A teoria me diz que a ilha vai rapidamente se comportar de um modo imprevisível.
— E confia nessa teoria?
— Mas é claro — afirmou Malcolm. — Confio totalmente. Há um problema com essa ilha. Ela é uma bomba pronta para explodir.

ISLA NUBLAR

Com um silvo, os rotores começaram a descrever círculos sobre suas cabeças, lançando sombras na pista do aeroporto de San José. Grant ouviu os estalidos em seus fones de ouvido, enquanto o piloto falava com a torre.
Mais um passageiro subiu a bordo em San José. Chamava-se Dennis Nedry, e chegara de avião para encontrá-los. Gordo e relaxado, comia uma barra de chocolate. Havia restos do doce em seus dedos, além de pedacinhos de papel alumínio no queixo. Nedry resmungou algo sobre cuidar dos computadores da ilha, mas não apertou a mão de ninguém.
Através da bolha de plexiglás, Grant observou o aeroporto de concreto sumir sob seus pés e a sombra do helicóptero correndo para oeste, em direção às montanhas.
— A viagem dura uns quarenta minutos — Hammond informou, sentado no fundo.
Grant olhou para as colinas que aumentavam de tamanho e logo passavam dentro de nuvens intermitentes, para depois voltar ao sol. As montanhas eram escarpadas, e ele se surpreendeu com a extensão do desmatamento, trechos imensos de terra devastada à frente. — A Costa Rica — Hammond seguiu falando —, tem um controle de natalidade melhor do que outros países da América Central. Mesmo assim, o desmatamento é intenso. A maior parte ocorreu nos últimos dez anos.

— Bahia Anasco — apontou o piloto. — Vila de pescadores. — E indicou o norte: — Ali, na costa, fica a reserva de Cabo Blanco. As praias são lindas. — O piloto virou o helicóptero para o oceano. A água tornou-se verde, e depois azul-marinho. O sol refletia no mar. Passava de dez da manhã.

— Faltam poucos minutos agora — Hammond disse. — Logo
desceremos na Islã Nublar.
Islã Nublar, explicou ele, não era bem uma ilha, e sim uma montanha submarina, um vulcão que se erguia do leito do mar. — As origens vulcânicas podem ser notadas em toda a região. Há escape de vapores em muitos locais, e o solo com freqüência é quente. Por causa disso, e em função das correntes, a Islã Nublar vive coberta de nuvens. Quando chegarmos perceberão. Ah, lá esta. O helicóptero prosseguiu, mais perto da superfície. Grant viu uma ilha à frente, escarpada e recortada, erguendo-se abrupta do oceano.
— Meu Deus, parece Alcatraz — Malcolm comentou. As encostas cobertas de mata, envoltas na neblina, davam à ilha uma aparência misteriosa.
— É muito maior, contudo — Hammond observou. — Doze quilômetros de comprimento, e quase cinco no ponto mais largo, num total de trinta e cinco quilômetros quadrados. Isso a torna a maior reserva animal particular da América do Norte. O helicóptero começou a subir, dirigindo-se ao extremo norte da ilha. Grant tentava ver algo na densa neblina. — Normalmente a neblina não é tão forte — Hammond explicou. Parecia preocupado.
Na parte norte da ilha os montes mais altos ultrapassavam os seiscentos metros acima do nível do mar. O topo dos morros estava coberto de névoa, mas Grant pôde ver os penhascos escarpados e o mar rugindo lá embaixo. O helicóptero passou pelos morros e seguiu. — Infelizmente — Hammond disse —, precisaremos aterrissar na ilha. Não gosto muito disso, porque perturba os animais. E às vezes é um pouco arriscado...
A voz dele foi cortada pela do piloto:
— Começaremos a descida agora. Segurem-se, pessoal. — O helicóptero começou a baixar, e imediatamente foi cercado pela neblina. Grant ouviu um bip eletrônico repetido em seu fone, mas não conseguiu

ver absolutamente nada. Depois, lentamente, passou a discernir os
galhos esbranquiçados dos pinheiros projetando-se na névoa. Alguns estavam bem próximos.
— Por que diabos ele está fazendo isso? — Malcolm perguntou, mas ninguém respondeu.
O piloto olhou para a esquerda e para a direita, escrutinando a floresta de pinheiros. As árvores ainda estavam muito próximas. O helicóptero descia rapidamente.
— Meu Deus — Malcolm exclamou.
O bip ficou mais alto. Grant olhou para o piloto. Ele estava concentrado. Olhou para baixo e viu uma cruz gigante brilhando a seus pés sob a cabine. Havia luzes piscando nas bordas da cruz. O piloto corrigiu a rota ligeiramente e tocou o heliponto. O som dos rotores diminuiu e sumiu.
Grant suspirou, saltando o cinto de segurança. — Precisamos descer depressa por causa do vento — Hammond avisou. — Muitas vezes sopra um vento forte do morro e... bem, chegamos em segurança.
Alguém correu na direção do helicóptero. Um sujeito com boné de beisebol e cabelos ruivos. Abrindo a porta, disse alegremente: — Olá, sou Ed Regis. Bem-vindos a Isla Nublar, todos vocês. Cuidado com o degrau.
Um caminho estreito levava ao sopé do morro. O ar era frio e úmido. Conforme desciam, a névoa diminuía, permitindo que Grant examinasse melhor a paisagem. Parecia com o noroeste do Pacífico, ou com a península Olímpica.
— Bem — Regis disse —, o ambiente predominante aqui é a floresta úmida. Um tanto diferente da

vegetação do continente, onde temos a floresta equatorial clássica. Mas este é um microclima que só acontece nas elevações do terreno. A maior parte da ilha é tropical. Lá embaixo podiam ver os tetos brancos dos prédios imensos, espalhados pela parte plana. Grant ficou surpreso: as construções eram requintadas.

Desceram mais, saindo da névoa, e ele pôde enxergar a ilha em
toda sua extensão, de norte para sul. Como Regis dissera: coberta de floresta tropical.
No sul, erguendo-se acima das palmeiras, Grant viu um único tronco, sem folhas, apenas um caule curvo. Em seguida o tronco se moveu, virando-se para encarar os recém-chegados. Grant se deu conta de que não era uma árvore.
Ele estava olhando para o pescoço longo, curvo e gracioso de uma criatura enorme, que chegava a mais de quinze metros de altura. Estava olhando para um dinossauro.

BEM-VINDOS

— Meu Deus — Ellie disse num sussurro. Todos mantinham os olhos fixos no animal cuja cabeça aparecia por cima das árvores. Em primeiro lugar ela pensou que o dinossauro era extraordinariamente belo. Nos livros eram animais exagerados, desengonçados, mas aquele bicho de pescoço comprido tinha graça e dignidade em seus movimentos. Era ágil: não havia nada de preguiçoso em seu comportamento. O saurópode observou-os atentamente, emitindo depois um som de trombeta, parecido com o de um elefante. Logo depois outra cabeça emergiu da folhagem, seguida de uma terceira e uma quarta.
— Meu Deus — Ellie repetiu.
Gennaro perdeu a fala. Ele sabia muito bem o que encontraria — há anos — mas de certo modo nunca

acreditara que realmente fosse acontecer. O choque o deixou mudo. O poder assombroso da nova tecnologia genética, que considerava antes apenas um monte de palavras de um discurso meio batido, repentinamente desabou sobre ele com força total. Os animais eram tão grandes! Enormes! Maiores do que uma casa! E havia muitos! Dinossauros de verdade, puxa vida! E reais, o que mais poderiam querer?

E imediatamente pensou: Vamos ganhar uma fortuna com este lugar. Uma fortuna.

Ele rezou a Deus para que a ilha fosse segura. Grant parou no meio do caminho, na encosta do morro, a garoa atingindo o rosto, olhos fixos nos longos pescoços cinzentos acima das palmeiras. Sentia-se tonto, como se o chão faltasse a seus pés. Teve dificuldade em recuperar o fôlego, pois estava olhando para algo que nunca imaginara ver em sua vida.

Os animais no meio da névoa eram apatossauros, saurópodes de

tamanho médio. Sua mente anuviada começou a fazer associações
acadêmicas: herbívoros da América do Norte, do final do período Jurássico,
comumente
chamados
de
"brontossauros".
Fósseis
descobertos por E. D. Cope em Montana, no ano de 1876. Espécimes associados aos estratos da formação Morrison, no Colorado, Utah e Oklahoma. Recentemente Berman e Mclntosh os reclassificaram como diplodocus, baseados na forma do crânio. Tradicionalmente, acreditava-se que o Brontosaurus passava a maior parte do tempo na água rasa, que ajudaria a suportar seu corpo imenso. Embora o animal não estivesse na água, movia-se depressa demais, a cabeça e o pescoço agitando-se por cima das palmeiras de um modo muito ativo... surpreendentemente ativo.

Grant começou a rir.

— O que foi? — Hammond perguntou, preocupado. — Há algo errado?

Grant balançou a cabeça e continuou a rir. Ele não podia dizer a eles que observava o animal há poucos segundos e já começava a aceitá-lo — e a usar suas observações para responder dúvidas que havia muito atormentavam os estudiosos do assunto. Ele ainda ria quando viu um quinto pescoço, e um sexto, emergindo no meio das palmeiras. Os saurópodes observavam os recém-chegados. Grant os achou parecidos com girafas gigantescas — tinham o mesmo olhar satisfeito, meio estúpido. — Creio que não são mecânicos — comentou Malcolm. — Parecem reais.

— Sim, sem dúvida são reais — Hammond garantiu. — Bem, esperavam que fossem, não é?

Ouviram o som de trombetas novamente. Primeiro um dos animais gritou, em seguida os outros o imitaram. — Essa é a voz deles — Ed Regis falou. — Estão dando as boas-vindas aos visitantes.

Grant parou e ficou ouvindo o grito por algum tempo, extasiado. — Provavelmente querem saber o que acontecerá agora —

Hammond sugeriu, prosseguindo a descida pelo caminho. —
Planejamos uma excursão completa pelas instalações e uma viagem para ver os dinossauros no parque, ainda esta tarde. Estarei com vocês na hora do jantar, para esclarecer as dúvidas. Agora, por favor, acompanhem o senhor Regis...

O grupo seguiu o ruivo, que se dirigia aos prédios próximos. No caminho, uma tabuleta tosca, pintada à mão, dizia: "Bem-vindos ao Parque Jurássico."

TERCEIRA ITERAÇÃO

"Os detalhes emergem mais claramente conforme se refaz a curva fractal."
IAN MALCOLM

PARQUE JURÁSSIC0

Eles percorreram o túnel verde sob as copas das palmeiras, a caminho do edifício principal destinado a visitantes. Por toda a parte a vegetação densa e bem cuidada enfatizava a sensação de que entravam em um novo mundo, um mundo pré-histórico tropical, deixando para trás o mundo normal. — Eles parecem ótimos — Ellie disse a Grant. — Sim — Grant concordou. — Mas quero vê-los de perto. Quero levantar suas patas e examinar as garras, tocar a pele e abrir a boca e olhar seus dentes. Até fazer isso não terei certeza. Mas sem dúvida parecem ótimos.
— Suponho que isso mude um pouco sua área de pesquisa — Malcolm comentou.
Grant concordou com a cabeça:
— Muda tudo.
Durante cento e cinqüenta anos, desde a descoberta de ossos enormes de animais na Europa, o estudo dos dinossauros fora um exercício de dedução científica. A paleontologia era essencialmente um trabalho de detetive, procurando pistas nos ossos fossilizados e nos sinais da passagem dos gigantes havia muito desaparecidos. Os melhores paleontólogos eram aqueles capazes das deduções mais inteligentes.
Todas as grandes discussões da paleontologia se processavam dessa maneira — inclusive o acirrado debate, no qual Grant era uma figura chave, a respeito do sangue quente dos dinossauros. Os cientistas sempre classificaram os dinossauros como répteis, criaturas de sangue frio que extraíam do ambiente o calor necessário para viver. Um mamífero podia metabolizar alimento para produzir calor corporal, mas um réptil não. Alguns pesquisadores — liderados

principalmente por John Ostrom e Robert Bakker, de Yale —
começaram a suspeitar de que o conceito de dinossauros lerdos, de sangue frio, não explicava os dados obtidos através dos fósseis. Utilizando a dedução clássica, eles tiraram suas conclusões de diversas séries de evidências.
Em primeiro lugar, a postura: lagartos e répteis tinham as pernas tortas, esparramadas, tirando seu calor da proximidade do solo. Os lagartos não possuíam energia suficiente para se erguer nas patas traseiras, a não ser por alguns segundos. Mas os dinossauros apoiavam-se em pernas retas, e muitos andavam nas patas traseiras. Entre os animais vivos, a postura ereta ocorria apenas em mamíferos e pássaros de sangue quente. Assim sendo, a postura dos dinossauros indicava sangue quente.
Em seguida estudaram o metabolismo, calculando a pressão necessária para bombear o sangue pelo pescoço de seis metros do braquiossauro, e concluíram que isso só seria viável se tivessem um coração com quatro câmaras, para sangue quente. Estudaram também as pegadas, sinais deixados na lama pelos dinossauros, e concluíram que corriam tão depressa quanto o homem; tal agilidade levava a supor a existência de sangue quente. Restos de dinossauros foram encontrados acima do Círculo

Ártico, em um ambiente gélido, inimaginável para um réptil. E os novos estudos de comportamento grupai, baseados em grande parte no trabalho do próprio Grant, sugeriam que os dinossauros possuíam uma vida social complexa, e cuidavam de suas crias, algo desconhecido para os répteis. As tartarugas abandonam seus ovos, mas os dinossauros provavelmente não faziam isso.

A controvérsia quanto ao sangue quente durou mais de quinze anos, até que uma nova noção dos dinossauros fosse aceita: animais ágeis, alertas. Mas isso não impediu o surgimento de inimizades. Nos debates, ainda havia colegas que não se falavam. Se os dinossauros pudessem ser clonados, o campo de pesquisa de Grant mudaria instantaneamente. O estudo paleontológico dos

dinossauros estava terminado. Todo o sistema — os museus e seus esqueletos gigantes, com bandos de crianças barulhentas, os laboratórios das universidades, com seus estudos de ossos, as pesquisas publica-' das, as revistas — chegaria ao fim. — Não parece aborrecido — Malcolm disse. Grant abanou a cabeça.

— Já se discutiu isso. Muita gente imaginava que este momento chegaria. Mas não tão cedo.

— Esta é a história da nossa espécie — Malcolm retrucou, rindo. — Todo mundo sabia que aconteceria, mas não tão cedo. Eles caminhavam, tendo perdido os dinossauros de vista, embora ainda ouvissem sons de trombeta ao longe. — Minha maior dúvida é onde obtiveram o DNA — Grant disse. Tinha conhecimento de pesquisas nos laboratórios de Berkeley, Tóquio e Londres, capazes de levar um dia à clonagem de um animal extinto como o dinossauro — se fosse possível arranjar o DNA para o trabalho. O problema era que todos os dinossauros conhecidos eram fósseis, e a fossilização destruía a maior parte do DNA, substituindo-o por material inorgânico. Claro, se um dinossauro estivesse congelado, preservado numa turfeira ou mumificado no deserto, talvez se pudesse recuperar o DNA. Mas ninguém ainda localizara um dinossauro congelado ou mumificado. Portanto, a clonagem era impossível. Faltava material para tanto. Toda a moderna tecnologia genética era inútil. Eqüivalia a ter uma máquina xerox e nada para copiar.

— Não se pode reproduzir um dinossauro real, porque é impossível obter DNA de verdade — Ellie observou, fazendo eco aos pensamentos de Grant.

— A não ser que haja algum modo que não imaginamos — ele retrucou.

— Como por exemplo?

— Não sei —- Grant disse.

Passando a cerca, eles chegaram à piscina natural, que transbordava numa série de pequenas cascatas e piscinas menores entre as pedras. A área fora plantada com samambaias gigantes. — Não é extraordinário? — Ed Regis perguntou. — Principalmente nos dias de neblina, as plantas ajudam muito na criação de uma atmosfera pré-histórica. Estas são autênticas samambaias do período Jurássico, claro. Ellie parou e examinou detidamente as plantas. Sim, ele tinha razão: Serenna veriformans, uma espécie vegetal abundante entre os fósseis com mais de duzentos milhões de anos, atualmente encontrada apenas em áreas úmidas do Brasil e Colômbia. Mas a pessoa que decidira colocar aquela samambaia ali, ao lado da piscina, não sabia que os esporos da veriformans continham um alcalóide mortal, o beta- carboline. Uma pessoa poderia passar mal só

de tocar as folhas esverdeadas. Se uma criança as levasse à boca, correria sério risco de vida, ingerindo uma toxina cinqüenta vezes mais poderosa do que o veneno do oleandro.
As pessoas eram tão ingênuas quando se tratava de plantas, Ellie pensou. Escolhiam pela aparência, como se escolhe um quadro para enfeitar a parede. Nunca pensavam nas plantas como seres vivos, ocupados em realizar todas as funções vitais, como respiração, ingestão, excreção, reprodução e defesa. Mas Ellie sabia que, na história do mundo, as plantas evoluíram do mesmo modo competitivo que caracterizava os animais, e em alguns aspectos, de forma até mais feroz. O veneno da Serenna veriformans era um pequeno exemplo do requintado arsenal químico desenvolvido pelas plantas. Havia o terpeno, que algumas plantas espalhavam no solo para inibir a concorrência; alcalóides, que as tornavam indigestas para insetos e predadores (e crianças); feromônios, usados na comunicação. Quando um pinheiro Douglas era atacado por besouros, produzia uma substância para afugentá-los, e o mesmo acontecia com outros pinheiros, em partes distantes da floresta. Reagiam assim graças a um aviso químico produzido ante um ataque.

As pessoas que imaginavam a vida na terra como uma bucólica
paisagem de animais se locomovendo contra um fundo verde não compreendiam direito o que viam. O fundo verde fervia de vida. As plantas cresciam, moviam-se, retorciam-se, lutavam pelo sol. Interagiam continuamente com os animais — desencorajando alguns com casca e espinhos, envenenando outros e alimentando alguns para promover a própria reprodução, espalhando pólen e sementes. Um processo complexo e dinâmico, que Ellie sempre considerara fascinante. Mas a maioria das pessoas simplesmente o ignorava. Se o plantio das samambaias venenosas fosse um exemplo, significava que os idealizadores do Parque Jurássico não haviam sido tão cuidadosos quanto deveriam.
— Não é uma maravilha? — Ed Regis indagou. — Olhem adiante. Verão o alojamento safári.
Ellie avistou uma construção interessante, baixa, com uma série de pirâmides de vidro no teto.
— Ficarão hospedados ali enquanto estiverem no Parque Jurássico — o ruivo acrescentou.

A suíte de Grant fora decorada em tons de bege, e a mobília de rattan estofada com tecido verde, estampado com motivos florais. O quarto ainda não estava totalmente pronto, havia pilhas de madeira no closet, e pedaços de conduíte elétrico no chão. Alan encontrou um televisor no canto, com um aviso em cima:
Canal 2: Monte dos Hipsilofodontes
Canal 3: Território dos Triceratops
Canal 4: Pântano dos Saurópodes
Canal 5: Terra dos Carnívoros
Canal 6: Recanto dos Estegossauros
Canal 7: Vale dos Velociraptores
Canal 8: Pico dos Pterossauros

Achou os nomes esnobes, irritantes. Ligou o televisor, mas só
pegou estática. Desligando-o, foi para o quarto e atirou a mala sobre a cama. Bem acima da cama havia uma clarabóia imensa, piramidal. Criava uma atmosfera de acampamento, era como dormir sob as estrelas. Infelizmente o vidro fora protegido por grossas barras de ferro, que lançava sombras listradas sobre a cama. Grant imobilizou-se por um instante. Vira o projeto do alojamento e não se lembrava de barras de ferro na clarabóia. Na verdade, as barras pareciam uma coisa improvisada. Tinham instalado uma esquadria de metal na parte externa dos vidros e nela soldado as barras.
Intrigado, Grant passou do quarto para a sala. A janela dava para a piscina.
— Sabe de uma coisa? — Ellie perguntou, entrando no quarto dele. — Aquelas samambaias são

venenosas. E notou algo de estranho no quarto, Alan?
— Eles mudaram o projeto inicial.
— Creio que sim. — Ela circulou pelo aposento. — As janelas são pequenas. De vidro temperado, com esquadrias de aço. As portas revestidas em aço. E a cerca lá fora foi muito bem integrada à paisagem, pintada de preto fosco para parecer ferro fundido, mas nenhum disfarce pode esconder a espessura do metal, ou seus quatro metros de altura. — Fez uma pausa, pensativa. — Não creio que a cerca constasse da planta, tampouco. Ao que parece, resolveram transformar este local numa fortaleza.
Grant olhou para seu relógio.
— Vamos perguntar o motivo. O passeio começa em vinte minutos.

QUANDO 0S DINOSSAUROS DOMINAVAM A TERRA

Eles se encontraram no prédio dos visitantes: dois andares, todo de vidro, com vigas e colunas anodizadas à vista. Grant concluiu que o estilo high-tech era deliberado.
Havia um pequeno auditório, dominado pela figura de um Tyrannosaurus rex robô, que posava ameaçador na entrada da área da mostra, chamada "Quando os dinossauros dominavam a Terra". Adiante havia outros cartazes: "O que é um dinossauro?" e "O mundo mesozóico". Mas a mostra ainda não estava pronta; havia fios e cabos por toda parte. Gennaro subiu ao palco e falou a Grant, Ellie e Malcolm, a voz ecoando de leve no salão vazio.
Hammond sentou-se no fundo, com as mãos cruzadas na altura do peito.
— Vamos iniciar o passeio pelas instalações — Gennaro avisou. — Estou certo de que o senhor Hammond e sua equipe mostrarão tudo sob um ângulo favorável. Antes de sair, gostaria de repassar o motivo de nossa vinda, e a decisão que preciso tomar antes de voltar. Basicamente, como perceberam, temos uma ilha onde dinossauros gerados através da engenharia genética vivem soltos num parque natural, como atração turística. O local ainda não está aberto ao turismo, o que poderá acontecer em um ano. — Fez uma pausa e então prosseguiu: — Minha dúvida é simples. Esta ilha é segura? Os visitantes podem passear tranqüilos, e os dinossauros estão sob controle?
Dizendo isso, Gennaro apagou as luzes do salão. - Há dois tipos de evidências que devemos levar em conta. Primeiro a identificação de um dinossauro desconhecido no continente, na Costa Rica, feita pelo

doutor Grant. Esse dinossauro foi descoberto únicas a um fragmento.
Encontraram-no em julho deste ano, depois que uma menina norte- americana teria sido atacada e mordida em uma praia. O doutor Grant pode dar detalhes mais tarde. Pedi que nos enviassem o fragmento original, que se encontra em um laboratório de Nova York, de maneira que pudéssemos examiná-lo. Enquanto não chega, temos uma segunda evidência.
Todos olhavam para ele, acompanhando atentos a explanação. — A Costa Rica possui um serviço de saúde excelente, que levanta todos os tipos de dados. Desde março há relatos de lagartos que mordem bebês em seus berços, e também, devo acrescentar, que mordem pessoas idosas de sono pesado. Os ataques de lagartos ocorreram esporadicamente nas vilas costeiras, entre Ismaloya e Puntarenas. De março em diante os relatos de mordidas cessaram. Contudo, temos este gráfico do Serviço de Saúde Pública de San José, sobre a mortalidade infantil nas cidades da costa oeste, no início do ano.
Todos olharam para a projeção na tela:

— Chamo a atenção de vocês para duas evidências mostradas
neste gráfico — Gennaro continuou. — Em primeiro lugar, a mortalidade é baixa nos meses de janeiro e fevereiro, depois cresce em março, baixando novamente em abril. Mas, de maio em diante, ela é alta, até julho, o mês em que a menina norte-americana foi mordida. O Serviço de Saúde Pública acredita que algum fator desconhecido está afetando a mortalidade infantil, sem que os moradores das cidadezinhas da costa relatem os fatos. O segundo dado é este estranho pique quinzenal, que parece indicar a existência de um fenômeno cíclico. As luzes foram acesas novamente.
— Muito bem — Gennaro disse. — Estas são as informações de que dispomos. Alguém poderia...
— Vamos poupar muito esforço — Malcolm tomou a palavra —, se eu explicar isso para vocês.
— Poderia? — Gennaro perguntou.
— Claro. Para começar, o mais provável é que os animais tenham fugido da ilha.
— Bobagem — Hammond resmungou, lá no fundo. — E, além disso, o gráfico do Serviço de Saúde Pública com quase toda certeza não tem nada a ver com os animais que escaparam. — Como sabe disso? — Grant surpreendeu-se. — Notarão que o gráfico alterna pontos altos e baixos — Malcolm ressaltou. — Isso é característico de muitos sistemas complexos. Por exemplo, a água quando pinga da torneira. Se abrir a torneira só um pouquinho, obterá um pingar constante, ping, ping, ping. Mas se abrir um pouco mais, permitindo uma certa turbulência no fluxo, obterá gotas grandes e pequenas, alternadamente. Ping-ping... ping-ping... Assim. Podem conferir. A turbulência produz essa variação, é sua marca registrada. E verão um gráfico similar para qualquer nova doença que atinja uma comunidade.
— Mas por que afirma que isso não tem nada a ver com os dinossauros que escaparam? — Grant perguntou. — Porque trata-se de uma marca registrada não-linear —

Malcolm respondeu. — Precisaria de centenas de dinossauros fugitivos
para provocar esse fenômeno. E não creio que centenas de dinossauros tenham escapado. Portanto concluo que outro fator, como uma nova variedade de gripe, tenha causado as flutuações verificadas no gráfico. — Mas acredita que dinossauros tenham escapado? — Gennaro insistiu.
— Acredito.
— Por quê?
— Por causa do que estão pretendendo fazer aqui. Entenda, esta ilha tenta recriar um ambiente natural do passado. Um mundo isolado onde animais extintos circulem livremente. Certo? — Certo.
— Mas, do meu ponto de vista, tal empreitada é impossível. A matemática é tão evidente que dispensa os cálculos. Seria como perguntar se teria imposto a pagar, caso ganhasse um bilhão de dólares por ano. Não há necessidade de puxar a calculadora para saber. Claro que teria. De modo similar, posso garantir que ninguém consegue reproduzir a natureza deste modo, com sucesso, ou esperar êxito na tentativa de isolá-la.
— Por que não? Afinal, os zoológicos... — Os zoológicos não recriam a natureza — Malcolm cortou.
— Vamos esclarecer isso. Os zoológicos pegam a natureza que já existe e a modificam ligeiramente, para criar áreas de confinamento para os animais. E mesmo essas pequenas modificações com freqüência falham. Os animais escapam constantemente. Mas um zoológico não serve de modelo para este parque. Temos aqui algo muito mais ambicioso. Mais parecido com uma estação espacial na Terra. Gennaro balançou a cabeça.
— Não compreendo.
— Bem, é muito simples. Exceto o ar, que circula livremente, tudo neste parque foi feito para ficar isolado. Nada entra, nada sai. Os animais mantidos aqui nunca deveriam se misturar aos ecossistemas

maiores da Terra. Não deveriam fugir.

— E nunca fugiram — Hammond esbravejou.
— Tal isolamento é inviável — Malcolm afirmou enfático. — Impossível consegui-lo.
— Claro que pode ser feito. Nós o fizemos. — Peço que me desculpe — Malcolm replicou —, mas não sei do que está falando.
— Seu pessimista arrogante — Hammond explodiu, saindo da sala.
— Senhores, vamos com calma — Gennaro pediu. — Sinto muito — Malcolm disse. — Mas meu argumento prevalece. O que chamamos de "natureza" é um sistema muito complexo, infinitamente mais sutil do que podemos aceitar. Temos uma idéia simplificada da natureza, e tentamos remendá-la. Não sou ambientalista, mas vocês precisam compreender a profundidade de certos fenômenos. Quantas vezes precisarei mostrar isso? De quantas provas precisaremos? Construímos a represa de Assuã e dissemos que isso recuperaria o Egito. Ao contrário, ela acabou com a fertilidade do delta do Nilo, produziu infestação de parasitas e arrasou com a economia do país. Construímos o...
— Peço que me desculpe — interrompeu Gennaro —, mas creio que o helicóptero chegou. Trata-se provavelmente do material enviado para um exame do doutor Grant. — Ele saiu da sala. Todos o seguiram.
No sopé da montanha, Gennaro gritava para superar o barulho do helicóptero. As veias do pescoço saltaram. — O que você fez? Convidou quem?
— Calma — Hammond disse. Gennaro gritou de novo. — Ficou completamente louco, por acaso? — Nada disso. Olhe aqui — Hammond ergueu-se — creio que eu preciso deixar uma coisa bem clara...
— Não — Gennaro contrapôs. — Quem precisa deixar uma coisa bem clara sou eu. Isso não é um acontecimento social, nem um passeio de final de semana...

— Esta ilha é minha — Hammond teimou. — Posso convidar
quem eu quiser.
— Estamos realizando uma investigação muito séria nesta ilha porque os investidores ficaram preocupados. Acreditam que a situação escapou de seu controle. Pensamos que o local é perigoso demais e... — Não vai conseguir fechar a ilha, Donald! — Farei isso, se for preciso.
— Estamos seguros aqui — Hammond insistiu. — Independente do que possa dizer aquele matemático desgraçado. — Não se trata disso...
— Vou provar que o projeto é seguro.
— Quero que voltem imediatamente naquele helicóptero — Gennaro exigiu.
— Impossível — Hammond respondeu, apontando para as nuvens. — Já decolou outra vez. — Realmente, o som dos rotores era cada vez mais fraco.
— Droga — Gennaro resmungou. — Não percebe que arrisca desnecessariamente a...
— Ora, ora — Hammond interrompeu. — Vamos falar sobre isso depois. Não quero incomodar as crianças. Grant virou a cabeça e viu duas crianças descendo a encosta do morro, acompanhadas por Ed Regis. Na frente vinha um garoto de mais ou menos onze anos, usando óculos, seguido por uma menina mais nova, talvez com sete ou oito anos, os cabelos loiros presos sob um boné dos Mets, com uma luva de beisebol no ombro. As duas crianças desceram ágeis o caminho do heliponto e pararam a uma certa distância de Gennaro e Hammond.
— Meu Deus! — Gennaro gemeu baixinho.
— Agora por favor, vamos com calma — Hammond pediu a Gennaro. — Os pais deles estão se divorciando e eu gostaria que se divertissem no final de semana conosco. A menina acenou.
— Oi, vovô! — ela gritou. — Chegamos.

O PASSEIO

Tim Murphy logo notou algo de errado. Seu avô discutia com o sujeito de cara avermelhada à sua frente. E os outros adultos, um pouco recuados, pareciam constrangidos e desconfortáveis. Alexis sentiu a tensão, porque deu um passo atrás, jogando a bola de beisebol no ar.
— Vamos, Lex.
— Vá na frente, Timmy.
— Não faça onda — ele disse.
Alexis olhou para o irmão, quando Ed Regis disse cordial: — Vou apresentá-los a todos, e depois podemos passear. — Preciso ir — a menina esquivou-se.
Mas Ed Regis já começara as apresentações. Primeiro abraçaram o avô, que os beijou, e depois apertaram a mão do homem com quem discutira. O nome do sujeito musculoso era Gennaro. As apresentações foram nebulosas para Tim. Havia uma loira de short e um homem de barba, usando camisa havaiana com jeans. Depois um gorducho que mexia com computadores, que não apertou sua mão, só balançou a cabeça. Tim tentava ordenar suas impressões, mas não tirava os olhos das pernas da loira, quando repentinamente se deu conta de que sabia quem era o barbudo.
— Sua boca está aberta — Alexis disse. — Eu conheço aquele cara — Tim falou.
— Claro. Acabou de ser apresentado.
— Não. Eu tenho o livro dele.
— De que livro está falando, Tim? — o barbudo perguntou. — O Mundo Perdido dos Dinossauros. Alexis riu. — Papai falou que Tim tem dinossauros no cérebro. Tim ignorou-a. Pensava no que sabia sobre Alan Grant, um dos

principais defensores da teoria do sangue quente dos dinossauros.
Responsável pela maioria das escavações num lugar chamado Morro do Ovo, em Montana, famoso pela quantidade de ovos de dinossauro encontrados. O professor Grant encontrara grande parte dos ovos de dinossauro existentes. Além disso, desenhava bem e fizera ele mesmo as ilustrações para seus livros.
— Dinossauros no cérebro? — repetiu o barbudo. — Para dizer a verdade, eu tenho o mesmo problema.
— Papai disse que os dinossauros eram estúpidos — Alexis disse. — Ele acha que Tim deveria praticar mais esportes. Tim ficou sem graça.
— Por que não vai embora?
— Já vou — respondeu a menina.
— Ué, você não estava morta de pressa? — Eu mesma posso dizer se estou ou não com pressa, Timothy — ela falou, pondo as mãos nos quadris, copiando a postura mais irritante da mãe.
— Tenho uma idéia — Ed Regis disse. — Por que não seguimos para o centro de visitantes e iniciamos o passeio? Todos começaram a caminhar. Tim ouviu quando Gennaro murmurou para seu avô: — Eu deveria matá-lo por ter feito isso. Depois Tim olhou para o lado e percebeu que o dr. Grant o alcançara.
— Qual sua idade, Tim?
— Onze anos.
— E há quanto tempo se interessa por dinossauros? Tim engoliu em seco.
— Já faz tempo. Vamos ao museu, às vezes, quando convenço minha família. Meu pai.
Conversar com o dr. Grant deixava Tim nervoso. — Seu pai não se interessa muito pelo assunto? Tim fez que sim, e relatou a última visita da família ao Museu de

História Natural. O pai tinha olhado para um esqueleto e comentado:
— Puxa, este era enorme.
Tim retrucara:
— Não, pai, este era de tamanho médio, um camptossauro. — Bem, sei lá. Para mim parece enorme.
— Nem atingiu o máximo em tamanho. O pai olhara de novo para o esqueleto.
— De que período é, Jurássico?
— Não. Cretáceo.
— Cretáceo? E qual a diferença entre Jurássico e Cretáceo? — Cerca de cem milhões de anos, apenas.
— Cretáceo vem antes?
— Não, pai, o Jurássico vem antes.
— Certo — aceitara o pai, recuando um passo. — Para mim parece enorme. — E olhara para Tim, buscando sua aprovação. Tim sabia que era melhor concordar com o pai, e apenas resmungara qualquer coisa. E seguiram em frente.
Pouco adiante Tim demorara-se na frente de um outro esqueleto: um Tyrannosaurus rex, o mais terrível predador que já pisara na face da Terra. Finalmente, seu pai indagara:
— O que está olhando tanto?
— Estou contando as vértebras.
— As vértebras?
— Sim, na coluna.
— Eu sei o que são vértebras — seu pai se irritara. — Para que está contando as vértebras?
— Creio que está errado. Um tiranossauro deveria ter apenas trinta e sete vértebras na cauda. Este aqui tem mais. — Você está querendo me convencer de que o Museu de História Natural tem um esqueleto errado? Não acredito. — Está errado — Tim insistiu.
O pai afastara-se batendo o pé e fora falar com um guarda. — O que você aprontou agora? — a mãe perguntara a Tim.

— Eu não fiz nada — Tim se defendera. — Só disse que o
dinossauro estava errado, só isso.
E o pai tinha voltado com ar espantado, porque o guarda lhe dissera, é claro, que aquele tiranossauro de fato tinha vértebras a mais na cauda.
— Como sabia disso? — o pai questionara. — Li um pouco a respeito — Tim respondera. — Isso é surpreendente, filho. Imagine, saber quantas vértebras há na cauda de um dinossauro. Nunca vi algo assim. Você realmente tem dinossauros no cérebro.
Depois o pai falara que queria assistir à última parte do jogo dos Mets na televisão, e Lex gostara da idéia. Foram embora do museu. Tim não vira mais dinossauros, por isso tinham vindo agora para a ilha. Era a maneira como sua família sempre fazia as coisas. Sempre não, Tim corrigiu-se. Agora que o pai estava se divorciando da mãe, tudo seria diferente. Seu pai já se mudara, e mesmo sendo meio esquisito no início, Tim gostara da nova situação. Acreditava que sua mãe arranjara um namorado, mas não tinha certeza, e nunca falaria a esse respeito com Lex. A irmã ficara desolada por se afastar do pai e nas últimas semanas se tornara tão chata que... — Era o cinco mil e vinte e sete? — Grant perguntou. — Como?
— O tiranossauro do museu. Era o cinco mil e vinte e sete? — Era — Tim disse. — Como sabe? Grant sorriu. — Eles prometem consertá-lo há anos. Mas agora não será mais preciso.
— Por quê?
— Por causa das coisas que estão acontecendo aqui. Na ilha de seu avô.
Tim balançou a cabeça. Não sabia do que Grant estava falando. — Mamãe contou que era um complexo turístico, sabe? Com piscinas e quadras de tênis.

— Não é só isso — Grant disse. — Eu explico no caminho.

Agora virei uma babá idiota, pensou Ed Regis desconsolado,
batendo o pé no chão enquanto esperava no centro de visitantes. O velho lhe dissera com todas as letras: "Vigie meus netos como se fosse uma águia, estão sob sua responsabilidade no final de semana." Ed Regis odiara a missão. Sentira-se humilhado. Ele não era babá, droga. E também não era guia turístico, nem mesmo para os VIPs. Exercia a função de diretor de relações públicas do Parque Jurássico e tinha muito serviço a fazer até a data da inauguração, a menos de um ano. Só a coordenação com as empresas de relações públicas de San Francisco e Londres e as agências de publicidade de Nova York e Tóquio já era um serviço de tempo integral. Principalmente porque as agências não podiam saber qual era a atração principal do complexo. As firmas planejavam campanhas genéricas, nada específico, e estavam descontentes. Pessoas criativas como ele, pensou Ed, precisavam de estímulo, de encorajamento para realizar um bom trabalho. Não podiam perder tempo levando cientistas para passear. O grande problema na profissão de relações públicas era a falta de respeito profissional. Regis estava na ilha, com intervalos, havia sete meses, e todo mundo tentava empurrar os serviços incômodos para ele. Como o episódio de janeiro. Harding deveria ter cuidado do caso. Harding ou Owens, o empreiteiro geral. Mas nada disso, tinha sobrado para Ed Regis. O que poderia saber em matéria de socorro a um empregado doente? E agora se transformara em um misto de guia turístico e babá. Ele virou para trás e contou as cabeças. Ainda faltava um.
Então, lá no fundo, viu a dra. Sattler saindo do banheiro. — Muito bem, pessoal, vamos começar o passeio pelo segundo andar.
Tim foi com os outros, seguindo o sr. Regis na escada preta suspensa no ar, que dava no segundo andar do prédio. Eles passaram diante de uma placa onde se lia:

ÁREA RESTRITA

SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO
PODE ULTRAPASSAR ESTE PONTO

Tim sentiu um arrepio ao ver o aviso. Atravessaram o corredor do segundo andar. Uma das paredes era de vidro, dando para um terraço com palmeiras meio encobertas pela neblina. As outras portas tinham placas como de escritórios, indicando: "Guarda do Parque", "Serviços para Hóspedes", "Gerência Geral". Na metade do corredor havia uma divisória de vidro, com outro aviso:

Embaixo havia mais avisos:
CUIDADO

SUBSTÂNCIAS TERATOGÊNICAS
MULHERES GRÁVIDAS DEVEM EVITAR
EXPOSIÇÃO A ESTA ÁREA

PERIGO
ISÓTOPOS RADIOATIVOS EM USO
POTENCIAL CANCERÍGENO

Tim ficou ainda mais excitado. Substâncias teratogênicas!
Coisas que faziam monstros! Isso o animou, mas quase de imediato desapontou-se quando Ed Regis disse:
— Não liguem para os avisos. Foram colocados só para cumprir a lei. Posso assegurar que a segurança é total. — Eles cruzaram a porta. Havia um guarda do outro lado. Ed Regis dirigiu-se ao grupo: — Já perceberam que temos um mínimo de pessoal na ilha. Administramos o projeto com um total de vinte pessoas. Claro, teremos mais gente quando chegarem os hóspedes, mas no momento só precisamos de vinte. O parque inteiro é controlado daqui. Eles fizeram uma pausa na janela, olhando para uma sala pequena. Havia um mapa transparente do parque, vertical, impresso no vidro, e na frente deste uma série de consoles brilhantes de computador. Algumas das telas traziam dados, mas a maioria mostrava imagens em vídeo do parque. Havia apenas duas pessoas lá dentro, em pé, conversando.
— O homem à esquerda é nosso engenheiro-chefe, John Arnold. — Regis apontou para um homem magro, com camisa de manga curta abotoada até o pescoço e gravata, fumando um cigarro. — Ao lado dele encontra-se o encarregado da segurança do parque, o senhor Ro-bert Muldoon, um famoso caçador de Nairóbi. — Muldoon era um sujeito forte, de roupa caqui, os óculos escuros pendurados no bolso da camisa. Ele olhou de relance para o grupo, moveu ligeiramente a cabeça como cumprimento, e concentrou-se nas telas dos computadores. — Estou certo de que desejam visitar esta sala — Ed Regis continuou. — Mas primeiro vou mostrar como obtemos o DNA dos dinossauros.
A porta indicava "Extrações", e como as outras entradas do edifício do laboratório, precisava de um cartão magnético de segurança para ser aberta. Ed Regis enfiou o cartão na abertura, a luz piscou e a porta se abriu.
Prosseguiram, e Tim viu a sala pequena, banhada por uma luz verde. Quatro técnicos em uniformes de laboratório trabalhavam nos

microscópios de visor duplo, ou estudavam imagens nas telas de alta
resolução. A sala estava cheia de pedras amarelas. Havia pedras em prateleiras de vidro, em caixas de papelão, em bandejas imensas. Cada uma tinha uma etiqueta com um número escrito em tinta preta. Regis apresentou Henry Wu, um homem esguio, com uns trinta anos de idade. — O doutor Wu é nosso geneticista chefe. Ele vai explicar o que fazemos aqui.
Henry Wu sorriu.
— Pelo menos o que tentamos fazer. A genética é um tanto complicada. Mas provavelmente estão se perguntando de onde vem o DNA dos dinossauros.
— Isso passou pela minha cabeça — Grant disse. — Para dizer a verdade — Wu falou —, há duas fontes possíveis. Utilizando a técnica de extração do anticorpo de Loy, conseguimos DNA direto dos ossos de dinossauro.
— Com bons resultados? — Grant indagou. — Bem, grande parte da proteína solúvel se perde durante a fossilização, mas vinte por cento das proteínas pode ser recuperada quando moemos os ossos e usamos os procedimentos de Loy. O próprio doutor Loy a utilizou para obter proteínas de marsupiais australianos extintos, bem como células sangüíneas de restos humanos antigos. Sua técnica é tão refinada que funciona com apenas cinqüenta nanogramas de material. Isso quer dizer cinqüenta milhões de avós do grama. — E adaptaram essa técnica para uso aqui? — Grant admirou- se.
— Só para checar os resultados — Wu respondeu. — Como pode imaginar, vinte por cento de recuperação é insuficiente para nosso trabalho. Precisamos da cadeia de DNA completa para clonar um dinossauro. E a conseguimos aqui. — Ele ergueu uma das pedras amarelas. — No âmbar, a resina fóssil de uma árvore pré-histórica. Grant olhou para Ellie, e depois para Malcolm. — Isso é mesmo muito engenhoso — Malcolm comentou. — Ainda não entendi — Grant admitiu.

— A seiva da árvore — Wu explicou — escorre freqüentemente por cima dos insetos, e os aprisiona. Os insetos são perfeitamente preservados dentro do fóssil. Podemos encontrar todos os tipos de insetos dentro do âmbar, inclusive os que sugaram o sangue de animais maiores.
— Sugaram o sangue — Grant repetiu. Ele ficou boquiaberto. — Ou seja, sugaram o sangue dos dinossauros... — Felizmente, sim.
— E os insetos foram preservados no âmbar... — Grant balançou a cabeça. — Então era isso... pode ser que dê certo. — Posso lhe garantir que dá certo — Wu falou. Eles se aproximou de um microscópio, onde o técnico posicionava um pedaço de âmbar que continha uma mosca. No monitor de vídeo os visitantes observaram enquanto ele inseria uma agulha comprida na substância, penetrando no tórax da mosca pré-histórica. — Caso este inseto tenha células de outros animais, poderemos extraí-las e conseguir paleo-DNA, ou seja, o DNA de animais extintos. Não saberemos com certeza, claro, até extrairmos o que existe ali, copiarmos e produzirmos. Fazemos isso há cinco anos. Tem sido um processo longo, lento... mas deu resultado. — Wu deu um sorrisinho satisfeito. — Na verdade, o DNA dos dinossauros é mais fácil de extrair por este processo do que o DNA de mamíferos. O motivo é que as células vermelhas dos mamíferos não possuem núcleo, e portanto nenhum DNA. Para clonar um mamífero, é preciso encontrar uma célula branca, muito mais rara do que uma vermelha. Mas os dinossauros possuem células vermelhas nucleadas, como acontece com as aves atuais. Trata-se de mais um indício de que os dinossauros, afinal de contas, não eram répteis, e sim imensos pássaros com couro. Tim percebeu que o dr. Grant ainda se mostrava cético, e que Dennis Nedry, o gordo desleixado, parecia não se interessar nem um pouco pelo assunto, como se já soubesse de tudo. Nedry olhava impaciente para a outra porta.
— Vejo que o senhor Nedry se interessa pela fase seguinte de

nosso trabalho — Wu disse. — Como identificamos o DNA extraído.
Para tanto, usamos computadores poderosos. Eles cruzaram as portas de correr e entraram em uma sala gelada. Um zumbido alto tomava conta do ambiente. Duas torres com dois metros de altura cada ocupavam o centro do aposento, e nas paredes havia uma série de caixas de aço inoxidável. — Esta é a nossa lavanderia high-tech — brincou o dr. Wu. — As caixas na parede são seqüenciadores automáticos de genes Hamachi-Hood. Eles são operados, e em altíssima velocidade, pelos supercomputadores Cray XMP, estas torres no centro da sala. Em resumo, vocês estão no meio de uma fábrica genética incrivelmente poderosa.
Havia muitos monitores, todos rodando tão depressa que era difícil identificar o que mostravam. Wu apertou um botão e congelou uma imagem:

— Podem ver aqui a estrutura de um pequeno fragmento de DNA de dinossauro — Wu disse. — Percebam que a seqüência é feita por quatro componentes básicos: adenina, tiamina, guanina e citosina. Esta quantidade de DNA provavelmente contém instruções para fazer uma única proteína, quem sabe um hormônio, ou uma enzima. A

molécula completa de DNA contém três bilhões de bases assim. Se
olharmos para uma tela como essa por um segundo, oito horas por dia, levaremos mais de dois anos para ver a cadeia completa do DNA. Percebem como é grande?
Ele mostrou a tela.
— Este exemplo é típico, porque podem notar um erro no DNA, ali na linha mil, duzentos e um. Grande parte do DNA extraído é incompleto ou fragmentado. A primeira coisa que precisamos fazer é

consertá-lo, ou melhor dizendo, o computador o conserta. Ele corta o DNA, usando o que chamamos de enzimas de restrição. O computador seleciona uma variedade de enzimas capazes de realizar essa tarefa. — Aqui temos a mesma seção do DNA, com a localização dos pontos de restrição das enzimas. Como podem ver na linha mil, duzentos e um, duas enzimas cortarão ambos os lados do ponto danificado. Ordinariamente deixamos o computador decidir qual a melhor.

Mas também precisamos saber qual par base devemos inserir para reparar o dano. Primeiro, precisamos alinhar vários fragmentos cortados, assim:

— Agora encontramos um fragmento de DNA que se encaixa na área danificada, e que nos diz o que está faltando. E podem ver que conseguimos encontrá-lo, seguir adiante e fazer o conserto. As barras escuras que vêem são fragmentos de restrição: pequenas seções do DNA dos dinossauros, quebrados pelas enzimas e depois analisados. O computador está recombinando tudo agora, e procurando por partes do código que se repitam. É um pouco como montar um imenso quebra- cabeças. O computador consegue fazer isso bem depressa:

— Temos portanto agora uma seqüência revisada de DNA, consertada pelo computador. A operação que testemunharam levaria meses para ser realizada em um laboratório convencional, mas nós a terminamos em alguns segundos.
— Então está trabalhando com a seqüência completa de DNA?

— Grant perguntou.
— Ah, não — Wu respondeu. — Isso seria impossível. Já nos distanciamos muito dos anos 60, quando um laboratório levava quatro anos para decodificar uma tela como essa. Agora os computadores fazem tudo em algumas horas. Mas, mesmo assim, a molécula de DNA é grande demais. Pegamos apenas as partes da seqüência que diferem de animal para animal, ou do DNA contemporâneo. Apenas uma pequena porcentagem de nucleotídeos difere de um animal para outro. Só analisamos isso, o que já é uma tarefa gigantesca.
Dennis Nedry bocejou. Ele concluíra há muito que a InGen deveria estar fazendo algo do tipo. Uns dois anos antes, quando a InGen o contratara para idealizar os sistemas de controle do parque, um dos parâmetros iniciais do projeto pedia registros de dados com campos da ordem de 3X109. Nedry presumira que fosse um engano e entrara em contato com Paio Alto para confirmar. E eles disseram que estava correto. Três bilhões de campos.
Nedry já trabalhara em muitos sistemas de grande porte. Fizera nome implantando redes mundiais de comunicação por linhas telefônicas para multinacionais. Esses sistemas, com freqüência, possuíam milhões de registros. Não constituíam novidade para ele. Mas a InGen pretendia montar algo bem maior... Intrigado, Nedry consultara Barney Fellows, na Symbolics, próxima ao campus do Instituto Massachussetts de Tecnologia, o MIT, em Cambridge.
— Que tipo de base tem três bilhões de registros, Barney? — Só pode ser um engano — Barney respondera, rindo. — Eles colocaram um ou dois zeros a mais.
— Não há engano. Liguei para confirmar. Querem exatamente isso.
— Então enlouqueceram — Barney afirmou. — Não é operacional. Mesmo que conte com os processadores mais rápidos, e algoritmos inacreditavelmente desenvolvidos, uma busca levaria dias.

Talvez semanas.
— Claro — Nedry concordou. — Eu sei. Felizmente, não estão pedindo que eu crie os algoritmos. Só preciso determinar a capacidade de armazenamento de informações e a memória do sistema como um todo. Mas... mesmo assim, para que usariam tanta capacidade de manipular dados?
Barney franziu a testa.
— Está trabalhando em sigilo?
— Sim — Nedry confirmou. Em geral, seus serviços exigiam acordos de manutenção de sigilo absoluto. — Pode me adiantar algo?
— Trata-se de uma empresa de engenharia genética. — Engenharia genética — Barney repetiu. — Então é óbvio... — O quê?
— Uma molécula de DNA.
— Ora, não delire — Nedry riu. — Ninguém poderia analisar uma molécula de DNA. — Ele sabia que os biólogos falavam muito do projeto Genoma Humano, que pretendia analisar a seqüência completa do DNA humano. Mas isso exigiria dez anos de esforços coordenados, envolvendo laboratórios de todo o mundo. Uma tarefa e tanto, do porte do projeto Manhattan, responsável pela bomba atômica. — É uma empresa apenas.
— Com três bilhões de registros — Barney ressaltou. — Não consigo imaginar outro uso. Talvez tenham exagerado no pedido para o sistema.
— Exagerado até demais — Nedry suspirou. — Talvez queiram analisar fragmentos de DNA apenas, e contem com algoritmos intensivos para memória RAM, de acesso aleatório.
Aquilo fazia mais sentido. Certas técnicas de busca de dados exigiam muita capacidade de memória.
— Sabe quem criou os algoritmos para eles? — Não — Nedry disse. — A companhia faz tudo em segredo.

— Bem, meu palpite é que trabalham com DNA — Barney
afirmou. — Qual é o sistema?
— Multi-XMP.
— Multi-XMP? Quer dizer mais de um Cray? Minha nossa! — Barney ficou de queixo caído, tentando digerir a informação. — Posso saber mais alguma coisa?
— Sinto muito — Nedry disse. — Não dá para falar mais nada. E voltara ao trabalho, planejando os sistemas de controle. Ele e sua equipe de programadores levaram mais de um ano para criar tudo. Sofreram um bocado, pois a empresa nem sequer revelava para que usariam os subsistemas. As instruções eram imprecisas: "Crie um módulo para registros" ou "Crie um módulo para visualização". Forneciam os parâmetros de design, mas não davam detalhes de uso. Ele trabalhara no escuro. Agora, com o sistema pronto e em funcionamento, não se surpreendia com a existência de falhas, ou "bugs", como diziam os especialistas em computação. O que esperavam? Fora chamado às pressas, encontrando todos em pânico e furiosos com os "bugs". Isso era irritante, pensou. Nedry voltou sua atenção ao grupo, quando Grant perguntou: — Quando o computador analisa o DNA, como sabe qual é o animal a que se refere?
— Temos dois métodos para descobrir — Wu esclareceu. — O primeiro é o mapeamento filogenético. O DNA evolui com o tempo, como tudo no organismo: mãos, pés ou outros atributos físicos. Sendo assim, podemos pegar um pedaço desconhecido do DNA e determinar, a grosso modo, através do computador, onde ele se encaixa na seqüência da evolução. Leva muito tempo, mas pode ser feito. — E o outro método? Wu deu de ombros.
— Produza o animal e veja o que é. Costumamos fazer isso. Venha ver como funciona.
Tim sentia a impaciência aumentar conforme o passeio prosseguia. Ele gostava de coisas técnicas, mas assim mesmo estava perdendo o interesse. Chegaram à porta seguinte, onde se lia

"Fertilização". O dr. Wu destrancou a porta com seu cartão de segurança e eles puderam entrar.

Tim viu mais uma sala com técnicos trabalhando nos microscópios. Nos fundos havia uma seção totalmente iluminada por luz ultravioleta. O dr. Wu explicou que as pesquisas com DNA exigiam a interrupção da mitose celular em momentos precisos, e portanto mantinham em estoque alguns dos venenos mais virulentos do mundo. — Helotoxinas, colchicinóides, beta-alcalóides — recitou ele, apontando para uma série de seringas sob a luz ultravioleta. — Podem matar qualquer ser vivo em um ou dois segundos. Tim gostaria de aprender mais sobre os venenos, mas o dr. Wu embarcou numa explicação sobre o uso de ovos não fertilizados de crocodilo, com substituição do DNA, e o professor Grant fez perguntas complicadas demais. Num canto da sala havia tanques com indicações de "Líquido N2". E viram também imensos frigoríficos, no interior dos quais as pessoas poderiam andar, com prateleiras contendo embriões congelados, cada um deles embrulhado em uma camada fina de folha de alumínio.

Alexis estava entediada. Nedry bocejava. E até mesmo a dra. Sattler começava a perder o interesse. Tim cansara-se de percorrer aqueles laboratórios complicados. Queria ver os dinossauros. A placa na sala seguinte indicava "Incubadeira". — Ali dentro é um pouco quente e úmido — o dr. Wu explicou. — Mantemos a temperatura na casa dos trinta e dois graus e a umidade relativa em torno de cem por cento. Também aumentamos a concentração de oxigênio. Chega a trinta por cento. — Atmosfera jurássica — observou Grant. — Sim. Pelo menos como a imaginamos. Se alguém sentir tonturas avise, por favor.

O dr. Wu inseriu seu cartão de segurança na ranhura, e a porta externa abriu-se com um chiado.

— Gostaria de pedir que não tocassem em nada nesta sala. Alguns dos ovos são permeáveis aos óleos da pele. E cuidado com a

cabeça. Os sensores estão sempre em movimento.

Ele abriu a porta interna, que dava na incubadeira. Entraram, e Tim examinou a sala imensa, banhada em luz infravermelha. Os ovos encontravam-se em mesas longas, os contornos pálidos pouco distintos na névoa baixa que cobria as mesas. Os ovos moviam-se continuamente, balançando sem parar.

— Os ovos dos répteis contêm grande quantidade de gema, mas nenhuma água. Os embriões precisam extrair água do meio ambiente. Daí a necessidade da névoa.

O dr. Wu explicou que cada mesa continha cento e cinqüenta ovos, e representava uma nova partida de extrações de DNA. As partidas eram identificadas por números nas mesas: STEG-458/2 ou TRIC-390/4. Mergulhados na névoa até a cintura, os funcionários encarregados da incubadeira moviam-se de um ovo a outro, enfiando as mãos na neblina, virando-os de hora em hora, verificando a temperatura com sensores térmicos. A sala era monitorada por câmeras de televisão colocadas no alto e sensores de movimento. Um sensor térmico suspenso avançava de um ovo a outro, tocava cada um deles com um bastão flexível e seguia em frente, emitindo um bip. — Nesta incubadeira produzimos mais de doze levas de extrações, o que rendeu um total de duzentos e trinta e oito animais vivos. Nossa taxa de sobrevivência está em torno de quatro por cento e naturalmente desejamos melhorar esta marca. Mas, nas análises de computador, trabalhamos com cerca de quinhentas variáveis: cento e vinte ambientais, outras duzentas intra-ovos e o restante do próprio material genético. Os ovos são de plástico. Inserimos mecanicamente os embriões e depois os desenvolvemos aqui. — Quanto tempo levam para crescer?

— Os dinossauros crescem depressa, atingindo a maturidade completa entre dois e quatro anos. Por isso já temos vários adultos no parque.

— O que significam os números?

— Estes códigos — Wu explicou — identificam as diversas séries

de extração de DNA. As primeira quatro letras indicam o animal
produzido. Por exemplo, TRIC quer dizer Triceratops. E STEG indica um Stegosaurus. E assim por diante.
— E este rótulo aqui? — Grant quis saber. O código dizia XXXX-0001/1. Embaixo havia uma anotação: "Possível Coelu".
— Trata-se de uma nova partida de DNA — Wu disse. — Não sabemos exatamente o que sairá. Quando fazemos uma extração pela primeira vez, não temos certeza do animal produzido. Como pode ver, presumimos que seja um Coelu, ou seja, um coelurossauro. Um pequeno herbívoro, se não me engano. Tenho dificuldade em me lembrar dos nomes. Há cerca de trezentos gêneros de dinossauros conhecidos, até agora.
— Trezentos e quarenta e sete — Tim corrigiu. Grant sorriu e indagou:
— Tem algum a ponto de eclodir?
— No momento não. O período de incubação varia para cada animal, mas no geral se situa em torno de dois meses. Tentamos espaçar a eclosão, para facilitar o trabalho do pessoal encarregado. Imagine o que representa o nascimento de cento e cinqüenta animais em poucos dias. Claro, a maioria não sobrevive. Na verdade, estes Xs estão quase no ponto. Mais alguma pergunta? Não? Então vamos para o berçário, onde ficam os recém-nascidos. Entraram em uma sala circular, toda branca. Havia algumas incubadoras, do tipo utilizado nos berçários dos hospitais, mas estavam vazias no momento. Trapos e brinquedos espalhavam-se pelo piso. Uma moça de roupa branca estava sentada no chão, de costas para eles. — O que temos aqui hoje, Kathy? — O dr. Wu perguntou. — Pouca coisa — ela respondeu.
— Só um filhotinho de raptor. — Vamos dar uma olhada nele.
A moça levantou-se e deu um passo para o lado. Tim ouviu Nedry-comentar:
— Parece um lagarto.

O animal tinha cerca de quarenta centímetros, o tamanho de um
macaco pequeno. Era amarelo escuro, com listras marrons, como um tigre. Tinha a cabeça e o pescoço longo de um lagarto, mas apoiava-se nas patas traseiras, bem firmes, equilibradas pela cauda grossa. Os membros superiores, menores, moviam-se no ar. Ele virou a cabeça de lado e olhou para os visitantes que o observavam. — Velociraptor — Alan Grant identificou em voz baixa. — Velociraptor mongoliensis — Wu completou. — Um predador. Este aqui tem apenas seis semanas.
— Encontrei recentemente uma ossada de raptor — Grant contou, abaixando-se para examinar o animal de perto. Imediatamente o pequeno lagarto saltou, passando por cima da cabeça de Grant e caindo nos braços de Tim.
— Ui!
— Eles pulam — Wu disse. — Os filhotes conseguem saltar. E os adultos também, se querem saber.
Tim pegou o velociraptor no colo. O pequeno animal não pesava muito, menos de um quilo. A pele era quente e absolutamente seca. A cabeça minúscula estava a poucos centímetros de seu rosto. Os olhos negros, como contas, fixaram-se no menino. A pequena língua bifurcada surgiu e sumiu.
— Ele morde?
— Não. É manso.
— Tem certeza disso? — Gennaro perguntou, preocupado. — Sem dúvida. Pelo menos por enquanto. De qualquer maneira, os filhotes não possuem dentes, nem mesmo dentes de ovos. — Dentes de ovos? — Nedry estranhou.
— A maioria dos dinossauros nasce com dentes de ovos, pequenos chifres na ponta do nariz, similares aos dos rinocerontes, para ajudá-los a romper a casca do ovo. Mas os raptores não. Eles fazem um buraco no ovo com o focinho, e o pessoal do berçário os ajuda a sair.
— Precisam ajudá-los então. O que acontece na natureza? —

Grant perguntou, balançando a cabeça.
— Na natureza?
— Quando se reproduzem naturalmente — Grant explicou. — Nos ninhos.
— Ah, eles não conseguem fazer isso — Wu disse. — Nossos animais não podem se reproduzir. Por isso mantemos o berçário. E o único modo de repor os animais do Parque Jurássico. — Por que os animais não conseguem se reproduzir? — Bem, como podem imaginar, é importante que não se reprodu-zam — Wu disse. — Sempre que nos deparamos com questões críticas como essa, criamos sistemas redundantes. Ou seja, sempre prevemos pelo menos dois procedimentos de controle. Neste caso, há dois motivos independentes para a impossibilidade de reprodução dos animais. Primeiro, são estéreis por que os irradiamos com raio X. — E a segunda razão?
— Todos os animais do Parque Jurássico são fêmeas — Wu revelou, com um sorriso satisfeito.
— Eu gostaria de obter alguns esclarecimentos a esse respeito — Malcolm pediu. — Ao que parece, a irradiação é um método falho. A dose pode estar errada, ou dirigida à área anatômica incorreta do animal...
— Tem razão — Wu concordou. — Mas temos certeza de que destruímos os tecidos das gônadas.
— E quanto ao fato de só haver fêmeas — Malcolm prosseguiu — como sabem? Alguém levanta a saia do dinossauro para dar uma olhada? Quero dizer, como se determina o sexo de um dinossauro, afinal?
— Os órgãos sexuais variam conforme a espécie. Em alguns casos é fácil de determinar, em outros nem tanto. Mas, respondendo à sua pergunta, o motivo para termos certeza de que são todos fêmeas está no fato de que os fazemos assim. Controlamos seus cromossomos, e controlamos o ambiente de desenvolvimento dentro do ovo. Do ponto de vista da engenharia genética, as fêmeas são mais fáceis de produzir.

Provavelmente sabem que todos os embriões de vertebrados são fêmeas
potenciais. Começamos nossa vida como fêmeas. E preciso algum tipo de efeito suplementar, como um hormônio no momento adequado do desenvolvimento, para transformar o embrião em macho. Mas, deixado em paz, o embrião se torna uma fêmea, naturalmente. Assim, todos os animais são fêmeas. Temos tendência de falar de alguns como se fossem machos, como no caso do Tyrannosaurus rex, é sempre "ele", mas na verdade só há fêmeas. E, acreditem, não podem se reproduzir. O pequeno velociraptor olhou para Tim, esfregando a cabeça no pescoço do menino. Tiu riu.
— Ela quer comida — Wu explicou.
— O que ela come?
— Ratos. Mas acabou de ser alimentada, e não lhe daremos mais nada por enquanto.
O pequeno raptor reclinou a cabeça, olhou para Tim e balançou os bracinhos no ar. Tim notou as pequenas garras nos três dedos de cada mão. Depois o raptor escondeu a cabeça em seu pescoço novamente.
Grant aproximou-se, e olhou crítico para a criatura. Tocou o minúsculo membro terminado na pequena mão com três garras. — Importa-se? — perguntou, e Tim entregou-lhe o raptor. Grant revirou o animal, inspecionando-o, enquanto o pequeno lagarto agitava-se e guinchava. Depois ergueu-o no alto, para estudar seu perfil.
— Ela não gosta disso — Regis avisou. — Não gosta de ficar longe do contato com o corpo...
O raptor continuava a guinchar, mas Grant não deu importância. Agora apertava a cauda, sentindo os ossos. Regis insistiu: — Doutor Grant, por favor.
— Eu não a estou machucando.
— Doutor Grant. Estas criaturas não pertencem ao nosso mundo. São originárias de uma época onde não havia seres humanos para apertá-las e examiná-las.

— Eu não estou apertando...
— Doutor Grant. Coloque-a no chão imediatamente! — Ed Regis gritou.
— Mas...
— Agora! — Ed Regis estava furioso.
Grant entregou o animal a Tim. O raptor parou de guinchar. Tim sentia seu pequeno coração batendo acelerado contra seu peito. — Sinto muito, doutor Grant, mas estes animais são delicados na infância — Ed Regis disse. — Perdemos vários deles por causa da síndrome do stress pós-parto, que tem uma possível mediação adreno- cortical. Por vezes morrem em cinco minutos. Tim tranqüilizou o bichinho. — Está tudo bem agora — disse. — Tudo bem. — O coraçãozinho ainda batia forte.
— Consideramos muito importante que os animais sejam tratados da maneira mais humana possível — Regis continuou. — Prometo que terá todas as chances de examiná-los depois. Mas Grant não conseguia se afastar. Aproximou-se do animal que estava nos braços de Tim, olhando curioso. O pequeno velociraptor abriu a boca e silvou para Grant, enfurecido. — Fascinante — Grant comentou.
— Posso ficar brincando com ela? — Tim perguntou. — Agora não — Ed Regis respondeu, olhando para o relógio. — São três horas, um bom momento para um passeio pelo parque propriamente dito, onde podem ver os dinossauros no ambiente que planejamos para eles.
Tim largou o velociraptor, que correu para o canto da sala, agarrou um trapo, colocou-o na boca e puxou a ponta com as garrinhas.

CONTROLE

— Mais uma pergunta, doutor Wu — Malcolm falou, enquanto voltavam à sala de controle. — Quantas espécies diferentes geraram até agora?
— Não estou bem certo — Wu disse. — Creio que o número, até o momento, é de quinze espécies. Certo, Ed? — Sim, quinze — Regis confirmou.
— Não está bem certo? — Malcolm retrucou, exagerando sua surpresa.
Wu sorriu.
— Paramos de contar quando chegamos a uma dúzia. Precisa compreender que às vezes pensamos ter feito o animal corretamente... do ponto de vista do DNA, nosso trabalho básico... e depois de seis meses de crescimento o inesperado acontece. E percebemos que há algum erro. Um gene não funciona. Um hormônio deixa de ser liberado. Ou ocorre outro problema na seqüência de desenvolvimento. Nesse caso, voltamos à prancheta, por assim dizer. — Ele tornou a sorrir. — A certa altura, pensamos ter mais de vinte espécies. Mas agora há só quinze.
— E entre as quinze espécies encontra-se o... — Malcolm virou- se para Grant. — Como é mesmo o nome?
— Procompsognathus.
— Desenvolveram algum procompsognato? — Malcolm perguntou.
—

Sim
—
Wu
respondeu

imediatamente.
—
Os
procompsognatos são animais muito necessários. E produzimos um número bem grande deles.
— Por que motivo?
— Bem, pretendemos que o Parque Jurássico seja um ambiente

o mais real possível, bem autêntico. E os procompsognatos são os
abutres do período Jurássico. Ou, melhor dizendo, os chacais. Queríamos tê-los por aí, para fazer a limpeza. — Quer dizer cuidar das carcaças dos animais mortos? — Sim, se aparecer alguma. Mas com apenas duzentos e trinta e poucos animais, não há muitas carcaças. Não era este o objetivo principal. Na verdade, precisávamos dos procompsognatos para cuidar de outra espécie de restos.
— Quais restos?
— Bem — Wu disse —, temos alguns dos maiores herbívoros aqui na ilha. Tentamos especificamente evitar os saurópodes mais avanta-jados, e mesmo assim produzimos animais com mais de trinta toneladas, além de vários outros na faixa entre cinco e dez toneladas. Isso cria dois problemas. Alimentá-los não é fácil, e precisamos importar comida do continente, a cada duas semanas. Uma ilha deste porte não consegue sustentar animais assim por muito tempo. Mas o outro problema está nos dejetos. Não sei se já viu fezes de elefante, mas são bem grandes. Cada uma tem o tamanho aproximado de uma bola de futebol. Imagine as fezes de um brontossauro, dez vezes maior. Agora imagine as fezes de um bando desses animais, como o existente aqui. Os maiores não digerem muito bem sua comida, de modo que as excreções são freqüentes. E nos sessenta milhões de anos transcorridos desde o desaparecimento dos dinossauros, a bactéria especializada em decompor suas fezes desapareceu também. Pelo que sabemos, as fezes dos saurópodes não se decompõem facilmente.
— Isso é mesmo um problema — Malcolm reconheceu. — Garanto que sim — Wu concordou, sério.
— Passamos por muitos apertos, tentando solucionar isso. Provavelmente sabe que na África existe um inseto específico, a mosca do estéreo, que se alimenta dos dejetos do elefante. Muitas outras espécies de porte contam com criaturas associadas, que se desenvolveram para comer seu excremento. Bem, descobrimos que os procompsognatos comem as fezes dos herbívoros maiores, e redigerem o material. E os dejetos deles

são prontamente decompostos por bactérias contemporâneas. Assim,
com um número razoável de procompsognatos, resolvemos o problema. — Quantos produziram?
— Eu me esqueci do número exato, mas creio que o objetivo era uma população de cinqüenta animais. E chegamos a tanto, ou muito perto. Em três séries. Fizemos uma série a cada seis meses, até atingir o número ideal.
— Cinqüenta animais — Malcolm disse. — Difícil manter um controle rigoroso.
— A sala de controle foi planejada para fazer exatamente isso. Logo mostraremos como funciona.
— Claro — Malcolm disse. — Mas se um dos procompsognatos conseguisse fugir da ilha, escapar...
— Eles não têm como escapar.
— Sei, mas supondo que isso acontecesse... — Refere-se ao animal encontrado na praia? — Wu indagou, erguendo as sobrancelhas. — Aquele que mordeu a menina norte- americana?
— Sim, por exemplo.
— Não sei qual pode ser a explicação para o aparecimento daquele animal — Wu disse. — Mas não há a menor chance de se tratar de um dos nossos, por duas razões. Primeiro, os procedimentos de controle. Os animais são contados pelo computador a cada poucos minutos. Se um desaparecesse, saberíamos na hora. — E a segunda razão?

— O continente fica a mais de cento e cinqüenta quilômetros. Um barco demora quase um dia inteiro para chegar lá. E, sem cuidados, nossos animais morreriam em doze horas. — Como sabe?
— Porque tomei providências específicas para que isso ocorresse — Wu afirmou, mostrando finalmente sinais de irritação. — Entenda uma coisa, não somos irresponsáveis. Sabemos muito bem que lidamos com animais pré-históricos. Eles fazem parte de um sistema ecológico

há muito desaparecido, uma complexa teia de seres vivos que se
extinguiu há milhões de anos. Talvez não tenham predadores no mundo contemporâneo, nenhum freio para sua disseminação. Não queremos que sobrevivam na natureza. Por isso, tornei-os dependentes da Usina. Inseri um gene nos dinossauros, criando uma enzima defeituosa no metabolismo das proteínas. Como resultado, os animais não conseguem processar um aminoácido, a Usina. Eles precisam de um suprimento externo. A não ser que tenham uma fonte de lisina externa, fornecida por nós em forma de tabletes, entram em coma e morrem em doze horas. Estes animais foram geneticamente preparados para morrer no mundo exterior. Só conseguem viver aqui, no Parque Jurássico. Não são livres, de modo algum. Não passam de prisioneiros. — Eis aqui a sala de controle — Ed Regis disse. — Agora que já sabem como os animais são criados, vou mostrar a sala de controle do parque propriamente dito, antes de sair... — Ele estacou de repente. Do outro lado da janela de vidro, a sala estava escura. Os monitores encontravam-se desligados, a não ser por três deles, que exibiam números e a imagem de um barco grande. — O que está acontecendo? Ah, claro, estão atracando.
— Atracando?
— A cada duas semanas um barco de suprimentos vem do continente para cá. Uma das coisas que esta ilha não possui é um bom porto, ou uma doca adequada. Dá um pouco de trabalho para encostar o barco, quando o mar está bravo. Demora alguns minutos. — Ele bateu na janela, mas os homens lá dentro não lhe deram a menor atenção. — Creio que precisaremos esperar. — Mencionou que às vezes gera um animal e ele parece estar bem, mas quando cresce, apresenta falhas... — Ellie disse ao dr. Wu.
— Sim — Wu confirmou. — Acho que não dá para evitar isso. Podemos duplicar o DNA, mas há muitos fatores envolvidos, e não temos certeza de que tudo vai funcionar, a não ser quando acompanhamos o desenvolvimento do animal e percebemos que não há problemas.

— Como sabe se o desenvolvimento é correto? — Grant
questionou. — Ninguém viu esses animais antes. Wu sorriu.
— Pensamos nisso muitas vezes. Suponho que haja um paradoxo. Creio que os paleontólogos como o senhor acabarão comparando nossos animais com os dados obtidos nos fósseis e checarão seu desenvolvimento.
— Mas o animal que acabamos de ver, o velociraptor... disse que era um mongoliensis? — perguntou Ellie. — Por causa da origem do âmbar — explicou Wu. — Veio da China.
— Interessante — Grant comentou. — Eu estava escavando um filhote de antirrhopus. Tem raptores adultos aqui? — Tem sim — Ed Regis disse sem hesitar. — Oito fêmeas adultas. As fêmeas cuidam da caça. Caçam em grupos, sabiam? — Poderemos vê-las no passeio?
— Não. — Wu pareceu repentinamente agitado. Depois de uma pausa estranha, trocou olhares com Regis. — Não por enquanto — Regis tentou disfarçar. — Os velociraptores ainda não foram integrados ao parque. Nós os mantemos no cercado de isolamento.
— Posso ir até lá para vê-los? — Grant insistiu. — Bem, acho que sim. Na verdade, enquanto aguardamos, poderia dar um pulo lá.
— Eu adoraria — Grant disse.
— Claro — Ellie concordou.
— Também quero ir — Tim pediu.

— Contornem este prédio por fora, sigam até o fundo, passem pela área de apoio e logo verão o cercado. Mas não se aproximem da cerca. Quer ir também? — Ed perguntou à menina. — Não — Alexis respondeu. Ela olhou para Regis, analisando-o. — Quer jogar um pouco? Dar umas tacadas? — Mas é claro — Ed Regis concordou. — Por que não descemos

para brincar, enquanto esperamos a liberação da sala de controle?

Grant, Ellie e Malcolm contornaram o prédio principal e seguiram para os fundos, acompanhados do menino. Grant gostava de crianças: seria impossível não gostar de um grupo tão entusiasmado pelos dinossauros. Costumava observar a garotada nos museus, de queixo caído na frente dos imensos esqueletos, que se erguiam acima deles. Ele gostaria de saber o que tal fascinação realmente significava. Finalmente concluíra que as crianças apreciavam os dinossauros porque as gigantescas criaturas personificavam as forças incontroláveis da autoridade. Eram pais simbólicos. Fascinantes e assustadores, como os pais. E as crianças os adoravam, como amavam seus pais. Grant suspeitava ser esta a razão para as crianças aprenderem os nomes dos dinossauros. Jamais deixava de ficar assombrado quando uma menininha de três anos gritava:
— Estegossauro!
Dizer seus nomes complicados era uma maneira de exercer algum poder sobre os gigantes, de controlá-los. — O que sabe sobre o velociraptor? — perguntou a Tim. Só queria puxar conversa.
— Sei que é um carnívoro pequeno, que caça em grupos, como o Deinonychus — respondeu o menino.
— Está correto — Grant aplaudiu. — Embora atualmente o Deinonychus seja considerado atualmente um dos velociraptores. E as evidências de caça em grupo são todas circunstanciais. A hipótese deriva em parte da aparência dos animais, que são rápidos e fortes, embora pequenos para dinossauros, apenas cerca de oitenta a cento e cinqüenta quilos de peso. Presumimos que caçam em grupo para conseguir abater presas maiores. E há fósseis encontrados onde um animal grande se encontra rodeado de vários esqueletos de raptores, sugerindo que caçavam em grupo. E, claro, os raptores têm um cérebro avantajado, devem ser mais inteligentes do que a maioria dos dinossauros.

— Eles eram muito inteligentes?
— Depende do que quer dizer — Grant falou. — Quando os paleontólogos começaram a pensar na possibilidade dos dinossauros de sangue quente, surgiu a idéia de que podem ter sido muito inteligentes. Ninguém sabe, na verdade.
Deixando a área dos visitantes, logo ouviram o zumbido dos geradores, e sentiram um odor de gasolina muito fraco. Passaram por um bosque de palmeiras e viram um abrigo de concreto baixo, com teto de metal. O barulho parecia vir lá de dentro. — Deve ser um gerador — Ellie opinou.
— E dos grandes — Grant observou, olhando para dentro. O complexo gerador de energia ocupava dois andares, abaixo do nível do solo. Era composto de uma série de turbinas e dutos que sumiam terra adentro, iluminados por lâmpadas fracas. — Eles não podem precisar de tanta energia apenas para um empreendimento turístico — Malcolm comentou. — Estão gerando força suficiente para uma pequena cidade.
— Talvez para os computadores.
— Talvez.
Grant escutou um balido, e andou alguns metros para o norte. Chegou a um cercado para animais, cheio de cabras. Contando por alto, calculou o total em cinqüenta ou sessenta. — Para que servem? — Ellie perguntou.
— Sei lá.
— Provavelmente servem de comida para os dinossauros — Malcolm arriscou.

O grupo seguiu em frente, pela trilha que cortava um bambuzal denso. No outro lado havia uma cerca dupla, de alambrado, com quatro metros de altura e arame farpado em espiral no alto. A cerca externa zumbia.
Atrás da cerca Grant viu moitas densas de samambaias, com quase dois metros de altura. Ouviu um som, como uma fungada, e depois uma espécie de farfalhar. Em seguida escutou passos, que se

aproximavam.
Depois apenas um longo silêncio.
— Não vejo nada — Tim murmurou.
— Pssst!
Grant esperou. Passaram-se muitos segundos. As moscas circulavam no ar. Não viam nada.
De repente Ellie bateu em seu ombro e apontou. Entre as samambaias, Grant identificou a cabeça de um animal. Imóvel, escondida entre as folhas, observava-os com um par de olhos frios.
A cabeça tinha sessenta centímetros de comprimento. Do focinho pontudo saía uma fileira de dentes, que ia até o orifício auricular que servia de ouvido. A cabeça parecia pertencer a um grande lagarto, ou talvez a um crocodilo. Os olhos não piscavam, e o animal não se mexia. A pele era uma espécie de couro, com textura rugosa, mantendo no geral a mesma coloração da pele do filhote: marrom-amarelada, com listras avermelhadas, no formato aproximado das listras de um tigre.
Enquanto Grant observava, um braço estendeu-se lentamente, para afastar uma folha que impedia a visão do animal. O braço, como Grant notou, era musculoso. A pata tinha três dedos recurvados, cada um deles terminando em uma garra. E suavemente afastou a samambaia.
Grant sentiu um arrepio e pensou: Está me caçando. Para um mamífero como o ser humano, havia algo de indescritivelmente estranho no modo como os répteis caçavam suas vítimas. Não espantava que os homens odiassem os répteis. A frieza, a imobilidade, o ritmo estava todo errado. Achar-se entre jacarés ou outros tipos de répteis significava recordar de um outro tipo de vida, de um mundo diferente, agora varrido da face da Terra. Claro, o animal não se dava conta de que fora visto...
O ataque veio súbito, da esquerda e da direita. Os raptores avançaram cobrindo os dez metros até a cerca com uma rapidez

chocante. Grant teve a visão confusa de corpos fortes, com quase um
metro e oitenta de altura, caudas balançando, braços com garras curvas, bocas abertas com fileiras de dentes afiados. Os animais sibilavam conforme avançavam, e pularam ágeis no ar, erguendo as pernas traseiras com suas garras imensas, como adagas. Bateram na cerca à sua frente, provocando faíscas elétricas. Os velociraptores caíram no solo, guinchando. Os visitantes afastaram-se, fascinados. Foi então que o terceiro animal atacou, pulando e batendo na cerca, na altura do peito. Tim gritou de medo quando as faíscas pularam à sua volta. As criaturas sibilaram, fazendo o ruído típico dos répteis, e recuaram para trás das samambaias. Depois desapareceram, deixando no ar um leve odor de coisa podre, e um cheiro acre de fumaça.
— Puta merda! — Tim exclamou.
— Foi tão rápido — Ellie disse.
— Caçam em grupo — Grant reconheceu, balançando a cabeça. — Caçadores, para quem a emboscada é instintiva... Fascinante. — Eu diria que são tremendamente inteligentes — Malcolm comentou.
Do outro lado da cerca ouviram um ruído, entre as palmeiras. Vários animais os observavam novamente, esticando lentamente as cabeças para fora das folhagens. Grant contou três... quatro... cinco... Os animais os vigiavam. Friamente.
Um sujeito negro, de macacão, chegou correndo. — Estão bem?
— Estamos bem — Grant garantiu.

— Os alarmes dispararam. — O homem olhou para a cerca, retorcida e queimada. — Eles atacaram?
— Três deles.
O homem balançou a cabeça.
— Fazem isso todo o tempo. Batem na cerca, levam um choque. Parecem não se importar.
— Não são muito espertos, hein? — Malcolm comentou.

O sujeito fez uma pausa e fitou Malcolm sob o sol da tarde.
— Dê graças a Deus por esta cerca, senhor. — E foi embora. Do começo ao final, o ataque inteiro não devia ter demorado mais de seis segundos. Grant ainda tentava colocar em ordem seus pensamentos. A velocidade era estonteante — os animais eram tão rápidos, mal podia acompanhá-los em movimento. Malcolm também parecia impressionado:
— Eles são rápidos demais.
— Sim — Grant concordou. — Mais rápidos do que qualquer réptil vivo. Um jacaré pode se mover depressa, mas só em distâncias curtas, um ou dois metros. Os lagartos maiores, como o dragão Komodo, de um metro e meio, existente na Indonésia, atinge quarenta e cinco quilômetros por hora, o suficiente para alcançar um homem. E matam seres humanos com freqüência. Mas acredito que o animal atrás daquela cerca atingia o dobro desta velocidade, pelo menos. — A rapidez do leopardo — Malcolm sugeriu. — Noventa, cem quilômetros por hora.
— Exatamente.
— Mas eles pareciam avançar para a frente — Malcolm observou. — Como pássaros.
— Sim. — No mundo contemporâneo, apenas mamíferos muito pequenos, como o mangusto que atacava as cobras, possuíam reações tão rápidas. Pequenos mamíferos e pássaros, claro. O serpentário africano, ou o casuar. Na verdade, o velociraptor transmitira a mesma impressão de ameaça mortífera, instantânea, que Grant vira no casuar, uma espécie de avestruz com garras da Nova Guiné. — Os velociraptores têm aparência de répteis, tanto na pele quanto no formato, mas movem-se como pássaros, com a velocidade e inteligência de um pássaro predador. Estou correto na minha análise? — Malcolm perguntou.
— Sim — Grant confirmou. — Eu diria que eles exibem uma mescla das características de pássaros e répteis. — Isso o surpreende?

— Não muito — Grant disse. — Está bem próximo do que os
paleontólogos acreditam há muito tempo.
Quando os primeiros ossos gigantes foram encontrados, nas décadas de 1820 e 1830, os cientistas se sentiram na obrigação de explicá-los como pertencentes a variações enormes das espécies modernas. Isso ocorria porque não acreditavam que uma espécie pudesse se extinguir, Deus não deixaria que uma de suas criações morresse.
Com o tempo, verificou-se que este conceito de Deus estava errado, e que os ossos pertenciam a animais extintos. Mas a que tipo de animal?
Em 1842, Richard Owen, o mais brilhante anatomista inglês de sua época, chamou-os de Dinosauria, ou seja, "lagartos terríveis". Owen reconheceu que os dinossauros pareciam combinar traços de lagartos, crocodilos e aves. Em particular, os quadris dos dinossauros eram semelhantes aos das aves, e não aos dos lagartos. E, ao contrário dos lagartos, muitos dinossauros pareciam caminhar sobre as patas traseiras. Owen imaginou que os dinossauros eram ligeiros, ativos, e sua concepção foi aceita por mais de quarenta anos. Mas quando os espécimes realmente gigantescos foram desenterrados — animais que em vida pesavam mais de cem toneladas — os cientistas começaram a ver os dinossauros como seres estúpidos, lerdos, condenados à extinção. A imagem de um réptil desajeitado predominou gradualmente sobre a idéia de um pássaro ágil. Nos anos recentes, cientistas como Grant começaram a

recuperar o conceito de dinossauros mais ativos. Os colegas de Grant consideravam radicais suas opiniões sobre o comportamento dessas criaturas. Mas agora ele era forçado a admitir que suas concepções ficavam aquém da realidade, no caso daqueles caçadores incrivelmente rápidos. — Na verdade, eu queria saber o seguinte: o animal é convincente, para você? Trata-se mesmo de um dinossauro? — Malcolm perguntou.

— Eu diria que sim...
— E quanto ao ataque coordenado...
— Era de se esperar, também — Grant afirmou. De acordo com os dados fósseis, os velociraptores abatiam animais pesando mais de quinhentos quilos, como o Tenontosaurus, capaz de correr mais depressa que um cavalo. A coordenação seria imprescindível. — Como conseguem isso, sem a linguagem? — Ora, a linguagem não é necessária para a caçada coordenada — Ellie esclareceu. — Chipanzés fazem isso o tempo inteiro. Um grupo de chipanzés pode encurralar um macaco e matá-lo. Comunicam-se com os olhos.
— E os dinossauros estavam nos atacando de fato? — Estavam.
— E nos matariam para nos devorar? — Malcolm indagou. — Creio que sim.
— A razão da minha pergunta — Malcolm disse —, é que predadores de grande porte, como leões e tigres, não são por natureza caçadores de seres humanos. Não é verdade? Estes animais precisam aprender, em algum momento de suas vidas, que seres humanos são uma presa fácil. Só depois disso tornam-se caçadores de gente. — Sim, acredito que isso seja verdadeiro — Grant concordou. — Bem, estes dinossauros deveriam hesitar mais do que os leões e tigres. Afinal de contas, são de um tempo anterior à existência de seres humanos, ou de qualquer outro mamífero grande. Só Deus sabe o que viram em nós. Então pensei: será que aprenderam, em algum momento, a considerar os humanos uma presa fácil? O grupo continuou a caminhada em silêncio. — De qualquer modo — Malcolm encerrou —, agora estou extremamente interessado em ver a sala de controle.

VERSÃO 4.4

— Houve algum problema com o grupo? — Hammond perguntou.
— Não — Henry Wu respondeu. — Nenhum problema. — Aceitaram suas explicações?
— Por que não aceitariam? Tudo está indo bem, no geral. São os detalhes que nos perturbam. E gostaria de discutir alguns detalhes hoje. Pode pensar neles como uma questão de estética. John Hammond torceu o nariz.
— Estética? — repetiu.
Os dois estavam na sala de estar do elegante bangalô de Hammond, rodeado de palmeiras, no setor norte da ilha. Na sala arejada e confortável espalhavam-se meia dúzia de monitores de televisão, mostrando os animais no parque. Na pasta em cima da mesa de café, trazida por Wu, lia-se: "Desenvolvimento de Animais: Versão 4.4".
Hammond olhava para ele com seu jeito paciente, paternal. Wu, trinta e três anos, tinha plena consciência de que trabalhara para Hammond durante toda sua vida profissional. O velho o contratara na porta da universidade.
— Claro, há implicações práticas também — Wu completou. — Realmente acredito que deva estudar minhas recomendações para a fase dois. Precisamos partir para a versão 4.4. — Pretende substituir todos os animais atuais? — Sim, pretendo.
— Por quê? — Hammond questionou. — O que há de errado com eles?
— Nada — Wu assegurou. — Exceto que são dinossauros reais. — Mas era o que eu queria, Henry —

Hammond disse sorrindo.

— E foi isso que você conseguiu.
— Exato — Wu concordou. — Mas veja bem... — Fez uma pausa. Como explicar a Hammond? O velho quase nunca circulava pela ilha. A situação que Wu tentava discutir era um tanto peculiar. — Neste momento, enquanto conversamos, sentados aqui, praticamente ninguém no mundo viu um dinossauro de verdade. Ninguém sabe qual seu aspecto verdadeiro.
— Sim...
— Os dinossauros que temos agora são reais — Wu disse, apontando para as telas da sala. — Mas, em alguns aspectos, são insatisfatórios. Pouco convincentes. Podemos melhorá-los. — Melhorá-los como?
— Por exemplo, eles se movem muito depressa. As pessoas não estão acostumadas a ver animais grandes tão ágeis. Temo que os visitantes pensem que os dinossauros são muito acelerados, como um filme passado muito rápido.
— Mas Henry, estes dinossauros são reais. Você mesmo falou. — Eu sei — Wu assentiu. — Mas poderíamos facilmente produzir dinossauros mais lentos, domesticados. — Dinossauros domesticados? — Hammond fez uma careta de desdém. — Ninguém quer ver dinossauros domesticados, Henry. Querem bichos de verdade.
— Mas o problema é exatamente esse. Não creio nisso. Querem ver o que esperam, e só.
Hammond franziu o cenho.
— Você mesmo disse, John, o objetivo deste parque é o entretenimento. E divertir as pessoas não tem nada a ver com a realidade. O entretenimento se opõe à realidade. Hammond suspirou.
— Henry, será que vamos embarcar novamente numa discussão abstrata? Sabe que gosto de manter os pés no chão. Os dinossauros que temos são reais, e...
— Bem, não são exatamente reais — Wu cortou. Ele começou a

andar de um lado para outro na sala, apontando para os monitores. —
Acho que não devemos nos iludir. Não recriamos o passado aqui. O passado está morto. Jamais poderá ser recriado. O que fizemos foi reconstruir o passado, ou pelo menos uma versão do passado. E eu afirmo que podemos fazer uma versão melhor. — Melhor do que o real?
— Por que não? — Wu perguntou. — Afinal de contas, estes animais já foram modificados. Inserimos genes para poder patenteá-los, e os tornamos dependentes da lisina. E fizemos o possível para acelerar o crescimento, de modo que chegassem mais depressa à idade adulta. Hammond deu de ombros.
— Isso era inevitável. Não podíamos esperar mais. Precisávamos levar em consideração os investidores.
— Claro. Mas por que parar agora? Por que não seguir adiante e fazer exatamente o tipo de dinossauro que as pessoas desejam ver? Um tipo mais aceitável aos visitantes, e mais fácil de manejar. Uma versão mais lerda, mais dócil, para o nosso parque? Hammond fechou a cara.
— Mas os dinossauros não seriam reais. — Eles não são reais agora — Wu insistiu. — É o que tento lhe mostrar. Isso aqui não tem nada a ver com a realidade. — Ele suspirou, desanimado. Percebia que não conseguiria convencer Hammond, que jamais se interessara pelos detalhes técnicos. Como poderia explicar ao velho a realidade, as falhas no DNA, as partes perdidas na seqüência, que Wu fora obrigado a completar, adivinhando da melhor forma, mas ainda assim adivinhando? O DNA dos dinossauros eqüivalia a uma velha fotografia retocada, basicamente similar ao original, embora alterada em alguns pontos, tornada mais nítida, e como resultado... — Muito bem, Henry — Hammond disse, passando-lhe o braço em torno do ombro. — Espero que não se importe por eu falar isso, mas você está apavorado. Trabalhou duro, por um longo tempo, e conseguiu realizar uma

façanha. Uma façanha! E finalmente chegou a hora de revelar os resultados para as pessoas. É natural que se sinta um pouco

nervoso, que tenha algumas dúvidas. Mas eu estou convencido, Henry,
de que o mundo ficará plenamente satisfeito. Completamente satisfeito. Enquanto falava, Hammond o conduziu até a porta. — Mas John — Wu teimou —, lembra-se de 1987, quando começamos a criar os sistemas de proteção e confinamento? Não tínhamos nenhum animal completamente adulto na época, de modo que precisamos prever as necessidades futuras. Encomendamos equipamento de choque, carros com picadores de gado, armas que lançavam redes eletrificadas. Tudo construído sob encomenda, em conformidade com nossas especificações. Agora temos um monte de novos equipamentos, e todos eles são lentos demais! Precisamos realizar alguns ajustes. Sabe muito bem que Muldoon está pedindo equipamento militar: Mísseis LAW e armas com mira laser. — Deixe Muldoon fora disso — Hammond recomendou. — Não estou preocupado, não passa de um zoológico, Henry. O telefone tocou e Hammond recuou para atender. Wu tentou pensar numa outra maneira de expor suas preocupações. Mas na verdade, depois de cinco longos anos, o Parque Jurássico estava quase pronto, e John Hammond simplesmente não lhe dava mais atenção.
Em outros tempos, Hammond escutava o que Wu dizia com toda a atenção. Especialmente quando o contratara, na época em que Henry Wu não passava de um pós-graduando de vinte e oito anos, preparando sua tese de doutorado em Stanford, no laboratório de Norman Atherton. A morte de Atherton levara a consternação e a confusão ao laboratório. Ninguém sabia o que poderia acontecer com os recursos para as pesquisas em curso. Havia muita incerteza. Todos se preocupavam com suas carreiras.
Duas semanas depois do enterro, John Hammond visitara Wu. Todos no laboratório sabiam que Atherton tinha alguma espécie de sociedade com Hammond, mas os detalhes nunca ficaram muito claros. Hammond, porém, abordara Wu com uma franqueza que este jamais esqueceria.

— Norman sempre disse que você era o melhor cientista deste
laboratório. Quais são seus planos agora? — Não sei. Pesquisa.
— Pretende algum cargo na universidade? — Sim, acho que...
— Isso é bobagem — Hammond disse ríspido. — Caso você tenha respeito pelo seu talento.
Wu piscou.
— Como assim?
— Porque precisamos encarar os fatos. As universidades deixaram de ser o centro intelectual do país. Pensar isso é muita arrogância. As universidades ficaram para trás no tempo. Não banque o surpreso. Não estou dizendo nada que você já não saiba. Desde a Segunda Guerra Mundial, todas as descobertas importantes foram feitas em laboratórios particulares. O laser, o transistor, a vacina contra a pó-lio, o microchip, o holograma, o computador pessoal, a imagem por ressonância magnética, a lista é infinita. As coisas não estão mais acontecendo dentro da universidade. E já faz quarenta anos. Se quer realizar algo de importante em computação ou genética, não vai se enterrar na universidade. Claro que não. Wu ficou sem fala.
— Meu Deus — Hammond continuou —, o que precisa fazer para iniciar um novo projeto? Quantos pedidos de bolsa, quantos formulários, quantas aprovações tem de obter? E o comitê diretor? E o chefe do departamento? O comitê de verbas universitárias? Como vai conseguir mais espaço para trabalhar, se precisar disso? Mais assistentes? Quanto tempo levaria para arranjar? Um sujeito brilhante não pode perder seu precioso tempo preenchendo formulários e bajulando comitês. A vida é curta, e o DNA muito comprido. Quer fazer nome, certo? Então fique longe da universidade. Naquela época, Wu queria desesperadamente projetar-se nos meios científicos. John Hammond contava com sua total

atenção. — Estou falando de trabalho de verdade — Hammond

prosseguiu. — Avanços reais. O que um cientista precisa para render bem? Precisa de tempo e dinheiro. Estou pretendendo contratá-lo para um empreendimento de cinco anos, com dez milhões de dólares de pagamento por ano. Cinqüenta milhões de dólares, sem ninguém para lhe dizer como deve gastá-los. Você decide. Pode tirar todos os outros do meio do seu caminho.
Parecia bom demais para ser verdade. Wu ficou em silêncio por um longo tempo. Depois perguntou:
— Em troca do quê?
— Em troca de tentar o impossível — Hammond disse. — Para tentar algo que provavelmente não pode ser feito. — O que exatamente?
Nilo posso dar detalhes, mas no geral a idéia é clonar répteis. — Não creio que seja impossível — Wu ponderou. — Os répteis são mais fáceis de clonar do que os mamíferos. A clonagem não demora mais do que dez, quinze anos. Desde que sejam superados alguns obstáculos.
— Tenho cinco anos — Hammond adiantou. — E muito dinheiro, pois há pessoas que querem tentar isso já. — Meu trabalho poderia ser publicado?
— No final.
— Imediatamente não?
— Não.
— Mas no final eu poderia publicá-lo? — Wu insistiu neste ponto. Hammond riu.
— Não se preocupe. Se der certo, o mundo inteiro ficará sabendo o que você fez, eu prometo.

E agora parecia que o mundo inteiro ia mesmo ficar sabendo, Wu pensou. Depois de cinco anos de esforço extraordinário, estavam a menos de um ano da abertura do parque para o público. Claro, as coisas não se passaram exatamente como Hammond prometera, durante aqueles anos todos. Havia gente dizendo a Wu o que fazer, e

muitas vezes ele fora terrivelmente pressionado. E a própria natureza do trabalho mudara; não se tratava exatamente da clonagem de répteis, pois começaram a perceber que os dinossauros eram muito similares a pássaros. Era clonagem de aves, algo bem diferente. Muito mais difícil. E, nos últimos dois anos, Wu se transformara basicamente num administrador, supervisionando equipes de pesquisadores e bancos de seqüências de genes operados por computador. A administração não era bem o tipo de trabalho que lhe agradava. Não era isso o combinado. Mesmo assim, tivera êxito. Ele havia feito o que ninguém acreditava que fosse possível, pelo menos não em tão pouco tempo. E Henry Wu julgava que deveria ter alguns direitos, algum poder de decisão, em função de seu conhecimento e esforço. Ao invés disso, percebia que sua influência diminuía a cada dia. Os dinossauros existiam. Os procedimentos para gerá-los foram tão repetidos que quase se transformaram numa rotina. As tecnologias atingiram sua maturidade. E John Hammond não precisava mais de Henry Wu. — Assim está ótimo — Hammond disse ao telefone. Ele ficou ouvindo por algum tempo, depois sorriu para Wu. — Tudo bem. Claro. — Desligou e perguntou: — Onde estávamos mesmo, Henry? — Conversávamos sobre a fase dois.
— Claro. Mas já falamos nisso antes, Henry... — Eu sei, mas você não percebe...
— Espere um pouco, Henry. — Hammond começava a perder a paciência. — É claro que eu percebo. Vou ser sincero com você, Henry. Falando francamente, não vejo razão para melhorar a realidade. Cada uma das mudanças feitas no genoma nos foi imposta pelas leis ou pela necessidade. Podemos fazer novas mudanças no futuro. Mas não acredito que seja preciso melhorar a realidade só porque vai ficar mais fácil de lidar com ela. Temos dinossauros reais aqui, agora. E o que as pessoas querem ver. E é o que elas verão. Cumprimos com a nossa obrigação, Henry. Isso é honesto.

E, sorrindo, Hammond abriu a porta para que ele saísse.

CONTROLE

Grant olhou para os monitores de computador na sala de controle escura, sentindo uma certa irritação. Não gostava de computadores. Sabia que isso o tornava defasado, antiquado como pesquisador, mas não dava a mínima. Alguns dos rapazes que trabalhavam para ele tinham queda para os computadores, uma verdadeira intuição. Grant nunca sentira nada assim. Considerava os computadores máquinas hostis, enganosas. Mesmo a distinção fundamental entre sistema operacional e programa o deixava confuso e desanimado, literalmente perdido em uma terra estranha e incompreensível. Mas notou que Gennaro estava totalmente à vontade, e Malcolm em seu elemento, farejando como um cão de caça que achou a pista.

— Querem conhecer os mecanismos de controle? — John Arnold perguntou, girando sua cadeira na sala de controle. O engenheiro-chefe era um sujeito magro, tenso, fumante inveterado aos quarenta e cinco anos. Ele olhou para os outros de relance. — Temos mecanismos de controle inacreditáveis.

— Dê um exemplo — Gennaro pediu.

— Por exemplo, acompanhamento dos animais. — Arnold apertou uma tecla em seu console e um mapa vertical apareceu, num padrão de linhas azuis serrilhadas. — Este é o nosso jovem T-rex. O pequeno rex. Todos os movimentos feitos por ele no parque, nas últimas vinte e quatro horas. — Arnold apertou a tecla novamente. — Vinte e quatro horas anteriores. — E outra vez. — Vinte quatro horas anteriores.

As linhas do mapa se misturaram, como num rabisco infantil. Mas os rabiscos localizavam-se numa única área, perto da margem sudeste da lagoa.

— Com o passar do tempo, percebemos qual é seu território —

Arnold disse. — Ele é jovem, e fica próximo da água. E não se aproxima do rex adulto. Se colocarmos o mapa do rex adulto junto com o do jovem, veremos que seus caminhos nunca se cruzam. — Onde o rex adulto se encontra agora? — Gennaro perguntou. Arnold apertou outra tecla. O mapa anterior sumiu, e um código numérico brilhou nos campos a noroeste da lagoa. — Bem ali.

— E o pequeno rex?

— Ora, posso lhes mostrar onde se encontra cada um dos animais do parque — Arnold afirmou. O mapa começou a se iluminar como uma árvore de Natal, com dúzias de pontos luminosos, cada um identificado por um código numérico. — Eis aí a localização dos duzentos e trinta e oito animais, neste exato momento. — Com que precisão?

— Cerca de um metro e meio. — Arnold deu uma tragada. — Vamos dizer o seguinte: se sair de carro pelo parque, vai encontrar os animais ali, exatamente nos pontos indicados no mapa. — Com que freqüência isso é atualizado? — A cada trinta segundos.

— Impressionante — Gennaro comentou. — Como conseguem? — Temos sensores de movimento por todo o parque — Arnold explicou. — Em geral ligados por meio de cabos, alguns por rádio. Claro, os sensores de movimento não indicam a espécie, mas podemos obter o reconhecimento da imagem através do vídeo, diretamente. Mesmo quando não acompanhamos os monitores de vídeo, o computador faz isso. E checa onde cada um dos animais se encontra. — O computador comete enganos?

— Só com os filhotes. Costuma confundi-los às vezes, porque geram imagens muito pequenas. Mas não se preocupem com isso. Os filhotes normalmente ficam perto dos bandos de adultos. E temos a contagem por categoria.

— Como funciona?

— A cada quinze minutos o computador conta todos os animais de todas as categorias — Arnold disse. — Assim, olhem:

Total de animais
238

Espécies	**Esperado**	**Encontrado**	**Ver**
Tiranossauros	2	2	4.1
Maiassauros	21	21	3.3
Estegossauros	4	4	3.9
Triceratops	8	8	3.1
Procompsognathids	49	49	3.9
Othnielia	16	16	3.1
Velocíraptores	8	8	3.0
Apatossauros	17	17	3.1
Hadrossauros	11	11	

3.1
Dilofossauros
7
7
4.3
Pterossauros
6
6
4.3
Hypsilophodontids
33
33
2.9
Euoplocephalids
16
16
4.0
Estiracossauros
18
18
3.9
Microceratops
22
22
4.1
Total
238
238

— O que vocês estão vendo aqui — Arnold explicou —, representa um procedimento de contagem inteiramente separado. Ele não se baseia nos dados do acompanhamento. Trata-se de outra abordagem. A idéia geral é que o computador não pode cometer enganos, porque compara modos diferentes de reunir dados. Se faltasse um animal, saberíamos disso em cinco minutos. — Compreendo — Malcolm disse. — Isso já foi testado? — Bem, de certo modo — Arnold respondeu. — Alguns animais morreram. Um othnielian ficou preso nos galhos de uma árvore e acabou estrangulado. Um dos estregos morreu por causa de uma doença intestinal que ataca a espécie. Um hypsilophodonte caiu e quebrou o pescoço. Em cada um dos casos, assim que o animal parou de se mover o acompanhamento acusou isso, e o computador deu o alarme.
— Em cinco minutos.
— Isso.
— O que significa a coluna da direita? — Grant perguntou. — Representa a versão do animal. A mais recente é a 4.1 ou 4.3.

Estamos pensando em partir para a versão 4.4.
— Novas versões? Como se fosse um software? Atualizações? — Sim, isso mesmo — Arnold confirmou. — Pode-se dizer que lidamos com um software, de certo modo. Assim que descobrimos os

problemas no DNA, o laboratório do doutor Wu prepara uma nova versão.
A idéia de criaturas vivas sendo numeradas como programas de computador, sujeitas a revisões e atualizações, incomodava Grant. Ele não sabia exatamente o motivo, era algo inteiramente novo, mas instintivamente ficou contra a idéia. Falavam, afinal, de seres vivos... Arnold deve ter notado sua expressão, porque disse: — Bem, doutor Grant, não há motivo para pudores em relação a estes animais. Todos precisam se lembrar de que eles foram criados. Produzidos pelo homem. Por vezes surgem os "bugs". Sendo assim, quando descobrimos os bugs, o laboratório do doutor Wu faz uma nova versão. E precisamos manter o controle de qual versão passeia lá fora. — Claro, precisam mesmo — Malcolm afirmou impaciente. — Mas, voltando ao problema da contagem, calculo que todo o controle seja feito com base nos sensores de movimento, certo? — Sim.
— E os sensores encontram-se espalhados por todo o parque? — Eles cobrem noventa e dois por cento da área terrestre — Arnold informou. — Há alguns pontos, poucos, onde não podemos utilizá-los. Por exemplo, não podemos usá-los no rio, porque o movimento da água e a evaporação confundem os sensores. E se o computador acompanha o animal até uma zona sem sensores, guarda a informação e espera que o animal apareça novamente. E se não sair, emite um aviso.
— Então — Malcolm disse — você me mostrou quarenta e nove procompsognatos. Suponha que alguns deles não pertençam à espécie correta. Como vou saber se estou errado? — Posso mostrar isso de duas maneiras — Arnold disse. — Primeiro, acompanhar os movimentos de cada animal, comparado ao

dos outros procompsognatos. Como eles são animais sociais, movem-se
em bandos. Temos dois bandos dessa espécie no parque. Sendo assim, os indivíduos devem estar no grupo A ou no grupo B. — Sim, mas...
— O outro modo é visual, direto. — Ele apertou algumas teclas, e um dos monitores começou a piscar rapidamente, mostrando imagens de procompsognatos, numeradas de um a quarenta e nove. — Essas imagens são...
— Imagens reais, produzidas nos últimos cinco minutos. — Posso ver todos os animais, se eu quiser?
— Sim, podemos fazer a revisão visual de todos os animais, a qualquer momento. Basta querer.
— E quanto ao zoneamento? — Gennaro perguntou. — Eles podem fugir de suas áreas?
— Impossível — Arnold assegurou. — Estes animais custaram muito caro, senhor Gennaro. Cuidamos bem deles. Mantemos barreiras múltiplas. Primeiro, os fossos. — Apertando um botão, acendeu-se uma rede de barras cor de laranja. — Os fossos têm largura sempre superior a quatro metros, e estão cheios de água. Para os animais maiores, os fossos chegam a dez metros de extensão. Em seguida, há cercas eletrificadas. — Linhas vermelhas encheram o mapa na parede. — Estendemos setenta e cinco quilômetros de cercas com quatro metros, inclusive trinta e três quilômetros de cercas no perímetro da ilha. Todas as cercas do parque produzem um choque de dez mil volts. Os animais aprendem rapidamente a não chegar perto. — Mas e se um deles escapar? — Gennaro disse. Arnold riu irônico, apagando o cigarro.
— Hipoteticamente falando, apenas — Gennaro emendou. — Vamos supor que aconteça.
Muldoon pigarreou.
— Saímos e trazemos o animal de volta. Temos várias maneiras de providenciar a recaptura: cargas de choque, redes eletrificadas, tranqüilizantes. Todos não-letais, porque, como o senhor Arnold disse,

os animais são caros.
Gennaro balançou a cabeça.
— E se um deles fugir da ilha?
— Morreria em menos de vinte e quatro horas — Arnold foi categórico. — Estes animais foram

geneticamente produzidos. Seriam incapazes de sobreviver no mundo real.
— E quanto ao sistema de controle em si — Gennaro prosseguiu. — Alguém poderia manipulá-lo? Arnold abanou a cabeça, negativamente.
— O sistema não pode ser alterado. O computador é independente, em todos os sentidos. Força independente, e capacidade de backup independente. O sistema não se comunica com o mundo exterior, não pode ser alterado a partir de outro ponto, por modem. O sistema de computadores é seguro. Houve uma pausa. Arnold acendeu outro cigarro.
— Um sistema perfeito. Mais que perfeito. — Então — Malcolm disse — vocês não têm nenhum problema, com um sistema que funciona tão bem.
— Temos inúmeros problemas — Arnold contrapôs, erguendo a sobrancelha. — Mas não têm nada a ver com as coisas que os preocupam. Pelo que percebi, temem que os animais fujam, cheguem ao continente e causem a maior confusão. Não nos preocupamos com isso. Consideramos os animais seres frágeis e delicados. Foram trazidos de volta ao mundo, depois de sessenta e cinco milhões de anos, e as coisas são muito diferentes, se comparadas ao ambiente ao qual estavam adaptados. Temos muitas dificuldades para cuidar deles. — Que problemas? — incentivou Gennaro.
— Devem entender que o homem mantém mamíferos e répteis em zoológicos há centenas de anos. Temos uma grande experiência no trato de um elefante ou crocodilo, por exemplo. Mas ninguém tentou cuidar de um dinossauro antes. Trata-se de um novo animal. E muitas vezes não sabemos o que fazer. As doenças que atacam os animais constituem nossa maior preocupação.

— Doenças? — Gennaro parecia alarmado. — Existe perigo de
contaminação dos visitantes?
Arnold riu irônico novamente.
— Já pegou resfriado de um jacaré no zoológico, senhor Gennaro? Os zôos não se preocupam com isso. Nem nós. O que nos assusta é a possibilidade de que os próprios animais morram de alguma doença, ou que contaminem outros animais. Temos programas para monitorar isso, também. Quer ver a ficha do rex? Seu registro de vacinação? Sua ficha dentária? Nem imagina o que é. Os veterinários escovam aquelas presas enormes, para que ele não tenha problemas de dentição...
— Agora não — Gennaro disse. — E quanto aos sistemas mecânicos?
— Refere-se aos passeios? — Arnold indagou. Grant olhou para cima, severo: passeios?
— Os passeios ainda não foram implantados — Arnold continuou. — Temos o Passeio no Rio, onde os barcos seguem por trilhos subaquáticos, e o Passeio do Aviário, mas nenhum deles atingiu o estágio operacional ainda. O parque abrirá com o passeio básico, dos dinossauros, este que farão dentro de alguns minutos. Os outros serão implantados em seguida, em seis meses e um ano. — Espere um minuto — Grant pediu. — Vai haver passeios? Como na Disneylândia?
— Isso é um zoológico — Arnold afirmou. — Temos passeios por diversas áreas, nada mais natural.
Grant franziu o cenho. Não gostava da idéia de dinossauros servindo de atração, como num parque de diversões. Malcolm continuou seu interrogatório.
— Pode controlar o parque inteiro desta sala? — Sim — Arnold respondeu. — Posso controlar tudo com uma das mãos. O índice de automatização é assombroso. O computador pode, por sua conta, localizar os animais, alimentá-los e fornecer água, por quarenta e oito horas, sem supervisão.

— Este sistema foi concebido pelo senhor Nedry? — Malcolm
quis saber. Dennis Nedry estava sentado em um terminal, no canto da sala, comendo um doce enquanto teclava comandos. — Sim, isso mesmo — ele confirmou, sem tirar os olhos do teclado.
— É um sistema perfeito — Arnold declarou orgulhoso. — Isso mesmo — Nedry repetiu distraidamente. — Só temos de tirar uns bugs.

— Bem — Arnold disse —, está na hora do passeio. Se não têm mais nenhuma pergunta...
— Só mais uma — Malcolm falou. — Uma questão acadêmica. Mostrou a nós que pode localizar os procompsognatos, e visualizar cada um deles na tela. Mas pode estudá-los como grupo? Medi-los, ou algo assim? Se eu quisesse saber a altura, ou o peso... Arnold teclou alguns comandos. Surgiu um novo gráfico na tela: — Podemos fazer tudo isso, e bem depressa — Arnold disse. — O computador faz a medição da altura quando lê as telas de vídeo, de modo que podemos gerar o gráfico imediatamente. Pode ver que temos uma distribuição normal dos animais, de acordo com Poisson. Mostra que a maioria se encontra perto do valor médio central, e alguns poucos são maiores ou menores do que a média, nas extremidades da curva.

— Esse tipo de gráfico seria o esperado — Malcolm disse.
— Sim. Qualquer população biológica saudável se distribui desta forma. Bem, agora, se não se importam... — Arnold acendeu outro cigarro. — Mais alguma pergunta?
— Não — Malcolm disse. — Já sei o que queria saber. Quando saíam, Gennaro comentou:
— Em minha opinião, o sistema parece ser muito bom. Não vejo como os animais poderiam fugir da ilha. — Não? — Malcolm perguntou. — Pensei que fosse algo totalmente óbvio.
— Espere um pouco — Gennaro disse. — Acha que os animais estilo escapando?
— Sei que estão.
— Mas como? Você mesmo viu. Podem contar todos os animais. Conseguem imagens de todos eles. Sabem onde cada um se encontra, u cada minuto. Como poderiam fugir?
Malcolm sorriu.
— Isso é óbvio. Depende apenas de seus pressupostos. — Pressupostos? — Gennaro repetiu, franzindo a testa. — Sim — Malcolm disse. — Preste atenção. O evento básico ocorrido no Parque Jurássico foi uma tentativa, por parte dos cientistas e técnicos, de criar um mundo biológico novo, completo. E os cientistas na sala de controle esperam ver um mundo natural. Como no caso do gráfico que acabaram de mostrar. Se raciocinarmos por um instante, veremos que aquela curva normal, bem feita, é motivo de sérias preocupações, aqui nesta ilha.
— É mesmo?
— Sim. Levando em conta o que o doutor Wu informou antes, jamais deveríamos ter um gráfico da população daquele tipo. — Por que não? — Gennaro perguntou.
— Porque se trata de um gráfico de uma população biológica normal. E o Parque Jurássico é exatamente o oposto disso. O Parque Jurássico não é o mundo real. Foi planejado para ser um mundo

controlado, que apenas imita o real. Nesse sentido, é mesmo um
parque, como um jardim japonês. A natureza manipulada para ser mais natural do que na realidade, por assim dizer. — Penso que me perdi com essa explicação — Gennaro admitiu. — Tenho certeza de que o passeio vai esclarecer tudo — Malcolm concluiu.

O PASSEIO

— Por aqui. Venham todos por aqui — Ed Regis comandou. A seu lado, uma moça entregava capacetes de segurança com o nome Parque Jurássico estampado ao lado de um pequeno dinossauro azul. Uma fila de Land Cruisers da Toyota saiu de uma garagem subterrânea, sob o centro de visitantes. Os carros avançaram, silenciosos, sem motorista. Dois rapazes negros, em roupa de safári, abriram as portas para os passageiros.
— Duas a quatro pessoas por carro, por favor, duas a quatro pessoas. — A mensagem era gravada. — As crianças devem estar acompanhadas por um adulto. Duas a quatro pessoas... Tim observou a entrada de Grant, Ellie e Malcolm no primeiro Land Cruiser, junto com Gennaro, o advogado. Depois olhou para Alexis, que batia com a mão fechada na luva de beisebol. O menino apontou para o primeiro carro e perguntou a Ed: — Posso ir com eles?
— Lamento, mas eles precisam discutir alguns detalhes técnicos — Ed Regis respondeu.
— Eu me interesso por detalhes técnicos — Tim afirmou. — Prefiro ir com eles.
— Não precisa, podemos ouvir a conversa — Regis explicou. — Temos um canal de rádio aberto entre os dois carros. O segundo carro estacionou. Tim e a irmã entraram, e Ed Regis acomodou-se junto com as crianças.
Temos carros elétricos, guiados por um cabo na estrada. Tim ficou contente por pegar o lugar na frente, pois no painel havia duas telas de computador e uma caixa parecida com um CD- ROM, um drive para disco laser operado por computador. Havia também um walkie-talkie portátil e uma espécie de transmissor de

rádio. Duas antenas projetavam-se no teto, e no porta-luvas encontrou
dois binóculos para observação noturna. Os rapazes negros fecharam as portas do Land Cruiser. O carro arrancou, com um zumbido elétrico. Um pouco à frente, os três cientistas e Gennaro conversavam e gesticulavam, visivelmente excitados.
— Vamos escutar o que estão dizendo — Regis sugeriu. O intercomunicador estalou.
— Eu não sei que diabo você pensa que está fazendo aqui — Gennaro dizia. Parecia muito irritado.
— Sei muito bem porque estou aqui — Malcolm retrucou. — Veio para me aconselhar, não para fazer

brincadeiras intelectuais. Tenho cinco por cento desta empresa, e a responsabilidade de assegurar que Hammond faça um trabalho seguro. Agora você chega, droga, e começa...
Ed Regis desligou o botão do intercomunicador e disse: — De acordo com a política antipoluição da companhia, estes Land Cruisers elétricos leves foram construídos especialmente para nós pela Toyota, em Osaka. Um dia esperamos poder circular entre os animais, como nas reservas africanas. Por enquanto, acomodem-se e aproveitem o passeio. — Ele fez uma pausa. — Como perceberam, podemos ouvir a conversa de vocês aqui. — Essa não — Gennaro reclamou. — Preciso falar à vontade. Não pedi para trazer as crianças.
Ed Regis sorriu complacente e apertou outro botão. — Vamos começar o espetáculo, está bem? Eles ouviram soar as trombetas, e as telas no interior dos veículos exibiram a mensagem "Bem-vindos ao Parque Jurássico". Uma voz de locutor disse:
— Bem-vindos ao Parque Jurássico. Vocês acabam de penetrar no mundo perdido do passado pré-histórico, um mundo de criaturas magníficas há muito desaparecidas da face da Terra. Desfrutarão do privilégio de vê-las pela primeira vez.

— Contratamos Richard Kiley como locutor — Ed Regis
explicou. — Não economizamos em nada.
O Land Cruiser atravessou um bosque de palmeiras baixas, atarracadas. Richard Kiley continuava:
— Notem, antes de mais nada, as plantas que os rodeiam. As árvores em ambos os lados da pista chamam-se cicas, predecessoras pré-históricas das palmeiras. As cicas constituem o alimento favorito dos dinossauros. Temos também Bennetitaleans e nogueiras do Japão. O mundo dos dinossauros inclui algumas plantas modernas, como pinheiros e abetos, além de ciprestes do pântano. Logo poderão vê-las. O Land Cruiser avançava lentamente entre as folhagens. Tim notou que as cercas e muros eram disfarçadas pela vegetação, para dar a impressão de que cruzavam uma selva real. — Imaginamos o mundo dos dinossauros — prosseguiu a voz de Richard Kiley — como um mundo de animais vegetarianos imensos, alimentando-se nas gigantescas florestas úmidas dos períodos Jurássico e Cretáceo, há cem milhões de anos. Mas muitos dinossauros não são tão grandes como as pessoas os imaginam. O menor dinossauro conhecido não é muito maior do que um gato doméstico, e o dinossauro médio tem o tamanho de um pônei. Vamos começar nossa excursão por esses animais de porte médio, chamados de hypsilophodontes. Se olharem à esquerda, poderão observá-los agora. Todos olharam para a esquerda.
O Land Cruiser parou numa elevação, onde uma falha na vegetação permitia uma vista da parte leste. A mata descia uma encosta, terminando numa área aberta, coberta por uma grama amarela com cerca de um metro de altura. Não havia dinossauros. — Onde estão eles? — Alexis perguntou. Tim olhou para o painel. O transmissor piscou, e o CD-ROM fez um ruído. Obviamente o disco era acessado por algum sistema automático. Ele adivinhou que os mesmos sensores de movimento que localizavam os animais também controlavam as telas do Land Cruiser. Elas agora exibiam imagens de hypsilophodontes, acompanhadas de

dados sobre esses animais.
A voz disse:
Os hypsilophodontes são as gazelas do mundo dos dinossauros: pequenos e ágeis, existiam em toda parte, da Inglaterra à Ásia Central e América do Norte. Acreditamos que estes dinossauros eram tão numerosos porque possuíam mandíbulas e dentes melhores para mascar as plantas do que outros do período. Na verdade, o nome hypsilophodontid significa "dente pontudo", referindo-se aos dentes típicos do animal, capazes de permanecer afiados. Podem encontrá-los na área aberta à frente, e talvez entre os ramos das árvores. — Nas árvores? — Alexis exclamou. — Dinossauros nas árvores? Tim

procurava-os com os binóculos. — Do lado direito — ele avisou. — Na metade daquele tronco verde grande...
Entre as sombras recortadas da árvore, um animal verde, imóvel, mais ou menos do tamanho de um babuíno, estava parado em cima de um galho. Parecia um lagarto, de pé sobre as patas traseiras. Equilibrava-se com a ajuda de um rabo comprido. — É um Othnielia — Tim afirmou.
— Estes pequenos animais receberam o nome de Othnielia — explicou a voz —, em homenagem ao estudioso de dinossauros do século XIX chamado Othniel Marsh, de Yale. Tim achou outros dois animais, em galhos mais altos da mesma árvore. Eram mais ou menos do mesmo tamanho. Nenhum deles se mexia.
— Que chato! — Alexis reclamou. — Eles não fazem nada. — - Os bandos mais numerosos encontram-se na parte plana, abaixo de vocês — disse a voz. — Podemos fazer com que se levantem com um simples chamado de acasalamento. — Um alto-falante próximo à cerca emitiu um longo silvo anasalado, como o grasnar de um ganso. No meio da grama, à esquerda deles, seis cabeças de lagarto ergueram-se, uma depois da outra. O efeito era cômico, e Tim riu. As cabeças desapareceram. O alto-falante lançou o grito

novamente, e outra vez as cabeças surgiram — exatamente da mesma
maneira, uma depois da outra. A repetição exata do comportamento chamou a atenção das pessoas.
— Os hypsilophodontes não são animais dotados de muita esperteza—a voz explicou. — Possuem a inteligência de uma vaca, no máximo.
As cabeças eram verdes, com pontinhos marrons e pretos que desciam pelos pescoços esguios. A julgar pelo tamanho da cabeça, Tim calculou que teriam cerca de um metro e vinte, mais o menos a altura de um veado.
Alguns dos hypsilophodontes mastigavam algo. Um deles cocou a cabeça, com uma pata de cinco dedos. O gesto deu à criatura um ar pensativo.
— Eles costumam se cocar por causa dos problemas na pele. Os veterinários do Parque Jurássico acreditam que se trata de um fungo, ou uma espécie de alergia. Ainda não temos certeza. Afinal de contas, falamos dos primeiros dinossauros da história que permitem um estudo ao vivo.
O motor do carro elétrico foi acionado e as engrenagens arranharam. Com o som inesperado, o bando de hypsilophodontes subitamente pulou no ar e saiu pela grama como se fossem cangurus, mostrando todo o corpo, as pernas traseiras fortes e as caudas longas iluminadas pelo sol da tarde. Em poucos saltos desapareceram de vista. — Agora que já demos uma olhada nesses herbívoros fascinantes, passaremos a dinossauros um pouco maiores. Muito maiores, para dizer a verdade os Land Cruisers seguiram em frente, para o sul, cruzando o Parque Jurássico.

CONTROLE

— A transmissão está arranhando — John Arnold avisou na sala de controle escurecida. — O pessoal da manutenção precisa checar os veículos BB4 e BB5 quando retornarem. — Sim, senhor Arnold — retrucou a voz no intercomunicador. — Isso é apenas um pequeno detalhe — Hammond disse, entrando na sala. Olhando para fora, podia ver os dois Land Cruisers movendo-se silenciosamente pelo

parque. Muldoon observava tudo, parado no canto.
Arnold afastou a cadeira do console central. — Não há pequenos detalhes, senhor Hammond — retrucou, acendendo mais um cigarro. Nervoso durante a maior parte do tempo, Arnold estava especialmente agitado naquele momento. Tinha consciência de que se tratava do primeiro grupo de visitantes que realmente fazia a excursão pelo parque. Na verdade, sua equipe não costumava sair pela ilha. Só Harding, o veterinário, fazia isso às vezes e os tratadores dos animais só chegavam aos pontos de alimentação de cada área. Em geral, observavam o parque a partir da sala de controle. Agora, com visitantes lá fora, ele se preocupava um uma infinidade de detalhes.
John Arnold era engenheiro de sistemas, tendo trabalhado no míssil submarino Polaris no final dos anos 60, mas depois do primeiro filho a perspectiva de fabricar armas tinha se tornado muito deprimente. Nesse meio tempo, Disney começara a criar parques especiais altamente sofisticados, contratando pessoal da indústria aeroespacial. Arnold ajudara a construir o Disneyworld em Orlando, e depois instalara parques de porte, como a Magic Mountain na Califórnia, o Old Country na Virgínia e o Astroworld em Houston.

O trabalho contínuo nesses parques turísticos lhe dera uma
visão de certo modo distorcida da realidade. Arnold sustentava, meio de brincadeira, que o mundo todo podia cada vez mais ser descrito pela metáfora do parque de diversões temático. — Paris é um parque temático — proclamara depois de tirar férias. — Infelizmente custa muito caro, e os empregados são desagradáveis e emburrados.
Nos últimos dois anos o trabalho de Arnold consistia em preparar o Parque Jurássico para funcionar. Como engenheiro, acostumara-se a projetos de longo prazo: com freqüência referia-se à "inauguração em setembro", pensando em setembro do ano seguinte. E quanto mais setembro se aproximava, mais ele se sentia insatisfeito com os progressos obtidos. Sabia, por experiência própria, que sanar os defeitos de um único passeio pelo parque poderia demorar anos. E eles tinham o parque inteiro para colocar em ordem. — Você se preocupa demais — Hammond observou. — Está enganado — Arnold retrucou. — Precisa se dar conta de que o Parque Jurássico, do ponto de vista da engenharia, é de longe o projeto mais ambicioso em matéria de parques temáticos de toda a história. Os visitantes nunca pensarão nisso, mas eu penso. Ele ergueu os dedos, enumerando as questões. — Em primeiro lugar, o Parque Jurássico apresenta todos os problemas de um parque temático clássico: manutenção das rotas de passeios, controle das filas, transporte, alimentação, acomodações, destino do lixo, segurança. Em segundo, temos todos os problemas de um zoológico grande: trato dos animais, englobando saúde, alimentação, bem-estar, limpeza, proteção contra insetos, parasitas, alergias e outras doenças, manutenção das barreiras e assim por diante. — Fez uma pausa para dar uma tragada no cigarro. — E, finalmente, temos um problema inédito, cuidar de uma população animal com a qual jamais alguém lidou antes. — Ora, não é tão difícil assim — Hammond argumentou. — E, sim. Mas o senhor não fica aqui para acompanhar isso. Os

tiranossauros bebem a água da lagoa e ficam doentes, às vezes. Mas
não temos certeza do motivo. As fêmeas dos triceratops se matam em lulas pelo controle do território, e precisam ser separadas em grupos com menos de seis. Também não sabemos o motivo. Os estegossauros vivem com as línguas feridas e com diarréia, por razões que ninguém compreende,
mesmo
depois
da
morte
de

dois
deles.
Os
hypsilophodontes têm problemas de pele. E os velociraptores... — Vamos deixar para lá os velociraptores — Hammond disse. — Estou cansado de ouvir reclamações sobre os velociraptores. Eles são as criaturas mais terríveis que já vi.
— Isso mesmo — Muldoon concordou em voz baixa. — Deveriam ser todos destruídos.
— Você queria colocar coleiras com rádio neles — Hammond lembrou. — E eu concordei.
— Sim. Eles arrancaram todas com os dentes, em pouco tempo. Mesmo que os raptores nunca consigam escapar — Arnold disse — devemos aceitar o fato de que o Parque Jurássico é por definição perigoso.
— Saco! — Hammond exclamou. — De que lado vocês estão, afinal de contas?
— Temos atualmente quinze espécies de animais extintos, e a maioria delas representa algum perigo — Arnold afirmou. — Fomos forçados a adiar o Passeio pelo Rio por causa dos dilofossauros. E o do viveiro dos Pteratops, porque os pterodáctilos são imprevisíveis. Não se trata de atrasos de engenharia, senhor Hammond. Temos problemas no controle dos animais.
— Já estou cansado dos atrasos na engenharia — Hammond reclamou. — Não ponha a culpa nos animais. — Sim, eu sei. Na verdade, a única coisa que conseguimos fazer funcionar foi a atração principal, o passeio pelo parque. Os CD-ROMs dentro dos carros controlados pelos sensores de movimento deram certo. Mas precisamos de semanas de trabalho para ajustar o sistema. E agora a transmissão elétrica dos carros começou a dar problemas.

Nas marchas!
— Veja a coisa da seguinte maneira — Hammond disse. — Resolva os problemas de engenharia, e os animais entrarão no esquema. Afinal, poderemos treiná-los.
Desde o início, aquela idéia estivera no centro do planejamento. Os animais, por mais exóticos que fossem, comportar-se-iam como os animais dos zoológicos de qualquer parte do mundo. Eles aprenderiam a reconhecer a rotina do tratamento, e se adaptariam. — E o computador, melhorou? — Hammond quis saber, olhando de relance para Dennis Nedry, que trabalhava no terminal existente no canto da sala. — Esse maldito computador só deu dor de cabeça até agora.
— Estamos chegando lá — Nedry respondeu. — Se tivesse feito as coisas direito desde o começo — Hammond começou, mas Arnold pegou em seu braço, tentando contê-lo. Não adiantava nada brigar com Nedry enquanto ele estava trabalhando. — O sistema é muito complexo — Arnold disse. — Esperávamos algumas falhas.
Na verdade, a lista de bugs continha agora mais de cento e trinta itens, inclusive muitos detalhes incompreensíveis. O programa de alimentação dos animais, por exemplo, repetia-se a cada doze horas, e não a cada vinte e quatro, e não registrava os alimentos fornecidos aos domingos. Como resultado, o pessoal não tinha uma noção exata do quanto os animais consumiam de comida. O sistema de segurança, que controlava todas as portas abertas por cartões magnéticos, desligava-se sempre que o sistema principal de energia era interrompido, e não funcionava com a força auxiliar. O programa de segurança só rodava com a força principal.
O programa de conservação física, programado para diminuir a iluminação depois das dez da noite, só funcionava em dias alternados. A análise automática das fezes, chamada de AutoPoop, planejada para identificar parasitas nos dejetos dos animais, invariavelmente registrava nos espécimes o parasita Phagostomum

venulosum, que os animais não tinham. O programa medicava

automaticamente os animais, misturando remédios na comida. Se os tratadores removiam os remédios dos depósitos de alimentos, o alarme soava e não conseguiam desligá-lo.
E assim por diante, enchendo páginas e páginas de erros. Quando chegara, Dennis Nedry tivera a impressão de que poderia resolver tudo sozinho, no final de semana. Mas ficara pálido quando vira a lista completa dos problemas. Telefonara então para o escritório cm Cambridge, dizendo a sua equipe de programadores que precisariam cancelar os planos para o final de semana e trabalhar direto até segunda-feira. E avisara a John Arnold que precisaria de todas as linhas telefônicas que ligavam a Isla Nublar com o continente, para transferir dados para seus programadores. Enquanto Nedry trabalhava, Arnold chamou uma nova tela em seu monitor, para acompanhar o trabalho de Nedry em seu console. Não que desconfiasse de Nedry. Mas preferia saber o que estava se passando.
Ele olhou para os gráficos no console da direita, que mostravam o roteiro dos Land Cruisers elétricos. Os veículos acompanhavam a margem do rio, ao norte do aviário, perto do cais dos ornitischian.
— Olhem para a esquerda — disse a voz —, e verão o domo aviário do Parque Jurássico, que ainda não está totalmente pronto para receber visitantes. — Tim viu uma estrutura brilhante de alumínio, ao longe. — E bem abaixo dele está a selva Mesozóica, perto do rio. Se tiverem sorte, poderão ver um carnívoro muito raro. Mantenham os olhos abertos, todos vocês!
No interior do Land Cruiser, as telas mostravam uma cabeça similar à de um pássaro, com uma crista vermelha. Mas todos no carro de Tim olhavam pela janela. O carro acompanhava um penhasco alto, que terminava num rio de águas rápidas, bem abaixo. O rio corria praticamente oculto entre a densa folhagem das duas margens. — Lá estão eles — anunciou a voz. — Os animais conhecidos

como dilofossauros.
Apesar do que a gravação dizia, Tim só viu um deles. O dilofossauro baixou as patas dianteiras, para beber no rio. Tinha a estrutura básica de um carnívoro, com cauda grossa, patas traseiras fortes e pescoço comprido. Seu corpo de três metros era coberto de manchas amarelas e pretas, como um leopardo. Mas foi a cabeça que chamou a atenção de Tim. Duas cristas altas, curvas, iam do alto do crânio até o nariz. As cristas encontravam- se no centro, desenhando um V na cabeça do dinossauro. O animal lançou um grito como o pio da coruja;
— Eles são lindos — Alexis disse.
— Os dilofossauros — prosseguiu a gravação — estão entre os primeiros dinossauros carnívoros. Os cientistas acreditavam que os músculos da mandíbula eram fracos demais para matar as presas, e imaginavam que se alimentavam basicamente de animais mortos. Mas agora sabemos que são venenosos.
— Puxa vida — exclamou Tim.
O grito característico do dilofossauro chegou novamente a eles, trazido pelo ar da tarde. Alexis agitou-se em seu assento. — São mesmo venenosos, senhor Regis?
— Não se preocupe com isso — Regis tranqüilizou-a. — Mas é verdade ou não?
— Bem, claro que sim, Lex.
— Assim como répteis atuais, como o monstro Gila e as cascavéis, o dilofossauro secreta uma hematotoxina pelas glândulas da boca. A vítima perde a consciência minutos depois da mordida. O dinossauro então termina seu banquete à vontade. Isso torna o dilofossauro um belo, porém mortífero exemplar entre tantos existentes no Parque Jurássico.
O Land Cruiser fez a curva, impedindo a visão do rio. Tim olhou para trás, para ver o dilofossauro pela última vez. Era incrível! Dinossauros venenosos! Ele gostaria de poder parar o carro, mas era tudo automático. Apostava que o dr. Grant queria parar também.

— Se olharem para a ribanceira à direita, verão Les Gigantes,

onde se encontra nosso magnífico restaurante três estrelas. O chef Alain Richard foi trazido do mundialmente famoso Le Beaumanière da França. Façam suas reservas, utilizando o telefone de seu apartamento no hotel.
Tim olhou mas não viu nada.
— Ainda não tem nada — Ed Regis explicou. — As obras do restaurante só começam em novembro.
— Prosseguindo com nosso safári pré-histórico, veremos agora os herbívoros do grupo dos ornithischian. Se olharem para a direita, provavelmente os encontrarão.
Tim achou dois animais, imóveis à sombra de uma árvore enorme. Triceratops: do tamanho e da cor de um elefante, acinzentados, com o jeito truculento de um rinoceronte. Os chifres, acima de cada olho, erguiam-se um metro e meio no ar, parecidos com presas de elefante invertidas. O terceiro chifre, como de um rinoceronte, ficava perto do nariz. Eles tinham a boca bicuda dos rinocerontes. — Ao contrário de outros dinossauros — a voz explicou —, o Triceratops cerratus não enxerga muito bem. Só vê de perto, como os rinocerontes atuais, e objetos em movimento costumam pegá-los de surpresa. Eles atacariam o carro, se estivessem próximos o suficiente para vê-lo! Mas podem relaxar, amigos, estamos seguros aqui dentro. Os triceratops possuem uma crista em forma de leque, atrás da cabeça. Ela é feita de puro osso, e é muito forte. Estes animais pesam cerca de sete toneladas cada um. Apesar de sua aparência, são bem mansos. Conhecem os tratadores, ficam amigos deles. Gostam muito que alguém coce seu dorso, na parte traseira.
— Por que eles não se mexem? — Alexis perguntou, abrindo a janela. — Mexa-se, animal estúpido. Vamos, ande logo! — Não provoque os animais, Lex — Ed Regis alertou. — Por que não ? Ele é tão estúpido. Fica ali parado, como uma gravura num livro.
A voz prosseguia:

— ... monstros pacatos, de um mundo perdido, contrastando
bastante com o que veremos a seguir. O mais famoso predador da história do mundo: o magnífico lagarto tirano, conhecido como Tyrannosaurus rex.
— Meu Deus! O Tyrannosaurus rex — Tim disse. — Espero que sejam melhores do que estes tontos — Alexis resmungou, deixando de lado os triceratops. O Land Cruiser seguiu em frente arranhando.

O GRANDE REX

— Os possantes tiranossauros se desenvolveram tardiamente na era dos dinossauros: surgiram apenas nos últimos quinze milhões de anos deste período que englobou cento e vinte milhões de anos. Os Land Cruisers pararam no alto de um morro. Uma área de mata densa estendia-se à frente, descendo até a margem da lagoa. O sol se punha a oeste, mergulhando no horizonte enevoado. Todo o panorama, no Parque Jurássico, banhava-se na luz suave, lançando longas sombras. A superfície da lagoa, enrugada, tingia-se de rosa. Mais ao sul, viram os pescoços elegantes dos apatossauros, parados na beira da água, os corpos espelhados na superfície. O silêncio era total, a não ser pelo zumbido das cigarras. Olhando a paisagem, dava para acreditar que haviam sido transportados milhões de anos, voltando no tempo para um mundo desaparecido.
— Sensacional, não acham? — Ed Regis disse no intercomunica-dor. — Gosto de vir para cá às vezes, no final da tarde. E ficar sentado apreciando a vista.
Grant não se impressionou.
— Onde está o T-rex?
— Boa pergunta. O menor fica sempre perto da lagoa. Temos peixes ali. O pequeno aprendeu a pegá-los. É interessante como faz isso. Não usa as mãos, mergulha a cabeça inteira na água, como um

pássaro.
— O pequeno?
— O T-rex menor. É jovem ainda, dois anos, com um terço do tamanho de um adulto. Tem dois metros e meio de altura, pesa uma tonelada e meia. O outro atingiu seu tamanho máximo. Mas não se encontra por aqui no momento.
— Talvez esteja caçando os apatossauros — Grant sugeriu.

Regis riu, sua voz fraca pelo rádio.
— Faria isso, se pudesse, acredite. Muitas vezes pára na beira da lagoa e olha fixo para estes animais, balançando os pequenos braços de frustração. Mas o território dos T-rex é completamente fechado, com fossos e cercas em toda a volta. Não se podem ver as cercas, foram escondidas, mas estão lá, e ele não consegue ir a lugar algum. — Então onde está?
— Escondido — Regis disse. — Ele é meio tímido. — Meio tímido? — Tim estranhou. — O Tiranossauro é tímido? — Bem, ele passa a maior parte do tempo escondido. Quase nunca o vemos em áreas abertas, durante o dia. — Por quê?
— Acreditamos que sua pele seja sensível, e fique queimada pelo sol com facilidade.
Malcolm começou a rir. Grant suspirou.
— Você está destruindo muitas ilusões. — Não creio que fiquem desapontados — Regis afirmou. — Esperem um pouco e verão.
Eles ouviram um som suave, como um balido. No centro do campo, uma pequena jaula surgiu, erguida por um mecanismo hidráulico subterrâneo. As barras da jaula desceram e a cabra ficou perdida no meio do campo aberto, balindo desconsolada. — Prestem atenção agora — Regis avisou. Todos colaram o rosto nas janelas.
— Olhe só para eles — Hammond disse, observando o monitor da sala de controle. — Tão ansiosos, espiando pela janela. Não agüentam mais de curiosidade para ver o bicho. Adoram o perigo. — É isso que me assusta — Muldoon replicou. Ele brincava com o chaveiro que tinha na mão, acompanhando tenso o monitor que mostrava os Land Cruisers. Muldoon compartilhava as preocupações de Arnold, na primeira excursão de visitantes ao Parque Jurássico. Robert Muldoon, aos cinqüenta anos, ainda esbanjava vigor, com seus olhos azuis escuros e bigode grisalho. Crescera no Quênia,

onde tinha passado a maior parte da vida trabalhando como guia para
caçadores de grandes animais, profissão herdada do pai. Mas, desde 1980, servia principalmente de consultor para grupos ecológicos e construtores de parques para animais selvagens. Tornara-se conhecido; um artigo no Times de Londres afirmara: "Roberto Muldoon é para os zoológicos o que Robert Trent Jones foi para os campos de golfe: um designer com incomparável conhecimento e capacidade." Em 1986, ele trabalhara para uma empresa de San Francisco, que construía um parque ecológico numa ilha da América do Norte. Muldoon planejara as áreas de cada animal, definindo espaços e habitats necessários para leões, elefantes, zebras e hipopótamos. Mostrara os animais que podiam dividir o mesmo espaço, e aqueles que precisavam ser separados. Na época, não passava de um serviço de rotina. Andava mais interessado em um parque indiano, chamado Tigerworld, no sul de Cachemira.
De repente, há um ano, recebera uma proposta para ser guarda dos animais no Parque Jurássico. Isso coincidira com seu desejo de deixar a África. O salário era excelente, o contrato durava no mínimo um ano. Tinha ficado assombrado ao descobrir que o parque na verdade reunia animais pré-históricos geneticamente reconstituídos. Claro, o serviço o interessou. Mas, depois de muitos anos na África, Muldoon aperfeiçoara uma visão realista dos animais — nada romântica, aliás — que freqüentemente provocava conflitos com a administração do Parque Jurássico na Califórnia, particularmente com o

velhinho autoritário a seu lado na sala de controle. Na opinião de Muldoon, clonar dinossauros em laboratório era uma coisa. Cuidar deles em espaço aberto outra completamente diferente. Para Muldoon, alguns dos dinossauros ofereciam riscos excessivos c não deveriam viver soltos no parque. Em parte, o perigo derivava do conhecimento precário disponível a respeito dos animais. Por exemplo, ninguém jamais suspeitara de que os dilofossauros fossem venenosos, até que observaram o modo como caçavam os ratos existentes na ilha. Eles mordiam os roedores e recuavam, esperando

que morressem. E ninguém suspeitava de que os dilofossauros podiam
cuspir, até que um dos tratadores quase perdera a visão ao levar um jato de veneno.
Depois disso, Hammond concordara em estudar o veneno dos dilofossauros, que continha sete diferentes enzimas tóxicas. Eles também descobriram que o dilofossauro poderia cuspir a uma distância de quinze metros. Como isso implicava na possibilidade de um visitante ser atingido dentro do carro e ficar cego, a administração preferira remover as bolsas de veneno. Os veterinários tentaram isso duas vezes, com dois animais diferentes, sem sucesso. Ninguém sabia onde o veneno era secretado. E ninguém saberia, até se fazer uma autópsia num dilofossauro — mas a administração não autorizava o sacrifício de um deles.
Muldoon preocupava-se mais ainda com os velociraptores. Caçavam por instinto, e nunca deixavam passar uma presa. Matavam mesmo quando não sentiam fome. Matavam pelo prazer de matar. Eram ágeis, corriam muito e saltavam a uma distância surpreendente. Possuíam garras letais nas quatro patas. Um golpe do braço retalharia uma pessoa, arrancando suas entranhas. E as presas poderosas rasgavam a carne, ao invés de mordê-la. Sua inteligência superava em muito a dos outros dinossauros, pareciam ter um dom natural para fugir das j aulas.
Todo especialista em zoológicos sabia que determinados animais tinham tendência para fugir de seus espaços confinados. Alguns, como macacos e elefantes, conseguiam destrancar portas. Outros, como os porcos selvagens, eram suficientemente inteligentes para abrir os ferrolhos das jaulas com o focinho. Mas quem suspeitaria de que o tatu gigante era um especialista em fugas? Ou o alce? Mas um alce era quase tão habilidoso com o focinho quanto um elefante com sua tromba. Os alces sempre davam um jeito de escapar; tinham talento nato para isso.
O mesmo ocorria com os velociraptores.
Os raptores possuíam a inteligência dos chipanzés. E, como os

chipanzés, eram ágeis, dotados de mãos habilidosas que lhes permitia
abrir portas e manipular objetos. Escapavam com facilidade. E , como Muldoon temia, um deles finalmente fugira, matando dois trabalhadores e mutilando um terceiro antes de ser recapturado. Depois desse episódio, o alojamento dos visitantes havia sido reformado, ganhando portões com barras de ferro, uma cerca alta em todo o perímetro e janelas com vidros temperados. E a área reservada aos raptores adquirira sensores eletrônicos capazes de detectar qualquer tentativa de fuga.
Muldoon queria ter armas à disposição, também. E lançadores de mísseis LAW, de carregar no ombro. Os caçadores sabiam como era difícil abater um elefante de quatro toneladas, e alguns dinossauros pesavam dez vezes mais que eles. A diretoria ficara horrorizada, insistindo que não permitiriam a presença de armas na ilha. Quando Muldoon ameaçara pedir demissão e contar a história toda para a imprensa, chegaram a um acordo. Lançadores de mísseis guiados por laser, especialmente construídos, eram guardados em uma sala trancada no porão. Apenas Muldoon possuía as chaves. Era com estas chaves que Muldoon brincava agora. — Vou descer — ele disse.
Arnold, observando as telas dos monitores, fez que sim. Os dois Land Cruisers encontravam-se no alto do morro, esperando a aparição do T-rex.
— Ei — Dennis Nedry chamou, no console do canto. — Já que está descendo, me traga uma Coca.

Grant esperava no carro, olhando silenciosamente pela janela. O balido da cabra aumentou de intensidade. A cabra lutava freneticamente para se soltar da corda, forçando-a para um lado e para outro. Pelo rádio, Grant ouviu Alexis gritar alarmada: — O que vai acontecer com a cabra? Ele vai comer a cabra? — Acho que sim — alguém respondeu e depois Ellie desligou o rádio. Já sentiam o cheiro, um fedor de lixo, putrefação e coisa podre que subia a colina, empesteando o local onde se encontravam.

Grant sussurrou:
— Ele está por perto.
— Ela — Malcolm corrigiu.
A cabra permanecia amarrada no centro do descampado, a trinta metros das árvores mais próximas. O dinossauro devia estar escondido ali, mas Grant não conseguia ver absolutamente nada. Depois percebeu que estava olhando muito baixo: a cabeça do animal erguia-se a seis metros do solo, meio oculta pelas folhas das palmeiras. — Meu Deus do céu... — Malcolm murmurou. — Ela é do tamanho de um prédio...
Grant examinou a imensa cabeça quadrada, com um metro e meio de comprimento, marrom avermelhada, com presas e dentes imensos. A boca do tiranossauro abriu-se uma vez e se fechou. Mas o imenso animal não saiu de seu esconderijo. — Quanto tempo ainda demora? — Malcolm perguntou baixinho.
— Talvez mais dois ou três minutos. Talvez... O tiranossauro moveu-se silenciosamente para a frente, mostrando por inteiro seu corpo enorme. Em quatro passadas cobriu a distância que o separava da cabra, abaixou-se e mordeu o pescoço do animal. Os balidos cessaram. Só restou o silêncio. Debruçado sobre a presa, o tiranossauro repentinamente hesitou. A cabeça monstruosa girou sobre o pescoço musculoso, olhando para todos os lados até fixar-se no Land Cruiser, parado no alto do morro.
— Consegue nos enxergar? — Malcolm murmurou. — Sem dúvida — Regis disse pelo intercomunicador. — Vejamos se vai comer a cabra na nossa frente ou arrastá-la para outro lugar mais calmo.
O tiranossauro abaixou-se, cheirando a cabra. Um pássaro gritou: sua cabeça ergueu-se alerta, atenta. Ela olhou em volta, com movimentos bruscos.
— Como um pássaro — Ellie disse. O tiranossauro continuava

hesitante.
— Do que tem medo? — Malcolm perguntou. — Provavelmente de outro tiranossauro — Grant deduziu. Os carnívoros de grande porte, como leões e tigres, normalmente se tornam cautelosos depois de abater uma presa, como se subitamente expostos. Os zoólogos do século 19 imaginavam que a fera sentia culpa pelo que havia feito. Mas os cientistas contemporâneos documentaram o esforço exigido por um ataque — horas de espera paciente, antes do bote final — bem como os fracassos freqüentes. A idéia da natureza sanguinária era errônea: em geral a vítima escapava. Quando um carnívoro finalmente abatia outro animal, preocupava-se com outros predadores, que poderiam atacá-lo e roubar seu prêmio. Sendo assim, o tiranossauro devia temer outro tiranossauro. O animal enorme baixou novamente. Uma das mãos segurou a carcaça, enquanto os dentes rasgavam a carne. — Vai comer — Regis sussurrou. — Excelente. O tiranossauro levantou a cabeça, de onde pendiam nacos de carne ensangüentada. Ela olhou para o Land Cruiser novamente. E começou a mastigar. Todos ouviram o ruído desagradável de ossos esmagados.
— Nossa — Alexis disse, no intercomunicador. — Isso é nojento. Depois, como se a cautela tivesse levado vantagem, o tiranossauro ergueu os restos da cabra com as patas dianteiras e carregou-os silenciosamente para o meio das árvores. — Senhoras e senhores, o Tyrannosaurus rex — disse a

gravação. Os Land Cruisers começaram a se mover silenciosamente, por entre as folhagens. Malcolm recostou-se novamente no assento. — Fantástico — comentou.
Gennaro enxugou o suor da testa. Ele estava pálido.

CONTROLE

Henry Wu, ao entrar na sala de controle, deparou com todos os presentes sentados no escuro, escutando as vozes no rádio. — ... Jesus, se um animal desses escapa! — Gennaro dizia, a voz fina no alto-falante. — Seria impossível detê-lo. — Impossível, sem dúvida...
— Enorme, sem inimigos naturais...
— Meu Deus, pense na possibilidade...
— Essa gente que se dane — Hammond resmungou. — São tão negativos.
— Ainda insistem nessa história de fuga de animais? — Wu indagou. — Não entendo. Já deveriam ter percebido a esta altura que temos tudo sob o mais rigoroso controle. Planejamos o parque e criamos os animais... — Ele deu de ombros.
Wu tinha certeza absoluta de que o parque era seguro, assim como acreditava que o paleo-DNA era fundamentalmente seguro. Os problemas possíveis de ocorrer com o DNA não passavam de detalhes no código genético, provocando falhas específicas no fenótipo: uma enzima que não era produzida, uma proteína que não funcionava. Dificuldades sempre solúveis com ajustes relativamente simples nas versões seguintes.
De modo similar, sabia que os problemas do Parque Jurássico não eram insolúveis. Não diziam respeito ao controle. Nada tão drástico, tão sério como a possibilidade de fugas de animais. Wu se ofendia ao pensar que alguém poderia acreditar que ele seria capaz de contribuir para a implantação de um sistema onde algo assim pudesse acontecer. — Tudo culpa de Malcolm — Hammond disse sombrio. — Ele está por trás de tudo. Ficou contra a idéia desde o começo. Tem uma teoria de que sistemas complexos não podem ser controlados, e que a

natureza não pode ser imitada. Não sei qual é seu problema. Droga, só
fizemos um zoológico aqui. O mundo está cheio deles, funcionando sem complicações. Mas ele quer provar sua teoria, ou morrer tentando. Só espero que não deixe Gennaro em pânico e tente convencê-lo a fechar o parque.
— Ele pode fazer isso? — Wu admirou-se. — Não — Hammond falou. — Mas pode tentar. Pode tentar assustar os investidores japoneses, para que suspendam as verbas. Ou criar problemas com denúncias aos governo de San José. Pode criar uma certa confusão.
Arnold apagou o cigarro.
— Vamos esperar e ver o que acontece — disse. — Acreditamos no sucesso do parque. Vamos ver no que dá. Muldoon saiu do elevador, cumprimentou o guarda do térreo e desceu para o porão. Acendeu as luzes. O porão estava lotado, com duas dúzias de Land Cruisers, enfileirados. Aqueles eram os carros que formariam uma fila contínua, circulando pelo parque, voltando ao centro de visitantes.
Num canto ficava o jipe com a listra vermelha, um dos dois veículos movidos a gasolina existentes — Harding, o veterinário, saíra com o outro pela manhã — capazes de atingir qualquer ponto do parque, no meio dos animais. Os jipes receberam a listra de tinta vermelha porque isso, por alguma razão, desencorajava o ataque dos triceratops.
Muldoon passou pelo jipe, dirigindo-se aos fundos. A porta de aço da sala das armas não trazia nenhuma identificação. Ele a destrancou com sua chave e abriu-a. As estantes de armas ocupavam todo o interior. Ele apanhou um lançador de ombro Randler e uma caixa de munição. E enfiou dois

foguetes de cor cinza debaixo do braço. Depois de trancar a porta atrás de si, colocou a arma no banco traseiro do jipe. Quando saiu da garagem, ouviu ao longe o som de um trovão.
— Parece que vai chover — Ed Regis observou, olhando para o

céu. Os Land Cruisers pararam novamente, perto do pântano dos
saurópodes. Um bando numeroso de apatossauros, na beira da lagoa, comia as folhas dos ramos mais altos das palmeiras. Na mesma área havia vários hadrossauros de bico-de-pato, que em comparação eram muito menores.
Tim, claro, sabia que os hadrossauros não eram pequenos. Os apatossauros é que eram grandes, isso sim. Suas cabeças diminutas erguiam-se a quinze metros acima do solo, na ponta de seus longos pescoços.
— Estes animais gigantescos são popularmente conhecidos como brontossauros — disse a gravação.
— Mas, na realidade, trata-se de apatossauros. Pesam mais de trinta toneladas. Isso quer dizer que um único animal pesa mais do que uma manada de elefantes modernos. E, como podem notar, sua área preferida, nas margens da lagoa, não é pantanosa. Ao contrário do que dizem os livros, os brontossauros evitam os charcos. Preferem a terra firme. — O brontossauro é o maior dinossauro existente, Lex — Ed Regis disse. Tim não se deu ao trabalho de contradizê-lo. Na verdade, o braquiossauro era três vezes maior. E algumas pessoas acreditavam que o ultrassauro e o seismossauro eram maiores ainda. O seismossauro podia chegar a pesar cem toneladas! Ao lado dos apatossauros, os hadrossauros, bem menores, erguiam-se nas patas traseiras para alcançar as folhagens. Moviam-se graciosamente, para criaturas tão grandes. Vários filhotes de hadrossauros corriam em volta dos adultos, comendo as folhas que caíam da boca dos maiores.
— Os dinossauros do Parque Jurássico não se reproduzem — disse a gravação. — Os animais menores foram introduzidos há poucos meses, depois de uma temporada no berçário. Mas os adultos cuidam deles, assim mesmo.
O rugir dos trovões aumentou. O céu escureceu e ficou mais baixo, ameaçador.
— Parece que vai mesmo chover — Ed Regis disse.

O carro seguiu em frente e Tim olhou para trás, para os
hadrossauros. Repentinamente, ao lado destes, viu um animal amarelo claro, movendo-se rapidamente. Ele o reconheceu no ato. — Ei! — gritou. — Pare o carro!
— O que foi? — Regis perguntou.
— Rápido. Pare o carro!
— Veremos agora o último dos animais pré-históricos, o estegossauro — disse a voz gravada.
— Qual é o problema, Tim?
— Eu vi um! Vi um ali naquele descampado! — Viu o quê?
— Um raptor! Bem ali!
— O estegossauro é um animal que data da metade do período Jurássico, ou seja, cerca de cento e setenta milhões de anos atrás — disse a gravação. — Vários destes incríveis herbívoros habitam o Parque Jurássico.
— Ora, não acredito, Tim — Ed Regis disse. — Não poderia ser um raptor.
— Eu vi! Pare o carro!
Seguiu-se uma conversa pelo intercomunicador, avisando a Grant e Malcolm que Tim vira o raptor.
— Onde?
— Ali atrás, no descampado.
— Vamos voltar para conferir.
— Não podemos voltar — Regis explicou. — Só avançar. Os carros foram programados.

— Não podemos voltar? — Grant indagou. — Não — Regis falou. — Lamento. Sabe, trata-se de um tipo de passeio...
— Tim, fala o professor Malcolm — uma voz o interrompeu pelo intercomunicador. — Gostaria de fazer uma pergunta sobre esse raptor. Qual sua idade?
— Maior do que o filhote que vimos hoje — Tim respondeu. — li

mais jovem do que os adultos no cercado. Os adultos tinham um metro
e oitenta. Esse pouco menos de um metro. — É o bastante — Malcolm disse.
— Eu só o vi por um segundo — Tim desculpou-se. — Seguramente não era um raptor — Ed Regis interferiu. — Não poderia ser um raptor. Deve ter visto um dos othys. Eles sempre pulum as cercas. Dão um trabalho danado. — Sei que era um raptor — Tim insistiu. — Estou com fome — Alexis reclamou. Ela estava começando a choramingar.
Na sala de controle, Arnold virou-se para Wu: — O que o menino viu, na sua opinião?
— Acho que só pode ter sido um othy. Arnold concordou com um gesto de cabeça.
— Temos dificuldade para acompanhar os othys, porque passam a maior parte do tempo nas árvores. Os othys eram uma exceção no controle minuto a minuto feito com os animais. O computador viviam perdendo e encontrando os othys, pois eles desapareciam nas árvores e depois voltavam. — O que me deixa maluco — Hammond disse — foi ter construído este parque maravilhoso, este parque fantástico, e nossos primeiros visitantes o percorrem como se fossem auditores, procurando defeitos. Eles estão perdendo a melhor parte. — Isso é problema deles — Arnold argumentou. — Não podemos obrigá-los a se deslumbrar.
O intercomunicador zumbiu, e Arnold ouviu uma voz dizendo: — Ei, John, aqui é o Anne B, falando das docas. Ainda não terminamos de descarregar, mas vejo uma tempestade em formação no sul. Eu não gostaria de ficar preso aqui se o mar encrespar mais. Arnold voltou-se para o monitor, mostrando o barco de carga, atracado na doca leste da ilha. Apertou o botão do rádio. — Falta muito ainda, Jim?
— Apenas os três últimos containers. Não conferi o manifesto,

mas presumo que possam esperar mais três semanas pelo material. Não
estamos muito protegidos aqui, sabe, a cento e cinqüenta quilômetros da costa.
— Está pedindo permissão para voltar?
— Sim, John.
— Quero aquele equipamento — Hammond disse. — Preciso dele no laboratório. Urgentemente.
— Eu sei — Arnold respondeu. — Mas não quis investir o dinheiro necessário para uma barreira de proteção no pier. Portanto, não temos um porto decente. Se a tempestade cair, o barco vai bater no atracadouro. Já vi navios naufragarem por causa disso. Se acontecer algo no gênero, terá novas despesas, como a compra de um novo barco, salvatagem para limpar a doca... e não poderá usar a doca até... Hammond fez um gesto irritado.
— Mande o barco embora logo.
— Permissão para partir concedida, Anne B — Arnold disse pelo rádio.
— Voltaremos em duas semanas. Até logo — respondeu a voz. No monitor de vídeo, eles viram a tripulação no convés, soltando os cabos. Arnold retornou ao console principal. Os Land Cruisers moviam- se pelos campos enevoados.
— Onde estão agora? — Hammond perguntou. — Ao que parece, nos campos ao sul — Arnold respondeu. O sul da ilha tinha mais atividade vulcânica do que o norte. — Isso significa que devem passar pelos estegos em seguida. Com toda certeza pararão para ver o que Harding está fazendo.

ESTEGOSSAURO

Quando o Land Cruiser parou, Ellie Sattler fixou a vista no estegossauro, meio oculto na neblina. O animal não se mexia. Um jipe listrado de vermelho encontrava-se estacionado a seu lado. — Devo admitir, este animal é muito engraçado — Malcolm disse. O estegossauro media seis metros de comprimento, seu corpo imenso e maciço coberto por placas protetoras. A cauda tinha esporas ameaçadoras, de um metro. Mas o pescoço terminava numa cabeça absurdamente pequena, e o olhar estúpido lhe dava ar de idiota. Enquanto o observavam, um homem saiu de trás dele. — Este é nosso veterinário, o doutor Harding — Regis disse pelo rádio. — Ele anestesiou o estego, por isso não se mexe. Anda meio doente.

Grant já saíra do carro e corria na direção do estegossauro imóvel. Ellie desceu também, olhando para trás quando o segundo Land Cruiser parou e as crianças saltaram.

— Por que está doente? — Tim perguntou. — Eles não sabem ainda — Ellie respondeu. As grandes placas de couro ao longo da espinha do estegossauro tremeram ligeiramente. Ele respirava com esforço, resfolegando a cada vez.

— É contagioso? — Alexis quis saber.

Eles se aproximaram da cabeça minúscula do animal, onde Grant e o veterinário, de joelhos, examinavam a boca do estegossauro. Alexis torceu o nariz.

— Puxa, como é grande — disse. — E fedorento. — É, cheira mal — Ellie concordou. Já notara que o estegossauro tinha um odor peculiar, semelhante ao de peixe podre. Isso a fazia de um cheiro conhecido, mas não conseguia se lembrar

exatamente qual era. De qualquer maneira, nunca sentira o cheiro de
um estegossauro antes. Talvez fosse seu odor característico. Mas duvidava. A maioria dos herbívoros não cheirava mal. Nem suas excreções. Isso era privilégio dos carnívoros, que realmente fediam. — Ele está assim por causa da doença? — Alexis perguntou. — Talvez. E não se esqueça de que o veterinário o anestesiou. — Ellie, dê uma espiada na língua — Grant apontou. A imensa língua roxa pendia para fora da boca. O veterinário a iluminou com uma lanterna, de modo que pudessem ver as minúsculas feridas.

— Microvesículas — Ellie constatou. — Interessante. — Temos sofrido muito com os estegos — contou o veterinário, — Eles vivem doentes.

— Quais são os sintomas? — Ellie perguntou. Ao arranhar a língua do animal com a unha, um líquido claro vazou das feridas. — Argh! — Alexis fez uma careta.

— Desequilíbrio, falta de orientação, dificuldade para respirar e diarréia intensa — Harding respondeu. — Ao que parece, isso se repete a cada seis semanas, mais ou menos.

— Eles se alimentam todos os dias?

— Sim. Um animal deste tamanho precisa de um mínimo diário de trezentos quilos de plantas para se manter. Pastam sem parar. — Então não deve ser envenenamento por alguma planta — Ellie
concluiu.

—

que
comem
sem
parar
ficam
permanentemente doentes, caso comam uma planta tóxica. E não a cada seis semanas.
— Exatamente — concordou o veterinário. — Dá licença? — Ellie pediu, pegando a lanterna da mão do veterinário. — O tranqüilizante age sobre as pupilas? — perguntou, focando a lanterna nos olhos do estegossauro. — Sim. Há um efeito, as pupilas se contraem. — Mas as pupilas dele estão dilatadas — ela mostrou. Harding foi conferir. Sem dúvida: a pupila do estegossauro estava dilatada, e não

se contraiu quando a luz a atingiu.
— Essa não!
— Sim — Ellie disse. — Qual é o território do animal? — Ele circula por cerca de oito quilômetros quadrados. — Nesta região? — Estavam em campo aberto, no meio de algumas elevações pedregosas, rodeados de emanações de vapores pelas fendas no solo. O céu do final da tarde tingia de rosa as baixas nuvens cinzentas.
— Ficam em geral a norte e a leste daqui — Harding explicou. — Mas quando adoecem, geralmente encontram-se nesta área em particular.
Um quadro intrigante, Ellie pensou. Como explicar a periodicidade do envenenamento? Ela apontou para o campo: — Vê aqueles arbustos baixos, delicados? — Lilás do Caribe — Harding disse. — Sabemos que é tóxico. Mas os animais não comem isso.
— Tem certeza?
— Sim. Monitoramos seu comportamento pelo vídeo. E chequei as fezes, para ter certeza. Os estegos nunca comem os arbustos de lilás. A Melia azedarach, conhecida também como cereja da China ou lilás do Caribe, continha alguns alcalóides tóxicos. Os chineses usavam a planta como veneno para peixes.
— Eles não a comem — o veterinário insistiu. — Interessante — Ellie comentou. — Porque eu diria que este animal mostra os sintomas clássicos de envenenamento por Melia: estupor, feridas na membrana mucosa e dilatação da pupila. — Ela seguiu para o campo, examinando as plantas de perto, o corpo recurvado até bem perto do chão. — Tem razão — concordou. — As plantas não mostram sinais de que foram comidas. Estão saudáveis. Todas elas.
— Além disso, como explicar o intervalo de seis semanas? — o veterinário indagou.
— Os estegossauros passam por aqui com freqüência?

— Mais ou menos uma vez por semana — ele disse. — Os
estegos passeiam lentamente por seu território, sempre comendo sem parar. Completam o circuito em uma semana. — Mas só ficam doentes a cada seis.
— Correto — Harding assentiu.
— Isso é chato — Alexis intrometeu-se. — Quieta — Tim disse. — A doutora Sattler está tentando pensar.
— Sem sucesso — Ellie disse, caminhando pelo campo. Atrás dela, Alexis convidava:
— Alguém quer jogar um pouco?
Ellie examinou o solo, pedregoso em alguns pontos. Ela ouvia o som do mar, à esquerda. Havia frutinhas entre as pedras. Talvez os animais comessem as frutinhas. Mas aquilo não fazia sentido. As frutas do lilás do Caribe eram terrivelmente amargas. — Achou alguma coisa? — Grant perguntou, aproximando-se dela. Ellie suspirou.

— Só pedras. A praia não deve estar longe, porque as pedras são lisas. E formam pequenas pilhas.
— Pequenas pilhas? — Grant surpreendeu-se. — Por toda parte. Há uma ali. — Ela apontou. No momento em que apontou, Ellie se deu conta do que estava mostrando. As pedras gastas não tinham nada a ver com a presença do oceano. As pequenas pilhas indicavam que haviam sido depositadas ali. Eram pilhas de pedras de moela.
Muitas aves e os crocodilos engoliam pedrinhas que se acumulavam na bolsa muscular do trato intestinal, chamada de moela. Apertadas pelos músculos da moela, ajudavam a esmagar as plantas antes que atingissem o estômago, ajudando assim na digestão. Alguns cientistas acreditavam que os dinossauros também tinham pedras na moela. Pelo menos os dentes dos dinossauros eram muito pequenos, e apresentavam pouco desgaste, o que indicava que não eram muito usados na mastigação. Presumiam portanto que eles engoliam a comida

inteira, deixando a trituração das fibras para as pedras da moela. E
alguns esqueletos foram encontrados junto a pilhas de pequenas pedras mi área abdominal. Mas isso jamais fora provado, e... — Pedras da moela — Grant disse.
— Creio que sim. Engolem estas pedras, e depois de algumas semanas elas ficam muito lisas, sendo regurgitadas, deixando esta pequena pilha. Aí eles engolem novas pedras. E, quando o fazem, engolem as frutas também, ficando doentes. Puxa vida — Grant disse. — Creio que tem toda razão. Ele olhou para a pilha de pedras, passando a mão nelas, seguindo seu instinto de paleontólogo. Depois parou. Ellie — chamou. — Olhe só isso.
— Manda bala, cara! Quero ver se você é bom mesmo! — Alexis gritou, e Gennaro lançou a bola para ela. Ela a rebateu com tanta força que sua mão ficou dolorida. — Vá com calma, garota! Eu não tenho luva! — Seu fresco! — ela disse desdenhosa.
Irritado, ele jogou a bola com força para a menina e ouviu o barulho que fez ao chocar-se com a luva.
— Agora melhorou — ela disse.
Parado ao lado do dinossauro, Gennaro continuou a jogar, enquanto falava com Malcolm.
— Como este dinossauro doente se encaixa na sua teoria? — Era de se esperar — Malcolm afirmou.
Gennaro abanou a cabeça.
— Há algo imprevisível, na sua teoria? — Entenda bem — Malcolm disse. — Não tem nada a ver comigo. Trata-se da teoria do caos. Mas, pelo que percebo, ninguém aqui se encontra disposto a ouvir as conseqüências da matemática. Porque elas implicam em conseqüências maiores para a vida humana. Muito maiores do que o princípio de Heisenberg, ou o teorema de Gõdel, de que tanto falam. Eles não passam de especulações acadêmicas. Filosóficas. Mas a teoria do caos diz respeito ao cotidiano da vida. Sabe

como os computadores foram inventados?
— Não — Gennaro respondeu.
— Jogue de uma vez! — Alexis gritou.
— Os computadores foram construídos no final dos anos 40, porque matemáticos como John von Neumann acreditavam que se tivéssemos uma máquina capaz de lidar com muitas variáveis simultaneamente seria possível fazer a previsão do tempo. O clima finalmente estaria ao alcance da compreensão humana. E as pessoas acreditaram naquele sonho durante quarenta anos. Acreditavam que a previsão seria conseqüência do acompanhamento dos eventos. Se soubessem o suficiente, poderiam prever qualquer coisa. Trata-se de uma crença científica bem arraigada, desde Newton. — E daí?
— A teoria do caos jogou tudo isso pela janela. Ela afirma que certos fenômenos são imprevisíveis. Nunca se conseguirá prever o tempo, além de uns poucos dias. Todo o dinheiro gasto na tentativa de

prever o tempo com muita antecedência, cerca de meio bilhão de dólares nas últimas décadas, foi desperdiçado numa tarefa impossível. Não adianta querer transformar chumbo em ouro. Olhamos para os alquimistas e damos risada do que tentavam fazer, mas as gerações futuras rirão de nós do mesmo jeito. Tentamos o impossível, e gastamos uma fortuna nisso. Pois na verdade existem certas grandes categorias de fenômenos inerentemente imprevisíveis. — A teoria do caos diz isso?
— Sim, e fico assombrado por ver que poucas pessoas dão atenção a ela — Malcolm falou. — Passei todas essas informações a Hammond antes da implantação deste projeto. Querem gerar um bando de animais pré-históricos e soltá-los na ilha? Tudo bem. Um sonho lindo. Cativante. Mas não vai funcionar como previsto. Trata-se de algo inerentemente imprevisível, como o tempo. — Disse isso a ele?
— Sim. E também disse que haveria desvios. Obviamente a saúde dos animais soltos por aí se enquadra nos desvios. O

estegossauro tem cem milhões de anos. Não se adapta a nosso mundo.
O ar mudou, a radiação solar é diferente, assim como a terra, os insetos, os sons, a vegetação. Tudo mudou. A taxa de oxigênio caiu. O pobre animal é como um ser humano a três mil metros de altitude. Ouçam como ele ofega.
— E os outros desvios?
- Falando a grosso modo, a capacidade de controle da reprodução das espécies por parte do parque é outro exemplo. Pois a história da evolução nos diz que a vida supera todas as barreiras. A vida se espalha. Ocupa novos territórios. De modo doloroso, por vezes perigoso. Mas a vida dá um jeito. — Malcolm balançou a cabeça. — Eu não queria bancar o filósofo, mas é isso aí. Gennaro olhou para o outro lado. Ellie e Grant estavam no meio do campo, agitando os braços.

Pegou a minha Coca? — Dennis Nedry perguntou, quando Muldoon voltou para a sala de controle. Muldoon não se deu ao trabalho de responder. Seguiu direto para o monitor e olhou para o que estava acontecendo. Pelo rádio, ouviu a voz de Harding: — ... o estego... finalmente... sob controle... agora...
— De que se trata? — Muldoon perguntou. — Estão na parte sul — Arnold disse. — Por isso a transmissão piorou um pouco. Vou mudar para outro canal. Mas eles descobriram o que havia de errado com os estegos. Andou comendo alguma fruta venenosa.
Hammond mexeu a cabeça.
— Tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde resolveríamos o problema.

— Não me impressiona muito — Gennaro disse. Ele ergueu o fragmento, pouco maior do que um selo postal, entre os dedos, sob a luz cada vez mais fraca. — Tem certeza quanto a isso, Alan? — Certeza absoluta — Grant garantiu. — A prova do que digo

encontra-se no padrão da superfície interna, na curva de dentro. Vire
do outro lado, e verá uma série de linhas, formando triângulos aproximados.
— Sim, posso ver.
— Bem, desenterramos dois ovos com desenhos semelhantes em Montana.
— Está afirmando que se trata de um pedaço de ovo de dinossauro?
— Certamente — Grant disse. Harding balançou a cabeça. — Os dinossauros não podem se reproduzir. — Evidentemente eles podem — Grant insistiu. — Deve ser um ovo de pássaro — Harding arriscou. — Temos dúzias de espécies na ilha.
Grant fez que não.
— Olhe a curvatura. A casca é quase chata. Vem de um ovo imenso. E note a espessura da casca. A

não ser que tenha avestruzes na ilha, o ovo pertence a um dinossauro. — Mas não poderiam se reproduzir — Harding teimou. — Todos os animais são fêmeas.
— Eu só sei — Grant disse —, que isso é um ovo de dinossauro. — Pode identificar a espécie? — Malcolm indagou. — Sim — Grant respondeu. — É um ovo de velociraptor.

CONTROLE

— Completamente absurdo — Hammond disse na sala de controle, ouvindo o relatório pelo rádio. — Só pode ser um ovo de pássaro. E nada mais.
O rádio estalou. Ele escutou a voz de Malcolm: — Vamos fazer um pequeno teste, certo? Peça ao senhor Axnold para realizar a contagem dos animais.
— Agora?
— Sim, agora mesmo. Creio que podem transmitir a tela para o monitor no carro do doutor Harding, não é? Então façam isso. — Sem problemas — Arnold concordou. Um pouco depois a tela da sala de controle mostrava o quadro:

Total de animais
238

Espécies
Esperado
Encontrado
Ver
Tiranossauros
2
2
4.1
Maiassauros
21
21
3.3
Estegossauros
4
4
3.9
Triceratops
8
8
3.1
Procompsognathids
49
49
3.9
Othnielia
16

16
3.1
Velociciraptores
8
8
3.0
Apatossauros
17
17
3.1
Hadrossauros
11
11
3.1
Dilofossauros
7
7
4.3
Pterossauros
6
6
4.3
Hvpsilophodontis
33
33
2.9
Euoplocephalids
16
16
4.0
Estiracossauros
18
18
3.9
Microceratops
22
22
4.1
Total
238
238

— Espero que esteja satisfeito — Hammond falou. — Receberam o sinal aí no seu monitor?
— Chegou bem — Malcolm confirmou.
— A conta confere, como sempre. — Hammond não conseguia

ocultar a satisfação em sua voz.
— Muito bem — Malcolm disse. — Pode pedir para o computador checar um número diferente de animais? — Como por exemplo?
— Tente duzentos e trinta e nove.
— Só um instante — Arnold disse, franzindo a testa. Logo em seguida a tela indicava:

Total de animais
239

Espécies
Esperado
Encontrado
Ver
Tiranossauros
2
2
4.1
Maiassauros
21
21
3.3
Estegossauros
4
4
3.9
Triceratops
8
8
3.1
Procompsognathids
49
50
??
Othnielia
16
16
3.1
Velociraptores
8
8
3.0
Apatossauros
17
17
3.1
Hadrossauros

11
11
3.1
Dilofossauros
7
7
4.3
Pterossauros
6
6
4.3
Hypsilophodontids
33
33
2.9
Euoplocephalids
16
16
4.0
Estiracossauros
18
18
3.9
Microceratops
22
22
4.1
Total
238
239

Hammond pulou na cadeira.
— Que diabo é isso?
— Achamos mais um procompsognato.
— E veio de onde?
— Eu sei lá!
O rádio estalou.
— Bem, agora pode pedir ao computador para procurar, digamos, trezentos animais?
— Aonde este sujeito quer chegar? — Hammond berrou. — Trezentos animais? O que ele pensa?

— Só um minuto — Arnold pediu. — Vai levar algum tempo. — Ele apertou algumas teclas. A primeira linha dos totais apareceu:
Total de animais 239 _____

— Não entendo aonde quer chegar — Hammond continuou protestando.
— Sinto muito, mas eu acho que sei — Arnold respondeu. Ele olhou atentamente para a tela. Os números da primeira linha começaram a surgir:

Total de animais 244 _____
— Duzentos e quarenta e quatro? — Hammond leu. — O que se passa?
— O computador está contando os animais no parque — Wu disse. — Todos os animais.
— Eu pensava que sempre fazia isso. — Hammond virou para o lado: — Nedry! Você errou de novo!
—- Não — Nedry disse, erguendo os olhos do console. — O computador permite ao operador entrar com o número esperado de animais, de modo a acelerar o processo de contagem. Trata-se de uma facilidade, não de uma falha.
— Ele tem razão — Arnold concordou. — Sempre baseamos a contagem em duzentos e trinta e oito porque presumimos que não poderia haver mais.

Total de animais 262 _____

— Espere um minuto — Hammond disse. — Estes animais não
conseguem se reproduzir. O computador deve estar contando os ratos do mato ou algo assim.
— Eu também acho — Arnold disse. — Com toda a certeza trata-se de um defeito no controle visual. Mas logo teremos certeza. Hammond virou-se para Wu.
— Eles não conseguem se reproduzir, certo? — Não — Wu disse.

Total de animais 270 _____ — De onde estão saindo tantos bichos? — Arnold perguntou. — Eu sei lá — Wu disse.
Eles acompanharam a subida dos números.
Total de animais 283 _____
Pelo rádio, ouviram a voz de Gennaro:
— Puta merda, quantos!
E ouviram quando a menina disse:
— Tenho fome. Quando vamos voltar para casa? — Logo, Lex.
Na tela, piscou uma mensagem de erro.

ERRO: Parâmetro de Busca Incorreto: 300 Animais Não Localizados _____
— Um erro — Hammond disse, satisfeito. — Eu sabia. Tive a impressão de que havia um erro desde o início desta palhaçada. Mas, um segundo depois, a tela mostrou o seguinte:

Total de animais
292

Espécies
Esperado
Encontrado
Ver
Tiranossauros
2

2
4.1
Maiassauros
21
22
??
Estegossauros
4
4
3.9
Triceratops
8
8
3.1
Procompsognathids
49
65
??
Othnielia
16
23
??
Velociraptores
8
37
??
Apatossauros
17
17
3.1
Hadrossauros
11
11
3.1
Dilofossauros
7
7
4.3
Pterossauros
6
6
4.3
Hypsilophodontids
33
34
??
Euoplocephalids

16
16
4.0
Estiracossauros
18
18
3.9
Microceratops
22
22
4.1
Total
238
292

O rádio estalou.
— Agora percebem a falha nos procedimentos — Malcolm disse. — Só estavam acompanhando o número esperado de dinossauros. Preocupavam-se com a perda de animais, e tomavam providências para agir instantaneamente se tivessem menos do que o número esperado. Mas o problema não era esse. Na verdade, havia mais do que o esperado.
— Meu Deus — Arnold sussurrou.
— Não pode haver mais — Wu exclamou. — Sabemos quantos foram soltos. Não pode haver mais.
— Lamento, Henry — Malcolm disse. — Eles estão procriando. — Não.
— Mesmo que não aceitem a casca de ovo encontrada por Grant, podem confirmar tudo com seus próprios dados. Olhem para o gráfico de altura dos procompsognatos. Arnold pode chamá-lo para vocês.

— Distribuição de Poisson — Wu disse. — Uma curva normal. — Mas você não disse que introduziu os procompsognatos no parque em três levas distintas, com intervalos de seis meses? — Disse...
— Então deveria ter um gráfico com três picos, para cada um dos três grupos introduzidos separadamente — Malcolm ressaltou, manipulando o teclado. — Algo mais ou menos assim:

— No entanto, não foi este o gráfico obtido — Malcolm continuou. — O que obteve na realidade mostra uma população que se reproduz. Os procompsognatos estão procriando. Wu balançou a cabeça.
— Não vejo como.

— Eles estão procriando, assim como os othnielia, os
maiassauros, os hypsis... e os velociraptores. — Meu Deus! — Muldoon exclamou. — Há raptores soltos no parque.
— Bem, isso não é tão ruim assim — Hammond contemporizou, olhando para a tela. — Temos aumento em apenas três categorias... bem, cinco categorias. Aumentos muito pequenos em duas delas... — Do que está falando? — Wu gritou. — Não sabe o que isso significa?
— Claro que eu sei o que isso significa, Henry — Hammond respondeu, calmo. — Significa que você

falhou. — Não falhei, de modo algum.
— Seus dinossauros estão procriando lá fora, Henry. — São todos fêmeas — Wu insistiu. — Impossível. Deve haver algum engano. E olhe para os números. Pequenos aumentos nos animais maiores, como maiassauros e hypsis. E um grande aumento no números de animais menores. Simplesmente não faz sentido. Deve haver um engano.
O rádio estalou de novo.
— Creio que não há engano — Grant disse. — Acredito que estes números confirmam que a reprodução vem ocorrendo. Em sete pontos diferentes da ilha.

LOCAIS DE PROCRIAÇÃO

O céu escurecia cada vez mais. Os trovões rugiram ao longe. Grant e os outros debruçavam-se sobre o painel do jipe, olhando para o monitor.
— Locais de procriação? — Wu disse pelo rádio. — Ninhos — Grant esclareceu. — Assumindo que a média de cada ninhada está entre oito e doze ovos incubados, estes dados mostram que os procompsognatos possuem dois ninhos. Os raptores dois. Os othys um ninho. Os hypsis e os maias um ninho cada. — Onde fizeram os ninhos?
— Precisaremos localizá-los — Grant respondeu. — Os dinossauros escolhem lugares ermos para seus ninhos. — Por que há tão poucos animais grandes? — Wu argumentou. — Se um ninho de maia tem entre oito e doze ovos, deveríamos encontrar de oito a doze maias. E não apenas um. — Isso mesmo — Grant concordou. — Entretanto, os raptores e procompsognatos soltos no parque provavelmente alimentam-se dos ovos dos animais maiores, além de atacar os filhotes também. — Mas nunca vimos nada disso — Arnold disse pelo rádio. — Os raptores são animais noturnos — Grant lembrou. — Alguém vigia o parque durante a noite?
Seguiu-se um longo silêncio.
— Era o que eu pensava — Grant tornou a falar. — Mesmo assim não faz sentido — Wu retrucou. — Não se pode sustentar cinqüenta animais extra apenas com alguns ovos. — Não — Grant confirmou. — Presumo que estão comendo alguma outra coisa. Talvez pequenos roedores. Ratos e camundongos?
Outro silêncio constrangedor.
— Já vi tudo — Grant disse. — Quando chegaram à ilha tinham

problemas com ratos. Mas o tempo foi passando e eles deixaram de incomodar.
— Sim, isso é verdade...
— E nunca pensaram em investigar o motivo. — Bem, presumimos... — Arnold começou. — Olhe — Wu disse. — Um fato ainda não foi explicado. Todos os animais são fêmeas. Não podem procriar. Grant já havia pensado naquilo. Recentemente, chegara a seu conhecimento um curioso estudo realizado na Alemanha, que poderia dar a resposta.
— Quando prepararam o DNA dos dinossauros, só dispunham de fragmentos, certo?
— Certo — Wu disse.
— Para completar a cadeia, foi necessário incluir fragmentos de DNA de outras espécies?
— Em alguns casos foi — Wu admitiu. — Era o único modo de realizar a tarefa. Algumas vezes usamos DNA de aves, de diversos pássaros, e outras DNA de répteis.
— Algum DNA de anfíbios? Especificamente, DNA de rã? — Provavelmente, mas preciso confirmar.
— Confirme — Grant pediu. — Acho que isso dará a resposta. Malcolm intrometeu-se:
— DNA de rã? Por que de rã?

— Olhem, tudo isso é muito interessante — Gennaro disse impaciente —, mas estamos deixando de lado a questão principal. Algum animal deixou a ilha?
— Não podemos afirmar nada ainda, com base nestes dados — respondeu Grant.
— E quando vamos saber?
— Só há um modo agora — Grant adiantou. — Precisamos encontrar os ninhos de dinossauros, inspecioná-los e contar os fragmentos de ovos restantes. A partir daí poderemos determinar quantos animais foram chocados. E saber quantos faltam.

— Mesmo assim, não saberá se os animais perdidos foram
devorados, morreram de causas naturais ou fugiram da ilha — Malcolm ponderou.
— Não — Grant concordou —, mas já é um começo. E creio que o estudo dos gráficos de população nos dará outras informações. — E como encontraremos esses ninhos?
— Bem — Grant disse. — Acho que o computador nos ajudará a fazer isso.
— Vamos voltar agora? — Alexis pediu. — Estou com fome. — Sim, vamos embora. — Grant sorriu para ela. — Você tem sido muito boazinha.
— Vamos comer daqui a vinte minutos — Ed Regis garantiu, dirigindo-se ao ponto onde estacionaram os Land Cruisers. — Vou ficar mais um pouco — Ellie decidiu. — Para tirar uma fotos do estegos com a câmera do doutor Harding. As vesículas na boca estarão curadas até amanhã.
— Quero voltar — Grant disse. — Irei com as crianças. — Eu também — Malcolm ajuntou.
— Acho que vou ficar — Gennaro também resolveu. — Posso voltar de jipe com Harding e a doutora Sattler. — Como quiser. Vamos logo.
Eles começaram a caminhar para os veículos e então Malcolm indagou:
— Por que será que nosso advogado quis ficar? Grant deu de ombros.
— Talvez tenha alguma relação com a doutora Sattler. — Realmente? Gostou do short, hein?
— Não seria o primeiro — Grant comentou. Quando chegaram aos Land Cruisers, Tim anunciou:
— Quero ir na frente agora, doutor Grant. — Infelizmente Grant e eu precisamos conversar — Malcolm negou.
— Prometo que vou ficar quieto, só escutando — Tim insistiu.

— A conversa é particular — Malcolm disse.
— Vou dar uma idéia, Tim — Ed Regis interferiu. — Vamos deixá-los sozinhos no carro de trás. Nós dois vamos no da frente, e você poderá usar os binóculos com visão noturna. Estes equipamentos possuem CCDs muito sensíveis, e a gente consegue ver no escuro. — Legal — o menino aceitou, dirigindo-se ao primeiro carro. — Ei! — Alexis gritou. — Eu também quero um. — Não — Tim disse.
— Não é justo! Não é justo! Você fica com tudo, Timmy. Ed Regis olhou para as crianças que discutiam e comentou com Grant:
— Já dá para ter uma idéia de como vai ser o resto do passeio. Grant e Malcolm subiram no segundo carro. Os primeiros pingos de chuva bateram no pára-brisa.
— Melhor ir andando — Regis disse. — Está quase na hora do jantar. E adoraria tomar um daiquiri de banana. O que acham? Um daiquiri não é uma ótima idéia? — Ele bateu no painel de metal antes de sair correndo para o primeiro carro. — Vejo vocês no alojamento. Uma luz vermelha no painel piscou. Com um ronronar elétrico, os Land Cruisers deram a partida.
Malcolm parecia estranhamente controlado, na volta sob o crepúsculo.
— Você deveria se sentir vitorioso — Grant observou. — Provou sua teoria.
— Para ser sincero, sinto um certo medo. Suspeito de que chegamos a um ponto extremamente perigoso. — Por quê?
— Intuição.

— Os matemáticos acreditam na intuição? — Firmemente. A intuição tem grande importância, na verdade. Eu pensava nos fractais — Malcolm disse. — Conhece os fractais? Grant fez que não com a cabeça.
— Não conheço.

— Os fractais são uma espécie de geometria, associada a um
sujeito chamado Mandelbrot. Ao contrário da geometria euclidiana comum, que todo mundo aprende na escola, quadrados, cubos e esferas, a geometria fractal aparentemente descreve objetos reais, do mundo natural. As montanhas e as nuvens são formas fractais. Sendo assim, os fractais estão provavelmente relacionados com a realidade. De algum modo. Bem, Mandelbrot descobriu uma coisa notável com sua geometria. Ele descobriu que as coisas parecem quase idênticas em diferentes escalas.
— Em diferentes escalas? — Grant repetiu. — Por exemplo — Malcolm prosseguiu —, uma grande montanha, vista de longe, tem um perfil recortado, de montanha. Se chegar mais perto, e observar um pequeno pico no alto da montanha, ele conservará o mesmo perfil. Na verdade, pode-se descer toda a escala, até um pequeno fragmento de rocha, visto no microscópio: ele terá o mesmo perfil fractal básico da montanha. — Eu não entendo porque isso o incomoda tanto — Grant falou, bocejando. Ele sentia o odor sulfúrico das emanações vulcânicas. Aproximavam-se agora da estrada que acompanhava a costa, com vista para a praia e o oceano.
— Trata-se de um modo de olhar para as coisas — Malcolm argumentou. — Mandelbrot descobriu a identidade entre o pequeno e o grande. Esta mesma identidade de escalas também vale para eventos.
— Eventos?
— Pense nos preços do algodão — Malcolm disse. —Temos registros precisos dos preços do algodão, feitos há mais de cem anos. Se estudarmos as flutuações nas cotações desse produto, veremos que o gráfico da flutuação dos preços no decorrer de um dia se parece bastante com o gráfico de uma semana, que por sua vez se parece com o gráfico de um ano, ou de dez anos. As coisas são assim. Um dia equivale a uma vida inteira. Começa a fazer algo, acaba fazendo outra coisa, planeja ir a algum lugar mas nunca chega lá... E, no final de sua vida, a existência inteira tem também esta característica aleatória. Sua

vida inteira tem o aspecto de um único dia.
— Acho que é um modo de se ver as coisas — Grant refletiu. — Não — Malcolm falou. — É o único modo de ver as coisas. Pelo menos, o único modo compatível com a realidade. Sabe, o conceito de identidade fractal implica na recorrência, numa espécie de espelho que torna tudo imprevisível. Tudo pode mudar repentinamente, sem aviso prévio.
— Certo...
— Mas nos iludimos, acreditando que as mudanças súbitas ocorrem fora da ordem normal das coisas. Como um acidente de carro. Ou que estão fora de nosso controle, como uma doença fatal. Não concebemos as transformações súbitas, radicais e irracionais como parte da própria essência da vida. Mas é isso. E a teoria do caos nos mostra que a linearidade pura, que acostumamos a aceitar como válida para tudo, da física à ficção, simplesmente não existe. A linearidade é uma maneira artificial de encarar o mundo .A vida real não é feita de uma série de eventos interligados, ocorrendo um após outro, como contas de um colar. A vida, na verdade, é uma série de encontros, onde cada evento pode mudar os que se seguem de maneira imprevisível, devastadora até.— Malcolm recostou-se, olhando para o outro Land Cruiser, alguns metros à frente. — Esta é uma verdade profunda sobre a estrutura do universo. Mas, por algum motivo, insistimos em um comportamento que a ignora. Naquele momento, os carros pararam com um tranco.

— O que aconteceu? — Grant indagou.
Eles viram as crianças, no carro da frente, apontando para o oceano. Perto da costa, sob as nuvens baixas, Grant percebeu a silhueta escura do barco de suprimentos que voltava a Puntarenas. — Por que paramos? — Malcolm quis saber. Grant ligou o rádio, e ouviu a voz da menina, que dizia excitada: — Olhe lá, Timmy! Veja, está bem ali. Malcolm olhou para o barco.
— Estão falando do barco?

— Aparentemente.
Ed Regis desceu do primeiro carro e chegou correndo na janela do outro. — Lamento — ele disse —, mas as crianças estão excitadas. Há binóculos aqui?
— Para quê?
— A menina afirma que viu alguma coisa no barco. Algum tipo de animal — Regis disse.
Grant pegou os binóculos e apoiou os cotovelos na janela do Land Cruiser. Percorreu toda a extensão do barco de suprimentos. Estava escuro, praticamente só dava para distinguir a silhueta. Enquanto observava, as luzes do barco foram acesas, e ele brilhou no crepúsculo púrpura.
— Vê alguma coisa? — Regis perguntou.
— Não — Grant disse.
— Estão ali embaixo — Alexis falou pelo rádio. — Olhem na parte de baixo.
Grant focalizou os binóculos na parte inferior da embarcação, percorrendo o casco, pouco acima da linha d'água. O barco de suprimentos tinha a popa larga, com uma proteção contra os borrifos de água que acompanhava toda sua extensão. Mas estava bem escuro, e ele mal podia perceber os detalhes.
— Não, não vejo nada...
— Eu estou vendo — Alexis gritou. — Perto da traseira. Olhe atrás!
— Como ela consegue ver alguma coisa com esta luz? — Malcolm perguntou.
— As crianças enxergam bem — Grant disse. — Possuem uma acuidade visual que deixamos para trás. Focalizou os binóculos na popa, movendo-os devagar, e de repente viu os animais. Brincavam entre as estruturas da popa. Conseguiu vê-los apenas de relance, mas mesmo com tão pouca luz percebeu que se tratava de animais em pé sobre as patas traseiras, com cerca de sessenta centímetros de altura, parados balançando as caudas

grossas.
— Agora conseguiram ver? — Alexis perguntou. — Sim, já vi — Grant confirmou.
— O que são?
— São raptores. Pelo menos dois. Talvez mais. Jovens. — Meu Deus — Ed Regis exclamou. — O barco vai para o continente.
Malcolm deu de ombros.
— Não fique excitado. Chame a sala de controle e diga para ordenarem a volta do barco.
Ed Regis pegou o rádio no painel. Ouviu um chiado, de estática, e estalos enquanto mudava rapidamente de canal. — Há algo errado com este rádio — constatou. — Não funciona. Correndo para o primeiro Land Cruiser, tentou o outro. Depois olhou para os ocupantes.
— Os dois rádios estão com defeito. Não consigo contato com a sala de controle.
— Então vamos seguir em frente — Grant decidiu.
Na sala de controle, Muldoon parou na frente das grandes janelas que davam para o parque. As luzes de quartzo acenderam-se em toda a ilha, às sete horas, transformando a paisagem numa imensa jóia brilhando no sentido sul. Era seu momento favorito do dia. Ele ouviu a estática nos rádios.
— Os Land Cruiser estão em movimento outra vez — Arnold disse. — Voltam para casa.
— Mas por que pararam? — Hammond estranhou. — E por que não podemos falar com eles?

— Não sei — Arnold admitiu. — Talvez tenham desligado o rádio nos carros.
— Provavelmente por causa da tempestade — Muldoon opinou. — Interferência do mau tempo.
— Estarão aqui em vinte minutos — Hammond disse. — Melhor

avisar o pessoal para preparar a sala para o jantar. As crianças
chegarão com fome.
Arnold pegou o telefone interno e ouviu um chiado monótono. — O que é isso? O que está acontecendo? — Meu Deus, desligue já — Nedry alertou. — Vai prejudicar a remessa de dados.
— Você pegou todas as linhas telefônicas? Até mesmo as internas?
— Peguei todas as linhas que se comunicam com o continente — Nedry respondeu. — Mas as linhas internas deveriam continuar ativas.
Arnold apertou os botões do console, um após o outro, mas não ouviu nada, a não ser o chiado nas linhas. — Pelo jeito todas emudeceram.
— Sinto muito. Vou liberar algumas linhas no final da próxima transmissão, dentro de uns quinze minutos. — Nedry bocejou. — Acho que vai ser um longo final de semana para mim. Vou tomar uma Coca agora. — Ele pegou sua bolsa e seguiu para a porta. — Não toquem no meu console, está bem?
A porta fechou-se.
— Mas que sujeito desagradável — Hammond resmungou. — Sim — Arnold disse. — Mas acredito que saiba o que está fazendo.

Ao longo da estrada, nas beiras, nuvens de vapor vulcânico lançavam arco-íris nas luzes de quartzo brilhantes. Grant disse pelo rádio:
— Quanto tempo o barco demora para chegar ao continente? — Dezoito horas — Ed Regis respondeu.
— Mais ou menos. É bem confiável. — Ele olhou para o relógio. — Deve chegar às onze da manhã.
Grant franziu a testa.
— Ainda não temos contato com a sala de controle?

— Ainda não.
— E quanto a Harding? Consegue falar com ele? — Não, já tentei. Deve ter desligado o rádio. Malcolm balançava a cabeça.
— Então somos os únicos a saber que há animais a bordo do barco.
— Estou tentando localizar alguém — Ed Regis disse. — Meu Deus, não podemos deixar que os animais cheguem ao continente. — Quanto tempo demora até voltarmos ao alojamento? — Mais ou menos uns dezesseis minutos — Ed Regis disse. A estrada era toda iluminada à noite, por lâmpadas potentes. Grant sentia como se estivessem atravessando um enorme túnel de folhas verdes. Os pingos de chuva batiam com força no pára-brisa. Grant notou que o Land Cruiser diminuiu a marcha, e depois parou.
— E agora, o que foi?
— Não quero parar — Alexis protestou. — Por que paramos? E depois, de repente, as luzes todas se apagaram. A estrada mergulhou nas trevas. A menina protestou de novo: — Ei!
— Provavelmente uma queda na força, ou algo assim — Ed Regis deduziu. — Tenho certeza de que as luzes voltarão em um minuto.

— Mas que diacho! — Arnold exclamou, olhando para os monitores.
— O que aconteceu? — Muldoon perguntou. — Caiu a força? — Sim, mas apenas a força no perímetro. Aqui no prédio está tudo em ordem. Mas, lá fora no parque, a eletricidade falhou. As luzes, as câmeras de televisão, tudo desligado. Os monitores de vídeo escureceram.

— E quanto aos dois Land Cruisers?
— Pararam em algum lugar, perto do cercado dos

tiranossauros.
— Bem — Muldoon disse —, chame a manutenção e mande consertar isso.
Arnold ergueu o fone e só ouviu um chiado: os computadores de Nedry conversando entre si. — Estamos sem telefone. Nedry desgraçado! Onde ele se meteu?

Dennis Nedry empurrou a porta que indicava "Fertilização". Com a energia do perímetro desligada, todas as fechaduras de segurança haviam sido desativadas. Qualquer porta do prédio podia ser aberta com um toque.
Os problemas com os sistemas de segurança ocupavam o primeiro lugar na lista de bugs do Parque Jurássico. Nedry ficou pensando se alguém já imaginara que não se tratava de bugs. Ele programara tudo. Até a clássica passagem secreta. Poucos programadores de grandes sistemas de computador resistiam à tentação de deixar uma entrada secreta para uso próprio. Em parte por bom senso: se usuários incompetentes travassem o sistema — e o chamassem para resolver isso — sempre haveria um modo de entrar e resolver o problema. E em parte era uma espécie de assinatura, como uma pichação num muro.
E em parte um seguro para o futuro. Nedry estava furioso com o projeto do Parque Jurássico. No final, a InGen solicitara mudanças radicais no sistema, e não parecia disposta a pagar por elas, argumentando que estava tudo previsto no contrato original. Houvera ameaça de processo. Escreveram cartas a outros clientes de Nedry, insinuando que ele não merecia confiança. Pura chantagem, e no final Nedry tinha sido obrigado a engolir o serviço extra no Parque Jurássico e realizar as mudanças pedidas por Hammond. Mais tarde, quando abordado por Lewis Dodgson, da Biosyn, Nedry se interessara pela proposta. E pudera garantir que passaria com facilidade pela segurança do Parque Jurássico. Entraria em qualquer sala, qualquer sistema, em qualquer ponto do parque. Porque

programara os computadores para tanto. Por via das dúvidas.
Ele entrou na sala de fertilização. O laboratório se achava vazio. Como previra, todos jantavam. Nedry abriu sua bolsa e removeu a lata de espuma de barbear Gillette. Desenroscou a base e viu que o interior se dividia em uma série de buracos cilíndricos. Ele apanhou um par de luvas e entrou no câmara frigorífica marcada com o aviso: "Produtos Biológicos Sensíveis — Manter Temperatura Mínima de — 10o".
A câmara era do tamanho de uma saleta, lotada de prateleiras que iam até o teto. A maioria continha reagentes e líquidos em sacos plásticos. Na lateral havia uma caixa fria com nitrogênio, e uma pesada tampa cerâmica. Ele a abriu, e viu uma série de pequenos tubos, numa nuvem de vapor de nitrogênio líquido.
Os embriões estavam dispostos por espécie: Estegossauros, Apa- tossauros, Hadrossauros, Tiranossauros. Cada um dos embriões guardado nos tubos de vidro fora embrulhado em folha de alumínio e lacrado com plástico. Nedry rapidamente pegou dois de cada, colocando-os dentro do tubo de creme de barbear. Depois enroscou a base da lata e girou a tampa. Ouviu o sibilar do gás sendo liberado lá dentro e a lata congelou na sua mão. Dodgson avisara que havia gás congelante para conservar os embriões por trinta e seis horas. Tempo mais do que suficiente para voltar a San José.
Nedry saiu do freezer, dirigindo-se ao laboratório principal. Guardou a lata na sacola e fechou o zíper. Afastando-se pelo corredor, pensou que o roubo não demorara mais do que dois minutos. Imaginou a consternação na sala de controle, quando as pessoas percebessem o que havia ocorrido. Todos os códigos de segurança com defeito, todas as linhas telefônicas mudas. Sem sua ajuda, levariam horas

para desfazer a confusão. Mas em poucos minutos Nedry voltaria, recolocando tudo nos seus devidos lugares.
E ninguém suspeitaria do que havia feito. Com um sorriso maldoso, Dennis Nedry atravessou o térreo,

cumprimentando o guarda, e seguiu para o porão. Passando pela filas
ordenadas de Land Cruisers, aproximou-se do jipe a gasolina estacionado perto da parede. Subiu, notando um cilindro estranho, cinzento, no banco do passageiro. Parecia um lançador de foguetes, pensou, enquanto ligava o motor e saía com o veículo. Nedry olhou para o relógio. Dali ao parque, e em três minutos atingiria a doca leste. Em mais três minutos, estaria de volta à sala de controle.
Moleza.

— Droga! — exclamou Arnold, trabalhando no teclado. — Está tudo uma bagunça!
Muldoon estava parado na janela, observando o parque. Não havia luzes na ilha, exceto em torno do prédio principal. Ele viu alguns funcionários correndo para se abrigarem da chuva, mas ninguém parecia notar que havia algo errado. Muldoon olhou para o alojamento dos visitantes, onde as luzes brilhavam. — Puxa vida — Arnold disse. — Temos problemas sérios. — O que foi? — Muldoon indagou. Ele se afastou da janela e não viu quando o jipe saiu da garagem e seguiu para leste, pela estrada de manutenção do parque.
— O idiota do Nedry desligou os sistemas se segurança — Arnold respondeu. — O prédio inteiro está vulnerável. Nenhuma das portas trancadas.
— Vou avisar os guardas — Muldoon disse. — Isso não é o pior — Arnold observou. — Quando os sistemas de segurança são desligados, desativam todas as cercas da periferia. — As cercas? — Muldoon repetiu.
— As cercas elétricas — Arnold explicou. — Estão desligadas, na ilha inteira.
— Quer dizer...
— Isso mesmo — Arnold confirmou. — Os animais podem circular à vontade agora. — Ele acendeu um cigarro. — Provavelmente

não vai acontecer nada, mas a gente nunca sabe...
Muldoon dirigiu-se para a porta.
— Acho melhor pegar o jipe e ir buscar o pessoal nos Land Crui- sers. Por via das dúvidas.
Ele desceu correndo para a garagem. Não se preocupava com o fato das cercas eletrificadas terem sido desligadas. A maioria dos dinossauros já passara nove meses ou mais em seus locais de confinamento, tocando mais de uma vez nas cercas, com resultados óbvios. Muldoon conhecia a rapidez com que os animais aprendiam a evitar choques elétricos. Uma pomba poderia aprender isso em laboratório com apenas três estímulos. Era improvável que os dinossauros se aproximassem das cercas. Muldoon preocupava-se com o que as pessoas nos carros pudessem fazer. Não queria que se afastassem dos Land Cruisers, porque os carros voltariam a se movimentar quando a energia retornasse, com gente dentro ou não. Poderiam ser deixados para trás. Claro, naquela chuva ninguém sairia do carro... Chegou à garagem e correu para o jipe. Foi uma sorte ter se antecipado e posto o lançador de foguetes ali. Ele poderia sair imediatamente e...
O jipe não estava lá!
— Mas que diabos... — Muldoon ficou olhando para a vaga vazia, atônito.
O jipe não estava lá!
Mas o que andava acontecendo ali, afinal?

QUARTA ITERAÇÃO

"Inevitavelmente, as instabilidades ocultas começam a se manifestar."

IAN MALCOLM

A ESTRADA PRINCIPAL

A chuva tamborilava no teto do Land Cruiser. Tim sentia na testa a pressão dos binóculos para ver no escuro. Procurando o botão próximo à orelha, ajustou a intensidade. Depois de um piscar fosforescente, e de sombras eletrônicas em verde e negro, viu o Land Cruiser atrás de si, com o dr. Grant e o dr. Malcolm dentro. Legal! Grant olhava em sua direção pelo pára-brisa. Tim viu quando pegou o rádio no painel. Depois de um tanto de estática, surgiu a voz de Grant:
— Pode nos ver daí?
Tim pegou o rádio de Ed Regis.
— Posso sim.
— Tudo bem?
— Estamos ótimos, doutor Grant.
— Fiquem no carro.
— Claro. — E desligou o rádio.
— Está chovendo a cântaros — Ed resmungou. — Claro que vamos ficar no carro.
Tim virou-se para observar a folhagem na beira da estrada. Através dos binóculos, a vegetação se tornava brilhante, de um verde eletrônico, e além dela avistava trechos do xadrez do alambrado verde. Os Land Cruisers tinham parado numa descida de morro, portanto deveriam estar próximos à área do tiranossauro. Seria emocionante ver um tiranossauro com os binóculos noturnos. Incrível. Talvez o tiranossauro se aproximasse da cerca e olhasse para eles. Tim imaginou se os olhos brilhariam no escuro. Isso seria o máximo. Mas ele não viu nada, e depois de algum tempo cansou-se de olhar. Todos no carro mantinham silêncio. A chuva batucava no teto. A água escorria pelas laterais da janela. Era difícil distinguir qualquer

movimento lá fora, mesmo com os binóculos.
— Quanto tempo vamos ficar parados aqui? — Malcolm perguntou.
— Não sei. Quatro ou cinco minutos.
— Qual será o problema?
— Talvez um curto por causa da chuva.
— Mas paramos antes de a chuva começar a cair com força. Depois de mais um tempo em silêncio, Alexis disse nervosa: — Mas não caiu nenhum raio, certo? — Ela sempre tivera medo de raios, e agora não parava de apertar a luva de beisebol nas mãos. A voz de Grant soou no interior do veículo:
— O que foi isso? Não entendemos.

— Só minha irmã falando.
— Ah.
Tim observou a vegetação de novo, sem ver nada. Pelo menos nada do tamanho de um tiranossauro. Talvez os tiranossauros não saíssem à noite. Seriam animais noturnos? Nunca lera a esse respeito. Tinha a impressão de que os tiranossauros não ligavam para a chuva, a noite ou o dia. A hora não importava para eles. A chuva continuava.
— Chuva desgraçada — Ed Regis resmungou. — Está piorando. — Estou com fome — Alexis se queixou.
— Sei disso, Lex — Ed Regis respondeu. — Mas estamos encrencados aqui, menina. Os carros só andam com a força dos cabos elétricos da estrada.
— Vamos ficar quanto tempo?
— Até que volte a força.
O som da chuva deixou Tim sonolento. Bocejando, virou-se para olhar as palmeiras à esquerda da estrada, mas levou um susto quando a terra tremeu com o impacto de um animal saltando. Ele virou para a frente, bem a tempo de ver de relance uma sombra escura, que cruzou a estrada rapidamente, passando entre os dois carros. — Meu Deus!

— O que foi isso?
— Algo enorme, do tamanho do carro...
— Tim? Pode me ouvir? O menino pegou o rádio. — O que é?
— Você o viu, Tim?
— Não. Passou muito rápido.
— Tem idéia do que era? — Malcolm perguntou. — Está usando os binóculos, Tim?
— Sim. Vou ficar de olho.
— Era o tiranossauro? — Ed Regis perguntou. — Acho que não. Estava na estrada.
— Mas não o viu? — Ed Regis insistiu.
— Não.
Tim sentiu-se mal por ter perdido a chance de ver o animal. Depois um relâmpago iluminou tudo, e os binóculos noturnos brilharam. Ele fechou os olhos e começou a contar: Um mil... dois mil... O trovão explodiu, próximo, com um barulho ensurdecedor. Alexis começou a chorar.
— Não...
— Fique calma, menina — Ed Regis disse. — Foi só um relâmpago.
Tim examinou a beira da estrada. A chuva caía pesadamente agora, balançando as folhas com as gotas grandes. Tudo se mexia. Tudo parecia ter vida. Ele olhou para as folhas... E parou. Havia algo atrás das folhas.
Tim olhou para cima.
Atrás da folhagem, para lá da cerca, viu o corpo imenso, com a textura rugosa de uma casca de árvore. Mas não era uma árvore... Ele continuou a olhar para cima, erguendo os binóculos... E identificou a cabeça monstruosa do tiranossauro. Estava parado, olhando para os dois Land Cruisers além da cerca. Outro relâmpago explodiu, e o animal virou a cabeça, urrando para a claridade. Depois o silêncio e a escuridão retornaram, e só restou a

chuva forte.
— Tim?
— Sim, doutor Grant.
— Viu o que era?
— Vi, doutor Grant.

Tim percebeu que o dr. Grant tentava falar de modo a não assustar sua irmã menor.
— O que está acontecendo agora?
— Nada — Tim disse, vigiando o tiranossauro com o binóculo noturno. — Parou do outro lado da cerca. — Não dá para ver nada daqui, Tim.
— Eu posso vê-lo bem. Parou ali.
— Certo.
Alexis continuou a choramingar, fungando. Houve outra pausa. Tim observava o tiranossauro. A cabeça era imensa! O animal olhava para um veículo e para outro. Depois novamente para o primeiro. Parecia encarar Tim. Pelo binóculo, os olhos brilhavam, verdes. Tim sentiu um arrepio, ao olhar para o corpo do animal, examinando a boca feroz, os braços pequenos, musculosos. Eles se agitaram no ar e depois agarraram a cerca. — Meu Deus! — Ed Regis exclamou, olhando pela janela.
O maior predador que o mundo já conheceu. O mais temível ataque da história da humanidade. No fundo de seu cérebro de publicitário, Ed Regis criava um texto. Por fora seu corpo tremia, os joelhos se descontrolavam, as calças agitavam-se como bandeiras. Jesus, como estava apavorado! Não queria ficar ali. Entre todas as pessoas nos dois carros, Ed Regis era o único a conhecer as conseqüências de um ataque de dinossauro. Vira os corpos mutilados depois de um ataque dos raptores. A cena ficara gravada em sua mente. E aquele era um rex! Muito maior, muito maior! O maior carnívoro que já pisara na face da Terra!

Oh, Deus.
Quando o tiranossauro rugiu foi terrível, era um grito do outro mundo. Ed Regis sentiu o calor espalhar-se na calça. Molhara-se todo. Ficou ao mesmo tempo embaraçado e apavorado. Mas sabia que precisava fazer alguma coisa. Não podia simplesmente continuar ali parado. Precisava agir. Fazer qualquer coisa. As mãos tremiam, incontrolavelmente.
— Meu Deus — disse.
— Não fale assim — Alexis advertiu, apontando o dedo para ele. Tim ouviu o som da porta que se abria, e desviou o olhar do tiranossauro, deixando de lado o binóculo, a tempo de ver Ed Regis saindo do carro e sumindo na chuva.
— Ei — Alexis chamou —, o que está fazendo? Ed Regis apenas corria na direção oposta a do tiranossauro, desaparecendo na mata. A porta do Land Cruiser ficou aberta, deixando a chuva entrar.
— Ele fugiu! — a menina gritou. — Para onde foi? Ele nos deixou aqui sozinhos!
— Feche a porta — Tim ordenou, mas ela começou a chorar e gritar: — Ele foi embora! Foi embora!
— Tim, o que houve? — Era o dr. Grant, no rádio. — Tim? Tim esticou o corpo e tentou fechar a porta. Sentado atrás, não alcançava a maçaneta. Olhou novamente para o tiranossauro, quando um novo relâmpago iluminou a cena, projetando a silhueta enorme e negra contra o céu iluminado.
— Tim, o que está acontecendo?
— Ele foi embora, foi embora.
Tim piscou para recuperar a visão. Quando olhou novamente, o tiranossauro continuava parado, exatamente como antes, imóvel e imenso. A chuva pingava de sua boca. A mão segurava a cerca... De repente Tim se deu conta do que via: o tiranossauro segurava a cerca!
A cerca não estava mais eletrificada!

— Lex, feche a porta! O rádio estalou:
— Tim!
— Estou aqui, doutor Grant.
— O que houve?
— Regis fugiu — Tim explicou.

— Ele o quê?!
— Fugiu. Acho que percebeu que a cerca não está mais eletrificada.
— A cerca não está eletrificada? — Malcolm gritou pelo rádio. — Ele disse que a cerca não estava eletrificada? — Lex — Tim ordenou novamente —, feche a porta! Mas a menina não parava de gritar "ele foi embora, foi embora", numa ladainha monótona, e Tim não teve outro jeito senão sair pela porta traseira, na chuva, e fechar a da frente para ela. O relâmpago brilhou de novo e Tim olhou para cima. O tiranossauro esmagava a cerca com sua pata gigantesca.
— Timmy!
Ele entrou e bateu a porta, o som perdendo-se no rugido do trovão. No rádio:
— Tim. Está aí? Ele pegou o rádio.
— Estou aqui. — Virando-se para Alexis, instruiu: — Trave as portas. Fique no meio do banco. E cale a boca! Lá fora, o tiranossauro moveu a cabeça e deu um passo vacilante para a frente. As garras dos pés prenderam-se na cerca derrubada. A menina finalmente avistou o animal e ficou quietinha, imóvel, de olhos arregalados.
O rádio estalou.
— Tim?
— Sim, doutor Grant.
— Fique no carro. Abaixe-se. Fique quieto. Não se mexa e não faça nenhum ruído.
— Está bem.
— Vai dar tudo certo. Duvido que ele consiga abrir a porta.

— Tá.
— Mas fique quieto, não atraia a atenção dele. — Certo. — Tim desligou o rádio. — Entendeu bem, Lex? A irmão fez que sim com a cabeça, em silêncio. Não conseguia tirar os olhos do dinossauro, que rugiu. Na claridade de um novo relâmpago, ela o viu livrar-se da cerca e dar um passo pesado para a frente.
Agora a fera estava parada entre os dois carros. Tim não via mais o carro do dr. Grant, o corpo enorme bloqueava sua visão. A chuva escorria pelo couro rugoso da pata traseira musculosa. Tampouco podia enxergar a cabeça do bicho, que se erguia muito acima do teto. O tiranossauro moveu-se, parando ao lado do carro exatamente no ponto onde Tim havia descido. Onde Ed Regis descera. O animal parou ali. A cabeça monstruosa baixou, quase encostando na lama. Tim olhou para trás, procurando o dr. Grant e o dr. Malcolm no outro veículo. Seus rostos tensos observavam tudo pelo pára-brisa. A cabeça imensa ergueu-se, a boca aberta, e parou na altura da janela. Na luz dos relâmpagos viram o olho redondo, inexpressivo, movendo-se na órbita.
Ele estava olhando para dentro do carro. A irmã respirava ofegante, soluçando amedrontada. Ele se virou e torceu-lhe o braço, numa tentativa desesperada para que ela se acalmasse. O dinossauro os observou por um longo tempo, pela janela lateral. Talvez não conseguisse enxergá-los, Tim pensou. Finalmente o bicho levantou a cabeça, que sumiu de vista outra vez. — Timmy... — Alexis sussurrou.
— Tudo bem — Tim murmurou. — Acho que ele não viu a gente. Tim estava olhando para trás, procurando o dr. Grant, quando um
tranco violento sacudiu o Land Cruiser e quebrou o pára-brisa, que se partiu em forma de teia de aranha. O impacto da cabeça do dinossauro contra a capota do Land Cruiser jogou o menino contra o banco. O binóculo de visão noturna pulou de sua mão.

Ele se recompôs rapidamente, piscando na escuridão, a boca
morna de sangue.
— Lex?

Ele não via mais a irmã.
O tiranossauro parou na frente do Land Cruiser, o peito estufado quando respirava, as mãos agitando-se no ar. — Lex! — Tim murmurou. Depois ouviu um gemido. Ela estava caída no chão, atrás do banco.
Em seguida a cabeça monstruosa baixou, bloqueando o pára- brisa estilhaçado. O tiranossauro bateu no capo do Land Cruiser. Tim agarrou-se ao banco, enquanto o carro balançava. O tiranossauro atacou mais duas vezes, deixando marcas no metal. Depois deu a volta e foi para a lateral do veículo. A cauda enorme erguida bloqueava sua vista na janela. O animal fungou, emitindo um ronco profundo que se mesclou com o trovão. Mordeu o estepe que ficava na traseira do Land Cruiser, e com um único movimento da cabeça arrancou o pneu. A traseira do carro foi levantada no ar por um momento, caindo depois e espalhando lama. — Tim! — O dr. Grant gritou. — Tim, pode me ouvir? Tim pegou o rádio.
— Estamos bem — disse.
O metal do teto foi arranhado pelas garras. O coração de Tim disparou dentro do peito. Não via nada pela janela, exceto o couro rugoso. O tiranossauro estava encostado no carro, que balançava de um lado para outro a cada respiração, molas e metais rangendo assustadoramente.
Alexis gemeu de novo. Tim largou o rádio e começou a se arrastar pelo banco da frente. O tiranossauro rugiu e a capota de metal foi amassada. Tim sentiu uma pontada dolorida na cabeça e caiu no chão, em cima do túnel da transmissão. Acabou deitado ao lado de Alexis, e ficou chocado ao ver que um lado da cabeça da irmã estava coberto de sangue. Ela parecia ter desmaiado. Seguiu-se outro impacto brutal, e Tim foi recoberto de cacos de

vidro. Sentiu a chuva entrando. Olhou para cima e viu que o pára-brisa
desaparecera. Restara apenas uma moldura de vidro em zigue-zague, e atrás dela a imensa cabeça do dinossauro. Olhando para ele.
Tim sentiu um frio súbito na espinha, e depois a cabeça moveu- se em sua direção, a boca aberta. O metal rangeu contra os dentes, e o bafo quente do animal precedeu a língua grossa que entrou no carro pela abertura do pára-brisa. A língua tateou o interior do carro, úmida — ele sentiu na pele a saliva morna e pegajosa do dinossauro — e o bicho rugiu, um som insuportável, no interior do Cruiser. A cabeça afastou-se abruptamente.
Tim sentou-se, evitando a mossa no teto. Ainda havia lugar para sentar na frente, no banco do passageiro. O tiranossauro ficou parado na chuva, diante do veículo. Parecia assustado com o que lhe acontecera. O sangue escorria de sua boca. O animal olhou para Tim, virando a cabeça para espiá-lo com um olho enorme. A cabeça moveu-se para mais perto do carro, de lado, examinando o interior. O sangue pingava no teto do Land Cruiser, misturado à chuva.
Ele não consegue me pegar, Tim pensou. E grande demais. Em seguida a cabeça afastou-se, e na luz do relâmpago Tim viu a perna traseira que se erguia. E o mundo chacoalhou alucinado quando o Land Cruiser virou de lado, batendo a janela na lama. Alexis tombou em cima da janela lateral. Caindo a seu lado, Tim bateu a cabeça e ficou tonto. Aí o tiranossauro agarrou a janela com as patas dianteiras, erguendo o Land Cruiser no ar, para sacudi-lo. — Timmy! — Alexis berrou, tão perto de seu ouvido que doeu. A menina havia acordado subitamente, e ele a segurou quando o tiranossauro jogou o carro no chão. Tim sentiu uma dor forte do lado, e a irmã tombou por cima dele. O carro foi novamente erguido, balançando alucinadamente. Alexis gritou pelo irmão quando a porta se abriu debaixo dela, atirando-a no solo enlameado. Tim não pôde responder, pois em seguida tudo girou: viu os troncos das palmeiras

passando perto dele, movendo-se de lado no ar, e percebeu que estava

longe do chão. O dinossauro rugiu... o olho arregalado... o topo das palmeiras.
E depois, com um guincho metálico, o carro escapou das mandíbulas terríveis do dinossauro, desabando lá do alto, e o estômago de Tim flutuou, antes do mundo se tornar totalmente negro e silencioso.
No outro carro, Malcolm engasgou:
— Meu Deus! Cadê o carro?
Grant forçou a vista quando o relâmpago diminuiu de intensidade.
O outro carro desaparecera.
Ele mal podia acreditar naquilo. Olhou para fora, tentando ver alguma coisa pelo pára-brisa embaçado. O corpo do dinossauro era tão grande, provavelmente bloqueava...
Não. Outro relâmpago, e ele percebeu claramente: o carro desaparecera.
— O que aconteceu? — Malcolm perguntou. — Eu não sei.
Debilmente, no meio da chuva, Grant ouviu o choro da menina. O dinossauro estava parado na escuridão da estrada, e dava para perceber, mesmo no escuro, que se abaixara para farejar a lama. Ou comer algo no chão.
— Pode ver algo? — Malcolm insistiu, forçando os olhos. — Não, quase nada — Grant respondeu. A chuva martelava o teto do carro. Ele tentou ouvir a voz da garotinha, mas ela não se manifestou mais. Os dois homens permaneceram dentro do carro, escutando.
— Foi a menina? — Malcolm indagou num sussurro. — Parecia a voz da menina.
— Sim, era mesmo.
— Tem certeza?
— Não sei bem — Grant disse. Ele sentiu que um cansaço

imenso tomava conta de seu corpo. Meio borrado por causa da chuva, o
dinossauro se aproximava do carro deles. Lento, em passadas poderosas, direto para eles.
— Sabe, numa hora dessas a gente acaba concluindo que os animais extintos devem continuar extintos — Malcolm falou. — Não concorda comigo agora?
— Concordo. — Grant sentia o mesmo. Seu coração havia disparado.
— Bem... você tem alguma sugestão sobre o que devemos fazer? — Não consigo pensar em nada — Grant disse. Malcolm girou a maçaneta, abriu a porta e correu. Mas Grant percebeu que era tarde demais, o monstro estava muito perto. No relâmpago seguinte, sob a luz branca brilhante, ele ficou horrorizado com o rugido do dinossauro e seu salto para a frente. Grant não acompanhou bem os acontecimentos seguintes. Malcolm corria, os pés espalhando lama. O tiranossauro o seguiu, abaixando a cabeça enorme. Malcolm foi atirado para o alto como se fosse uma boneca.
Grant também pulou fora do carro, sentindo a chuva açoitando seu corpo e seu rosto. O tiranossauro havia dado as costas para ele, a cauda gigantesca balançava no ar. Grant pretendia correr para a mata, quando repentinamente o tiranossauro virou-se e rugiu. Grant ficou gelado, imóvel.
Estava parado ao lado da porta do passageiro do Land Cruiser, encharcado pela chuva. Completamente exposto, a menos de três metros do dinossauro. O animal rugiu novamente. Assim tão perto, o barulho era assustador, terrível. Grant sentiu que tremia de frio e medo. Apertou as mãos trêmulas contra o metal da porta para firmá- las.
O tiranossauro rugiu novamente, mas não o atacou. Virou a cabeça, olhando para o Land Cruiser primeiro com um olho, depois com o outro. E não fez nada.
Só ficou ali parado.

O que estava acontecendo?
As mandíbulas poderosas abriram e fecharam. O tiranossauro rugiu furioso, e depois sua pata traseira

monumental ergueu-se, esmagando o teto do Land Cruiser. As garras rasgaram o metal, quase acertando Grant, ali imóvel.

O pé do bicho salpicou lama ao bater no solo. A cabeça curvou-se num arco lento, e o animal inspecionou o carro, fungando. Olhou pelo pára-brisa, depois deslocou-se para a traseira, fechando a porta, e dirigiu-se para Grant. Este, tonto de medo, quase ouvia o ribombar alucinado do coração. Podia sentir, no animal tão próximo, o cheiro de carne podre na boca, o cheiro adocicado de sangue, o fedor insuportável do carnívoro...

Seu corpo ficou tenso, à espera do pior. A cabeça imensa passou a seu lado e seguiu para a traseira do carro. Grant piscou.

O que estava acontecendo?

Seria possível que o dinossauro não o tivesse visto? Aparentemente não o vira mesmo. Mas como era possível? Grant olhou para trás. O animal cheirava o pneu traseiro. Cutucou o pneu com a cabeça, depois recuou. Novamente aproximou-se de Grant. Desta vez o animal parou, as narinas abertas, a poucos metros. Grant sentiu o bafo quente na cara. Mas o tiranossauro não cheirava como um cachorro. Simplesmente respirava, como se algo o intrigasse. Não, o tiranossauro não o via. Não poderia vê-lo, se permanecesse imóvel. E, no fundo de sua mente de pesquisador, ele encontrou uma explicação para o fato, uma razão para... A boca se abriu a sua frente, e a cabeça se levantou. Grant apertou uma das mãos contra a outra, mordendo o lábio, tentando desesperadamente manter-se imóvel, sem emitir nenhum som. O tiranossauro rugiu na noite.

Mas agora Grant já compreendia melhor a atitude do animal. O tiranossauro não podia vê-lo, mas suspeitava que ele estava por ali, em algum lugar. Tentava assustá-lo com seu rugido para que Grant

revelasse sua posição com algum movimento. Desde que ficasse parado,

Grant concluiu, era invisível.

Com um gesto final de frustração, a perna esquerda ergueu-se e golpeou o Land Cruiser. Grant sentiu uma dor lancinante e experimentou a surpreendente sensação de ter o corpo atirado para longe. Tudo aconteceu em câmera lenta, e houve tempo suficiente para perceber o mundo esfriar e o solo se erguer para acertá-lo no rosto.

RETORNO

— Droga — Harding exclamou. — Olhe só isso. Eles estavam sentados no jipe a gasolina de Harding, acompanhando o movimento ritmado dos limpadores de pára-brisa que faziam flic, flic,. A luz amarelada dos faróis iluminava uma grande árvore bloqueando a estrada.
— Deve ter sido um raio — Gennaro deduziu. — Maldita árvore. — Não podemos passar — Harding disse. — Melhor chamar Arnold na sala de controle.
Ele pegou o rádio e percorreu o dial.
— Alô, John, pode me ouvir? John? — Não se ouvia nada, fora a estática. — Não compreendo. O rádio ficou mudo. — Deve ser por causa da tempestade — Gennaro falou. — Tente os Land Cruisers — Ellie sugeriu. Harding tentou os outros canais, sem sucesso.
— Nada. Provavelmente já voltaram para o alojamento, a esta altura, ou saíram do alcance deste equipamento, que é limitado. De qualquer maneira, acho melhor não ficarmos aqui. A manutenção demorará horas até remover esta árvore. Ele desligou o rádio e engatou a marcha a ré no jipe. — O que pretende fazer? — Ellie perguntou. — Voltar até a bifurcação e pegar a estrada de manutenção. Felizmente temos outro sistema viário — Harding explicou. — Uma estrada para visitantes, e outra para tratadores de animais, caminhões de alimentos e assim por diante. Vamos voltar para pegar a estrada de serviço. Demorará um pouco mais, e não tem tantas atrações. Mas vão achá-la interessante. Se a chuva permitir, veremos alguns animais noturnos. Estaremos de volta em trinta ou quarenta minutos, se eu não me perder.

Manobrando o jipe na escuridão da noite, ele seguiu novamente
para o sul.
Os relâmpagos se sucediam e todos os monitores da sala de controle ficaram pretos. Arnold inclinou-se para a frente, o corpo rígido e tenso. Agora não, pelo amor de Deus, agora não. Era só isso que faltava — o sistema inteiro entrando em colapso, bem na hora da tempestade. Todos os circuitos de força eram superprotegidos, claro, mas Arnold não podia garantir os modems que Nedry utilizava em suas transmissões. Muitas pessoas não se davam conta de que era possível arruinar um sistema inteiro através de um modem: a eletricidade do raio entrava no computador pela linha telefônica e bang! Era o fim da placa principal. O fim da RAM. Acabava-se o computador, interrompia- se o acesso aos arquivos.
As telas piscaram. E depois, uma a uma, voltaram a funcionar. Arnold suspirou, jogando o corpo na cadeira. O sumiço de Nedry o intrigava. Há cinco minutos mandara que os guardas revistassem o prédio para localizá-lo. O gordo desgraçado provavelmente se escondera no banheiro para ler gibi. Mas os guardas ainda não tinham voltado, nem Nedry.
Cinco minutos. Se Nedry estivesse no prédio, já deveriam tê-lo encontrado.
— Alguém saiu com o jipe, diacho — Muldoon disse ao retornar para a sala. — Já conseguiu contato com os Land Cruisers? — Não consigo pegá-los no rádio — Arnold contou. — Precisei usar este, porque o sistema principal saiu do ar. É fraco, mas deveria funcionar. Tentei os seis canais e nada. Sei que possuem rádios no carro, mas não obtive nenhuma resposta. — Não estou gostando nem um pouco

de tudo isso — Muldoon resmungou.
— Se quiser ir procurá-los, pegue um dos veículos da manutenção.
— Eu gostaria — Muldoon disse. — Mas guardaram todos na garagem leste, a quase dois quilômetros daqui. Onde está Harding?

— Calculei que já estivesse a caminho.
— Ele poderia recolher o pessoal dos Land Cruisers. — Creio que sim.
— Alguém já contou a Hammond que seus netos ainda não voltaram?
— Ainda não — Arnold disse. — Eu não quero aquele filho da mãe circulando por aqui, gritando comigo. Temos tudo sob controle por enquanto. Os Land Cruisers ficaram presos na chuva, é só. Eles bem que podem esperar um pouco, até que Harding os traga. Ou até que Nedry apareça, e eu obrigue o filho da mãe e ligar os sistemas novamente.
— Não sabe fazer isso? — Muldoon perguntou. Arnold balançou a cabeça.
— Estou tentando. Mas Nedry modificou o sistema. Eu não sei bem o que andou aprontando, mas será necessário acessar o código, e isso levará horas. Precisamos de Nedry. Precisamos encontrar o filho da mãe imediatamente.

NEDRY

O aviso dizia "Cerca Eletrificada — 10.000 Volts — Não Toque", mas Nedry a abriu com as mãos nuas, destrancando o portão, escancarando-o para passar. Voltou ao jipe, cruzou o portão e voltou andando para fechá-lo.
Agora ele se encontrava no interior do parque propriamente dito, a pouco mais de um quilômetro e meio da doca leste. Pisou fundo no acelerador, e se debruçou sobre o volante, tentando ver o caminho pelo pára-brisa fustigado pela chuva, dirigindo o jipe pela estrada estreita. Ia depressa — até demais — mas precisava chegar a tempo para o encontro. Estava rodeado de selva por todos os lados, mas logo veria o oceano e a praia à sua esquerda.
Maldita tempestade, pensou. Podia arruinar tudo. Porque, se o barco de Dodgson não estivesse esperando por ele na doca leste, o plano todo fracassaria. Não poderia se demorar muito, sentiriam sua falta na sala de controle. A idéia era chegar na doca leste, entregar os embriões e voltar em poucos minutos, sem que ninguém notasse sua ausência. Era um bom plano, muito astucioso. Nedry o montara cuidadosamente, aperfeiçoando cada detalhe. E iria lhe garantir um milhão e meio de dólares,

um ponto cinco mega. Dez anos de renda, livres de impostos, mudariam sua vida. Nedry fora cuidadoso, a ponto de pedir o encontro com Dodgson no aeroporto, no último minuto, com a desculpa de ver o dinheiro. Na verdade, desejava gravar a conversa com Dodgson, e mencionar seu nome na fita. Assim Dodgson não se esqueceria de pagar o restante do dinheiro. Nedry estava mandando uma cópia da fita junto com os embriões, para garantir o pagamento. Pensara em tudo. Exceto naquela tempestade miserável.

Um bicho cruzou a estrada, refletindo-se nos faróis por um instante. Parecia um rato grande. Correu para as moitas da beira, arrastando sua cauda grossa. Gambá. Incrível encontrar um gambá ali. Era de se imaginar que os dinossauros acabassem com um bicho

desses.
Onde estava a maldita doca?
Ele dirigia depressa, e já demorava cinco minutos. Deveria ter chegada na doca leste há algum tempo. Será que estava no caminho errado? Impossível. Não vira bifurcações na pista. Então cadê a tal doca?
Ficou chocado ao fazer uma curva e ver que a estrada terminava numa barreira de concreto cinza, com dois metros de altura, por onde a chuva escorria em filetes. Pisou no freio, o jipe derrapou, perdendo tração, e por um momento, aterrorizado, Nedry pensou que bateria na barreira. Girou o volante freneticamente, e o jipe parou de lado, os faróis a menos de meio metro do muro de concreto. Ele ficou ali parado, acompanhando o movimento ritmado dos limpadores de pára-brisa. Olhou para a estrada. Caminho errado, sem dúvida. Poderia voltar e procurar a estrada certa, mas seria tarde demais.
Era melhor descobrir onde se encontrava. Saiu do jipe, sentindo as pesadas gotas da chuva na cabeça. A tempestade tropical machucava-o, de tão intensa. Olhou para o relógio, apertando o botão que iluminava o mostrador. Já demorara seis minutos. Onde estava, afinal? Caminhou ao longo da barreira de concreto, foi até o outro lado, e ouviu o som de água corrente, misturado ao da chuva. Poderia ser o oceano? Nedry avançou rápido, os olhos tentando um ajuste à escuridão. Mata fechada dos dois lados. A chuva martelava as folhas.
O som de água tornou-se mais audível, atraindo sua atenção, e subitamente ele passou as folhagens e sentiu que a perna afundava na lama mole, e viu a correnteza do rio. O rio! Ele estava no rio da mata! Inferno, pensou. Em que ponto do rio? Praticamente atravessava a ilha, por quilômetros. Olhou de novo para o relógio. Sete minutos. — Você está com problemas — disse alto. Em resposta, ouviu um pio parecido com o da coruja, na mata. Nedry mal o percebeu. Preocupava-se com os desvios no plano.

De fato, o tempo se esgotara. Não tinha outra escolha. Precisava
abandonar o plano original. A única possibilidade agora era voltar para a sala de controle, reprogramar o computador e tentar, de algum modo, entrar em contato com Dodgson, e marcar um encontro na doca leste para a noite seguinte. Precisaria ser muito esperto para conseguir aquilo, mas pensou que daria um jeito. O computador registrava automaticamente todas as ligações. Depois que falasse com Dodgson, precisaria entrar no sistema e apagar o registro da chamada. Mas uma coisa era certa: não podia mais ficar no parque, ou sua ausência despertaria suspeitas.
Nedry começou a voltar, orientando-se pelos faróis do jipe. Ensopado, sentia-se frustrado. Ouviu o grito lúgubre novamente, e desta vez parou. Na verdade, não parecia ser de uma coruja. E soara mais próximo, na mata, em algum ponto à sua direita. Enquanto tentava identificar o grito, ouviu um barulho seco nas moitas. Esperou, e o som se repetiu. Pelo jeito algo se movia, algo grande, avançando lentamente em sua direção, pela selva. Algo grande. Próximo. Um dinossauro.
Fuja logo.
Nedry começou a correr. Fez muito barulho ao se movimentar, mas mesmo assim ouvia o animal que avançava. E gritava. Estava mais perto.
Tropeçando nas raízes na escuridão, agarrando-se aos galhos para não cair, ele viu o jipe à frente, e as luzes dos faróis iluminando a parede vertical de concreto. Ficou mais animado, em um minuto estaria dentro do carro e fugiria dali. Contornou a barreira e ficou gelado. O animal já estava lá, esperando.
Mas não se aproximara muito, ainda. A cerca de doze metros, encontrava se no limite do alcance dos faróis. Nedry não fizera o passeio, não conhecia os diferentes tipos de dinossauro. Aquele tinha um ar estranho. O corpo, com três metros de altura, era amarelo, com pintas pretas. Na cabeça, tinha um par de cristas vermelhas em forma de V. O dinossauro não se mexeu, e novamente soltou seu pio

tenebroso.

Nedry esperou para ver se o bicho atacaria. Talvez os faróis do jipe o amedrontassem, o mantivessem a distância, como uma fogueira. O dinossauro olhava para ele, e de repente mexeu a cabeça, executando um movimento rápido. Nedry sentiu que algo molhado atingia seu peito. Ele olhou para baixo e viu a espuma pegajosa escorrendo pela camisa molhada. Tocou-a, sem entender. Era saliva.
O dinossauro cuspira nele.
Que coisa mais nojenta, pensou. Olhou para o dinossauro, e viu que a cabeça se mexia novamente, e sentiu outra cuspida no pescoço, pouco acima do colarinho da camisa. Ele a limpou com a mão. Meu Deus, era revoltante. Mas a pele do pescoço começou a cocar e arder no ato. A mão queimava, como se tivesse sido mergulhada em ácido.
Nedry abriu a porta do carro, e olhando para trás, para o dinossauro, para ter certeza de que não seria atacado, subitamente sentiu uma dor terrível nos olhos. As pontadas na cabeça pareciam agulhas enfiadas no cérebro, e, sufocado pela dor, ergueu as mãos para cobrir os olhos, sentindo a saliva pegajosa descendo pelos lados do nariz.
O dinossauro cuspira de novo.
A dor o dominou e Nedry caiu de joelhos, desorientado, respirando com dificuldade. Desabou no chão molhado, ofegante, a dor cada vez mais forte fazendo com que visse pontos luminosos, apesar de manter os olhos fechados com força.
A terra tremeu sob seus pés e Nedry percebeu que o dinossauro se aproximava, ouviu o pio macabro e abriu os olhos, apesar da dor, e continuou sem ver nada, só pontos luminosos em um fundo preto. Lentamente, se deu conta do que acontecera. Estava cego.
O ruído feito pelo animal soou mais alto, Nedry ergueu-se num esforço supremo e se apoiou na lataria do carro, tonto e enjoado. O

dinossauro estava bem próximo agora, ele podia sentir sua presença,
sua respiração.
Mas não podia vê-lo.
Não enxergava nada, e entrou em pânico. Estendeu as mãos, balançando-as no ar para se defender do ataque iminente.
Neste instante sentiu uma dor horrível, como se abrissem sua barriga com uma faca. Nedry cambaleou, tateando a barriga às cegas, e sentiu uma massa mole, escorregadia, surpreendentemente quente,e com horror percebeu que segurava os próprios intestinos, o dinossauro rasgara seu ventre. As vísceras se espalharam. Nedry caiu no chão e bateu numa coisa fria e escamosa, era o pé do animal. Em seguida, sentiu outra dor, na cabeça. A dor aumentou, e ele foi levantado, percebendo que o dinossauro segurara sua cabeça entre os dentes. O horror que experimentava foi seguido de uma outra sensação, o desejo de que aquilo acabasse logo de uma vez.

BANGALÔ

— Mais café? — Hammond perguntou educadamente. — Não, obrigado — Henry Wu agradeceu, recostando na cadeira. — Não consigo comer mais nada. Os dois estavam sentados na sala de jantar do bangalô de Hammond, num recanto tranqüilo do parque, não muito longe dos laboratórios. Wu admitia que o bangalô construído por Hammond era elegante, com linhas simples, quase japonesas. E o jantar fora excelente, levando-se em conta que o refeitório ainda não contava com a equipe completa.
Mas havia algo estranho em Hammond, que perturbava Wu. O velho estava diferente, de certo modo... sutilmente diferente. Durante todo o jantar Wu tentara descobrir do que se tratava. Parecia uma

tendência para divagar, contar várias vezes histórias antigas. Em parte, isso se devia à instabilidade emocional, à fúria num momento e o sentimentalismo exacerbado no outro. Mas tudo poderia ser compreendido dentro do quadro natural do envelhecimento. John Hammond tinha, afinal de contas, quase setenta e cinco anos. Mas havia algo mais. Uma insistência nas evasivas. A teimosia em fazer tudo do seu próprio modo. No final, uma recusa completa em lidar com a situação em que o parque se encontrava naquele momento. Wu ficara chocado com os indícios — ainda não se convencera plenamente de que o caso estava provado — de que os dinossauros procriavam. Depois da pergunta de Grant sobre o DNA anfíbio, Wu planejara seguir direto para o laboratório e checar no computador os tipos de DNA utilizados. Porque, se os dinossauros conseguiam mesmo se reproduzir, então todo o projeto do Parque Jurássico precisava de uma revisão — o desenvolvimento genético, o controle genético, tudo. Mesmo a dependência de Usina colocava-se sob suspeita. Se

conseguiam procriar e sobreviver na mata...
Henry Wu queria checar todos os dados imediatamente. Mas Hammond insistira teimosamente em que Wu o acompanhasse no jantar.
— Bem, Henry, você deve ter deixado um lugarzinho para o sorvete — Hammond disse, voltando à mesa. — Maria faz o sorvete de gengibre mais sensacional que já provei. — Aceito. — Wu olhou para a bela moça que os servia em silêncio. Seus olhos acompanharam a saída da garota da sala, e depois se fixaram no único monitor de vídeo existente na parede. O monitor estava apagado. — Seu monitor está escuro — comentou. — E mesmo? — Hammond olhou para ele. — Deve ser por causa da tempestade — disse, pegando o telefone. — Vou conferir isso com John, na sala de controle.
Wu escutou os estalos da estática na linha telefônica. Hammond deu de ombros, e devolveu o fone ao gancho. — O telefone está mudo. Ou então Nedry continua usando todas as linhas para sua transmissão. Tem muitos bugs para sanar neste final de semana. Nedry é um gênio, a sua moda, mas precisamos pressioná-lo duramente, no final, para que pusesse tudo nos eixos. — Talvez seja melhor ir até a sala de controle verificar — Wu sugeriu.
— Nada disso. Não há motivo para se preocupar. Se der algum problema, seremos avisados.
Maria entrou na sala com duas taças de sorvete. — Experimente este sorvete, Henry — Hammond disse. — Foi feito com gengibre fresco, da parte leste da ilha. Um vício de velho, tomar sorvete. Mesmo assim...
Obediente, Wu mergulhou a colher na taça. Lá fora, os relâmpagos iluminavam a noite, e os trovões ecoavam. — Esse passou perto — Wu comentou. — Espero que a tempestade não assuste as crianças.
— Duvido muito — Hammond retrucou, tomando o sorvete. —

Mas às vezes me preocupo com alguns detalhes do parque, Henry.
Lá no fundo, Wu sentiu um certo alívio. Talvez o velho tivesse aceitado enfrentar os fatos, finalmente.
— Que espécie de detalhes?
— Sabe, algumas coisas me dão medo. O Parque Jurássico na verdade foi feito para as crianças, e elas vão ficar maravilhadas. Os rostinhos brilharão de alegria a o poder ver finalmente estes animais incríveis. Mas eu temo... que não viva o suficiente para apreciar isso, Henry. Talvez eu não esteja aqui para ver seus rostos radiantes. — Acho que há outros problemas, além desse — Wu lembrou, fechando a cara.
— Mas nenhum deles me deprime tanto — Hammond disse. — Talvez eu não viva para ver seus rostos delicados se iluminarem de prazer. Este é o nosso triunfo. Fizemos o que sonhamos. E não se esqueça de que nossa intenção original era utilizar as novas tecnologias da engenharia genética para ganhar dinheiro. Muito dinheiro. Wu sabia que Hammond estava para embarcar em um de t.,;us habituais discursos. Ergueu a mão.

— Sei de tudo isso, John...
— Se você quisesse fundar uma companhia de engenharia genética, Henry, o que faria? Faria produtos para ajudar a humanidade, combater doenças? Nada disso. Temos usos melhores para esta tecnologia. — Hammond balançou a cabeça, desanimado. — Mesmo assim, como você sabe, as primeiras empresas de genética, como a Genentech e a Cetus, foram fundadas para fabricar produtos farmacêuticos. Novas drogas para a humanidade. Um propósito nobre, muito nobre. Infelizmente, os remédios enfrentam todos os tipos de obstáculos. Só os testes da FDA demoram oito anos, se você der sorte. Pior que isso, há forças agindo sobre o mercado. Suponha que você descubra uma droga milagrosa para curar o câncer, ou doenças do coração, como ocorreu com a Genentech. Suponha que queira cobrar mil ou dois mil dólares a dose. Pode pensar que tem esse direito. Afinal de contas inventou a droga, pagou para que fosse desenvolvida e

testada. Deveria poder cobrar o quanto quisesse. Mas acha que o
governo permitiria isso? Não, Henry, nunca. Os doentes não pagariam mil dólares por uma dose de medicamento, não ficariam gratos, e sim revoltados. A Blue Cross não pagaria. Fariam um escândalo, dizendo que era um roubo. Algo aconteceria. O pedido de patente seria negado. Alguma coisa o forçaria a cair na real... e a vender o remédio mais barato. Do ponto de vista empresarial, isso torna ajuda à humanidade um negócio muito arriscado. Pessoalmente, eu nunca ajudaria a humanidade.
Wu já ouvira aquela história antes, e sabia que Hammond tinha razão. Alguns produtos farmacêuticos obtidos por engenharia genética sofriam com atrasos e problemas inexplicáveis de patente. — Muito bem — Hammond prosseguiu —, pense agora na diferença de se trabalhar com entretenimento. Ninguém precisa de entretenimento. Não é uma área passível de intervenção governamental. Se eu cobrar cinco mil dólares por um dia no meu parque, quem vai me impedir? Afinal, ninguém precisa vir para cá. E, longe de ser um roubo, o preço alto acaba por aumentar o apelo do parque. Uma visita torna-se símbolo de status, e os norte-americanos amam isso. Os japoneses também, e eles têm muito mais dinheiro para gastar. Hammond terminou o sorvete, e Maria silenciosamente levou as taças embora. — Ela não é daqui, sabe. Veio do Haiti. A mãe nasceu na França. Bem, de qualquer maneira, Henry, você se recorda do propósito original, ao orientarmos a companhia para este setor. Queríamos nos livrar da intervenção dos governos, em qualquer parte do mundo. — Por falar no resto do mundo... Hammond sorriu. — Já alugamos uma imensa área nos Açores, para o Parque Jurássico da Europa. E sabe que há muito tempo conseguimos uma ilha perto de Guam, para o Parque Jurássico do Japão. A construção dos outros dois parques jurássicos começa no ano que vem. Entrarão em funcionamento em quatro anos. Nessa época, a receita direta superará a marca dos dez bilhões de dólares por ano, sem falar no merchandising, televisão e direitos autorais, que representarão outro

tanto. Não vejo motivo para nos dedicarmos a mascotes para crianças,
que segundo soube Lew Dodgson acredita ser nossa meta. — Vinte bilhões de dólares por ano — Wu disse baixinho, balançando a cabeça. — Fiz uma estimativa por baixo — Hammond observou, sorrindo. — Não há razão para delirar. Quer mais sorvete, Henry?
— Encontrou-o? — Arnold disparou, assim que o guarda entrou na sala de controle.
— Não, senhor Arnold.
— Encontre-o.
— Não creio que esteja no prédio, senhor Arnold. — Então procure no alojamento — Arnold ordenou.
— Procure no prédio da manutenção, no abrigo dos equipamentos, procure em toda parte, e encontre-o!
— O problema é que... — O guarda hesitou. — O senhor Nedry é um sujeito gordo, certo?
— Isso mesmo — Arnold disse. — Um gordo lerdo. — Bem, o Jimmy, no saguão principal, disse que

viu um sujeito gordo descendo para a garagem.
Muldoon deu um pulo.
— Na garagem? Quando?
— Há cerca de quinze ou vinte minutos. — Meu Deus — Muldoon exclamou.

O jipe parou com um tranco, cantando os pneus. — Lamento — Harding disse.
Os faróis iluminavam um grupo de apatossauros movendo-se pesadamente pela estrada. Havia seis animais, do tamanho de uma casa, e um filhote, grande como um cavalo. Os apatossauros avançavam silenciosos, sem pressa, sem olhar para o jipe e suas luzes. A certa altura, o filhote parou para beber água de uma poça, retomando sua marcha a seguir.

Um bando de elefantes teria se assustado com a chegada súbita
de um carro, teria urrado e fechado o círculo para proteger o filhote. Mas aqueles animais não demonstravam medo algum. — Claro que eles nos vêem, literalmente falando, mas na realidade não significamos nada para os animais. Quase nunca saímos de carro à noite, não costumam encontrar veículos. Somos apenas um objeto estranho e malcheiroso*em seu ambiente. Não representamos ameaça, nem interesse. Saí ocasionalmente à noite, para examinar um animal doente, e na volta estes monstros bloquearam a estrada por mais de uma hora.
— O que fez?
Harding sorriu.
— Toquei o urro do tiranossauro. Isso os pôs em movimento. Não que temam muito os tiranossauros. Os apatossauros são tão grandes que não há predadores capazes de assustá-los. Podem quebrar o pescoço de um tiranossauro com um movimento da cauda. Sabem disso. O tiranossauro também.
— Mas eles podem nos ver. Quero dizer, se saíssemos do carro... Harding deu de ombros.
— Provavelmente não reagiriam. Os dinossauros possuem uma vista excelente, mas seu sistema é basicamente anfíbio: reage ao movimento. Não conseguem identificar bem coisas imóveis. Os animais prosseguiram, a pele brilhando na chuva. Harding engatou a primeira marcha.
— Creio que podemos seguir em frente agora.
— Aposto que você vai acabar enfrentando pressões contra o parque, assim como há pressões contra as drogas da Genentech — Wu disse. Ele e Hammond haviam passado para a ampla sala de estar, de onde observavam a chuva que tamborilava nas imensas janelas de vidro.
— Não consigo entender. Que pressões?
— Os cientistas podem tentar controlar seu trabalho. Ou até

mesmo interrompê-lo.
— Ora, eles não podem fazer isso — Hammond protestou. Ele ergueu o dedo para Wu. — Sabe por que os cientistas tentariam algo do gênero? Porque gostariam de fazer suas pesquisas. E só o que querem fazer, pesquisa. Não procuram construir nada. Nem fazer progressos reais. Só pesquisa. Bem, temos uma surpresa reservada para eles. — Hammond suspirou. — Tenho certeza de que nosso projeto será interessante para os cientistas, para suas pesquisas. Mas chegamos a um ponto em que estes animais se tornaram caros demais para uso em pesquisa. Esta tecnologia é maravilhosa, Henry, mas assustadoramente cara. Não dá para negar, só pode ser aplicada no entretenimento. — Ele deu de ombros. — A realidade é essa, lamento. — Mas se tentarem fechar o parque...
— Encare os fatos, Henry — Hammond disse irritado. — Não estamos nos Estados Unidos. Nem mesmo na Costa Rica. Estamos na minha ilha. Eu a comprei. E nada vai me impedir de inaugurar o Parque Jurássico, para todas as crianças do mundo. — Riu irônico. — Ou pelo menos para as que puderem pagar, as mais ricas. Garanto, elas adorarão.

No banco traseiro do jipe, Ellie Sattler olhou pela janela. Nos últimos vinte minutos seguiam no meio da chuva forte, pela mata, sem ver nada depois do encontro com os apatossauros. — O rio que corta a mata está próximo agora — Harding disse. — Corre à esquerda, a certa distância.
Ele pisou no freio abruptamente outra vez. O carro derrapou de leve, parando na frente de um bando de pequenos animais. — Puxa, o espetáculo desta noite está de primeira, montado só para vocês. Olhem para os procompsognatos. Procompsognathids, Ellie pensou, lamentando que Grant não estivesse ali para vê-los. Era o animal identificado no fax recebido em Montana. Os pequenos procompsognatos verdes correram para a beira da estrada, erguendo-se nas patas traseiras para analisar o carro, agitando-se por um instante, antes de desaparecer novamente na noite

escura.
— Estranho — Harding comentou. — O que procuram? Os procompsognatos não costumam sair à noite. Sobem nas árvores e esperam pelo raiar do dia.
— E por que saíram? — Ellie perguntou. — Não posso imaginar o motivo. Sabe, eles se alimentam de restos, como os abutres. Os animais mortos os atraem, sua sensibilidade aos odores é apurada. Podem sentir o cheiro de um animal morto a quilômetros de distância. — Então procuram por um animal morto?
— Morto ou moribundo.
— Devemos segui-los? — Ellie sugeriu.
— Estou curioso — Harding admitiu. — Por que não? Vamos ver o que pretendem.
Ele virou o jipe, seguindo os procompsognatos.

TIM

Tim Murphy, caído no Land Cruiser, o rosto pressionado contra a maçaneta, recobrava lentamente a consciência. Só queria dormir. Mudou de posição, sentindo a dor na face, no ponto apoiado no metal. Seu corpo inteiro doía. Braços, pernas, e principalmente a cabeça, que latejava demais. Tanta dor só lhe dava vontade de dormir. Com esforço, ergueu-se, apoiado no cotovelo, e vomitou, sujando toda a camisa. Limpou a boca amarga de bile com as costas da mão. A cabeça incomodava, sentia-se tonto e nauseado, como se o mundo se movesse, como se balançasse a bordo de um navio. Tim gemeu, e virou de costas, afastando-se da poça de vômito. A dor de cabeça o obrigava a respirar ofegando. E continuava enjoado, como se balançasse. Abriu os olhos e olhou em volta, tentando identificar o local onde se encontrava. Estava dentro do Land Cruiser. Mas o carro devia ter caído de lado, porque seu corpo se apoiava na porta do passageiro. Viu o volante e além dele os galhos de uma árvore, agitados pelo vento. A chuva estava parando, mas os pingos ainda o atingiam, entrando pelo pára- brisa destruído.
Ele olhou curioso para os fragmentos de vidro. Não se lembrou do modo como fora quebrado. Não se lembrava de nada, só que estavam parados na estrada. Conversava com o dr. Grant, quando o tiranossauro aproximara-se deles. Essa era sua última lembrança. Sentiu-se mal de novo e fechou os olhos até que a náusea passou. Notou então um ruído ritmado, como o de um barco. Tonto e enjoado, parecia que o carro se mexia debaixo dele. Mas quando abriu os olhos novamente, viu que era a pura verdade — o Land Cruiser se movia mesmo, balançando de um lado para outro. O carro inteiro balançava.

Com esforço, levantou-se. De pé na porta do passageiro, espiou
pelo pára-brisa estraçalhado. Só viu a densa folhagem, agitada pelo vento. Mas aqui e ali enxergou

falhas, e além da folhagem o solo, que estava...
O solo estava a seis metros de distância. Ele arregalou os olhos, sem entender nada. O Land Cruiser, de lado, encontrava-se preso entre os ramos de uma árvore grande, a seis metros do chão, movendo-se de um lado para outro com o vento. — Merda — ele exclamou. O que faria agora? Ficou na ponta dos pés e olhou para fora, tentando ver melhor, agarrando-se no volante para ter um apoio. O volante girou na sua mão, e com um estalo audível, o Land Cruiser mudou de posição, caindo quase um metro no emaranhado de galhos. Tim olhou para baixo e viu o chão distante. — Merda, merda — Tim repetia. — Merda, merda. Outro estalo — e o Land Cruiser caiu mais um pouco. Ele precisava sair de dentro do carro.
Olhou para os pés. Estava pisando na maçaneta. Agachou-se, ficando de joelhos para analisar o trinco. Não enxergava direito no escuro, mas notou que a porta estava amassada e não abriria. Tentou baixar o vidro da janela, mas também ele emperrou. Depois pensou na porta de trás. Talvez conseguisse abri-la. Debruçou-se sobre o banco e o Land Cruiser balançou.
Cuidadosamente, Tim chegou à traseira e girou a maçaneta da porta. Emperrada, também.
Como sairia dali?
Ouvindo um som resfolegante, olhou para baixo. Uma sombra escura passou. Não era o tiranossauro. A forma era mais atarracada, e parecia arrastar algo ao se mover. A cauda balançava de um lado para outro e Tim viu seus longos espinhos.
Era o estegossauro, aparentemente recuperado de sua doença. Tim tentou imaginar para onde teriam ido as outras pessoas: Gennaro, a dra. Sattler e o veterinário. Na última vez em que os vira, encontravam-se próximos aos estegossauro. Há quanto tempo isso

ocorrera? Ele olhou o relógio, mas o vidro se quebrara, não dava para
ver os números. Tirou-o do pulso e jogou-o fora. O estegossauro fungou e seguiu em frente. Agora o único som era o assobiar do vento nas árvores e os estalos do Land Cruiser, quando balançava lá no alto.
Ele precisava sair do carro.
Tim agarrou a maçaneta e tentou forçá-la, sem êxito. Não se movia nem um milímetro. Depois ele entendeu o que estava errado: a porta traseira fora trancada. Tim ergueu o pino e girou a maçaneta. A porta traseira abriu-se para baixo, batendo em um ramo. A abertura era estreita, mas Tim achou que conseguiria passar. Segurando o fôlego, ele voltou lentamente para o banco de trás. O Land Cruiser estalou, mas manteve sua posição. Agarrando as dobradiças da porta com as duas mãos, Tim desceu lentamente, passando pela fresta. Ficou deitado de barriga na porta aberta, as pernas para fora do carro. Com extremo cuidado, mexeu os pés no ar até encontrar um apoio sólido — um galho — e apoiou o peso nele. Assim que o fez, o galho cedeu e a porta terminou de se abrir, jogando-o para fora do Land Cruiser. Tim caiu — as folhas arranharam seu rosto — o corpo batendo nos galhos, a dor intensa dominando seu raciocínio, a luz forte na cabeça...
Um galho grande susteve sua queda. Tim estava sem fôlego; o estômago doía muito com o impacto.
Ouviu outro estalo e olhou para o Land Cruiser, uma imensa sombra negra a um metro e meio da sua cabeça. Outro estalo. O carro escorregou um pouco. Tim esforçou-se para continuar, para descer. Ele gostava de trepar em árvores. Era bom nisso. E aquela era fácil, os ramos próximos uns dos outros, parecia até uma escada... CRAACK
O carro deslizava cada vez mais.
Tim apressou-se na descida, escorregando nos galhos molhados, sentindo a seiva pegajosa nas mãos, tenso. Não descera mais que um

metro quando o Land Cruiser deu o estalo final e lentamente embicou

para baixo. Tim viu a grade verde, os faróis apontando em sua direção, e depois a queda livre do veículo, ganhando impulso na descida, batendo no galho onde se encontrava...
Então o carro parou.
Tim viu-se a pouco centímetros da grade amassada, virada para dentro como uma boca maldosa, tendo os faróis como olhos. Algumas gotas de óleo pingaram em seu rosto.
Ainda estava a quatro metros do chão. Encontrando outro galho, mais abaixo, ele desceu. Acima, o ramo cedia com o peso do Land Cruiser, estalando, e o carro estava a ponto de cair em cima dele. Tim percebeu que não teria tempo de descer mais, então soltou-se até o chão.
Sentindo que o Land Cruiser descia batendo nos galhos, como se fosse um animal a persegui-lo, Tim, caído de costas no solo, rolou o máximo que pôde, encostando-se no tronco da árvore, enquanto o Land Cruiser batia no chão com estrondo e uma repentina explosão de faíscas elétricas que penetraram em sua pele e chiaram ao atingir a terra molhada a seu lado.
Tim levantou-se bem devagar. Na escuridão ouviu uma fungada e viu o estegossauro que retornava, aparentemente atraído!pela queda do Land Cruiser. O dinossauro moveu-se com pachorra, a cabeça baixa, as imensas placas cartilaginosas dispostas em duas filas na cor-cunda das costas. Ele se comportava como uma tartaruga monstruosa. Era estúpido. E lerdo.
Tim pegou uma pedra e a jogou nele.
— Vá embora!
A pedra bateu numa das placas. O estegossauro continuou avançando.
— Vá embora! Vá embora!
Ele jogou outra pedra, acertando o estegossauro na cabeça. O animal grunhiu, virou-se lentamente e voltou por onde viera. Tim recostou nos destroços do Land Cruiser e fitou a escuridão.

Precisava encontrar os outros, mas não queria correr o risco de se
perder. Sabia que se encontrava em algum ponto do parque, não muito longe da estrada principal. Se conseguisse pelo menos localizar sua posição. Não dava para ver nada no escuro... Aí ele se lembrou do binóculo.
Esgueirou-se pelo pára-brisa despedaçado do Land Cruiser, encontrando o binóculo e o rádio. Este último, quebrado e mudo, foi deixado de lado. Mas o binóculo ainda funcionava. A imagem verde fosforescente o tranqüilizou um pouco.
Usando o binóculo, localizou a cerca destruída à esquerda e dirigiu-se para lá. A cerca tinha quatro metros de altura, mas o tiranossauro a esmagara sem esforço. Tim a cruzou apressado, avançando numa área de densa vegetação, chegando à via principal. Através do binóculo, viu o outro Land Cruiser virado de lado. O carro estava vazio. Nem sinal do dr. Grant e do dr. Malcolm. Onde teriam ido parar?
Onde estava todo mundo?
Ele sentiu um pânico súbito, parado sozinho no meio do mato, à noite, e circulou em torno do carro, vendo o mundo girar pelo binóculo. Algo pálido, na beira da estrada, chamou sua atenção. Era a bola de beisebol de Alexis. Ele limpou a lama que a cobria. — Lex!
Tim gritou o mais alto que pôde, sem ligar para a possibilidade de atrair algum animal. Depois parou e escutou, mas só o ruído do vento e dos pingos de chuva caindo das árvores chegou a seus ouvidos. — Lex!
Ele se lembrava vagamente de que ela estava no Land Cruiser quando o tiranossauro atacado. Teria ficado lá? Ou fugido? As lembranças do momento do ataque se embaralhavam na sua cabeça. Não tinha muita certeza do ocorrido. Só de pensar ficava enjoado. Parou no meio da estrada, ofegante, em pânico. — Lex!
A noite parecia se fechar em torno dele. Sentindo o peso da

situação, Tim sentou-se na estrada e choramingou por algum tempo.
Quando parou, continuou ouvindo um choro. Era fraco, vinha de algum ponto mais à frente.
— Há quanto tempo aconteceu? — Muldoon perguntou, voltando à sala de controle. Ele carregava uma caixa preta de metal. — Meia hora.
— O jipe de Harding já deveria estar de volta. Arnold apagou o cigarro.
— Devem chegar a qualquer momento.
— Ainda não tem notícias de Nedry? — Muldoon quis saber. — Não. Por enquanto nada.
Muldoon abriu a caixa, que continha seis rádios portáteis. — Distribuirei os rádios para o pessoal de serviço n o prédio — disse, entregando u m para Arnold. — Carregue-o primeiro. São rádios de emergência, mas não costumamos usá-los, precisam primeiro de carga na bateria. Deixe carregando por uns vinte minutos, depois tente contatar os carros.

Henry Wu abriu a porta que indicava "Fertilização" e entrou no laboratório escuro. Não havia ninguém lá, aparentemente todos os técnicos ainda jantavam. Wu seguiu direto para o terminal de computador e chamou os arquivos de DNA, que precisavam ser guardados no computador. O DNA era uma molécula tão grande que cada espécie ocupava dez gigabytes do disco ótico, com os detalhes de todas as iterações. Precisaria checar todas as quinze espécies. Percorrer uma massa enorme de informações.
Ainda não entendia bem por que Grant considerava o DNA de rã importante. O próprio Wu com freqüência não distinguia um DNA de outro. Afinal de contas, a maior parte do DNA das criaturas vivas era basicamente o mesmo. O DNA era uma substância incrivelmente antiga. Os seres humanos que andavam pelas ruas do mundo moderno carregando seus bebês rosados pouco paravam para pensar qife o centro de tudo — uma substância que iniciara a dança da vida — era

um produto químico quase tão antigo quanto a própria Terra. A
molécula de DNA terminara sua evolução essencial havia mais de dois bilhões de anos. Pouco se modificara desde aquela época. Apenas algumas poucas combinações de genes antiqüíssimos, mais nada. Quando se comparava o DNA do homem com o DNA de bactérias, percebia-se que apenas dez por cento das cadeias revelava diferenças. Essa variação mínima convencera Wu a utilizar qualquer DNA disponível. Ao fazer os dinossauros, manipulara o DNA como um escultor usa o mármore ou o barro. Ele havia criado à vontade. Iniciou o programa de busca do computador, sabendo que levaria dois o u três minutos para pesquisar tudo. Ergueu-se e caminhou pelo laboratório, checando os instrumentos em decorrência de um antigo hábito. Observou o termômetro do lado de fora da porta da câmara frigorífica, que registrava as temperaturas do freezer no decorrer do dia. Viu que havia uma variação no gráfico. Estranho, pensou. Significava que alguém entrara na câmara. Não fazia muito tempo, aliás.
Cerca de meia hora. Mas quem entraria na câmara à noite? O computador emitiu um som de bip, indicando que a busca dos dados fora completada. Wu aproximou-se para analisar os resultados, e quando viu a tela esqueceu-se de tudo que se referia ao freezer e ao gráfico de temperatura.

ALGORITMO LEITZKE DE BUSCA DE DNA
DNA: Critério de Busca de Versão: RANA (tudo, fragmento len > 0) _____ DNA incorporando fragmentos RANA Versões Maiassauros 2.1-2.9 Procompsognathids 3.0-3.7 Olhnielia 3.1-3.3 Velociraptors 1.0-3.0 Hlypsilophodontids 2.4-2.7

O resultado era claro: todos os dinossauros capazes de procriar
tinham incorporado DNA de Rana, ou seja, de rã. E nenhum dos outros animais. Ele não entendia

como isso permitia sua reprodução. Mas não podia mais negar que Grant tinha razão. Os dinossauros estavam se reproduzindo.
Ele correu para a sala de controle.

ALEXIS

Ela se escondera dentro de uma tubulação de drenagem de um metro de diâmetro, que passava debaixo da estrada. Agachada, levara a luva de beisebol à boca, e balançava para a frente e para trás, batendo repetidamente a cabeça no cano. Estava escuro ali, mas Tim podia vê-la claramente, graças ao binóculo. Parecia estar ilesa, e ele sentiu um alívio imenso.
— Lex, sou eu, Tim.
Ela não respondeu. Continuou a bater a cabeça no tubo. — Saia.
Ela abanou a cabeça, negativamente. Dava para notar que morria de medo.
— Lex — ele disse. — Se você sair, eu empresto o binóculo noturno. A menina apenas mexeu a cabeça. — Olhe o que eu trouxe — ele falou, erguendo a mão. Ela olhou, sem entender. Provavelmente estava escuro demais. — A sua bola, Lex. Encontrei a sua bola.
— E daí?
Ele tentou outra abordagem.
— Deve ser desconfortável aí dentro. Frio. Não quer sair? Ela voltou a bater a cabeça contra a parede do tubo. — Por que não?
— Tem "aminais" aí fora.
Isso o intrigou por um momento. Ela não falava "aminais" há anos.
— Os "aminais" já foram embora — Tim disse. — Tem um grandão. O tiranossauro.
— Ele foi embora.
— Para onde?

— Eu não sei, mas não está mais por aqui — Tim explicou,
esperando que fosse mesmo verdade.
Alexis não se moveu. Ele ouviu as batidas da cabeça novamente. Tim sentou-se na grama, do lado de fora do cano, onde ela poderia vê- lo. O solo estava molhado. Encolhendo os joelhos, esperou. Não sabia mais o que fazer.
— Vou ficar sentado aqui, esperando.
— Papai está aí?
— Não. Está em casa, Lex — Tim disse, sentindo-se estranho. — E mamãe?
— Também não.
— Tem algum adulto aí?
— Ainda não. Mas tenho certeza de que chegarão logo. Provavelmente já estão a caminho.
Em seguida ele ouviu o som de movimentos dentro do tubo e ela saiu. Tremendo de frio, com a testa cheia de sangue coagulado, a menina estava bem, na medida do possível. Olhando em volta surpresa, ela perguntou: — Cadê o doutor Grant?
— Não sei.
— Bem, ele estava aqui antes.
— Estava? Quando?
— Antes — Alexis disse. — Eu o vi quando estava no cano. — Para onde ele foi?
— Como vou saber? — Alexis respondeu, torcendo o nariz. Depois gritou: — Alô doutor Grant! Doutoooor Graaanti! Tim ficou preocupado com o barulho que ela fazia. Poderia atrair novamente o

tiranossauro. Mas logo ouviu um grito de resposta. Vinha da direita, de um ponto próximo ao Land Cruiser que Tim deixara há minutos. Com o binóculo, ele percebeu aliviado que o dr. Grant caminhava em sua direção. Sua camisa estava rasgada no ombro, mas parecia bem.
— Graças a Deus! — Grant exclamou. — Procurei por vocês em

toda a parte.

Tremendo, Ed Regis levantou-se, limpando a lama gelada do rosto e das mãos. A última meia hora fora terrível, gasta na descida de uma encosta pedregosa abaixo da estrada, até encontrar pedras grandes que poderiam escondê-lo. Sabia que não era lá grande coisa como esconderijo, mas estava em pânico e não raciocinava muito bem. Deitado na lama, tentara recuperar o controle, mas não conseguia deixar de ver o dinossauro em sua mente. Chegando perto dele. Aproximando-se do carro.
Ed Regis não se lembrava exatamente do que acontecera depois. Alexis dissera algo, mas ele não parará, não podia parar, precisava correr e correr. Passando a estrada, caíra e rolara pela encosta até que as pedras grandes detiveram sua queda. Achara então melhor se arrastar e se esconder por ali mesmo, havia espaço suficiente. Aterrorizado, sem pensar em nada fora escapar do tiranossauro, finalmente conseguira se ocultar entre as rochas, como um rato, acalmando-se um pouco. Lentamente fora tomado pelo horror e a vergonha de ter abandonado as crianças, de só ter pensado em salvar a própria pele, em correr. Sabia que precisava voltar para a estrada, tentar salvá-los. Sempre se considerara um sujeito frio e corajoso sob pressão, mas quando pensava em subir até lá de novo entrava em pânico. Não conseguia se mexer nem respirar direito. Tentara convencer-se de que era inútil, de qualquer maneira. Se as crianças tivessem ficado na estrada, estariam mortas com certeza. Ele não poderia ajudá-las, melhor ficar ali escondido. Ninguém saberia o que realmente havia ocorrido. Não havia como ajudar. Assim, Regis permaneceu entre as pedras enormes, por meia hora, lutando contra o pavor, evitando pensar na morte das crianças, ou no que Hammond faria quando descobrisse.
Quando finalmente criou coragem para se mexer, sentiu algo estranho na boca, um torpor no canto. Dormente, sua boca parecia ter sido machucada na queda. Regis tocou o rosto e sentiu a carne

intumescida. Estranho, não doía nem um pouco. Então ele se deu conta
de que havia uma sanguessuga em seus lábios, já inchada de tanto sangue. Estava praticamente dentro de sua boca. Arrepiado de náusea, Regis arrancou-a e o verme levou consigo parte do lábio. Ed sentiu uma golfada de sangue na boca. Cuspiu, jogando-a enojado na floresta. Viu outra sanguessuga no braço e a removeu. Uma listra de sangue marcava o local. Meu Deus, provavelmente havia outras espalhadas em seu corpo. Tinham se grudado nele durante a queda pelo barranco. Aquela mata estava infestada de sanguessugas. Os vãos entre as pedras também. Os trabalhadores sempre diziam, as sanguessugas subiam pelas pernas. Gostavam de lugares quentes. Gostavam de subir e entrar pelo...
— Alôôôô!
Ele parou. Ouviu uma voz, trazida pelo vento. — Alô doutor Grant! Doutoooor Graaanti! Meu Deus, era a menina.
Ed Regis prestou atenção ao tom da voz. Não parecia estar apavorada, ou ferida. Só chamava, insistente. E, lentamente, concluiu que algo acontecera, o tiranossauro desistira do ataque por algum motivo, e os outros talvez estivessem vivos também. Grant e Malcolm. Todos vivos. A conclusão fez com que se acalmasse instantaneamente, como um bêbado ficava sóbrio quando a polícia o abordava. Ao se arrastar para longe das pedras já começava a planejar seu próximo movimento, preparando uma desculpa, uma versão que não o comprometesse.
Regis limpou a lama do rosto e das mãos, prova de que estivera escondido. Não sentia vergonha por

isso, mas agora precisava livrar a cara. Subiu até a estrada, mas quando emergiu d a folhagem experimentou um momento de desorientação. Não viu os carros. Estava na base do morro. Os Land Cruisers deviam estar mais para cima. Começou a caminhar, subindo a ladeira, para voltar aos veículos. O silêncio era terrível. Pisava nas poças d'água com estrondo. Não ouviu mais a voz da menina. Por que ela parará de gritar?

Enquanto andava, pensou que algo poderia ter acontecido a ela. Nesse
caso, melhor não voltar lá. Talvez o tiranossauro escondido aparecesse outra vez. Ele estava no pé do morro, muito mais perto de casa. E o silêncio tomava conta de tudo. Estranho, tanto silêncio. Ed Regis virou-se e começou a caminhar de volta para o alojamento.

Alan Grant examinou Alexis, apertando levemente braços e pernas. Aparentemente, a menina não sentia dores. Incrível. Fora o corte na testa, nenhum outro ferimento. — Eu já disse que estou bem.
— Bom, eu precisava ter certeza.
O menino não tivera tanta sorte. O nariz de Tim, inchado, doía bastante. Grant suspeitava de uma fratura. O ombro direito tinha uma contusão feia, e inchara também. Mas as pernas não sofreram nada. As duas crianças seriam capazes de caminhar. E isso era o mais importante.
Grant também não tinha sido muito machucado, exceto pelo arranhão no peito, onde o tiranossauro o atingira. Queimava quando respirava, mas não parecia ser nada muito sério, e não impedia seus movimentos.
Não sabia se havia desmaiado, mal se recordava dos eventos anteriores a o momento em que se sentara, gemendo, na mata, a uns dez metros do Land Cruiser. Seu peito sangrava, mas as folhas que recolhera no chão estancaram o sangue, que coagulara logo. Depois saíra à procura de Malcolm e as crianças. Grant não acreditava que ainda estivessem vivos, e quando as imagens imprecisas começaram a tomar forma em sua memória, tentou dar sentido a elas. O tiranossauro poderia ter matado a todos facilmente. Por que não o fizera? — Estou com fome — Alexis disse.
— Eu também — Grant concordou. — Vamos dar um jeito de voltar para a civilização. Precisamos avisá-los para deter o barco. — Somos os únicos a saber? — Tim perguntou.

— Sim, temos de voltar e contar aos outros.
— Bem, então vamos pela estrada, até o hotel — Tim sugeriu, apontando para a descida do morro. — Assim, encontraremos com eles quando saírem para nos procurar.
Grant meditou sobre aquela alternativa. Mas não conseguia parar de pensar no vulto que cruzara a estrada entre os Land Cruisers, antes do ataque. Que animal seria? Só imaginava uma possibilidade: o tiranossauro menor.
— Acho que não é uma boa idéia, Tim. A estrada tem cercas altas dos dois lados. Se um dos tiranossauros estiver adiante, cairemos numa armadilha.
— Então esperaremos aqui? — Tim perguntou. — Sim — Grant disse. — Vamos sentar e ver o que acontece. — Estou com fome! — Alexis repetiu.
— Não vai demorar muito, espero — Grant tranqüilizou-a. — Não quero ficar aqui — Alexis insistiu. Nesse momento ouviram um homem tossindo, no sopé do morro. — Fiquem aqui — Grant recomendou. Ele correu morro abaixo. — Fique aqui — Tim imitou-o, e correu atrás dele. Alexis disparou atrás do irmão.
— Não me deixe sozinha, não quero ficar aqui... Grant aproximou-se dela rapidamente e tapou sua boca com a mão. Ela lutou para se desvencilhar. Ele apontou para o pé do morro, mostrando o que havia lá.

No final da ladeira, Grant viu Ed Regis parado, completamente imóvel. A floresta a sua volta tornara-se subitamente silenciosa. O ruído contínuo das rãs cessara. Restara apenas o assobio suave do vento e o farfalhar das folhas.
Alexis começou a falar assim que se libertou da mão de Grant, mas este a empurrou para baixo da árvore mais próxima, escondendo- se colado no tronco, entre as raízes emaranhadas da base. Tim veio atrás deles. Grant levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio, e depois

olhou lentamente para a estrada.
O caminho da descida estava escuro e os ramos das grandes árvores moviam-se ao sabor do vento, lançando sombras móveis no solo, devido ao luar. Ed Regis tinha sumido. Grant levou algum tempo para localizá-lo. O relações-públicas abraçava o tronco de uma grande árvore. Regis não se mexia nem um milímetro. A floresta permanecia silenciosa.
Alexis puxou impaciente a camisa de Grant. Queria saber o que estava acontecendo. Então, de algum lugar muito próximo, eles ouviram um som abafado, pouco mais alto do que o barulho do vento. Alexis também o escutou, porque parou de se mexer. O som se repetiu, suave como um suspiro. Grant notou que se parecia com a respiração de um cavalo.
Olhou para Regis e viu as sombras moventes lançadas pela lua sobre o tronco da árvore. E depois percebeu que havia uma outra sombra, superposta às outras, que não se mexia: um pescoço longo, forte, e uma cabeça quadrada.
O suspirou voltou.
Tim inclinou-se para a frente, com cuidado, para observar a cena. Alexis fez o mesmo.
Eles ouviram o estalido de um galho quebrado e o tiranossauro pulou no meio da estrada. Era o mais jovem, com cerca de dois metros e meio, movendo-se com a graça desajeitada de um animal novo, quase um filhote. O tiranossauro estudou o caminho, parando a intervalos para farejar o ar antes de seguir em frente. Passou pela árvore onde Regis se escondia, sem dar sinais de tê-lo visto. Grant percebeu que o corpo de Regis relaxava um pouco. Regis virou a cabeça, tentando acompanhar o animal.
O tiranossauro estava parado na estrada. Regis lentamente foi baixando os braços que enlaçavam a árvore. Mas a selva continuava em silêncio. Regis permaneceu no lugar por mais meio minuto. Depois os sons da floresta retornaram. Primeiro o coaxar de uma perereca, depois o zumbido de uma cigarra, seguido pelo coro completo dos animais da

selva. Regis afastou-se da árvore, sacudindo os ombros, livrando-se da
tensão. Andou até o meio da estrada, olhando na direção do tiranossauro que desaparecera.
O ataque veio da esquerda.
O jovem tiranossauro rugiu ao pular para a frente, jogando Regis no chão. Ele gritou e se levantou, mas o tiranossauro atacou de novo, e devia ter usado a pata traseira, porque Regis não se mexeu mais, ficou sentado no chão gritando e movendo os braços, como se quisesse afugentá-lo. O jovem dinossauro pareceu perplexo com os sons e movimentos feitos por sua pequena vítima. Baixou a cabeça para farejá- lo curioso e Regis socou o animal com os punhos cerrados. — Saia daqui! Fora! — Regis gritava a plenos pulmões e o dinossauro recuou, permitindo que se levantasse. Regis ainda gritava: — Isso mesmo! Está entendendo! Fora daqui! Regis afastou-se do dinossauro. O animal continuou a olhar curioso para o pequeno animal agitado. Mas quando Regis se distanciou um pouco mais, pulou e derrubou-o novamente. Está brincando com ele, Grant pensou.
— Ei! — Regis gritou ao cair, mas o tiranossauro não o atacou, permitindo que se levantasse. Ele continuou, de pé, a recuar. — Seu estúpido, saia daqui! Está me ouvindo? Fora! Regis gritava como um domador de leões e o dinossauro rugiu, sem atacar. Quando Regis aproximou-se das folhagens na

beira da estrada à direita, percebeu que dando mais alguns passos estaria a salvo.
— Fora! Saia daqui! — berrou, e então, com um pulo ágil, o tiranossauro jogou-o no chão, de costas. Quando o animal baixou a cabeça, Ed começou a berrar. Não pronunciou nenhuma palavra, apenas gritou, soltando um uivo agudo.
O grito sumiu no ar e o jovem dinossauro ergueu a cabeça. Grant viu que o sangue pingava da mandíbula. — Ah, não — Alexis disse baixinho.
A seu lado, Tim desviou o olhar, subitamente nauseado. O

binóculo noturno escorregou pela testa, caindo no chão com um ruído
metálico.
A cabeça do dinossauro se ergueu, examinando o alto do morro. Tim apanhou o binóculo quando Grant agarrou seu braço e começou a correr, arrastando também a menina pela mão.

CONTROLE

Os procompsognatos corriam pela beira da estrada, no escuro da noite. O jipe de Harding os seguia, a certa distância. Ellie apontou para um brilho ao longe.
— Não é uma luz?
— Talvez — Harding disse. — Dá a impressão de ser o farol de um carro.
O rádio estalou subitamente. Ouviram a voz de John Arnold: — ... estão aí?
— Sim, pode falar — Harding respondeu. — Finalmente. — Ele apertou o botão. — Pode falar John. Estamos perto do rio, seguindo os procompsognatos. Muito interessante.
Mais estática.
— ... cisamos de seu carro.
— O que ele disse? — Gennaro perguntou. — Algo a respeito do carro — Ellie disse. No acampamento de Montana, Ellie encarregava-se das comunicações por rádio. Depois de anos de treino, tornara-se especialista em compreender mensagens trancadas. — Pelo que entendi, disse que precisam do carro. Harding apertou novamente o botão.
— John? Está ouvindo? Não recebemos bem sua mensagem. John? Um relâmpago gerou um momento de estática. Depois eles ouviram a voz tensa de Arnold:
— ... Não ... droga... voltem para cá... gora... — Ao que parece, ele está com problemas — Ellie comentou, franzindo a testa. Não havia como ignorar a tensão na voz. — Talvez seja melhor voltarmos.
Harding deu de ombros.
— John vive tendo problemas. Conhece bem os engenheiros.

Querem que tudo saia de acordo com o previsto. — Ele apertou o botão
do rádio. — John? Repita, por favor...
Mais estática.
Outro relâmpago. Depois:
— Muldoon... precisa do carro... agora... Gennaro ficou agitado. — Ele disse que Muldoon precisa do seu carro? — Foi o que entendi também — Ellie confirmou. — Mas isso não faz nenhum sentido — Harding disse. — ...cou... preso... Muldoon quer... carro. — Entendi — Ellie disse. — Os outros carros estão parados na estrada por causa da tempestade e Muldoon quer ir buscá-los. Harding fez um gesto de impaciência.
— Por que Muldoon não pega o outro carro? — Ele apertou o botão do rádio. — John? Diga a

Muldoon para pegar o outro carro. Está na garagem.
O rádio chiou.
— ... não... escute... os danados... carro... Harding apertou o botão.
— Eu disse na garagem, John. O carro está na garagem. Mais estática.
— ...edry levou... dido... um...
— Acho que isso não vai dar em nada, muita estática — Harding disse. — Está bem, John. Voltaremos imediatamente. — Ele desligou o rádio e manobrou o jipe. — Eu só gostaria de entender a razão de tanta pressa.
Harding engatou a marcha e o veículo arrancou no escuro pela estrada deserta. Em dez minutos viram as luzes do alojamento safári. Quando Harding estacionou na frente do centro dos visitantes, Muldoon veio correndo na direção deles, gritando e acenando.
— Que se dane, Arnold, seu filho da puta! Quero este parque nos eixos imediatamente. Agora! Traga meus netos de volta já! — John Hammond estava parado no meio da sala de controle, gritando e

batendo o pé. A bronca já durava dois minutos. Henry Wu, parado num
canto, parecia perdido.
— Bem, senhor Hammond — Arnold disse. — Muldoon está a caminho, para fazer exatamente isso.
— Então deu as costas ao velho e acendeu mais um cigarro. Hammond era igualzinho a todos os executivos que Arnold já conhecera. Fosse no Disneyworld ou na Marinha, os executivos sempre se comportavam da mesma forma. Jamais compreendiam as questões técnicas, pensavam que podiam fazer tudo acontecer dando gritos. Talvez desse certo, quando gritavam com as secretárias para providenciar uma limusine. Mas a gritaria não resolveria nenhum dos problemas que surgiam para Arnold resolver. Os computadores não ligavam se alguém gritasse com eles. Os sistemas técnicos eram totalmente indiferentes à manifestação explosiva das emoções humanas. Gritar era no mínimo improdutivo, uma vez que tinha quase certeza de que Nedry não retornaria, o que lhe deixava a tarefa de entrar no código do computador e descobrir o que havia de errado. Seria um trabalho difícil. Precisava de calma e cuidado.
— Por que não desce até o refeitório — Arnold sugeriu — e toma um café? Avisaremos quando houver alguma novidade. — Não quero um Efeito Malcolm aqui — Hammond esbravejou. — Não se preocupe com o Efeito Malcolm — Arnold retrucou. — Quer me deixar trabalhar em paz?
— Você que se dane — Hammond disse.
— Eu o chamo, senhor, quando Muldoon der notícias. Ele apertou as teclas no console e acompanhou as mudanças nas familiares telas de controle.

""/Módulos Principais Parque Jurássico/ */
*/ Call Libs
Inclui: biostat.sys
Inclui: sysrom.vst

Inclui: net.sys
Inclui: pwr.mdl
*/
""/Inicializa
Set Main [42] 2002/9A {total CoreSysop % 4 [vig.7*tty]} se ValidMeter(mH) (**mH).MeterVis retorna Term Call 909 c.lev {void MeterVis $303} Random (3 *MaxFic) on SetSystem (!Dn) set shp —val.obj t o lim(Val { d } SumVal s e SetMeter(mH) (**mH).ValdidMeter(Vdd) retorna em SetSystem(!Telcom) set mxcpl.obj to lim(Val {pd j NextVal

Arnold não mais operava o computador. Passara das telas para o código, o conjunto de instruções linha a linha que diziam ao computador o que fazer. Arnold sabia que o programa completo do Parque Jurássico continha mais de meio milhão de linhas de instruções, em grande parte não documentadas, sem instruções. Wu aproximou-se.
— O que está fazendo, John?
— Checando o código.
— Por inspeção visual? Vai levar a vida inteira. — Então me dê uma idéia melhor — Arnold disse.

A ESTRADA

Muldoon fez a curva rapidamente e o jipe deslizou na lama. Sentado a seu lado, Gennaro cerrou os punhos. Corriam ao longo da estrada do penhasco, acima do rio oculto pela escuridão. Muldoon acelerava o máximo possível. Seu rosto estampava toda a tensão do momento.
— Quanto falta? — Gennaro indagou.
— Três a quatro quilômetros.
Ellie e Harding tinham ficado no centro de visitantes. Gennaro preferira acompanhar Muldoon. O carro balançava. — Faz mais de uma hora — Muldoon disse. — Uma hora sem notícia dos carros.
— Mas eles têm rádios — Gennaro ponderou. — Não conseguimos contato — Muldoon explicou. Gennaro fechou a cara.
— Se eu ficasse sentado num carro durante uma hora, na chuva, certamente tentaria falar com alguém pelo rádio. — Eu também — Muldoon concordou. Gennaro balançou a cabeça, desconcertado.
— Acha que pode ter acontecido alguma coisa a eles? — Possivelmente — Muldoon disse —, eles estão bem. Mas ficarei mais tranqüilo quando encontrá-los. O que deve ocorrer a qualquer momento.
A estrada fazia uma curva e depois subia o morro. No sopé da ladeira Gennaro viu alguma coisa branca, caída entre as samambaias, na beira da estrada.
— Pare — pediu, e Muldoon brecou. Gennaro desceu e saiu correndo, aproveitando a luz dos faróis do jipe para tentar ver o que era. Parecia um pedaço de pano, mas havia...

Gennaro gelou.
Mesmo a dois metros de distância, via exatamente o que era. Sem querer ele diminuiu os passos.
Muldoon pôs a cabeça para fora do carro e perguntou: — E aí? De que se trata?
— Uma perna — Gennaro respondeu.
A carne da perna estava branco-azulada, terminando em uma massa ensangüentada, onde antes ficava o joelho. Abaixo do tornozelo ele viu uma meia branca, e um sapato mocassim marrom. O tipo de sapato usado por Ed Regis.
Muldoon desceu do carro, passou correndo por ele e abaixou-se para examinar a macabra descoberta.
— Meu Deus — murmurou, erguendo a perna para iluminá-la com os faróis. O sangue pingou na sua mão. Gennaro ficou parado, a um metro de distância. Abaixou-se, levou as mãos aos joelhos, fechou os olhos e respirou fundo, tentando não vomitar. — Gennaro — Muldoon chamou, a voz tensa. — O quê?
— Saia daí. Está bloqueando a luz.
Gennaro respirou fundo de novo e obedeceu. Quando abriu os olhos, deu com Muldoon estudando cuidadosamente a perna. — Cortada na articulação — Muldoon verificou. — Não foi mordida e sim torcida e arrancada. A perna foi simplesmente arrancada.
— Ergueu-se, segurando o membro de modo que o sangue restante pingou nas folhas de samambaia. A

mão ensangüentada segurou a meia branca, agarrando a perna pelo tornozelo. Gennaro ficou enjoado de novo.
— Nenhuma dúvida quanto ao que aconteceu — Muldoon disse. — O T-rex o pegou. — Olhou para o alto do morro e depois para Gennaro. — Está se sentindo bem? Pode seguir em frente? — Sim — Gennaro concordou. — Vamos.
Muldoon caminhava de volta para o jipe, carregando a perna.

— Acho melhor levar isso conosco — disse. — Não parece
decente deixá-la aqui. Diacho, vai sujar todo o carro. Procure algo para embrulhá-la aí atrás, tá? Um jornal ou um pedaço de lona... Gennaro abriu a porta traseira e vasculhou o espaço atrás do banco. Sentiu-se melhor por ter no que pensar naquele momento. O problema era como embrulhar a perna, e ocupou sua mente, livrando-a de todos os outros pensamentos. Encontrou um saco de lona com um jogo de ferramentas, uma caixa de papelão, uma chave de roda e... — Dois pedaços de encerado — anunciou. Estavam embrulhados em plástico.
— Passe um para cá — Muldoon pediu, ainda parado fora do carro. Embrulhou a perna e estendeu o pacote para Gennaro. Segurando-a na mão, Gennaro ficou surpreso com o peso. — Jogue isso lá atrás — Muldoon mandou. — Tente dar um jeito de apoiá-la, para que não fique rolando de um lado para outro... — Está bem. — Gennaro guardou o pacote e Muldoon pegou no volante. Ao acelerar, as rodas giraram em falso na lama, depois pegaram tração e o jipe subiu o morro. Por um momento os faróis apontaram para o topo das árvores, e depois baixaram, permitindo que Gennaro visse a estrada à frente.
— Meu Deus! — Muldoon exclamou.
Gennaro viu um Land Cruiser, virado de lado no meio da estrada. Não havia sinal do segundo.
— Onde está o outro carro?
Muldoon procurou em volta, rapidamente, apontando para a esquerda.
— Ali.
O segundo veículo encontrava-se a vinte metros, retorcido no pé de uma árvore.
— Como foi parar lá?
— O T-rex o jogou longe.
— Jogou? — Gennaro repetiu.
O rosto de Muldoon estava sombrio.

— Vamos ver logo o que houve — decidiu, descendo do jipe. Eles
correram até o segundo Land Cruiser. As lanternas agitavam-se na noite.
Quando se aproximaram, Gennaro percebeu que o carro fora destruído. Preferiu deixar a tarefa de olhar lá dentro para Muldoon. — Eu não ficaria tão preocupado — Muldoon disse. — Dificilmente encontraremos alguém lá dentro. — Não?
— Não — ele disse. Explicou que, durante seus anos na África, havia visitado locais de meia dúzia de ataques contra seres humanos, na mata. Um deles fora um ataque de leopardo — o animal rasgara uma barraca durante a noite e levara uma criança. Houvera também o ataque de búfalos em Amboseli; dois ataques de leões, e um de crocodilo no norte, perto de Meru. Em todos os episódios, encontrara poucos vestígios do ataque no local.
As pessoas inexperientes imaginavam que os animais deixavam marcas horríveis de seus ataques — membros despedaçados atrás da barraca, trilhas de sangue no meio do mato, roupas ensangüentadas. Mas a verdade era que normalmente não restava nada, principalmente se a vítima fosse pequena, um bebê ou criança. A pessoa parecia sumir, como se tivesse saído e nunca mais voltado. Um predador poderia matar uma criança sacudindo-a e quebrando seu pescoço. Normalmente não havia sangue.

E na maior parte das vezes não se encontrava traço algum da vítima. Talvez um botão da camisa, ou um pedaço da sola do sapato. Mas, no geral, não ficava nada para trás. Os predadores levavam as crianças — preferiam as crianças — e não deixavam nada. Assim, Muldoon considerava altamente improvável que achassem restos dos netos de Hammond. Mas ao olhar para dentro do veículo tombado, ficou surpreso. — Não acredito! — exclamou.

Muldoon tentou reconstituir os acontecimentos. O pára-brisa do

Land Cruiser fora estraçalhado, mas não havia quase vidro perto do
carro. Ele notara estilhaços na estrada. Sendo assim, o pára-brisa devia ter quebrado antes que o tiranossauro erguesse o carro e o atirasse longe. Mas o veículo estava destruído. Muldoon iluminou seu interior com a lanterna.
— Vazio? — Gennaro perguntou ansioso.
— Não de todo — Muldoon disse. A lanterna iluminou o rádio portátil destruído, e no chão do carro ele viu um outro objeto, curvo e preto. As portas da frente estavam amassadas e fechadas, mas ele entrou pela porta traseira e passou pelo banco, para pegar o relógio. — É um relógio — disse, focalizando a lanterna. Um relógio de pulso digital, comum, com pulseira de borracha preta. O mostrador de cristal líquido estava quebrado. Ele acreditava que o garoto usava um relógio daquele tipo, mas não tinha certeza. Era do tipo que um menino usaria, contudo.
— E mesmo um relógio? — Gennaro insistiu. — Sim. Tem um rádio também, mas está quebrado. — Isso significa alguma coisa?
— Sim. E tem mais... — Muldoon sentiu um cheiro azedo dentro do carro. Iluminou o interior e viu o vômito pingando da lateral da porta. Ele o tocou. Ainda estava fresco. — Uma das crianças talvez tenha sobrevivido.
Gennaro olhou para ele intrigado.
— O que o leva a pensar isso?
— O relógio — Muldoon disse. — E a prova do que digo. — Ele passou o relógio para Gennaro, que o segurou à luz da lanterna e depois o devolveu.
— O vidro está quebrado — Gennaro comentou. — Isso mesmo. Mas a pulseira intacta.
— E daí?
— O menino tirou o relógio do pulso.
— Isso pode ter acontecido a qualquer momento — Gennaro argumentou. — Até antes do ataque.

— Não — Muldoon disse. — Estes mostradores de cristal líquido
são resistentes. Para quebrá-los é preciso dar uma pancada muito forte. O mostrador se partiu durante o ataque. — E depois o menino tirou o relógio.
— Reflita um pouco — Muldoon pediu. — Se você estivesse sendo atacado por um tiranossauro, pararia para tirar o relógio? — Talvez tenha sido arrancado.
— É praticamente impossível arrancar um relógio do pulso de alguém sem machucar a mão e estragar a pulseira. E esta ficou intacta. O menino tirou o relógio, sem dúvida. Olhou a hora, viu que estava quebrado, e o tirou. Teve tempo para fazer tudo isso. — Quando?
— Só pode ter sido depois do ataque — Muldoon afirmou. — O menino ficou no carro até depois do ataque. E o rádio quebrou, de modo que o deixou para trás. Garoto esperto, sabia que não adiantaria nada levar o rádio.
— Se ele é tão esperto — Gennaro disse — para onde foi? Porque eu ficaria bem aqui, esperando que viessem me salvar. — Certo — Muldoon concordou. — Mas talvez não pudesse ficar esperando. Talvez o tiranossauro tenha voltado. Ou algum outro animal. De qualquer maneira, algo o obrigou a

partir. — E para onde foi?
— Vamos ver se conseguimos determinar isso — Muldoon disse, dirigindo-se para a estrada.
Gennaro acompanhou o trabalho de Muldoon, que examinava a estrada com a lanterna. Seu rosto encontrava-se a poucos centímetros da lama, concentrado na busca. Muldoon realmente acreditava que havia esperanças, que pelo menos uma das crianças ainda vivia. Gennaro não se impressionou. O choque de encontrar uma perna arrancada do corpo era responsável pela decisão irrevogável que acabara de tomar. Fecharia aquele parque e o destruiria. Pouco importava a opinião de Muldoon, um suspeito de otimismo exagerado e incabível, um sonhador incorrigível...

— Vê estas pegadas? — Muldoon perguntou, ainda olhando
para o chão.
— Que pegadas? — Gennaro perguntou.
— Estas aqui... veja, vindo em nossa direção, saindo da estrada? São pegadas de adulto. Um calçado com sola de borracha. Veja a marca deixada...
Gennaro só via a lama. Poças iluminadas pela lanterna. — Como pode notar — Muldoon continuou —, os rastros do adulto chegam até aqui, onde se encontram com as outras pegadas. Pequenas e médias... movem-se depois em círculos, passando umas por cima das outras... como se estivessem juntos, conversando... Mas daqui em diante parece que correram... — Ele apontou para a frente. — Naquela direção. Para o parque.

Gennaro balançou a cabeça.
— Pode ver qualquer coisa nesta lama.
Muldoon ergueu-se e recuou. Olhou para o chão e suspirou. — Pense o que quiser. Aposto que uma das crianças sobreviveu. Talvez as duas, e até mesmo um dos adultos, caso estas pegadas pertençam a outra pessoa que não Regis. Precisaremos dar uma busca no parque.
— Esta noite? — Gennaro sobressaltou-se. Mas Muldoon não o ouviu. Já se afastara, na direção de uma área de terra mole, perto do cano de drenagem para a chuva. Ele se agachou novamente.
— O que a menina estava vestindo?
— Sei lá — Gennaro disse.
Avançando lentamente, Muldoon seguiu para a beira da estrada. De repente, ouviram um som sibilante. Era um animal, sem dúvida. — Escute — Gennaro alertou-o em pânico. — Acho melhor...
— Quieto — Muldoon ordenou. Ele parou, atento. — É só o vento — Gennaro falou.
Ele ouviu o silvo, agora mais claro. Não era o vento. Vinha das

folhagens, bem à frente, na beira da estrada. Não parecia um som
animal, mas Muldoon aproximou-se cautelosamente. Ele apontou a lanterna e gritou, mas o som não mudou. Muldoon afastou as folhas. — O que é? — Gennaro perguntou.
— É Malcolm — Muldoon disse.

Ian Malcolm estava deitado de costas, a pele pálida, acinzentada, a boca aberta. Respirava com dificuldade. Muldoon passou a lanterna para Gennaro, e abaixou-se para examiná-lo. — Não vejo nenhum ferimento — disse. — O peito está bem, os braços, as pernas...
Gennaro focalizou as pernas.
— Ele fez um torniquete.
O cinto de Malcolm fora preso firmemente na altura da coxa direita. Gennaro moveu a luz para a parte inferior da perna. O tornozelo direito estava virado para fora, num ângulo estranho, as calças achatadas, ensopadas de sangue. Muldoon tocou o tornozelo com cuidado e Malcolm gemeu.

Muldoon recuou, tentando decidir o que fazer. Malcolm poderia ter outros ferimentos. Talvez fraturado alguma costela. Poderia morrer se fosse removido. Mas, se fosse deixado ali, morreria de choque. Não sangrara até a morte apenas porque tivera a presença de espírito de amarrar o torniquete. Provavelmente não tinha mais salvação. Era melhor levá-lo logo.
Gennaro ajudou Muldoon a erguer o sujeito, pegando-o desajeitadamente pelo ombro. Malcolm gemeu, ofegante. — Lex — ele disse — Lex... foi... Lex... — Quem é Lex? — Muldoon perguntou.
— A menina — Gennaro respondeu.
Eles carregaram Malcolm até o jipe e o acomodaram no banco de trás. Gennaro apertou mais o torniquete na coxa. Malcolm gemeu de dor. Muldoon cortou a calça e viu a carne mole, de onde saíam lascas afiadas brancas.

— Precisamos levá-lo de volta — falou.
— Vamos partir sem as crianças? — Gennaro questionou. — Se estiverem no parque, temos uma área de trinta quilômetros quadrados onde procurá-los — Muldoon retrucou, balançando a cabeça. — O único modo de localizá-los é através dos sensores de movimento. Se as crianças estão vivas e se mexerem, os sensores indicarão sua posição. Aí poderemos buscá-las. Mas se não levarmos o doutor Malcolm de volta imediatamente, ele morrerá. — Então vamos voltar — Gennaro assentiu. — Sim, acho melhor. Eles entraram no carro. — Vai contar a Hammond que as crianças desapareceram? — Gennaro indagou.
— Eu não — Muldoon disse. — Você é quem vai.

CONTROLE

Donald Gennaro olhava fixo para Hammond, sentado no refeitório deserto. O velho empresário tomava sorvete calmamente. — Então Muldoon acredita que as crianças estão em algum ponto do parque?
— Foi o que afirmou.
— Estou seguro de que as encontraremos. — Tomara — Gennaro disse. Ele observava o velho comendo, e sentiu um arrepio.
— Claro que vamos encontrá-las. Afinal de contas, como eu sempre digo, o parque foi feito para crianças. — Então compreende que estão perdidas, senhor — Gennaro insistiu.
— Perdidas? — Hammond repetiu. — Claro que eu sei que estão perdidas. Não estou senil. — Suspirando, ele mudou de tom: — Entenda bem uma coisa, Donald. Não podemos perder o controle. Tivemos um pequeno problema por causa da tempestade, ou outro motivo, e em função disso sofremos um acidente lamentável, infeliz. Foi só isso. Vamos tomar todas as providências. Arnold cuidará do conserto do computador. Muldoon encontrará as crianças, não ficarei espantado se voltar com elas antes que eu termine de tomar o sorvete. Vamos esperar e ver o que acontece, certo?
— Como preferir, senhor — Gennaro respondeu.
— Por quê? — Henry Wu perguntou, olhando para a tela. — Porque Nedry aprontou alguma confusão no código — Arnold respondeu. — Por isso estou checando tudo. — Certo — Wu disse. — Mas tentou outras opções? — Como por exemplo?
— Não sei. Os sistemas de segurança ainda funcionam? — Wu

quis saber. — Os registros de operações Keycheck?
— Claro! — Arnold exclamou, estalando os dedos. — Claro que funcionam. Só podem ser desligados no painel principal. — Bem — Wu disse. — Se o Keycheck não foi desligado, você pode descobrir o

que ele aprontou.
— Mas é claro que posso — Arnold concordou. Ele se concentrou no teclado. Como não pensara nisso antes? Era tão óbvio. O sistema de computadores do Parque Jurássico possuía diversos sistemas de segurança embutidos no programa principal. Um deles era o Keycheck, capaz de monitorar todas as operações realizadas pelas pessoas com acesso a o sistema. Originalmente servira como proteção contra bugs, mas fora conservado por ser útil na segurança. E m u m instante todas a s operações realizadas por Nedry naquele dia surgiram em uma janela na tela:
13,42,121,32,88,77,19,13,44,52,77,90,13,99,13,100,13,109,55,103
144,13,99,87,60,13,44,12,09,13,43,63,13,46,57,89,103,122,13,44,
52,88,9,31,13,21,13,57,98,100,102,103,13,112,13,146,13,13,13, 77,67,88,23,13,13
sistema
nedry
goto nível de comando
nedry
040#txy/67&
mr goodbytes
segurança
keycheck off
segurança off
si off
segurança
whte—rbt.obj

— Então foi isso? — Arnold disse. — Ele ficou mexendo no

computador durante horas.
— Provavelmente só matando o tempo — Wu observou. — Até finalmente se decidir a entrar em ação. A lista inicial de números representava os códigos ASCII para as teclas que Nedry apertava em seu console. Os números significavam que ele ainda permanecia dentro da interface normal, como qualquer outro usuário do computador. Assim, no começo, Nedry só estudava o sistema, algo que ninguém esperaria do sujeito que o concebera. — Talvez tentasse verificar se havia alguma alteração, antes de entrar — Wu sugeriu.
— Talvez — Arnold aceitou, passando a estudar os comandos listados, que lhe permitiam ver os passos de Nedry no sistema, linha por linha. — Pelo menos sabemos o que fez. Sistema era o comando que permitia a Nedry sair da interface normal e entrar no código propriamente dito. O computador pedira seu nome e ele respondera: nedry. O nome tinha autorização para acessar o código, de modo que o computador permitira a entrada no sistema. Nedry pedira depois goto nível de comando, entrando no nível mais alto de controle do computador. O acesso a o nível de comando exigia procedimentos extra de segurança, e fora exigido a Nedry seu nome, número de acesso e senha.
nedry
040m xy/67&
mr goodbytes
Esses códigos tinham permitido a Nedry o acesso a o nível de comando. Ali ele pedira segurança. Como era um operador autorizado, o computador permitira que ele entrasse nesse nível. E então, nesse nível de segurança, Nedry tentara três variações: keycheck off
segurança off
si off

— Ele queria desligar os sistemas de segurança — Wu percebeu. — Para que ninguém visse o que pretendia fazer.

— Exatamente — Arnold assentiu. — E aparentemente não
sabia que era impossível desligar os sistemas, a não ser através dos interruptores manuais na placa principal. Depois de três comandos errados, o computador começara automaticamente a se preocupar com Nedry. Mas como ele possuía a autorização para operar, presumira que Nedry estava confuso, tentando algo impossível no nível em que se encontrava. De modo que havia perguntado novamente o que Nedry queria, e ele respondera: segurança. E tivera condições de continuar naquele nível. — Finalmente — Wu exclamou —, eis aí o truque. — Ele apontou para o último dos comandos digitados por Nedry. whte—rbt.obj
— Mas que diacho é isso? — Arnold estranhou. — white rabbit? Coelho branco? Alguma piada de mau gosto? — Está classificado como um objeto — Wu salientou. Na terminologia dos computadores, um "objeto" era um bloco de códigos que poderia ser movido e utilizado, como se pode mover uma cadeira numa sala. Um objeto poderia ser um conjunto de comandos para executar um gráfico, ou mudar a tela, ou realizar um determinado cálculo.
— Vamos ver onde isso se encontra no código — Arnold disse. — Talvez possamos descobrir o que provoca. — Ele passou para os utilitários do programa e pediu:
FIND WHTE-RBT.OBJ
O computador respondeu:
OBJETO NÃO LOCALIZADO NOS DIRETÓRIOS
— Não existe — Arnold disse.
— Então procure na listagem de códigos. Arnold digitou: FIND/LIS TAGENS: WHTE-RB T. OBJ A tela rolou rapidamente, as linhas do código passando velozes. Continuou procurando por mais um minuto, e depois abruptamente parou. — Achamos — Wu anunciou. — Não é um objeto, e sim um comando.

A tela mostrou uma seta, apontando para uma única linha do
código:

curV = GetHandl (ssm.dt) tempRgn itm.dd2 . curH = GetHandl (ssd.itl) tempRgn2 {itm.dd4}. on DrawMeter(!gN)set shp—val.obj to lim(Val {d} -Xval. se ValidMeter(mH) (**mH). MeterVis return. se Meterhandl(vGT)(DrawBack(tY) return. limitDat.4 = maxBits(%33) to (limit.04) set on. limitDat.5 = setzero, setfive, 0 {limit.2-var(szh)j. — > on whte-rbt.obj call link.sst {segurança, perímetro]set to off. vertRange = {maxRange + setlimj tempVgn(fdn— &bb + $404). horRange = {maxRange — setlim/2} tempHgn(fdn — &dd+$105). void DrawMeter send—screen.obj print

— Filho da mãe — Arnold exclamou. Wu balançou a cabeça. — Então não havia nenhuma falha no sistema, afinal. — Não — Arnold disse. — Ele deixou uma entrada secreta. O filho da mãe gravou o que parecia ser um objeto, mas na verdade era um comando que unia os sistemas de segurança e o perímetro, e depois desligava os dois. Isso lhe dava acesso total a qualquer ponto do parque.
— Então deve ser possível religar os sistemas — Wu concluiu. — Claro, e vamos conseguir. — Arnold franziu a testa. — A única coisa que preciso fazer é descobrir o comando certo. Vou dar um comando de execução na linha — resolveu. — Vamos ver no que dá. Wu ergueu-se da cadeira.
— Enquanto isso acontecia, alguém entrou na câmara frigorífica, há cerca de uma hora. Acho melhor ir até lá contar os embriões. Ellie estava em seu quarto, a ponto de trocar a roupa molhada, quando alguém bateu na porta.

— Alan? — perguntou, mas quando abriu a porta viu Muldoon parado ali, com um embrulho plástico sob o braço. Muldoon também

estava ensopado, e suas roupas cheias de lama.
— Lamento incomodar, mas precisamos de sua ajuda — ele disse rispidamente. — Os Land Cruisers foram atacados há cerca de uma hora. Trouxemos Malcolm de volta, mas ele ficou em estado de choque. Tem um ferimento sério na perna. Ainda não recuperou a consciência, e o pusemos na cama, em seu quarto. Harding está a caminho para examiná-lo.
— Harding? — ela repetiu. — E quanto aos outros? — Ainda não encontramos os outros, doutora Sattler — Muldoon disse. Ele falava muito devagar. — Oh, meu Deus!
— Mas acreditamos que o doutor Grant e as crianças ainda estão vivos. Eles seguiram para o parque, doutora Sattler. -- Para o parque?
— Penso que sim. Malcolm precisa de ajuda. Já chamei Harding.
— Não deveria chamar um médico?
— Não há médicos na ilha. Harding é o único profissional de saúde.
— Mas sem dúvida deve haver um jeito de chamar um médico... — Não. — Muldoon balançou a cabeça negativamente. — As linhas telefônicas estão mudas. Perdemos o contato com o continente. — Ele ergueu o pacote que levava na mão. — O que é isso? — ela perguntou.
— Nada. Vá para o quarto de Malcolm e ajude Harding no que for possível.
Sem dizer mais nada, Muldoon deu-lhe as costas e foi embora. Ellie Sattler sentou-se na cama, chocada. Ela não era uma mulher com tendência a entrar em pânico à toa, e sabia que Grant se safara de situações perigosas antes. Certa vez ficara perdido no deserto durante quatro dias, quando um rochedo cedera sob seus pés e o caminhão capotara numa ravina de trinta metros. Grant quebrara a perna. Não tinha água. Mas caminhara de volta, com a perna fraturada

e tudo.
Por outro lado, as crianças...
Ela abanou a cabeça, afastando o pensamento terrível. As crianças provavelmente estavam junto com Grant. E se Grant se encontrava no parque... bem, haveria pessoa mais indicada para guiar as crianças em segurança pelo Parque Jurássico do que um especialista em dinossauros?

NO PARQUE

— Estou cansada — Alexis reclamou. — Quero ir no seu colo, doutor Grant.
— Você é muito grande para ser carregada no colo — Tim censurou.
— Mas eu estou cansada!
— Tudo bem, Lex — Grant disse, pegando-a no colo. — Puxa vida, como você pesa.
Deviam ser umas nove da noite. Depois da tempestade, a lua cheia podia ser avistada finalmente, embora borrada pela neblina. As sombras desfocadas os anteciparam na travessia de um campo aberto, em direção à mata densa e escura. Grant mergulhou em seus pensamentos, tentando descobrir onde se encontrava. Como tinham atravessado a cerca que o tiranossauro derrubara, Grant tinha quase certeza de se encontrar em algum ponto da área desses dinossauros. Exatamente no lugar onde não queria ficar. Em sua mente, tentou visualizar os limites da região e as linhas que indicavam os movimentos mais freqüentes do T-rex, num espaço restrito. Ele e as crianças estavam exatamente naquele ponto agora. Mas Grant também se recordava de que os tiranossauros viviam isolados de todos os outros animais, e isso significava que saberiam se estavam saindo da área quando cruzassem uma barreira — cerca, fosso ou ambos.

Não vira barreiras até o momento.
A garota encostou a cabeça em seu ombro, e enrolava os cabelos nos dedos. Em pouco tempo dormia. Tim caminhava ao lado. — Muito cansado, Tim?
— Tudo bem — o menino respondeu. — Mas acredito que ainda estamos na área dos tiranossauros.
— Também acho. Espero sair daqui logo. — Pretende seguir para aquela mata? — Tim indagou. Conforme

se aproximavam, a selva parecia escura e temível.
— Sim — Grant disse. — Creio que podemos nos orientar pelos números dos sensores de movimento.
Os sensores de movimento eram caixas verdes colocadas a cerca de um metro do solo. Alguns sobre estacas, outros presos em árvores. Nenhum deles funcionava, porque aparentemente a força ainda não havia sido religada. Cada caixa do sensor tinha uma lente montada no centro, e um número de código pintado logo abaixo. Bem a sua frente, sob o luar que varava a neblina, Grant encontrou a caixa marcada "T/S/04".
Eles penetraram na floresta. As árvores enormes erguiam-se dos dois lados. A neblina baixa mantinha-se próxima do solo, cobrindo as raízes. Apesar de bela, a névoa tornava a caminhada perigosa. Grant estudava os sensores. Aparentemente estavam numerados em ordem descendente. Ele passou pelos sensores "T/S/03" e "T/S/02". Depois de algum tempo chegaram a o "T/S/01". Sentia o cansaço aumentar, devido ao peso da menina que carregava, e torcia para aquele sensor marcar o limite da área dos tiranossauros, mas tratava-se apenas de uma caixa no meio do mato. A seguinte trazia a indicação "T/N/01", seguida de outra, a "T/N/02". Grant concluiu que os números se organizavam em torno de um ponto central, como uma bússola. Seguiam de sul para norte, de modo que os números diminuíam quando se aproximavam do centro, e aumentavam novamente. — Pelo menos seguimos no rumo certo — Tim comentou. — Que bom — Grant disse.
Tim sorriu, e tropeçou numa raiz oculta na neblina. Levantou-se rapidamente e passaram a conversar.
— Meus pais vão se divorciar — ele disse. — É mesmo — Grant falou.
— Meu pai se mudou no mês passado. Agora tem outra casa, em Mill Valley.
— Sei.
— Ele não pega mais a minha irmã no colo. Nunca.

— E diz que você tem dinossauros no cérebro — Grant lembrou.
Tim suspirou.
— É.
— Sente saudades? — Grant perguntou.
— Não muito. Ela sente mais falta, sabe. — Quem, sua mãe?
— Não, Lex. Minha mãe tem um namorado. Alguém que conheceu no trabalho.
Eles caminharam em silêncio por algum tempo, passando pelas caixas "T/N/03" e "T/N/04". — Já o conheceu? — Grant perguntou.
— Já.
— Ele é legal?
— Mais ou menos — Tim disse. — Mais moço que o meu pai, mas careca.
— Ele trata bem de você?
— Acho que sim. Sei lá. Acho que quer ficar meu amigo. Não sei o que vai acontecer lá em casa. Minha mãe às vezes diz que precisaremos vender a casa e mudar para outro lugar. Ele e mamãe discutem, de noite. Eu fico sentado no meu quarto mexendo no computador, mas mesmo assim escuto tudo. — Sei — Grant disse.
— Você é divorciado?

— Não — Grant respondeu. — Minha mulher morreu faz muito tempo.
— E agora você namora a doutora Sattler? Grant sorriu no escuro.
— Não, ela é minha aluna.
— Quer dizer que ela ainda não saiu da escola? — Faz doutorado. — Grant parou apenas o tempo suficiente para mudar Alexis para o outro ombro e seguiram adiante, passando por "T/N/05" e "T/N/06". Ouviram um trovão a o longe. A tempestade seguira para o sul. Na selva, os sons se limitavam às cigarras e rãs.

— Tem filhos? — Tim perguntou.
— Não.
— Vai se casar com a doutora Sattler?
— Não, ela ficou noiva de um médico em Chicago, e pretende se casar no ano que vem.
— Ah! — Tim pareceu surpreso a o saber daquilo. Eles caminharam lado a lado por mais algum tempo. — Então com quem vai se casar?
— Eu não pretendo me casar com ninguém — Grant afirmou. — Nem eu — Tim falou. Um pouco depois perguntou: — Vamos andar a noite inteira?
— Não agüentaríamos. Precisamos descansar algumas horas, pelo menos. — Grant consultou o relógio. — Tudo bem. Temos quase quinze horas para voltar, antes que o barco chegue ao continente.
— E onde vamos parar? — Tim indagou.
Grant pensava na mesma coisa. Primeiro calculou que poderiam subir numa árvore. Mas só bem no alto ficariam a salvo dos animais, e Alexis poderia cair durante o sono. Os galhos eram desconfortáveis, não conseguiriam descansar quase nada. Ele não, pelo menos. Precisavam encontrar um local mais seguro. Pensou nas plantas que vira no avião, durante a viagem. Recordava-se da existência de construções em todas as divisões, mas não sabia como seriam, porque as plantas de cada prédio não constavam do material que recebera. E não se lembrava da localização exata, só que estavam espalhados pelo parque. Poderia haver um ali perto.
As providências para encontrar o abrigo seriam diferentes do simples cruzamento de uma barreira, para sair da área dos tiranossauros. Encontrar o abrigo significava adotar algum tipo de estratégia de busca. E as melhores seriam... — Tim, pode segurar sua irmã um pouco? Vou subir numa árvore e dar uma olhada em volta.
No alto da árvore, ele teve uma boa visão da floresta, os galhos mais altos espalhavam-se à esquerda e à direita. Encontravam-se bem

perto do final da mata, um pouco adiante havia uma clareira, com uma
cerca eletrificada e um fosso de concreto claro. Do outro lado, um campo aberto, grande, que presumiu ser o local dos saurópodes. Ao longe havia mais árvores, e o luar varando a névoa e iluminando o oceano.
Ele ouviu o rugido de um dinossauro, mas o animal estava longe. Pôs o binóculo de visão noturna de Tim e olhou novamente. Acompanhou a curva cinzenta feita pelo fosso, e depois encontrou o que procurava: uma faixa escura da estrada de serviço, terminando no retângulo de um teto. Talvez a uns quatrocentos metros da árvore onde se encontrava. Quando voltou, Alexis choramingava. — Qual é o problema?
— Ouvi o som de um animal.
— Não vai nos incomodar. Está acordada agora? Vamos. Ele a levou até a cerca. Tinha quatro metros de altura, com arame farpado em espiral no alto. Erguia-se muito acima deles. O fosso começava bem do outro lado.
Alexis olhou para a cerca, assustada.

— Pode subir? — Grant perguntou. Ela entregou-lhe a luva de beisebol.
— Claro. Fácil. — E começou a subir. — Aposto que Tim não consegue.
Tim gritou furioso:
— Cale a boca.
— Tim tem medo de altura.
— Não tenho. Ela subiu mais.
— Tem sim.
— Não tenho.
— Então venha me pegar.
Grant virou-se para Tim. O menino, pálido na escuridão, não se mexia.
— Algum problema com a cerca, Tim?
— Não.

— Quer ajuda?
— Tim é medroso — Alexis provocou.
— Que menina idiota — Tim disse, e começou a subir. — Está gelada — Alexis protestou. A água malcheirosa chegava na altura da cintura, no fosso de concreto. Tinham atravessado a cerca sem incidentes, a não ser pela camisa de Tim que se rasgara no arame farpado do alto. Depois precisaram escorregar pela parede do fosso, e agora Grant procurava uma saída.
— Pelo menos eu fiz com que Timmy subisse na cerca — Alexis se vangloriou. — Ele morre de medo.
— Obrigado pela ajuda — Tim retrucou sarcástico. O luar iluminava os detritos que boiavam no fosso. Ele seguiu em frente, procurando pela parede de concreto do lado oposto. O cimento liso impedia a subida.
— Ai! — Alexis exclamou, apontando para a água. — Não é nada, Lex.
Grant finalmente encontrou um ponto onde o concreto rachara e uma trepadeira pendia até quase tocar a água. Segurando na trepadeira, viu que agüentava seu peso. — Vamos, garotada. — Começaram a escalar a parede do fosso, e chegaram ao outro lado.
Levariam apenas alguns minutos para cruzar o descampado e atingir o barranco que dava na estrada de serviço abaixo, avistando o prédio da manutenção à direita. Passaram por dois sensores de movimento, e Grant notou, preocupado, que permaneciam desligados, assim como as luzes. Mais de duas horas depois da queda da força e nada da energia voltar.
Em algum ponto distante, ouviram o rugido do tiranossauro. — Ele está aqui perto? — Alexis perguntou. — Não — Grant tranqüilizou-a. — Estamos numa área do parque onde ele não consegue chegar. — Descendo pelo barranco gramado, seguiram para o prédio de concreto. Na escuridão parecia assustador, como um bunker.

— Para que serve este lugar? — Alexis quis saber.
— Para nos escondermos, é seguro — Grant falou, torcendo para ser verdade.
A entrada tinha um portão grande, por onde passaria um caminhão. Fora reforçado com grossas barras de ferro. Lá dentro, pelo que podiam ver, havia um barracão aberto, com pilhas de capim e fardos de feno estocados com equipamentos. O portão estava trancado com um cadeado pesado. Enquanto Grant o examinava, Alexis esgueirou-se por entre as barras. — Vamos lá, rapazes. Tim a seguiu.
— Acho que também consegue, doutor Grant. Ele tinha razão. Apesar de apertado, Grant conseguiu passar por entre as barras e entrar no abrigo. Assim que se viu lá dentro, a exaustão tomou conta de seu corpo.
— Será que tem alguma coisa para comer? — Alexis perguntou. — Só feno. — Grant abriu um fardo e

o espalhou sobre o concreto. O feno, no centro, estava morno. Eles se deitaram. Alexis aninhou-se ao lado de Grant e imediatamente fechou os olhos. Tim passou os braços em torno dela. Grant escutou os passos pesados dos saurópodes, ao longe.
Nenhuma das duas crianças fez qualquer comentário e ele percebeu que já ressonavam. Ergueu o braço para olhar a hora, mas estava escuro demais. Então, sentindo o calor das crianças encostadas em seu corpo, fechou os olhos e também dormiu.

CONTROLE

Muldoon e Gennaro entraram na sala de controle, bem no instante em que Arnold esfregava as mãos, dizendo: — Vamos ver agora, seu filho da mãe. Consegui! — O que foi? — Gennaro perguntou.
Arnold apontou para a tela:
Vgl = GetHandl {dat.dt} tempCall {itm.temp} Vg2 = GetHandl {dat.dt} tempCall {itm.temp) se Link(Vgl,Vg2) set Lim(Vgl,Vg2) return se Link(Vg2,Vgl) set Lim(Vg2,Vgl) return — > on whte—rbt.obj link set segurança (Vgl), perímetro (Vg2) limitDat.l = mxBits (%22) to {limit.04} set on LimitDat.2 = setzero, setfive, 0 {limit .2 — var(dzh)} — > on fini.obj call link.sst {segurança, perímetro} set to on — > on fini.obj call link.sst {segurança, perímetro) restaurar —> on fini.obj delete line rf whte—rbt.obj, fini.obj Vgl = GetHandl {dat.dt} tempCall {itm.temp} Vg2 = GetHandl {dat.dt} tempCall {itm.temp} limitDat.4 = maxBits (%33) to {limit.04} set on limitDat.5 = setzero, setfive, 0 {limit.2 — var(szg)}
— Pronto — Arnold disse, contente.
— Pronto o quê? — Gennaro insistiu, olhando para a tela. — Finalmente descobri o comando para restaurar o código original. O comando chamado "fini.obj" retoma os parâmetros corretos em série, religando as cercas eletrificadas e a força. — Ótimo — Muldoon disse.
— E também faz uma outra coisa — Arnold prosseguiu. — Elimina as linhas do código que se referem a ele. Destrói todas as

provas de que foi usado. Muito esperto.
Gennaro balançou a cabeça.
— Não entendo quase nada de computadores. — Mesmo assim, compreendia o que significava, para uma empresa de grande porte, mexer com o código raiz. Era sinônimo de problemas graves. — Bem, olhem só uma coisa — Arnold mostrou, digitando o comando
FINI.OBJ
A tela piscou e mudou imediatamente.
Vgl = GetHandl dat.dt tempCall {itm.temp} Vg2 = GetHandl dat.dt tempCall {itm.temp} se Link(Vgl,Vg2) set Lim(Vgl,Vg2) return se Link(Vg2,Vgl) set Lim(Vg2,Vgl) return limitDat.l = mxBits (%22) to {limit.04} set on LimitDat.2 = setzero, setfive, 0 {limit .2 — var(dzh)} Vgl = GetHandl {dat.dt} tempCall {itm.temp} Vg2 = GetHandl {dat.dt} tempCall {itm.temp} limitDat.4 = maxBits (%33) to {limit.04} set on limitDat.5 = setzero, setfive, 0 {limit.2 — var(szg)}
Muldoon apontou para a janela.
— Olhe! — Do lado de fora, no parque, as potentes lâmpadas de quartzo foram acesas. Eles se aproximaram da janela e olharam. — Ainda bem! — Arnold exclamou.
— Então as cercas eletrificadas foram reativadas também? — Gennaro quis saber.
— Pode apostar que sim — Arnold respondeu. — Demora alguns segundos até chegar ao máximo da potência, porque temos setenta e cinco quilômetros de cercas e o gerador precisa carregar os condensadores. Mas em trinta segundos tudo se normalizará. — Apontou para o mapa vertical mostrando o

parque.
No mapa, linhas vermelhas brilhantes saíam da central de força,

movendo-se pelo parque, conforme a eletricidade era restaurada nas
cercas.
— E quanto aos sensores de movimento? — Gennaro indagou. — Claro, eles funcionam também. O computador precisa de alguns minutos para fazer a contagem — Arnold explicou. — Nove e meia, e já conseguimos colocar este sistema danado nos eixos de novo.
Grant abriu os olhos. A luz forte entrava no prédio pelas barras do portão. Lâmpadas de quartzo: a força retornara! Ainda meio grogue, ele consultou o relógio. Nove e meia, apenas. Dormira só alguns minutos. Decidiu tirar mais uma soneca e depois voltar para o descampado e ficar na frente dos sensores de movimento, acenando, para que registrassem sua presença. Eles o localizariam lá da sala de controle e mandariam um carro para buscá-los. Então diria a Arnold para chamar o barco de suprimentos de volta, e todos terminariam a noite em suas camas, no alojamento.
Faria isso em seguida. Dentro de poucos minutos. Ele bocejou e fechou os olhos outra vez.

— Nada mal — Arnold disse na sala de controle, observando o mapa que piscava. — Há apenas três cortes no parque inteiro. Muito melhor do que eu esperava.
— Cortes? — Gennaro estranhou.
— A cerca é automaticamente desligada nos pontos onde ocorrem curto-circuitos — ele explicou. — Pode ver que há um corte grande aqui, no setor doze, perto da estrada principal. — Bem no ponto onde o rex derrubou a cerca — Muldoon constatou.
— Exatamente. E outro no setor onze. Perto do prédio de manutenção dos saurópodes.
— Por que aquele setor foi cortado? — Gennaro indagou. — Sei lá — Arnold respondeu. — Provavelmente danos causados pela tempestade, ou uma árvore caída. O terceiro fica ali, perto do rio

que atravessa a selva. Não sei por que aconteceu isso lá, tampouco.
Enquanto Gennaro observava o mapa, este tornou-se mais complexo, enchendo-se de números e pontos verdes. O que é isso?
Registro dos animais. Os sensores de movimento estão funcionando outra vez e o computador está tentando identificar e localizar todos os animais do parque. E qualquer outro movimento, também.
Gennaro olhou mais atentamente para o mapa. — Refere-se a Grant e as crianças...
— Sim. Agora nosso parâmetro de busca está acima de quatrocentos. Caso se mexam — Arnold disse —, os sensores de movimento registrarão sua presença, como animais adicionais. — Quanto tempo isso leva?
— Precisa levar em conta, senhor Gennaro, que há muitos movimentos capazes de confundir os sensores do parque. Galhos agitados pelo vento, pássaros voando. O computador precisa de tempo para eliminar todos os movimentos do fundo. Pode levar... Olhe! Terminou a contagem.
Gennaro perguntou:
— Achou as crianças?
Arnold girou a cadeira e observou o mapa. — Não. No momento, não há animais adicionais no mapa. Todos foram considerados dinossauros. Provavelmente subiram numa árvore, ou se esconderam onde não podemos vê-los. Não se preocupe. Muitos animais ainda não foram encontrados, como o tiranossauro maior. Devem estar dormindo. As pessoas também. Não sabemos. Muldoon balançou a cabeça.
— Melhor pôr mãos à obra. Precisamos consertar as cercas e devolver os animais a suas áreas. De acordo com o computador, precisamos conduzir cinco deles a seus cercados originais. Vou chamar as

turmas de manutenção imediatamente.
Arnold virou-se para Gennaro:
— Talvez seja melhor ver se o doutor Malcolm melhorou. Diga

ao doutor Harding que Muldoon precisará dele dentro de uma hora,
para supervisionar a transferência dos animais. E avise o senhor Hammond que estamos quase de volta ao normal. Gennaro passou pelos portões de ferro e ao entrar pela porta da frente do alojamento safári, encontrou Ellie Sattler, que vinha pelo corredor, carregando toalhas e uma panela de água fervente. — Tem uma cozinha no final do corredor, onde fervemos água para os curativos.
— Como vai indo? — Gennaro perguntou.
— Ele está bem, surpreendentemente.
Gennaro acompanhou Ellie até o quarto de Malcolm, e ficou admirado ao ouvir uma risada. O matemático estava deitado de costas na cama, contando uma piada enquanto Harding fazia um curativo. — Então o outro sujeito falou: "Francamente, Bill, não gostei nem um pouco. E voltei para pegar o papel higiênico!" Harding ria.
— Nada mal, não é? — Malcolm disse sorrindo. — Oi, senhor Gennaro. Veio me visitar. Agora sabe o que acontece quando a gente dá um passo maior que a perna.
Gennaro entrou, hesitante.
— Ele tomou uma dose forte de morfina — Harding explicou. — Não foi suficientemente forte — Malcolm contrapôs. — Ele é muito sovina com as drogas. Já encontraram os outros? — Não, ainda não — Gennaro negou. — Mas fico contente em ver que se sente melhor.
— O que queria? — Malcolm disse. — Sofri fraturas múltiplas na perna, que aliás está infeccionada e começa a cheirar mal. Mesmo assim, como sempre digo, a gente precisa manter o senso de humor. Gennaro sorriu.
— Lembra-se do que aconteceu?
— Claro que me lembro. Acha que alguém leva uma mordida de um Tyrannosaurus rex e se esquece facilmente? Que nada, vou me lembrar daquele momento até morrer. O que não deve demorar muito.

Mas eu me lembro muito bem...
Malcolm descreveu sua fuga na chuva, depois que saíra do Land Cruiser, perseguido pelo rex.
— Foi tudo minha culpa. Estava perto demais, e entrei em pânico. Ele me pegou com a boca.
— Onde? — Gennaro perguntou.
— Pelas costas. — Malcolm ergueu a camisa. Um semicírculo amplo com marcas arroxeadas ia do ombro ao umbigo. — Fui erguido no ar, sacudido e jogado longe. E não me aconteceu nada. Fiquei apavorado, mas não sofri, até o momento em que ele me jogou longe. Quebrei a perna na queda. Mas a mordida não foi tão ruim assim. Naquela situação.
— A maioria dos grandes carnívoros não tem mandíbulas poderosas — Harding interferiu. — A força se concentra na musculatura do pescoço. Os dentes apenas seguram a presa, enquanto usam o pescoço para sacudir a vítima. Como se tratava de uma criatura pequena, como o doutor Malcolm, o animal simplesmente o jogou longe. — Creio que tem razão — Malcolm concordou. — Duvido que eu tivesse sobrevivido, caso o grandão se entusiasmasse. Para dizer a verdade, acho que não deu muita importância a mim, preferiria mais um automóvel ou um prédio de apartamentos pequeno. — Acredita que ele atacou sem muito entusiasmo? — Lamento dizer, mas creio que ele não me deu muita bola. Eu fiquei ligado nele, claro, mas o bicho pesava oito toneladas, era de se esperar que atraísse minha atenção.
Gennaro virou-se para Harding.
— Eles querem consertar as cercas agora. Arnold disse que Muldoon precisa de sua ajuda para trazer

os animais. — Está bem — Harding assentiu.
— Ficarei bem, desde que conte com a companhia da doutora Sattler e um monte de morfina — Malcolm anunciou. — E desde que não ocorra um Efeito Malcolm aqui.
— O que é um Efeito Malcolm? — Gennaro quis saber.

— A modéstia me impede de explicar os detalhes de um
fenômeno que recebeu meu nome. — Malcolm suspirou e fechou os olhos. Em um segundo dormia.
Ellie saiu e falou com Gennaro no corredor: — Não se iluda. Ele está mal. Em quanto tempo pode conseguir um helicóptero?
— Um helicóptero?
— A perna exige uma cirurgia. Providencie um helicóptero e tire-o logo desta ilha.

1

1 Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

O PARQUE

O gerador portátil engasgou uma vez e depois deu a partida. As lâmpadas de quartzo brilharam nas extremidades dos braços telescópicos. Muldoon ouviu o gorgolejar do rio da selva, a poucos metros a norte dali. Virou-se para a perua da manutenção e viu um dos funcionários saindo com uma serra elétrica. — Não, não, traga só as cordas, Carlos. Não precisamos cortá- la.
Ele voltou a examinar a cerca. Haviam tido dificuldade para encontrar o ponto em curto, porque não havia sinais claros: uma pequena árvore caída. Era uma das muitas plantadas naquela parte do parque para esconder a cerca com seus ramos, evitando que as pessoas a vissem.
Aquela árvore fora amarrada com arames, em uma estaca. Os arames se soltaram com a tempestade e

a estaca metálica tombara, batendo na cerca e provocando o curto. Claro, nada disso deveria ter acontecido, as equipes de manutenção tinham ordens de usar arame revestido com plástico e estacas de madeira perto das cercas. Fora um descuido.
De qualquer modo, não daria muito trabalho. Só precisavam afastar a árvore da cerca, remover as partes metálicas e deixar uma marca para o jardineiro terminar o reparo pela manhã. Gastariam vinte minutos, no máximo. Ótimo, porque os dilofossauros sempre ficavam perto do rio. Mesmo separados da água pela cerca, poderiam cuspir através dela, atirando seu veneno cegante. Ramón, um dos empregados, aproximou-se. — Senor Muldoon, viu as luzes?
— Que luzes? — Muldoon perguntou. Ramón apontou para a selva, a leste.

— Eu vi as luzes quando chegamos. Bem fracas. Pode ver?
Parece o farol de um carro, mas não se mexe. Muldoon olhou. Provavelmente tratava-se apenas de uma luz de serviço. Afinal, a força havia voltado. — Cuidaremos disso depois. Primeiro vamos consertar a cerca. Arnold estava eufórico. O parque praticamente voltara ao normal. Muldoon cuidava do conserto das cercas. Hammond acompanhava Harding, para supervisionar a transferência dos animais. Embora se sentisse cansado, animara-se a ponto de agüentar o advogado, Gennaro.
— O Efeito Malcolm? — perguntou. — Preocupa-se com isso? — Pura curiosidade — Gennaro disse.
— Quer que eu diga porque Ian Malcolm está errado? — Claro.
Arnold acendeu outro cigarro.
— É meio técnico.
— Tente.
— Está bem — Arnold cedeu. — A teoria do caos descreve sistemas não-lineares. Tornou-se atualmente uma teoria muito ampla, utilizada para estudar quase tudo, da bolsa de valores às multidões enfurecidas, chegando até às ondas cerebrais durante um ataque de epilepsia. A teoria está na moda. A última palavra é aplicá-la a todos os sistemas complexos onde pode haver alguma imprevisibilidade. Entendeu?
— Entendi — Gennaro disse.
— Ian Malcolm é um matemático especializado na teoria do caos. Muito interessante e moderno, mas o que ele faz, basicamente, fora vestir roupas pretas, é usar computadores para simular o comportamento de sistemas complexos. E John Hammond adora as últimas novidades científicas, de modo que pediu a Malcolm que simulasse o modelo do Parque Jurássico. E Malcolm fez isso. Todos os modelos de Malcolm são formas espaciais na tela do computador. Já viu algum?

— Não.
— Bem, parecem uma hélice de navio maluca. De acordo com Malcolm, o comportamento de qualquer sistema segue o padrão dessa "hélice". Está me acompanhando? — Não exatamente — Gennaro confessou. Arnold ergueu a mão no ar.
— Vamos dizer que eu deixe cair uma gota d'água nas costas da mão. A gota vai escorrer pela mão. Talvez na direção do pulso. Talvez na do polegar, ou por entre os dedos. Não sei bem para onde vai, mas sei que vai escorrer pela superfície da mão. Isso eu posso afirmar. — Certo — Gennaro concordou.
— A teoria do caos trata o comportamento de um sistema complexo como se fosse uma gota d'água se movendo pela superfície da tal hélice complicada. A gota por espiralar para baixo, ou escorregar para a beira. Pode fazer várias coisas, depende. Mas sempre se moverá pela superfície da hélice.
— Certo.
— Os modelos de Malcolm tendem a apresentar uma saliência, ou uma inclinação forte, onde a gota ganha muita velocidade. Ele modestamente apelidou essa aceleração do movimento de Efeito

Malcolm. O sistema inteiro pode entrar em colapso de repente. Foi isso que disse sobre o Parque Jurássico. Que possuía uma instabilidade inerente.
— Instabilidade inerente — Gennaro repetiu. — E o que fizeram quando receberam esse estudo?
— Discordamos de tudo e o ignoramos, claro — Arnold respondeu.
— Foi uma decisão sábia?
— Evidentemente. Estamos tratando de sistemas vivos, afinal de contas. Trata-se da vida real, não de modelos no computador.
Sob as poderosas lâmpadas de quartzo, a cabeça esverdeada do hypsilophodonte pendeu no apoio, a língua para fora, os olhos parados.

— Cuidado! Cuidado! — Hammond gritava, enquanto o
guindaste começava a erguer o animal.
Harding resmungou algo e apoiou novamente a cabeça nas tiras de couro. Ele não queria impedir a circulação pela artéria carótida. O guindaste rangeu ao erguer o animal no ar, para depositá-lo no caminhão. O hypsi era um driossauro pequeno, com dois metros e pouco de comprimento, pesando cerca de duzentos e cinqüenta quilos. Era verde escuro, com manchas marrons. Respirava com dificuldade, mas parecia passar bem. Harding o atingira há alguns minutos, com a arma de dardos tranqüilizantes, e aparentemente acertara a dose correta. Sempre havia um momento de tensão quando se lidava com animais tão grandes. Uma dose insuficiente, e eles fugiriam para a floresta, caindo onde não se poderia alcançá-los. Tranqüilizante demais, e eles teriam uma parada cardíaca. Aquele ali pulara para a frente e apagara. Dose perfeita.
— Cuidado! Vamos com calma! — Hammond gritava ao pessoal. — Senhor Hammond! Por favor! — Harding admoestou. — Bem, eles precisam tomar cuidado...
— Eles estão tomando cuidado — Harding disse. Subindo no caminhão para ajudar a baixar o hypsi, prendeu as tiras de couro que o imobilizariam no transporte. Atou a coleira que monitorava os batimentos cardíacos, depois pegou o termômetro eletrônico enorme, do tamanho de uma escumadeira, e o enfiou no reto. O aparelho apitou, indicando 35,6 graus.
— Tudo bem? — Hammond perguntou ansioso. — Tudo bem — Harding tranqüilizou. — A temperatura só caiu um grau e meio.
— Isso é muito — Hammond alarmou-se. — Excessivo. — Prefere que o animal acorde e tente pular do caminhão? — Harding perguntou irritado.
Antes de trabalhar no parque, Harding fora veterinário-chefe do zoológico de San Diego, sendo considerado o maior especialista mundial em aves. Viajara por todo o mundo, prestando consultoria a zoológicos

da Europa, índia e Japão sobre o tratamento de pássaros exóticos. Ele
não se interessara muito quando aquele velho baixinho apareceu, oferecendo um cargo num parque de animais particular. Mas quando soubera o que Hammond havia feito... considerara impossível recusar o emprego. Harding tinha vocação acadêmica, e a perspectiva de escrever o primeiro Tratado de Medicina Veterinária: Doenças dos Dinossauros o deixara fascinado. No final do século 20, a medicina veterinária havia avançado muito; os melhores zoológicos possuíam clínicas idênticas aos melhores hospitais. Os novos livros eram atualizações dos antigos. Para um veterinário ousado, não restavam mais áreas a desbravar. Mas ele seria o primeiro a cuidar de uma nova classe de animais. Isso era incrível!
E Harding não se arrependeu nem por um minuto de sua decisão. Tornou-se especialista naqueles animais. E não queria levar broncas de Hammond agora.
O hypsi fungou e tremeu. Prosseguia respirando com dificuldade, os reflexos oculares ainda não

haviam voltado. Mas estava na hora de seguir em frente.
— Todos a bordo — Harding gritou. — Hora de levar esta beleza de volta para sua área.
— Sistemas vivos — Arnold prosseguiu — não funcionam como sistemas mecânicos. Os sistemas vivos nunca atingem o equilíbrio. Eles são todos inerentemente instáveis. Podem parecer estáveis, mas não o são. Tudo se modifica e se transforma. Nesse sentido, sempre se encontram à beira do colapso.
Gennaro franziu a testa.
— Mas muitas coisas não mudam. A temperatura corporal não muda, muitas outras...
— A temperatura do corpo muda constantemente — Arnold contradisse. — Constantemente. Ela de altera ciclicamente nas vinte e quatro horas, diminuindo pela manhã, aumentando à tarde. Muda com o humor, exercícios, temperatura externa, com a alimentação. Flutua sem parar, mostrando pequenas variações num gráfico. Porque, a todo

momento, algumas forças a empurram para cima e outras a puxam
para baixo. É inerentemente instável. E todos os outros aspectos dos sistemas biológicos repetem esse comportamento. — Então quer dizer...
— Malcolm não passa de mais um teórico — Arnold afirmou. — Sentado em seu escritório, elaborou um modelo matemático interessante, mas nunca lhe ocorreu que os defeitos que identificava faziam parte do sistema. Sabe, quando e u trabalhava com mísseis, lidávamos com uma coisa chamada "guinada ressonante". Significa que um míssil, se estiver ligeiramente instável na plataforma de lançamento, se perde. Inevitavelmente escapa do controle, e não pode ser trazido de volta. Trata-se de uma característica dos sistemas mecânicos. Uma pequena vibração pode piorar até levar o sistema inteiro ao colapso. Mas essas pequenas vibrações são essenciais para os sistemas vivos. Indicam que o sistema é saudável e reage ao meio. Malcolm nunca entendeu isso.
— Tem certeza de que ele nunca entendeu? Parece ter plena consciência da diferença entre coisas vivas e não vivas... — Olhe — Arnold disse. — A prova está bem aqui. — Ele apontou para as telas.
— Em menos de uma hora o parque voltará ao normal. A única falha ainda por sanar é o telefone. Por alguma razão, ainda não dá linha. Mas o resto estará operando como sempre. Isso não é teoria e sim um fato.
A agulha entrou fundo no pescoço e Harding injetou a medrina na fêmea de driossauro anestesiada, caída no chão. Imediatamente o animal começou a acordar, fungando e mexendo as poderosas patas traseiras.
— Para trás, todos — Harding avisou, correndo para longe. — Afastem-se.
O dinossauro ergueu-se vacilante, como um bêbado. Balançou a cabeça de lagarto, olhou para as pessoas paradas sob a luz de quartzo e piscou.
— Está tonta — Hammond disse, preocupado.

— Temporariamente — Harding esclareceu. — Já vai ficar boa.
O driossauro tossiu e depois moveu-se lentamente pelo descampado, afastando-se das luzes.
— Por que não salta?
— Espere um pouco — Harding pediu. — Levará uma hora até se recuperar totalmente. Está tudo bem. — Ele voltou para o carro. — Muito bem, pessoal, vamos cuidar do estego.
Muldoon observou quando a última estaca foi fincada no solo. As linhas foram esticadas e a árvore liberada. Ele podia ver as marcas escuras, queimadas, onde a cerca prateada entrara em curto. Na base, vários isoladores de cerâmica haviam quebrado. Precisariam ser substituídos. Mas, para fazer aquilo, Arnold teria de desligar todas as cercas.
— Controle? Fala Muldoon. Prontos para iniciar reparo. — Muito bem — Arnold respondeu. — Vamos isolar a sua seção agora.

Muldoon consultou o relógio. Em algum ponto distante ouviu um pio baixo. Parecia um coruja, mas ele sabia que se tratava de um dilofossauro. Aproximou-se de Ramón e disse: — Vamos acabar logo com isso. Quero passar para as outras partes danificadas da cerca.

Uma hora havia transcorrido. Donald Gennaro acompanhava as alterações no mapa da sala de controle. Os números e pontos luminosos piscavam e mudavam de posição. — O que está acontecendo agora? Arnold trabalhava no console. — Estou tentando consertar os telefones. Assim poderemos pedir socorro para Malcolm.
— Não, eu digo lá fora.
Arnold olhou de relance para o quadro.
— Pelo jeito já estão terminando de cuidar dos animais e arrumaram duas seções da cerca. Como eu já disse, o parque voltou ao

controle. Nada de Efeito Malcolm catastrófico. Na verdade, só falta a
terceira seção da cerca em curto...
— Arnold. — Era a voz de Muldoon.
— Sim?
— Já viu o que aconteceu nesta maldita cerca? — Espere um minuto.
Em um dos monitores, Gennaro viu um espaço aberto, um campo coberto de capim alto, balançando com o vento. Ao longe havia um leio baixo de concreto.
Ali fica o prédio de manutenção dos saurópodes — Arnold explicou. — Uma das construções de manejo que usamos para guardar equipamento, alimentos e assim por diante. Temos várias espalhadas pelo parque, em cada uma das seções. — No monitor, a imagem ficou borrada. — Estamos virando a câmera para examinar a cerca... Gennaro viu uma cerca metálica brilhante. Uma parte fora derrubada, achatada no chão. O jipe de Muldoon e o pessoal da manutenção circulavam por perto.
— Puxa vida — Arnold disse. — Parece que o rex entrou no cercado dos saurópodes.
— Vai fazer um banquete esta noite — Muldoon comentou. — Precisamos tirá-lo de lá — Arnold disse. — Como? — Muldoon indagou. — Não temos nada capaz de deter o rex. Vou consertar a cerca, e não pretendo entrar lá de noite. — Hammond não vai gostar disso.
— Conversaremos com ele depois, quando eu voltar — Muldoon disse.

— Quantos saurópodes o rex vai matar? — Hammond perguntou, andando de um lado para outro na sala de controle. — Provavelmente apenas um — Harding respondeu. — Os saurópodes são grandes. O rex pode se alimentar durante dias com uma única vítima.
— Precisamos ir até lá e removê-lo, ainda hoje — Hammond

decidiu.
Muldoon fez que não com a cabeça.
— Eu só vou lá de dia.
Hammond se ergueu na ponta do pé, como sempre fazia quando ficava bravo.
— Está se esquecendo de que trabalha para mim? — Não, senhor Hammond, não estou. Mas há um tiranossauro adulto lá. Como pretende detê-lo?
— Temos as armas de dardos tranqüilizantes. — Nossas armas atiram dardos de vinte cc — Muldoon alertou. — Funcionam com animais que pesam até quatrocentos ou quinhentos quilos. O tiranossauro pesa oito toneladas. Nem vai sentir o efeito. — Você pediu armas mais poderosas...
— Eu pedi três armas mais poderosas, senhor Hammond, mas o senhor cortou a requisição, e só recebi uma, que se perdeu. Nedry a levou.

— Isso foi estupidez. Quem permitiu que ocorresse? — Nedry não é problema meu, senhor Hammond — Muldoon disse.
— Isso é ridículo — Hammond reclamou.
— O parque é seu, senhor Hammond. Não queria que ninguém machucasse seus preciosos dinossauros. Agora temos um rex no meio dos saurópodes e não pode fazer absolutamente nada a respeito. — Muldoon saiu da sala.
— Espere um pouco — Hammond chamou, correndo atrás dele. Gennaro olhou para as telas, enquanto ouvia a discussão no corredor. Ele disse para Arnold:
— Parece que ainda não controla o parque, afinal de contas. — Não se exalte — Arnold disse, acendendo outro cigarro. — Controlamos o parque. Em poucas horas amanhecerá. Podemos perder um par de dinossauros antes de tirar o rex de lá, mas pode confiar em mim, nós controlamos o parque.

ALVORADA

Grant foi despertado por um som alto, de engrenagens. Abriu os olhos e viu um fardo de feno passando acima de sua cabeça, transportado por uma esteira rolante no alto. Dois outros fardos o seguiram. Depois o ruído mecânico cessou tão abruptamente quanto começara, e o edifício de concreto retornou ao silêncio inicial Grant bocejou. Espreguiçando-se, gemeu de dor e sentou-se. A luz suave da manhã entrava pelas janelas laterais. Dormira a noite inteira! Consultou o relógio: cinco horas. Ainda tinha quase seis horas para chamar o barco de volta. Rolou pelo chão, gemendo. A cabeça e o corpo doíam, como se tivesse levado uma surra. Ouviu um som no canto, um guincho similar ao de uma roda enferrujada. E depois o riso de Alexis.
Grant levantou-se devagar e examinou o prédio. Graças à claridade, percebeu que se tratava de um galpão de manutenção, com pilhas de feno e suprimentos. Na parede havia uma caixa de metal e uma indicação: "Prédio de Manutenção dos Saurópodes (04)". Estavam na área de confinamento dos saurópodes, como imaginara. Ele abriu uma caixa e encontrou um telefone, mas quando tentou ligar só ouviu o chiado da estática. Obviamente os telefones ainda não tinham voltado a funcionar.
— Coma tudo — Alexis dizia. — Não seja malcriado, Ralph. Grant deu a volta e encontrou a menina perto das barras do portão, dando um punhado de feno para um animal do lado de fora, parecido com um porco grande rosado, que guinchava. Era um filhote de triceratops, mais ou menos do tamanho de um pônei. O filhote ainda não tinha chifres na cabeça, apenas uma espécie de crista ossuda atrás dos olhos mansos. Ele enfiava a boca pelo vão do portão, tentando alcançar a mão de Lex, observando-a enquanto era alimentado.

— Isso, assim — Alexis disse. — Temos muito feno, não se
preocupe. — Ela afagou a cabeça do filhote. — Gostou, não é, Ralph? — Virou-se e viu Grant. — Ele é meu amigo. Adora feno. Grant deu um passo à frente e parou.
— Você parece péssimo — Alexis comentou. — Eu me sinto péssimo.
— Tim também. O nariz inchou muito.
— Onde está Tim?
— Fazendo xixi. Quer me ajudar a dar comida para o Ralph? O filhote de triceratops olhou para Grant. O feno caía de sua boca enquanto mastigava.
— Ele come feito um porco — Alexis falou. — Está morrendo de fome.
O filhote terminou de mastigar e lambeu o beiço. Depois abriu a boca, pedindo mais. Grant notou os pequenos dentes afiados e o maxilar superior parecido com um bico, como o de um papagaio. — Tudo bem, espere um minuto. — Alexis pegou mais um pouco de feno do chão de cimento. —

Sinceramente, Ralph, acho que sua mãe não lhe dá comida.
— Por que o chamou de Ralph?
— Ele se parece com o Ralph da escola. Grant aproximou-se e tocou a pele do pescoço, com cuidado.
— Tudo bem, pode passar a mão — Alexis disse. — Ele gosta. Não é mesmo, Ralph?
A pele era seca e morna, com a textura áspera de uma bola de futebol. Ralph deu um pequeno guincho quando Grant o tocou. Do lado externo do portão, a cauda grossa mexia de um lado para outro, indicando seu contentamento.
— Ele é manso. — Ralph olhou de Alexis para Grant enquanto comia, e não mostrou nenhum receio. Isso lembrou Grant que os dinossauros não reagiam de modo sistemático à presença das pessoas. — Posso montar nele? — Alexis perguntou. — Melhor não.

— Aposto que ele deixa — a menina insistiu. — Seria divertido
montar num dinossauro.
Grant olhou para além das barras, examinando o descampado do conjunto destinado aos saurópodes. Clareava cada vez mais. Precisava ir lá fora, pensou, e ficar na frente de um dos sensores de movimento. Afinal de contas, o pessoal da sala de controle levaria cerca de uma hora para chegar até ali. E Grant não gostara de saber que os telefones continuavam mudos...
Ele ouviu um resfolegar, como o som de um cavalo grande, e repentinamente o filhote mostrou-se inquieto. Tentou retirar a cabeça no vão do portão, mas ficou preso e guinchou de medo. O ruído se repetiu, desta vez mais próximo. Ralph ergueu-se nas patas traseiras, tentando se libertar das barras que o prendiam. Movia a cabeça de um lado para outro. — Ralph, vá com calma — Alexis disse.
— Empurre-o — Grant mandou, ele mesmo segurando a cabeça de Ralph e jogando seu peso contra ele, empurrando o animal para trás. O pescoço se soltou, e o animal caiu do lado oposto do portão, perdendo o equilíbrio. Em seguida foi coberto por uma sombra imensa, e uma perna monstruosa surgiu, mais grossa do que um tronco de árvore. O pé tinha cinco unhas curvas, como as de um elefante. Ralph olhou para cima e guinchou. Uma cabeça apareceu, com três chifres compridos, um acima de cada olho marrom e um menor, na ponta do focinho. Era um triceratops adulto. O animal analisou Alexis e Grant, piscando lentamente, e depois concentrou sua atenção em Ralph. Estendeu a língua para fora e lambeu o filhote, que guinchou de prazer e esfregou-se alegre na perna.
— É a mãe dele? — Alexis perguntou.
— Parece que sim — Grant respondeu.
— Vamos dar comida para a mãe também? — a menina pediu. Mas o triceratops já empurrava Ralph com a cabeça, afastando o filhote das barras.
— Acho que ela não quer.

O filhote afastou-se das barras e foi embora. De vez em quando a
mãe empurrava o bebê, orientando sua caminhada para os campos. — Tchau, Ralph — Alexis gritou, acenando. Tim apareceu, saindo das sombras do prédio.
— Sabe de uma coisa — Grant disse —, vou até o alto do morro para acionar os sensores de movimento, assim poderão nos localizar. Fiquem aqui e me esperem.
— Não — Alexis disse.
— Por que não? Fique aqui, é mais seguro. — Não vai nos deixar para trás. Não é, Timmy? — Isso mesmo — Tim concordou.
— Está bem, vamos — Grant suspirou.
Eles passaram pelas barras e caminharam para o morro.
Ao amanhecer, o ar estava úmido e quente, o céu ainda rosado e púrpura. Uma névoa baixa cobria o solo. A uma certa distância, avistaram a mamãe triceratops e o filhote seguindo na direção de um

bando numeroso de hadrossauros de bico-de-pato, que se alimentavam das folhas das árvores que cresciam na beira da lagoa. Alguns hadrossauros tinham água pelo joelho. Bebiam, baixando as cabeças chatas, vendo seus reflexos na superfície calma. Depois erguiam as cabeças outra vez. Na beirada, um do filhotes tentou entrar na lagoa, guinchou e recuou enquanto os adultos o observavam indulgentes.
Mais ao sul, outros hadrossauros comiam a vegetação rasteira. De vez em quando erguiam-se nas patas traseiras, encostando as dianteiras nos troncos das árvores, para alcançar as folhas dos galhos mais altos. Ao longe, um apatossauro gigantesco mostrava a cabeça acima da linha das árvores, no final do longo pescoço. A cena era tão pacífica que Grant teve dificuldade em imaginar algum perigo.
— Uau! — Alexis exclamou. Duas libélulas vermelhas gigantes, com asas de dois metros de envergadura, passaram voando perto deles. — O que foi isso?

— Libélulas — Grant informou. — O Jurássico tinha insetos
imensos.
— Elas mordem? — a menina quis saber.
— Não creio.
Tim esticou a mão. Uma das libélulas pousou. Ele sentia o peso do inseto enorme.
— Vai ter morder — Alexis avisou.
Mas a libélula apenas movia lentamente suas asas vermelhas transparentes, e voou para longe quando Tim mexeu o braço. — Por onde vamos? — Alexis indagou.
— Por ali.
Eles começaram a atravessar o descampado. Chegaram a uma caixa preta, montada em um tripé de metal pesado. Era o primeiro dos sensores de movimento. Grant parou e ergueu os braços, mas nada aconteceu. Se os telefones não funcionavam, talvez os sensores também não.
— Vamos tentar o outro — sugeriu, apontando para o outro lado do campo. Em algum lugar, ao longe, um animal rugiu.
— Droga — Arnold disse. — Não consigo encontrar. — Ele tomou um gole de café e olhou fixo para a tela. Havia tirado todos os monitores de vídeo de linha. Na sala de controle, estudava o código do computador. Estava exausto, trabalhara doze horas seguidas. Virou-se para Wu, que chegara do laboratório.
— Encontrar o quê?
— Os telefones não funcionam ainda. Preciso ligá-los novamente. Acho que Nedry aprontou alguma com os telefones. Wu ergueu o fone, ouvindo apenas um chiado. — Parece um modem.
—- Mas não é — Arnold respondeu. — Porque eu desci até o porão e desliguei todos os modems. Estamos ouvindo apenas estática, e parece o som de um modem.
— Então as linhas telefônicas continuam mudas?

— Basicamente, sim. Nedry agiu com esperteza. Incluiu uma
espécie de trava no código do programa, e não consigo encontrá-la, porque dei o comando de restauração, que apagou parte das listagens. Mas aparentemente o programa que desligou os telefones ainda está residente na memória do computador.
Wu deu de ombros.
— E dai? Dê um reset. Desligue e ligue o sistema, assim limpará a memória.
— Nunca fizemos isso antes — Arnold comentou. — Receio tentar. Talvez todos os sistemas voltem a operar do início, talvez não. Não sou especialista em computadores, nem você. E, sem uma linha telefônica, não podemos contatar alguém que seja. — Se o comando está residente na memória RAM, não vai aparecer no código. Poderia fazer uma busca na RAM, mas como não sabe o que procura

pouco adiantaria. Acho que é melhor dar o reset. Gennaro entrou apressado.
— O telefone continua mudo.
— Estamos tentando consertar.
— Trabalham nisso desde a meia-noite. E Malcolm piorou. Precisa de cuidados médicos.
— Quer dizer que precisamos desligar o sistema — Arnold disse. — Mas não tenho certeza de que tudo vai voltar a operar depois. — Olhe, temos um sujeito em estado grave no alojamento — Gennaro insistiu. — Ele precisa de um médico, ou morrerá. E não podemos chamar o médico sem telefone. Quatro pessoas já morreram. Agora, desligue isso e faça com que o telefone volte a funcionar. Arnold hesitou.
— E então? — Gennaro perguntou.
— Bem... os sistemas de segurança não permitem que se desligue o computador, e...
— Então desligue os malditos sistemas de segurança! Não consegue enfiar na cabeça que ele vai morrer se não receber ajuda? — Está bem — Arnold cedeu.

Ele se levantou e foi até o painel principal. Abriu as portas e
tirou os pinos de segurança dos interruptores. Desligou um por um. — Vocês pediram — Arnold falou. — Lá vai. E desligou o interruptor geral.
A sala de controle ficou escura. Todos os monitores se apagaram. Os três homens ficaram parados no escuro. — Quanto tempo precisamos esperar? — Gennaro perguntou. — Trinta segundos.
— Ugh! —. Alexis exclamou, enquanto atravessavam o campo. — O que foi? — Grant indagou.
— Esse cheiro horrível! Fede como lixo podre. Grant hesitou. Observou o descampado e as árvores ao longe, procurando algum movimento. Não viu nada. A brisa mal agitava os galhos. Tudo era calma e silêncio no início da manhã. — E só a sua imaginação, Lex.
Não é...
Então ele ouviu o rugido. Vinha da manada de hadrossauros de bico-de-pato atrás deles. Primeiro um animal, depois outro, até que todo o grupo soltava urros furiosos. Os dinossauros estavam agitados, virando, correndo para fora da água, fazendo um círculo em torno dos filhotes para protegê-los...
Também tinham sentido o cheiro, Grant pensou. Com um urro, o tiranossauro surgiu entre as árvores, a cinqüenta metros de distância, perto da lagoa. Correu pelo campo aberto com passadas largas. Ignorou-os e seguiu na direção dos hadrossauros.
— Eu avisei! — Alexis gritou. — Ninguém liga para mim! Ao longe, os hadrossauros rugiam e corriam desesperados. Grant sentiu a terra tremer debaixo dos pés. — Vamos logo, crianças! — gritou, agarrando Alexis e erguendo- a no colo. Correu junto com Tim pela grama. Viu de relance o tiranossauro próximo à lagoa, atacando os hadrossauros, que agitavam as caudas enormes para se defenderem, urrando sem parar. Então

ouviu o ruído das árvores e folhagens sendo esmagadas, e quando
olhou de novo, viu que os dinossauros corriam em disparada.
Na sala de controle escura, Arnold olhou a hora em seu relógio de pulso. Trinta segundos. A memória estava limpa agora. Ele acionou a chave geral e ligou tudo de novo.
Nada aconteceu.
O estômago de Arnold se contraiu. Ele desligou a chave e tentou de novo. Nada. Ele sentiu o suor escorrer por sua testa. — O que deu errado? — Gennaro perguntou. — Droga. — Arnold acabara de se lembrar de que precisava acionar os interruptores de segurança antes de religar a chave geral. Ligou os três sistemas de segurança e inseriu os pinos. Depois prendeu o fôlego e acionou a chave geral.
As luzes da sala se acenderam. O computador emitiu um bip. As telas zumbiram.
— Graças a Deus — Arnold murmurou. Correu para o monitor principal. Havia séries de quadros na

tela:

Gennaro pegou o telefone, mas continuava mudo. Nem o chiado
da estática, agora.
— O que foi?
— Espere um segundo — Arnold pediu. — Depois do reset, todos os módulos do sistema precisam ser acionados manualmente. — Apressado, ele voltou ao trabalho.
— Por que manualmente? — Gennaro questionou. — Quer me deixar trabalhar sossegado, pelo amor de Deus?! — O sistema não foi projetado para ser desligado — Wu explicou. Sendo assim, se for desligado, ele assume que há algum problema.
Exige que se acione manualmente os módulos. Caso contrário, se houver um curto, ele vai se desligar, ligar, desligar, ligar, interminável mente.
- Certo — Arnold disse. — Vamos em frente. Gennaro pegou o telefone e começou a discar, quando parou assustado.
Nossa Senhora, olhem só aquilo. — Apontou para um dos monitores de vídeo.
Mas Arnold não o ouvia. Estava olhando fixo para o mapa, onde um grupo numeroso de pontos perto da lagoa começara a se mover de forma coordenada. E muito depressa, numa espécie de estouro. — O que há? — Gennaro perguntou.
— Os dinossauros de bico-de-pato — Arnold disse. — Eles estouraram.

Os hadrossauros de bico-de-pato corriam numa velocidade surpreendente, os corpos enormes bem juntos, urrando, os filhotes guinchando e tentando evitar que fossem pisoteados. A manada levantou uma nuvem de poeira amarela. Grant não conseguia mais ver o tiranossauro.
Os bico-de-pato disparavam para cima deles, direto. Ainda carregando Alexis no colo, ele correu junto com Tim para

uma elevação rochosa, rodeada de coníferas altas. Correram para valer,
sentindo o chão tremendo sob seus pés. O som da manada que se aproximava era ensurdecedor, como o de jatos num aeroporto. Enchia o ar, agredia os ouvidos. Alexis gritava, mas não dava para escutar o que dizia. Quando chegaram ao topo da elevação, a manada passou por eles.
Grant observou quando as patas do primeiro hadrossauro passaram perto deles. Cada animal pesava cinco toneladas, e levantaram tanta poeira que não se via nada. Vislumbrou corpos imensos, pernas gigantescas, gritos angustiados, enquanto os animais passavam por eles, cruzando o descampado. Eles se esconderam nas pedras, ouvindo os urros e guinchos, seguidos pelo rugir ameaçador do tiranossauro. Alexis enterrou as unhas no ombro de Grant. Um hadrossauro bateu a cauda nas pedras, deixando um rastro de sangue quente. Grant esperou até que os sons de luta se concentrassem na esquerda, e forçou as crianças a subir na árvore mais alta. Treparam depressa, procurando os galhos mais firmes, enquanto os animais passavam por eles na poeira. Chegaram a uns seis metros, depois Alexis agarrou-se a Grant e não quis mais continuar. Tim estava cansado, também, e Grant imaginou que ali estariam seguros, era bem alto. No meio da poeira, distinguiam as costas largas dos animais que corriam e urravam. Grant agarrou-se ao tronco áspero, tossiu por causa do pó, fechou os olhos e esperou. Arnold ajustou a câmera para a manada que se movia. A poeira assentou lentamente. Ele viu que os hadrossauros tinham se espalhado, e que o tiranossauro havia parado de correr, o que só podia significar que abatera sua presa. O tiranossauro estava perto da lagoa agora. Arnold olhou para o monitor de vídeo. — Melhor mandar Muldoon lá para checar a extensão dos estragos.
— Deixe que eu mando — Gennaro disse, saindo da sala.

O PARQUE

Primeiro ele ouviu um estalo de leve, como de um graveto no fogo da lareira. Depois algo quente e úmido encostou em seu tornozelo. Grant abriu os olhos e viu o topo de uma cabeça bege enorme. Desceu a vista e encontrou uma boca chata, como o bico de um pato. Os olhos, protuberantes, eram mansos e calmos como os de uma vaca. O animal mastigava folhas dos ramos da árvore onde Grant se abrigava. Ele observou os enormes dentes chatos na boca quente que o tocou de novo.

Ficou surpreso ao ver um hadrossauro assim tão perto. Mas não sentiu medo: todas as espécies de hadrossauros de bico-de-pato eram herbívoros, e aquele agia mesmo como uma vaca. Embora fosse grande, tinha modos calmos e pacatos, não assustando ninguém. Grant ficou no galho onde estava, imóvel, estudando o animal que comia. O motivo para o espanto de Grant estava no sentimento de posse que sentia por aquele animal: provavelmente tratava-se de um maiassauro, do final do Cretáceo, em Montana. Ao lado de John Horner, Grant fora o primeiro a descrever a espécie. Maiassauros possuíam um bico com curva ascendente nas pontas, o que lhes dava um sorriso permanente na cara. O nome significava "lagarto boa mãe"; acreditava- se que os maiassauros protegiam seus ovos até que os filhotes nascessem e pudessem sobreviver sozinhos. Grant ouviu um som insistente e a imensa cabeça baixou um pouco. Ele se moveu apenas o suficiente para ver o filhote de hadrossauro rodeando o adulto. O filhote era bege escuro, com pintas pretas. O adulto baixou a cabeça até o chão e esperou, imóvel, enquanto o filhote se erguia sobre as patas traseiras, apoiando as dianteiras na mandíbula da mãe, e comia os ramos que saíam do canto da boca.

A mãe aguardou pacientemente até que o filho terminasse de se
alimentar e ficasse nas quatro patas de novo. Aí a imensa cabeça aproximou-se de Grant.

O animal continuou a comer, a poucos metros dele. Grant olhou para os dois orifícios alongados que serviam para respirar, no topo do bico chato. Aparentemente o dinossauro não sentia seu cheiro. E, apesar do olho esquerdo estar bem na sua frente, por algum motivo o hadrossauro não reagia.

Grant se lembrou da dificuldade que o tiranossauro tivera para vê-lo, na noite anterior. E decidiu fazer uma experiência. Tossiu.

Instantaneamente o hadrossauro parou, imobilizando a cabeça, parando de mastigar. Só o olho se movia, em busca da origem do som. Depois de algum tempo, como parecia não correr perigo, o animal voltou a se alimentar.

Interessante, Grant pensou.

Sentada no seu colo, Alexis abriu os olhos e gritou: — Ei, o que é isso?

O hadrossauro urrou alarmado e a menina quase caiu da árvore com o susto. O animal tirou a cabeça do meio dos ramos e urrou de novo.

— Não a provoque — Tim disse no galho de cima. O filhote se escondeu entre as patas da mãe, que torceu a cabeça e olhou inquisitiva para o galho onde Grant e Alexis se encontravam. O bico virado para cima dava um ar cômico ao dinossauro.

— Ela é meio tonta, né? — Alexis disse. — Não — Grant falou. — Você a assustou. — E agora — a menina se preocupou —, ela vai nos deixar descer?

O hadrossauro afastou-se uns três metros da árvore. E urrou de novo. Grant teve a impressão de que pretendia amedrontá-los. Mas o dinossauro no fundo parecia não saber o que fazer. Mostrava-se

confuso e agitado. Eles esperaram em silêncio, e depois de alguns
instantes o hadrossauro aproximou-se do galho novamente, movendo o bico. Decidira-se por voltar a comer.

Essa não — Alexis protestou. — Não vou ficar aqui. — Ela começou a descer pelos galhos. Com o movimento, o hadrossauro trombeteou alarmado.
Grant ficou deslumbrado. O dinossauro não podia mesmo vê-los quando estavam imóveis. Depois de um minuto, literalmente se esquecia da presença deles. Exatamente como o tiranossauro — outro exemplo clássico de um córtex visual de anfíbio. Estudos feitos em rãs mostravam que os anfíbios somente viam aquilo que se mexia, como insetos. Se algo não se movimentava, não o enxergavam. A mesma coisa devia valer para os dinossauros.
De qualquer maneira, o maiassauro parecia ter concluído que as estranhas criaturas descendo da árvore eram muito incômodas. Com um urro final, empurrou o filhote e foi embora lentamente. Parou a certa altura, olhando para trás, depois retomou sua marcha cambaleante.
Grant e as crianças chegaram ao chão. Alexis limpou a roupa. Os dois garotos estavam cobertos por uma camada fina de poeira. Em torno deles, o mato fora esmagado. Havia marcas de sangue e um cheiro acre no ar.
Grant consultou o relógio.
— Acho melhor seguirmos em frente, garotada. — Eu não vou — Alexis avisou. — Não quero mais andar por aí. — Será preciso.
— Por quê?
— Precisamos avisá-los sobre o barco. Como não podem nos achar com os sensores de movimento, precisamos voltar por nossa conta. É o único jeito.
— Por que não vamos no bote? — Tim propôs. — Que bote?
Tim apontou para o prédio de concreto da manutenção, onde

haviam passado a noite. Estavam a uns vinte metros de distância dele.
— Acho que tem um bote lá.
Grant imediatamente compreendeu as vantagens da idéia. Passava das sete da manhã. Se pudessem seguir pelo rio, chegariam mais depressa do que a pé. Precisavam vencer uma distância de doze quilômetros.
— Certo, vamos lá, então.
Arnold acionou a busca visual e acompanhou os monitores que começavam a percorrer o parque, mudando as imagens a cada dois segundos. Era cansativo procurar algo assim, mas não havia modo mais rápido de encontrar o jipe de Nedry, e Muldoon mostrava-se intransigente quanto a isso. Saíra com Gennaro para ver os danos do estouro. Agora, de dia, queria o carro de volta. E as armas. O intercomunicador estalou.
— Senhor Arnold, podemos falar um minuto, por favor? Era Hammond. Soava como a voz de Deus.
— Quer vir até aqui, senhor Hammond?
— Não, senhor Arnold. Venha o senhor para cá. Estou no laboratório de genética, com o doutor Wu.
Arnold suspirou e afastou-se das telas. Grant seguiu para um canto sombrio do prédio. Passou por tambores de herbicida, cortadores de galhos, pneus sobressalentes para o jipe, rolos de aramado para cercas, sacas de fertilizantes, pilhas de isoladores de cerâmica marrons, latas de óleo vazias, luzes de serviço e cabos.
— Não vejo nenhum bote.
— Siga em frente.
Sacas de cimento, canos de cobre, tela verde... e dois remos de plástico presos a ganchos na parede.
— Muito bem — disse. — Mas e o bote?
— Deve estar por aqui — Tim afirmou.
— Não viu o bote?
— Não, só calculei que estaria aqui.

Grant não encontrou nenhum bote, depois de revirar todo o material espalhado. Mas encontrou um jogo de plantas, enrolado e mofado, guardado no armário de metal encostado na parede. Ele as abriu no chão, afugentando uma aranha enorme, e estudou-as por um longo tempo.

— Estou com fome...

— Espere um pouco, Lex.

Havia mapas topográficos detalhados da área principal da ilha, onde se encontravam no momento. De acordo com eles, a lagoa se estreitava, transformando-se no rio que viram antes, que seguia para o norte... passando pelo aviário... e a oitocentos metros do alojamento de visitantes.

Ele deu uma olhada nas outras plantas. Como chegar até a lagoa? De acordo com as indicações, deveria haver uma porta nos fundos do prédio. Grant olhou para cima e a encontrou, escondida atrás de uma parede de concreto. A porta era suficientemente grande para dar passagem a um carro. Ao abri-la, depararam com um caminho pavimentado de concreto, que seguia direto para a lagoa. O acesso fora construído abaixo do nível do solo, não podia ser visto de cima. Devia ser outra estrada de serviço. Dava na doca à beira da lagoa. E, no atracadouro, havia um aviso: "Abrigo para Bote". — Ei — Tim chamou —, olhem só isso. — Ele passou uma caixa de metal para Grant.

Ao abri-la, Grant encontrou uma pistola de ar comprimido e um cinto de lona com dardos. Havia seis dardos no total, da grossura de um dedo. Traziam uma etiqueta onde se lia: "Moro-709". — Bom trabalho, Tim. — Grant jogou o cinto no ombro e guardou a arma na cintura.

— É uma arma de dardos tranqüilizantes? — Acho que sim.

— E quanto ao bote? — Alexis perguntou. — Fica guardado no atracadouro — Grant respondeu. Eles se

dirigiram para o acesso. Grant carregava os remos.

— Espero que seja um bote grande — a menina falou —, porque eu não sei nadar.

— Não se preocupe.

— Quem sabe a gente pode pescar — Alexis continuou. Eles desceram a estradinha e ouviram um som ritmado, de respiração, mas Grant não viu nenhum animal. — Tem certeza de que lá embaixo tem um bote? — Alexis perguntou, franzindo o nariz.

— Provavelmente.

O som ritmado aumentou conforme andavam, e ouviram também um outro, constante, como um zumbido forte. Quando chegaram ao final do caminho, que dava num pier de concreto, Grant ficou imóvel com o choque.

O tiranossauro estava bem ali na frente. Recostado em uma árvore, esticara as patas para a frente. Os olhos, embora abertos, não se moviam. Apenas a cabeça se erguia e pendia vagarosamente conforme respirava. O zumbido vinha do enxame de moscas que o rodeava, pousando na face e boca abertas, nas presas ensangüentadas. Os restos de um hadrossauro jaziam ao lado do tiranossauro.

Estavam a menos de vinte metros do T-rex. Grant tinha certeza de que haviam sido avistados, mas o animal não reagiu. Continuou sentado. Então ele compreendeu: o tiranossauro dormia. Sentado, mas dormia.

Fez um sinal para que Tim e Alexis ficassem onde estavam e avançou devagar, na direção do atracadouro, passando na frente do gigantesco animal. O dinossauro continuou dormindo, roncando baixo. Perto da beirada da doca, um abrigo pintado de verde para se confundir com a vegetação estava destrancado. Grant abriu a porta e olhou lá dentro. Viu meia dúzia de coletes salva-vidas cor de laranja, vários rolos de cerca de arame, um rolo de corda e dois cubos de borracha imensos no chão. Os cubos estavam atados com cintas de

borracha.
Botes.
Ele olhou para Alexis.
Ela perguntou, apenas movendo os lábios: — É o bote?
Ele fez que sim com a cabeça.
O tiranossauro mexeu a pata dianteira para afugentar as moscas que o atormentavam. Mas não se levantou. Grant puxou um dos cubos para fora do abrigo. Era pesado. Soltou as amarras, encontrando um cilindro de ar comprimido. Com um silvo alto, a borracha começou a se expandir, e depois, com um estalo, tomou forma. O barulho era um perigo.
Grant virou, olhando para o tiranossauro. O tiranossauro grunhiu e roncou. Começou a se mexer. Grant se preparou para correr, mas o animal acomodou seu corpo imenso e continuou encostado no tronco da árvore, arrotando. Alexis fez cara de nojo, abanando a mão na frente do rosto. Grant suava em bicas, de tanta tensão. Arrastou o bote de borracha pelo pier. Atirou-o na água, de novo fazendo barulho. O dinossauro continuou a dormir.
Grant amarrou o bote no atracadouro e voltou ao abrigo para pegar dois salva-vidas. Colocou-os no bote, e acenou para as crianças, ordenando que descessem.
Pálida de medo, Alexis fez um sinal: não! Ele gesticulou: sim.
O tiranossauro dormia.
Grant repetiu o gesto. Alexis desceu em silêncio, seguida por Tim. As duas crianças entraram na embarcação e vestiram os coletes salva-vidas. Grant entrou também e o empurrou. Vagarosamente, distanciaram-se da margem da lagoa. Grant pegou os remos e os encaixou no suporte. Afastaram-se mais do pier. Alexis, sentada, suspirou de alívio. Depois pareceu inquieta, e levou a mão à boca. Seu corpo foi sacudido por espasmos e ela emitiu

um ruído surdo. Tentava suprimir um acesso de tosse.
Ela sempre tossia na hora errada!
— Lex — Tim murmurou furioso, olhando para a margem. Ela balançou a cabeça desesperada. O menino sabia que a irmã sentia uma coceira na garganta. Só precisava de um gole de água. Grant remava e Tim debruçou-se na borda do bote, pegando água na lagoa. Estendeu as mãos em concha para a menina. Alexis tossiu alto, explosivamente. Para Tim, o som ecoou pela superfície da água como um tiro.
O tiranossauro bocejou preguiçoso, cocando a orelha com a perna traseira, como se fosse um cachorro. E bocejou novamente. Estava grogue depois do banquete, e acordava devagar. No bote, Alexis fazia sons guturais.
— Lex, cale a boca! — Tim ordenou.
— Não consigo — ela disse, e tossiu de novo. Grant remou com força, levando o bote para o meio da lagoa. Na beirada, o tiranossauro se levantou.
— Não deu para segurar, Timmy — Alexis gritou desesperada. — Não deu!
— Quieta!
Grant remava o mais rápido que conseguia. — De qualquer maneira, não faz mal. Estamos bem longe agora. Ele não sabe nadar.
— Claro que ele sabe nadar, sua idiota! — Tim gritou. Na margem, o tiranossauro pulou do pier para a água. Seguiu vigorosamente na direção do bote.
— Bem, como é que eu ia adivinhar? — Alexis disse. — Todo mundo sabe que os dinossauros podem nadar! Está em qualquer livro! Todos os répteis nadam. — Menos as cobras.
— Claro que as cobras nadam, sua cretina! — Calma. Segurem-se bem. — Grant observava o modo como o tiranossauro avançava. Com água na altura do peito, mantinha a

cabeça acima da superfície. Grant percebeu que o animal estava na
verdade andando, porque a parte superior da cabeça — olhos e narinas — projetava-se acima da linha d'água. Depois ficou parecido com um crocodilo, nadando como um, balançando a cauda de um lado para outro, agitando a água. Atrás da cabeça, Grant ocasionalmente via parte das costas e da cauda, quando saíam da água. Exatamente como um crocodilo, pensou desanimado. O maior crocodilo do mundo.
— Sinto muito, doutor Grant, eu não queria acordá-lo. Grant olhou por cima do ombro. A lagoa tinha mais de cem metros de largura naquele ponto, e estavam quase no centro. Se continuasse, chegariam no raso de novo. O tiranossauro poderia caminhar outra vez, e se moveria mais depressa. Grant virou o barco e começou a remar para o norte.
— O que está fazendo?
O tiranossauro encontrava-se a poucos metros. Grant ouvia sua respiração agitada. Olhando para os remos em sua mão, feitos de plástico, concluiu que seriam inúteis como defesa. O tiranossauro jogou a cabeça para trás e abriu a boca, mostrando os dentes afiados, e depois, com um espasmo muscular, pulou na direção do bote, quase acertando a borda emborrachada, a cabeça enorme batendo na água e fazendo com que a embarcação balançasse.
O tiranossauro mergulhou, soltando bolhas. A lagoa ficou calma. Alexis agarrou-se na borda com as duas mãos e olhou para trás. — Ele se afogou?
— Não — Grant disse. Ele viu as bolhas... e depois um leve tremor na superfície, aproximando-se do barco. — Segurem-se! — gritou, quando a cabeça ergueu-se debaixo do bote, jogando-o para cima, fazendo com que girassem alucinadamente antes de bater novamente na água.
— Faça alguma coisa — Alexis berrou.
Grant pegou a pistola de ar comprimido. Parecia tão pequena em

suas mãos, mas havia uma chance de acertar o animal em um ponto
sensível, no olho ou no focinho...
O tiranossauro pôs a cabeça para fora, ao lado do barco, e abriu a boca, rugindo. Grant apontou e atirou. O dardo brilhou ao sol e acertou na cara do bicho. O tiranossauro mexeu a cabeça e rugiu outra vez.
De repente, eles ouviram outro urro, em resposta, ecoando sobre a água.
Olhando para trás, Grant viu o tiranossauro menor na beirada, parado junto ao saurópode morto, reivindicando a posse da presa. O jovem T-rex arrancou um naco de carne da carcaça, depois levantou a cabeça e rugiu. O rex na água viu tudo, e sua reação foi instantânea — voltou para proteger sua presa, nadando ágil em direção à margem. — Ele está indo embora! — Alexis gritou, batendo palmas.
— Está indo embora! Ah-rá! Dinossauro estúpido! Na beirada, o jovem tiranossauro rugia desafiador. Enfurecido, o rex maior saiu do lago a toda velocidade, pingando água pelo corpan-zil enquanto corria para a elevação atrás do pier. O mais jovem baixou a cabeça e fugiu, a boca ainda cheia de carne ensangüentada. O tiranossauro grande o perseguiu, passando pelo saurópode morto, desaparecendo no mato. Eles finalmente ouviram um ameaçador urro final, e o bote seguiu para o norte, passando por uma curva da lagoa e entrando no rio.
Exausto de tanto remar, Grant desabou no fundo do barco, o peito dolorido pelo esforço. Estava sem fôlego. Ficou ofegante, deitado. — Está passando bem, doutor Grant? — Alexis perguntou. — Daqui para a frente, vocês vão me obedecer? — Claro — ela suspirou, como se ele estivesse fazendo a exigência mais descabida deste mundo. E mergulhou a mão na água por algum tempo. — Você parou de remar. — Estou cansado — Grant disse.
—- E porque ainda estamos avançando?
Grant sentou-se. Ela tinha razão. O barco seguia firme para o

norte.
— Deve ser a correnteza. — A corrente os levava para o norte, na direção do hotel. Ele olhou para o relógio e se surpreendeu ao descobrir que passavam quinze minutos das sete. Apenas quinze minutos, desde que consultara o relógio pela última vez. Pareceram duas horas. Grant encostou na amurada de borracha, fechou os olhos e dormiu.

QUINTA ITERAÇÃO

"As falhas no sistema se tornam agudas." IAN MALCOLM

BUSCA

Gennaro, sentado no jipe, ouvia o zumbir das moscas e olhava fixo para as palmeiras ao longe, trêmulas no calor. O cenário o espantava, parecia o local de uma batalha: a grama amassada num raio de cem metros. Uma imensa palmeira arrancada do solo. Marcas de sangue no capim e na elevação rochosa à direita. Sentado a seu lado, Muldoon comentou:
— Sem sombra de duvida, o rex andou correndo atrás dos hadrossauros. — Tomou outro gole de uísque e tampou a garrafa. — Malditas moscas.
Gennaro tamborilava no painel, com os dedos nervosos. — O que estamos esperando? Muldoon demorou a responder. — O rex está por aí, em algum lugar — disse, percorrendo com os olhos o descampado. — E não temos nenhuma arma que preste. — Podemos fugir no jipe.
— Ora, ele corre mais do que o jipe, senhor Gennaro. Ao sairmos da estrada, entrando em campo aberto, o máximo que podemos atingir, mesmo com tração nas quatro rodas, é quarenta e cinco a sessenta quilômetros por hora. Ele nos alcançaria. Mas não vejo muito movimento por aqui agora. — Muldoon suspirou. — Está disposto a viver perigosamente?
— Claro — Gennaro disse.
Muldoon deu a partida no motor e o barulho súbito assustou dois othnielians pequenos, que saltaram no mato à frente deles. Muldoon engatou a primeira e começou a fazer círculos concêntricos no local, até chegar no ponto onde estavam os othnielians. Desceu e se afastou um pouco do jipe, parando quando uma nuvem de moscas ergueu-se no ar.
— O que foi? — Gennaro perguntou.

— Traga o rádio — Muldoon pediu.
Gennaro desceu do jipe correndo. Mesmo de longe sentia o cheiro azedo de carniça. Viu uma forma escura na grama, cheia de sangue seco, as pernas abertas.
— Um filhote de hadrossauro — Muldoon falou, olhando para a carcaça. — A manada disparou e o filhote se afastou do grupo. O T-rex deu cabo dele.
— Como sabe? — Gennaro indagou. A carne mostrava várias mordidas.
— Pode-se ver pelas excreções — Muldoon explicou. — Nota aquelas coisas brancas ali na grama? É excremento de hadrossauro. O ácido úrico o torna branco. Mas, se olhar ali — ele apontou para um monturo que batia na altura de seus joelhos — verá as fezes do tiranossauro.
— Como sabe que o tiranossauro não chegou depois? — Pela mordida. Vê estas pequenas marcas

aqui? — Muldoon apontou para a barriga. — Feitas pelos othys. As mordidas não sangraram. Póstumas, obra destes abutres, os othys. Mas o hadro foi derrubado por uma mordida no pescoço, note aquele rasgo grande ali, acima do ombro, dada pelo T-rex, sem dúvida. Gennaro debruçou-se sobre a carcaça, encarando os membros fora de posição, irreais. A seu lado, Muldoon lidava com o rádio. — Controle.
— Sim — John respondeu pelo rádio.
— Encontramos um hadro morto. Filhote. — Muldoon abaixou- se no meio das moscas e examinou a pele perto do pé direito. Havia ali um número tatuado. — O número do espécime é HD/09. O rádio estalou.
— Temos algo para você — Arnold disse. — É mesmo? O que é?
— Encontrei Nedry.

O jipe atravessou as palmeiras enfileiradas ao longo da estrada

do leste e chegou a uma estreita via de serviço, que levava ao rio da
selva. Fazia calor naquela área do parque, a mata fechada fedia. Muldoon lidava com o monitor do computador existente no jipe, que mostrava um mapa da área, com linhas cruzadas. — Eles o encontraram com o vídeo. No setor 1104, bem à frente. Adiante na estrada, Gennaro viu uma barreira de concreto e o jipe estacionado a seu lado.
— Ele deve ter errado o caminho — Muldoon disse. — Aquele filho da mãe.
— O que ele roubou? — Gennaro perguntou. — Wu deu por falta de quinze embriões. Sabe quanto valem? Gennaro fez que não com a cabeça.
— Algo entre dois e dez milhões de dólares — Muldoon revelou. — Jogo alto.
Quando se aproximaram, Gennaro viu o corpo caído ao lado do carro, disforme e verde. Mas logo as formas verdes saltaram para longe, quando o jipe deles parou.
— Procompsognatos — Muldoon disse. — Eles o acharam primeiro.
Uma dúzia de procompsognathids, pequenos e delicados predadores, do tamanho de patos, pararam na beira da mata, guinchando excitados enquanto os homens desceram do carro. Dennis Nedry jazia de costas, o rosto adolescente agora vermelho e intumescido. As moscas voavam em torno da boca e da língua grossa. O cadáver estava estraçalhado — intestinos expostos, uma perna devorada. Gennaro virou para o outro lado, olhando para os pequenos procompsognatos, que pararam nas patas traseiras a certa distância, observando curiosos os dois homens. Eles limpavam o rosto, assumindo uma atitude quase humana...
— Puxa vida — Muldoon disse. — Não foram os procompsognatos.
— O quê?
Muldoon balançava a cabeça.

— Vê estas marcas? Na camisa, e no rosto? Sente um cheiro
adocicado, como vômito seco?
Gennaro desviou a vista. Sentia o cheiro. — Isso é saliva de dilo — Muldoon explicou. — Cuspida de dilofossauro. Olhe os danos às córneas, a pele avermelhada. Quando acerta nos olhos provoca muita dor, mas não é fatal. A pessoa tem cerca de duas horas para lavar o local com o antídoto que mantemos no parque, para o caso de ataque. Mas não adiantaria nada para este miserável. Ele o cegou, depois rasgou sua barriga. Não foi uma morte agradável. Talvez ainda haja justiça no mundo, afinal. Os procompsognathids guincharam e pularam quando Gennaro abriu a porta traseira e tirou um tubo cinza de metal e uma caixa de aço inoxidável.
— Ainda estão aqui — disse, passando os dois cilindros escuros para Muldoon.

— O que são? — Gennaro perguntou.
— Exatamente o que parecem. Foguetes. — Quando Gennaro recuou, ele disse: — Cuidado. Não quero que tropece em nada. Gennaro seguiu cautelosamente, pulando o corpo de Nedry. Muldoon levou os cilindros para o outro jipe. E pegou no volante. — Vamos.
— E quanto a ele? — Gennaro indagou, apontando para o cadáver.
— Ele que se dane. Temos mais o que fazer — Muldoon respondeu, engatando a marcha. Olhando para trás, Gennaro viu que os procompsognatos aproximavam-se novamente do corpo. Um deles pulou e parou em cima do rosto de Nedry, mordiscando seu nariz.
O rio da selva se estreitou. As margens se fecharam dos dois lados, até que as árvores e folhagens se tocaram no alto, tapando o sol. Tim ouviu o pio dos pássaros e viu pequenos dinossauros pulando de galho em galho, guinchando. Mas, no geral, o silêncio imperava, o ar era quente e úmido sob as árvores.

Grant consultou o relógio. Oito horas da manhã.
Eles tinham seguido tranqüilamente, levados pela correnteza, passando por áreas iluminadas. Pelo jeito moviam-se mais depressa do que antes. Acordado, Grant permaneceu deitado de costas, olhando para os galhos no alto. Na proa, viu que a menina esticava o braço. — Ei, o que está fazendo? — perguntou. — Acha que podemos comer estas frutinhas? — Alexis apontou para um arbusto. Alguns dos ramos projetavam-se no leito do rio, podendo ser alcançados. Tim viu pequenos frutos vermelhos pendendo em cachos.
— Não — Grant disse.
— Por quê? Os dinossauros pequenos estavam comendo. — Ela mostrou os animais nos galhos.
— Não, Lex.
Ela suspirou, descontente com a proibição. — Gostaria que meu pai estivesse aqui — resmungou. — Papai sempre sabe o que fazer.
— Do que está falando? — Tim retrucou. — Ele nunca sabe o que fazer.
— Sabe, sim. — Ela suspirou. Alexis observava as árvores que passavam, as raízes retorcidas mergulhadas na água. — Só porque você não é o preferido dele...
Tim virou para o outro lado, sem responder. — Mas não se preocupe, papai ama você também, apesar de você só gostar de computadores e não de esportes. — Papai é doido por esportes — Tim explicou. Grant balançou a cabeça. Nos ramos, pequenos dinossauros amarelos, com cerca de sessenta centímetros, pulavam de uma árvore a outra. As cabeças bicudas os tornavam parecidos com papagaios. — Sabe o nome deles? — Tim disse. — Microceratops. — Grande coisa — Alexis desdenhou.
— Pensei que estava interessada.
— Só os meninos se interessam por dinossauros.

— Quem foi que disse?
— Papai.
Tim começou a discutir, mas Grant ergueu a mão. — Crianças, calem a boca.
— Por quê? — Alexis protestou. — Posso fazer o que eu quiser. Se eu...
De repente ela ficou em silêncio, porque também escutou o que perturbara Grant. Era um grito terrível, vindo de um ponto à frente, no rio.
— Então, onde está o maldito rex? — Muldoon perguntou, falando pelo rádio. — Não o vemos mais aqui. — Estavam de volta ao cercado dos saurópodes, olhando para a grama pisada do local onde os hadrossauros tinham estourado. O tiranossauro não se achava na área. — Checando — Arnold disse, desligando. Muldoon virou-se para Gennaro.

— Checando — repetiu sarcástico. — Porque diabos não checaram antes? Por que não o monitoraram? — Não sei — Gennaro disse.
— Não o encontramos — Arnold voltou a falar depois de algum tempo.
— Como assim, não o encontraram?
— Não aparece nos monitores. Os sensores de movimento não o localizaram.
— Droga — Muldoon resmungou. — Que se danem os sensores. Vê Grant e as crianças?
— Não. Nada deles também nos sensores de movimento. — Bem, e o que acha que devemos fazer agora? — Muldoon questionou.
— Esperar — Arnold sugeriu.

— Olhe! Olhe!
Bem à frente, o domo do aviário se erguia sobre suas cabeças. Grant o vira apenas a distância. Agora se dava conta de que era enorme

— uns quatrocentos metros de diâmetro, ou mais. A estrutura
geodésica brilhava na claridade enevoada, e ele pensou que o vidro deveria pesar uma tonelada. Quando se aproximaram, viu que não havia vidro algum, só a estrutura de metal. — Não está pronto — Alexis observou.
— Acho que deve ser assim mesmo, aberto — Grant opinou. — Mas assim os pássaros vão escapar voando. — Não se forem pássaros grandes — Grant disse. O rio os levou para dentro do domo. Eles olharam para cima. Em poucos minutos a cúpula se erguia a tal altura que mal se podia enxergá-la na névoa.
— Pelo que eu me lembro, há um alojamento por aqui — Grant comentou. Momentos depois, ele viu o teto de uma construção apontando entre as copas das árvores, ao norte. — Quer parar? — Tim indagou.
— Talvez haja um telefone. Ou sensores de movimento. — Grant virou para a margem. — Precisamos entrar em contato com a sala de controle. Está ficando tarde.
Eles desceram, pisando na margem barrenta, e Grant puxou o bote para fora da água. Depois amarrou uma corda na árvore e o prendeu. Então saíram andando pela selva densa de palmeiras.

AVIÁRIO

— Não dá para entender — John Arnold disse ao telefone. — Não vejo o rex, nem Grant, nem as crianças. Ele tomou mais um gole de café, sentado na frente do teclado. Por toda parte, na sala de controle, espalhavam-se pratos de papel e sanduíches pela metade. Arnold estava exausto. Passava das oito da manhã de sábado. Quatorze horas depois que Nedry bagunçara os computadores
responsáveis
pelo
Parque
Jurássico
e
Arnold
pacientemente os pusera em ordem de novo. — Todos os sistemas do parque operam normalmente. Os telefones funcionam. Já chamei um médico para cuidar de você. Do outro lado, Malcolm tossiu. Arnold conversava com ele, que descansava em seu quarto.
— Mas tem problemas com os sensores de movimento? — Bem, não encontro o que procuro.

— Como o rex?
— Nenhum sinal dele no momento. Seguiu para o norte há uns vinte minutos, acompanhando a beira da lagoa, mas depois eu o perdi. Não sei por que, imagino que tenha dormido outra vez. — E não acha Grant e as crianças?
— Não.
— Creio que é muito simples — Malcolm disse. — Os sensores cobrem uma área inadequada.
— Inadequada? — Arnold ficou irritado. — Eles cobrem noventa e dois...
— Noventa e dois por cento da área terrestre, eu me lembro — Malcolm cortou—, mas se estudar os oito por cento restantes, verá que são topograficamente uniformes, ou seja, formam áreas contíguas. Em resumo, um animal pode se movimentar livremente pelo parque, e

escapar dos sensores, se seguir uma estrada de manutenção, ou o rio
da selva, ou as praias.
— Mesmo que aconteça isso — Arnold disse —, os animais são estúpidos demais para perceber tal possibilidade. — Não sabemos bem o quanto os animais são estúpidos — Malcolm retrucou.
— Acha que Grant e as crianças estão fazendo isso? — Arnold perguntou.
— Claro que não — Malcolm respondeu, tossindo outra vez. — , Grant não é idiota. Obviamente deseja ser detectado por vocês. Ele e as crianças provavelmente estão pulando na frente de todos os sensores que encontram. Mas talvez haja outros problemas que ignoramos. Ou talvez eles estejam no rio. — Não posso imaginar um motivo para descerem o rio. As margens são muito estreitas. E impossível andar por ali. — O rio os traria de volta para cá?
— Sim, mas não é o caminho mais seguro, porque passa pelo aviário...
— Por que o aviário não fazia parte do passeio? — Malcolm quis saber.
— Tivemos problemas lá. Originalmente, o parque pretendia construir um abrigo no alto, para que os visitantes observassem os pterodáctilos enquanto voavam. Temos quatro deles no aviário... na verdade, são cearadáctilos, imensos pterodáctilos que se alimentam de peixes.
— E qual o problema com eles?
— Bem, quando terminamos o abrigo, pusemos os dáctilos no aviário, para que se acostumassem. Mas isso foi um grande erro. Acontece que os animais pescadores marcam seus territórios. — Territórios?
— Eles defendem seu território com violência — Arnold explicou. — Brigam pelas áreas, e atacam qualquer animal invasor. — Atacam?

— E impressionante — Arnold disse. — Os dáctilos voam até o
alto do aviário, fecham as asas e mergulham. Um animal de quinze quilos atira um homem no chão como se fosse uma pilha de tijolos caindo em sua cabeça. Os trabalhadores desmaiavam com o ataque e se machucavam seriamente.
— Isso não fere os dáctilos?
— Não que eu saiba.
— Quer dizer, se as crianças estiverem no aviário... — Elas não estão — Arnold disse. — Pelo menos, espero que não.

— Isso é o abrigo? — Alexis perguntou. — Que porcaria. Sob o domo do aviário, o Abrigo Pteratops se erguia bem acima do solo, em estacas altas de madeira, no meio dos pinheiros. Mas a estrutura não estava terminada nem pintada. As janelas tinham sido pregadas com tábuas. As árvores e o abrigo apresentavam largas listras brancas.
— Creio que não o terminaram por algum motivo — Grant disse, ocultando sua decepção. Ele olhou o relógio. — Vamos logo, precisamos voltar para o barco.

O sol saiu enquanto caminhavam, tornando a manhã mais agradável. Grant examinou as sombras axadrezadas no chão, lançadas pelo domo no alto. Ele notou que o solo e as folhagens tinham as mesmas manchas brancas existentes no abrigo. O ar matinal cheirava azedo.
— Isso aqui fede — Alexis reclamou. — O que é essa coisa branca?
— Parecem fezes de répteis. Provavelmente excrementos das aves.
— Por que não terminaram de fazer o abrigo? — Não sei.
Eles atingiram uma clareira com grama baixa, pontilhada de flores silvestres. Ouviram um apito longo, agudo. Depois outro, em

resposta, do lado oposto da floresta.
— O que foi isso?
— Não sei.
Então Grant viu a sombra de uma nuvem no descampado a sua frente. A sombra se movia depressa. Em um instante, passou por cima deles. Ao olhar para cima, notou a imensa forma escura que planava sobre sua cabeça, bloqueando o sol.
— Uau! — Alexis exclamou. — É um pterodáctilo? — Sim — Tim confirmou.
Grant não falou nada. Estava fascinado pela imensa criatura alada.
No céu, o pterodáctilo lançou um assobio e virou graciosamente, na direção deles.
— Por que não passamos aqui durante o passeio? — Tim perguntou.
Grant pensava na mesma coisa. Os dinossauros voadores eram lindos, moviam-se com elegância no ar. Enquanto Grant observava, viu um segundo pterodáctilo surgir. E um terceiro, um quarto. — Talvez porque o abrigo não estivesse pronto — Alexis sugeriu. Grant pensava que aqueles não eram pterodáctilos comuns. Grandes demais. Só podiam ser cearadáctilos, os enormes répteis voadores do início do Cretáceo. Lá no alto, pareciam pequenos aviões. Quando desciam, dava para ver as asas de cinco metros de envergadura, corpos peludos, cabeças de crocodilo. Eles pescavam, recordou-se. Na América do Sul e no México. Alexis semicerrou os olhos e ergueu a cabeça. — Eles atacam a gente?
— Acho que não. Só comem peixe.
Um dos dáctilos mergulhou, uma sombra negra zunindo perto deles, deixando um rastro de ar quente e cheiro azedo. — Uau! — Alexis gritou. — Como são grandes! — E depois, preocupada: — Tem certeza de que não atacam? — Certeza absoluta.

Um segundo dáctilo mergulhou, mais rápido do que o primeiro.
Veio por trás, num vôo rasante sobre suas cabeças. Grant viu de relance seu bico dentado e o corpo peludo. Parecia um imenso morcego, pensou. A aparência frágil dos animais impressionou-o. As asas imensas — com uma membrana rosada e delicada — eram tão finas que deixavam passar a luz, reforçando a impressão de fragilidade. — Ai! — Alexis gritou de novo, levando a mão à cabeça. — Ele me mordeu.
— Como? — Grant olhou para ela.
— Ele me mordeu! Ele me mordeu! — Quando a menina baixou a mão, Grant viu o sangue em seus dedos. Lá no alto, mais dois dáctilos fecharam as asas e mergulharam em direção ao solo. Davam uma espécie de grito quando atacavam. — Vamos sair daqui — Grant decidiu, pegando as crianças pela mão. Correram pelo descampado, ouvindo o grito de ataque, e ele se atirou no chão no último instante, arrastando os meninos, enquanto os dois animais passavam raspando. Grant sentiu que as garras rasgavam sua camisa nas costas.
Depois ele se ergueu, obrigando Alexis a se levantar também, e correu ao lado de Tim, enquanto mais dois pássaros desciam gritando. Um segundo antes do ataque deitou no chão, obrigando as crianças a fazer o mesmo.

— Ai! — Alexis exclamou, enojada. Grant viu que os dejetos es- branquiçados dos pássaros tinham atingido a menina. Ele se levantou.
— Vamos logo!
Estava a ponto de começar a correr novamente quando Alexis gritou de terror. Ele se virou e viu que um dos dáctilos a agarrara pelos ombros, com as patas traseiras. As imensas asas do animal, translúcidas, agitavam-se no ar. Tentava alçar vôo, mas Alexis era pesada demais, e enquanto se esforçava, ele a bicava repetidamente na cabeça.
A garotinha gritava, agitando os braços freneticamente. Grant fez

a única coisa em que pôde pensar naquele momento. Correu e pulou
em cima do dáctilo, derrubando-o numa confusão de gritos e bater de asas. Grant afastou a cabeça do bico e das patas, enquanto as asas se fechavam sobre seu corpo. Era como uma barraca na tempestade. Não via nada, não ouvia nada, apenas os gritos pavorosos do animal. As garras procuravam freneticamente por seu peito. Grant afastou-se do dáctilo e o animal tentou se reequilibrar, batendo as asas. Alexis continuava gritando. Finalmente, fechando as asas como um morcego, o bicho conseguiu se erguer, apoiado nas pequenas garras da asa, e começou a andar assim. Grant estacou, atônito. O dáctilo andava apoiado na asa! A especulação de Lederer era correta! Mas de repente os outros dáctilos atacaram e Grant ficou tonto, desequilibrado, vendo horrorizado quando Alexis saiu correndo, os braços protegendo a cabeça... Tim gritava a plenos pulmões... O primeiro mergulhou e a menina atirou algo contra o animal, que imediatamente gritou e subiu. Os outros dáctilos logo o seguiram. Um quarto batia as asas vacilante, tentando subir também. Grant olhou para cima, cerrando os olhos para ver o que estava ocorrendo. Os três dáctilos perseguiam o primeiro, gritando de raiva. Eles ficaram sozinhos no descampado.
— O que aconteceu? — Grant perguntou.
— Ele pegou a minha luva — Alexis disse. — Minha Darryl Strawberry especial.
Começaram a caminhar outra vez. Tim passou o braço em torno do ombro da irmã.
— Você está bem?
— Claro, seu estúpido — ela respondeu, empurrando-o. Depois olhou para cima: — Tomara que engasgue e morra. — Tomara mesmo — Tim reforçou.
Adiante, viram o bote. Grant olhou para o relógio. Oito e meia. Agora só restavam duas horas e meia.

Alexis deu pulos de alegria quando se afastaram do domo do

aviário. Naquele ponto as duas margens do rio se fecharam, as árvores
se tocando no alto outra vez. O rio estava mais estreito ainda, e em alguns trechos não passava de três metros. A correnteza aumentou. A menina esticava o braço, tocando os galhos. Grant sentou-se no bote e ficou ouvindo o barulho da água na borracha morna. Moviam-se rapidamente agora, os galhos passavam velozes. Era agradável. Soprava uma brisa leve sob os ramos que se cruzavam. Ótimo, chegariam logo.
Grant não tinha idéia do quanto haviam progredido, mas deviam estar a quilômetros do prédio da manutenção dos saurópodes onde passaram a noite. Talvez seis ou oito quilômetros. Talvez mais. Estariam a cerca de uma hora de caminhada do hotel, se deixassem o bote. Mas, depois do aviário, Grant não tinha muita pressa em se afastar do rio novamente. Por enquanto eles se divertiam. — Eu me preocupo com o Ralph — Alexis disse de repente. — Acho que está morto ou machucado.
— Aposto que está bem.
— Acho que me deixaria montar nas costas dele. — Ela suspirou profundamente. — Seria ótimo, montar no Ralph. Tim disse a Grant:

— Lembra-se de quando estávamos perto do estegossauro, na noite passada?
— Lembro.
— Por que perguntou a eles sobre o DNA de rã? — Por causa da reprodução dos animais — Grant respondeu. — Não conseguem explicar o motivo dos dinossauros procriarem, pois foram irradiados, e são todos fêmeas.
— Certo.
— Bem, a irradiação é notoriamente falha, e provavelmente não funciona. Isso vai ficar definitivamente provado aqui. Mas resta ainda o fato de que todos os dinossauros eram do sexo feminino. Como poderiam se reproduzir assim?
— Como? — Tim repetiu.

— Bem, no reino animal, a reprodução assume uma variedade
extraordinária.
— Tim anda muito interessado em sexo — Alexis intrometeu-se. Os dois a ignoraram.
— Por exemplo, muitos animais se reproduzem sem fazer o que chamamos de sexo. O macho libera um espermatóforo, que contém os espermatozóides, e a fêmea o recolhe depois. Esse tipo de troca não exige tanta diferenciação entre macho e fêmea. Os dois são mais parecidos, entre alguns animais, do que entre humanos. Tim balançou a cabeça.
— E onde entram as rãs?
Grant não teve tempo de responder. Subitamente ouviu guinchos nas árvores, e os microceratops fugiram alarmados, balançando os galhos. A cabeça enorme do tiranossauro surgiu no meio da folhagem, à esquerda, e as mandíbulas fecharam-se perto do bote. Alexis gritou de pavor. Grant remou para a outra margem, mas o rio tinha apenas três metros de largura naquele trecho. O tiranossauro, porém, estava preso entre a vegetação densa. Ele recuou, girando a cabeça e rugindo.
No vão das árvores que acompanhavam a margem, Grant continuou vendo a sombra escura do dinossauro, que procurava uma brecha que lhe permitisse chegar até a água. Os microceratops pularam para o outro lado do rio, guinchando de medo. No barco, Grant, Tim e Alexis acompanhavam impotentes enquanto o rex tentava atacar de novo. Mas as árvores não ofereciam qualquer passagem. O tiranossauro prosseguiu descendo ao lado da correnteza, na frente do barco, e tentou mais uma vez, chacoalhando furiosamente os galhos.
Falhou de novo.
Depois se afastou, procurando outro ponto rio abaixo. — Eu o odeio — Alexis disse.
Grant sentou-se no bote, abalado. Se o tiranossauro tivesse conseguido atravessar, nada poderia salvá-los. O rio era tão estreito que

mal acomodava o barco. Era como se estivessem num túnel. As bordas
batiam na lama, enquanto a embarcação era arrastada pela correnteza. Grant olhou as horas. Quase nove.
— Ei — Alexis alertou. — Escutem!
Ela ouviu um ronco, alternado com um grito lúgubre. Os gritos vinham de um ponto depois da curva, rio abaixo. Grant apurou os ouvidos e ouviu o pio novamente.
— O que é? — Alexis perguntou.
— Não sei — Grant respondeu. — Mas há mais de um. — Ele remou o barco para a margem oposta e agarrou um ramo para pará-lo. O ruído se repetiu, seguido de mais pios. — Parece um bando de corujas — Tim disse.
Malcolm gemeu.
— Não está na hora de outra dose de morfina? — Ainda não — Ellie respondeu. Malcolm suspirou. —

Quanta água temos aqui?
— Sei lá. Tem bastante água na torneira... — Não, eu quero dizer água estocada. Quanta? Ellie deu de ombros.
— Nenhuma.
— Percorra todos os quartos deste andar — Malcolm pediu —, e encha todas as banheiras de água.
Ellie franziu a testa.
— Além disso — Malcolm prosseguiu — precisamos de walkie- talkies. Lanternas. Fósforos. Fogões de campanha. Coisas assim. — Vou procurar. Está esperando um terremoto? — Qualquer coisa do gênero — Malcolm confirmou. — O Efeito Malcolm resulta em mudanças catastróficas. — Mas Arnold disse que os sistemas já estão funcionando perfeitamente.
— É bem neste momento que tudo acontece — Malcolm disse. — Não põe muita fé em Arnold, não é? — Ellie comentou.

— Ele é competente. Como engenheiro. Assim como Wu. Os dois
são técnicos. Não possuem inteligência alguma. Só contam com o que eu chamo de subinteligência. Enxergam apenas a situação imediata. Pensam de modo estreito, e chamam isso de "manter o foco". Não enxergam o que os rodeia. Não enxergam as conseqüências. Por isso temos uma(ilha como esta. Por causa da subinteligência. Pois não se pode criar um animal e esperar que não se comporte como um ser vivo. Animais são imprevisíveis. Escapam. Mas eles não enxergam nada disso.
— Não acha que é próprio da natureza humana, agir assim? — Meu Deus, claro que não — Malcolm replicou. — Isso equivale a dizer que comer ovos com bacon faz parte da natureza humana. Trata-se apenas da formação ocidental, e grande parte do resto do mundo fica enojado com tal cardápio. — Ele gemeu de dor. — A morfina me transformou num filósofo.
— Quer água?
— Não. Sabe qual é o problema dos engenheiros e cientistas? Querem conquistar, não importa o quê, desde que seja conquista. Elaboram um raciocínio sofisticado e enganoso, dizendo que procuram descobrir "a verdade" sobre a natureza, mas essa não é, de fato, a motivação real. Ninguém age a partir de abstrações como "descobrir a verdade". — Ele fez outra careta de dor antes de continuar: — No fundo, os cientistas preocupam-se apenas com suas conquistas. Concentram- se em fazer alguma coisa e não param mais para pensar se devem ou não, se aquilo será ou não válido. Convenientemente, definem tais considerações como inúteis, sem sentido. Se não agirem, alguém passará na frente. Então tentam chegar primeiro, seja aonde for. Esse é o jogo da ciência. Daí que a descoberta científica mais pura é um ato agressivo, violento. Exige grandes equipamentos, e literalmente muda o mundo depois. Os aceleradores de partículas agridem a Terra e deixam restos radioativos. Os astronautas jogam lixo na Lua. Há sempre uma prova de que os cientistas passaram por ali, fazendo suas descobertas. A descoberta científica sempre agride o mundo natural.

— Sempre?
— Sim, Ellie, sempre. Os cientistas querem que seja assim. Precisam cutucar a natureza com seus instrumentos. Deixar sua marca. Não se conformam em observar apenas. Precisam fazer com que algo antinatural aconteça. Essa é a tarefa dos cientistas, e agora temos sociedades inteiras tentando ser científicas. — Ele suspirou, deitando- se.
— Não acha que exagera um pouco quando... — Ellie começou. — Qual o aspecto dos locais de suas escavações, um ano depois?
— Horrível — ela admitiu.
— Vocês não replantam, não recuperam a terra depois da escavação?
— Não.

— Por que não? Ela deu de ombros.
— Não temos recursos, acho.
— Sempre há dinheiro suficiente para escavar. Para recuperar não.
— Bem, costumamos trabalhar nos desertos... — É só um deserto — Malcolm ironizou, balançando a cabeça. — Não vale nada. Apenas subprodutos. Apenas efeitos colaterais... Estou tentando dizer que os cientistas querem que seja assim. Querem subprodutos e lixo e marcas e efeitos colaterais. Trata-se de uma forma de lhes dar segurança. Isso faz parte da atitude do cientista e provoca desastres cada vez maiores.
— Então qual é a saída?
— Nos livrarmos dos subinteligentes, tirando-os do poder. — Mas assim perderíamos todos os avanços... — Que avanços? — Malcolm interrompeu irritado. — O número de horas que as mulheres dedicam aos trabalhos domésticos não muda desde 1930, apesar de todos os avanços. Apesar de todos os aspiradores de pó, máquinas de lavar e secar, trituradores de lixo, roupas que não precisam ser passadas... Por que levam o mesmo tempo que levavam

em 1930 para limpar a casa?
Ellie não disse nada.
— Porque não houve avanços — Malcolm prosseguiu. — Não houve avanços reais. Há trinta mil anos, quando os homens pintavam as paredes das cavernas em Lascaux, precisavam trabalhar vinte horas por semana para conseguir comida, roupa e abrigo. No resto do tempo podiam brincar, ou dormir, ou fazer o que bem entendessem. E viviam em um mundo natural, com ar limpo, água limpa, cheio de árvores, apreciando o pôr-do-sol. Pense nisso. Vinte horas por semana. Há trinta mil anos.
— Quer voltar no tempo? — Ellie contrapôs. — Não — Malcolm disse. — Quero que as pessoas acordem. Depois de quatrocentos anos de ciência moderna, já sabemos para que ela serve e para que não serve. Está na hora de mudar. — Antes que o planeta seja destruído? — Ellie perguntou. Ele fechou os olhos e disse:
— Ora, moça. Esta seria a última coisa com a qual eu me preocuparia.

No túnel escuro formado pela mata ribeirinha, Grant avançava cautelosamente, segurando os galhos, movendo o bote devagar. Ele ainda ouvia os sons. E finalmente viu os dinossauros. — Não são os dinossauros venenosos?
— São — Grant confirmou. — Dilofossauros. Havia dois dilofossauros parados na margem do rio, os corpos de três metros de altura mostrando as pintas amarelas e pretas. Na barriga, eram verdes, como lagartos. As cristas gêmeas iam do topo da cabeça ao focinho, formando um V. O aspecto de pássaros era reforçado por seu movimento, quando baixavam para beber água no rio e depois erguiam a cabeça e soltavam seu pio.
— Não acha melhor ir o resto a pé? — Alexis sussurrou. Grant balançou a cabeça negativamente. Os dilofossauros eram menores do que o tiranossauro, conseguiriam passar pela densa

vegetação da beira do rio. E pareciam ágeis, piando uns para os outros.
— Não podemos passar de barco por eles — Alexis disse. — São venenosos.
— Precisamos dar um jeito — Grant falou. OS dilofossauros continuavam a beber e piar. Pareciam interagir uns com os outros em um estranho ritual repetitivo. O animal à esquerda abaixou a cabeça para beber, abrindo a boca para mostrar a fileira de dentes afiados, e depois piou. O animal da direita piou em resposta e também bebeu, imitando o movimento do primeiro. Depois a seqüência se repetia, idêntica.
Grant notou que o animal da direita era menor, bem menor, com marcas menores do dorso, com uma

crista vermelha mais escura... — Não acredito. É um ritual de acasalamento. — Podemos passar por eles? — Tim perguntou. — Não no ponto em que se encontram agora. Estão bem na beirada. — Grant sabia que os animais podiam passar horas realizando um ritual daqueles. Ficavam sem comer, não prestavam atenção a mais nada... Olhou para o relógio. Nove e vinte. — O que faremos? — Tim insistiu. Grant suspirou. — Não tenho a menor idéia.
Ele se sentou no fundo do barco, e de repente os dilofossauros começaram a rugir e zurrar, agitados. Olhou para cima. Os animais afastavam-se do rio.
— O que foi? — Alexis perguntou. Grant sorriu. — Acho que finalmente conseguimos ajuda. — Ele afastou o barco da margem. — Quero que vocês se deitem no fundo. Vamos passar o mais rápido possível. Mas lembrem-se: aconteça o que acontecer, não falem nada. E não se mexam, está bem? O bote começou a deslizar, levado pela correnteza, em direção aos dilofossauros. Ganhou velocidade. Alexis estava deitada aos pés de Grant, olhando para cima amedrontada. Aproximavam-se dos dilofossauros, que ainda estavam de costas para o rio. Ele sacou a pistola de dardos e checou a carga.

O barco prosseguiu, e eles sentiram um odor peculiar, doce e
nauseante ao mesmo tempo. Cheirava a vômito. O pio do dilofossauro soou mais alto. O bote fez a curva e Grant prendeu a respiração. Os dilofossauros estavam a poucos metros, zurrando para as árvores mais afastadas do rio.
Como Grant suspeitou, zurravam para o tiranossauro. Quando o rex tentou varar a densa vegetação, os dilos piaram e bateram a pata na terra. O tiranossauro rugiu, porque provavelmente viu o barco. Mas em um minuto eles estariam...
Tump.
O barco parou. Batera na margem, a poucos metros rio abaixo dos dilofossauros.
Alexis suspirou:
— Legal.
A embarcação raspou no fundo, fazendo barulho. Depois começou a se mover novamente. Desciam o rio. O tiranossauro rugiu pela última vez e foi embora; um dos dilofossauros pareceu surpreso, depois piou. O outro piou em resposta.
O bote ganhou velocidade no rio.

TIRANOSSAURO

O jipe sacolejava sob o sol forte. Muldoon dirigia, tendo Gennaro a seu lado. Estavam em campo aberto, afastando-se da densa folhagem e das palmeiras que acompanhavam o curso do rio, a cerca de cem metros a leste. Chegaram a uma elevação e Muldoon parou o veículo. — Puxa vida, como faz calor! — reclamou, limpando a testa com as costas da mão. Tomou um gole de uísque da garrafa que mantinha entre os joelhos e ofereceu um pouco a Gennaro. Gennaro fez que não com a cabeça. Observou a paisagem sob o sol forte da manhã. Depois olhou para o monitor do computador no painel. Mostrava cenas do parque, obtidas pelas câmeras de controle remoto. Nem sinal de Grant e das crianças. Ou do tiranossauro. O rádio estalou.
— Muldoon?
Muldoon pegou o aparelho:
— Sim?
— Viu o computador de bordo? Encontrei o rex. Está no setor 442. Seguindo para o 443.
— Só um minuto — Muldoon disse, ajustando o monitor. — Sim. listou vendo agora. Seguindo o rio.
— O animal acompanhava a vegetação da margem, em direção ao norte. — Vá com calma. Só

queremos que o imobilize. — Não se preocupe — Muldoon disse. — Não vou machucá-lo. — Lembre-se — Arnold alertou. — O tiranossauro é nossa maior ti tração turística.
Muldoon desligou o rádio.
— Idiota — resmungou. — Ainda estão falando dos turistas. Vamos achar Rexy e lhe dar uma boa dose. O jipe voltou a sacolejar no terreno irregular.

— Está ansioso para fazer isso — Gennaro observou.
— Ando com vontade de meter a agulha nesse danado já faz um tempo — Muldoon admitiu. — E chegou a hora. Pararam abruptamente. Pelo pára-brisa, Gennaro viu o tiranossauro bem na frente do carro, movimentando-se entre as palmeiras na beirada do rio.
Muldoon enxugou o restante do uísque e jogou a garrafa no banco de trás. Pegou o tubo lançador de foguetes. Gennaro olhou para o monitor de vídeo, que mostrava o jipe e o tiranossauro. Provavelmente a câmera de circuito fechado encontrava-se nas árvores, atrás deles. — Se quer ajudar — Muldoon disse —, pode abrir as latas que estão no seu pé.
Gennaro abaixou e abriu uma caixa Halliburton de aço. O interior fora revestido de espuma. Quatro cilindros, cada um do tamanho de um litro de leite, repousavam na espuma. Todos traziam o rótulo "Moro-709". Ele tirou um deles. — Arranque a ponta e rosqueie a agulha — Muldoon ordenou. Gennaro encontrou uma embalagem plástica com agulhas, com o diâmetro de um dedo. Enroscou uma no cilindro. A outra extremidade do tubo tinha um contrapeso de chumbo. — É o injetor. Entra em ação com o impacto. — Muldoon permaneceu sentado, com a arma de ar comprimido no joelho. Era feita de um metal cinza, em forma de tubo, e para Gennaro se parecia com uma bazuca ou um lançador de foguetes.
— O que é Moro-709?
— Tranqüilizante standard para animais. Os zoológicos de todo o mundo usam isso. Vamos tentar mil cc para começar. — Muldoon abriu a câmara, grande o suficiente para abrigar sua mão. Enfiou o cilindro e fechou a arma. — Acho que vai dar — comentou. — Elefantes comuns caem com duzentos cc, mas eles pesam apenas duas ou três toneladas. O Tyrannosaurus rex tem oito toneladas e é muito mais feroz. Isso influi na dose.
— Por quê?

— A dose para cada animal varia com o peso corporal e o
temperamento. Se você der a mesma dose de 709 para um elefante, um hipopótamo e um rinoceronte, o elefante fica imobilizado, pára como uma estátua. O hipo fica tonto e sonolento, mas ainda se mexe. E o rino simplesmente enlouquece e ataca. Mas, por outro lado, se perseguir um rinoceronte de carro, por mais de cinco minutos, ele cai morto, por choque de adrenalina. Uma estranha combinação de ferocidade e delicadeza.
Muldoon seguiu devagar para o rio, aproximando-se do tiranossauro.
— Mas os animais que mencionei são mamíferos. Sabemos muitas coisas sobre o comportamento dos mamíferos, porque os zoológicos são construídos em torno deles: leões, tigres, ursos, elefantes. Sabemos pouco sobre os répteis. E ninguém sabe nada a respeito dos dinossauros. São animais inéditos. — Considera-os répteis? — Gennaro perguntou. — Não — Muldoon disse, trocando a marcha. — Os dinossauros não se encaixam nas categorias existentes. — Ele girou o volante para desviar de uma pedra. — Na verdade, pelo que aprendemos, os dinossauros são tão diferentes entre si quanto os mamíferos atuais. Alguns se mostram mansos e dóceis, outros ferozes e maldosos. Alguns enxergam bem, outros não. Alguns não passam de idiotas, outros são muito inteligentes.
— Como os raptores? — Gennaro lembrou. Muldoon fez que sim.
— Os raptores possuem grande inteligência. Muito espertos, acredite. Todos os problemas que

surgiram até agora não são nada, se comparados ao que poderia acontecer se os raptores escapassem de seu cercado. Bem, acho que é o máximo de aproximação possível do Rexy. Na frente deles, o tiranossauro esticava a cabeça para fora dos galhos, olhando para o rio. Parecia querer encontrar algo. Depois o animal se moveu rio abaixo, para nova tentativa. — O que será que ele está procurando ali? — Gennaro indagou.

— Difícil dizer — Muldoon falou. — Talvez queira pegar os
microceratops que vivem nas árvores. Vão dar um baile nele. Muldoon parou o jipe a cerca de cinqüenta metros do tiranossauro, manobrando o veículo. Deixou o motor ligado. — Fique ao volante. Ponha o cinto de segurança. — Prendendo outro cilindro na camisa, ele desceu.
Gennaro ocupou o assento do motorista.
— Já fez isso muitas vezes? Muldoon sorriu. — Nunca. Vou tentar acertar perto do meato auricular. Vamos ver o que acontece. — Ele caminhou uns dez metros e apoiou o joelho no solo. Firmou a arma no ombro e ajustou a mira telescópica, apontando para o tiranossauro, que ainda ignorava a presença deles. Houve uma explosão de gás esbranquiçado e Gennaro viu uma listra branca no ar, na direção do tiranossauro. Mas não aconteceu nada.
O tiranossauro virou-se vagarosamente, curioso, olhando para eles. Moveu a cabeça para o lado, como se os observasse com um olho e depois com o outro.
Muldoon baixara a arma e a recarregava. — Acertou? — Gennaro perguntou. Muldoon fez que não com a cabeça.
— Errei. Esta mira a laser é uma droga... veja se tem uma bateria na caixa.
— Uma o quê?
— Uma bateria — Muldoon repetiu. — Tem o tamanho de seu dedo. Cinza.
Gennaro abaixou-se para olhar na caixa metálica. Sentia a vibração do jipe, o motor em funcionamento. Não encontrou a tal bateria. O tiranossauro rugiu. Para Gennaro, foi um som terrível, saindo da imensa cavidade peitoral do rex, ecoando na paisagem. Ele se sentou e segurou o volante, levando a outra mão ao câmbio. Pelo rádio, ouviu uma voz:
— Muldoon. Aqui fala Arnold. Saia daí. Desligo.

— Sei o que estou fazendo — Muldoon disse.
Muldoon manteve sua posição. Apesar da criatura gigantesca correr em sua direção, ergueu lenta e metodicamente a arma, apontou e atirou. Gennaro viu a fumaça branca e a listra no ar, na direção do animal.
Nada mudou. O tiranossauro avançava depressa. De repente Muldoon saiu correndo e gritou: — Fuja! Fuja!
Gennaro engatou a marcha e colocou o jipe em movimento. Muldoon segurou na porta quando o veículo deu um pulo para a frente. O tiranossauro aproximava-se rapidamente, e Muldoon, abrindo a porta, pulou para dentro.
— Depressa! Pise fundo!
Gennaro apertou o acelerador. O jipe deu um solavanco, a dianteira se ergueu e eles viram apenas o céu no pára-brisa, depois bateu no chão e seguiu em frente. Gennaro dirigia para as árvores agrupadas à esquerda, quando olhou pelo retrovisor e viu que o tiranossauro, soltando um urro, tomava a direção oposta. Gennaro diminuiu a velocidade.
— Meu Deus.
Muldoon balançava a cabeça.
— Eu podia jurar que o acertei na segunda vez. — Acho que errou — Gennaro disse.
— A agulha deve ter quebrado antes de injetar o tranqüilizante. — Admita, você errou.

— É — Muldoon disse, suspirando. — Errei. A bateria estava descarregada na mira a laser. Minha culpa. Eu deveria ter checado, afinal ficou ao relento a noite inteira. Vamos voltar para pegar mais cargas.
O jipe seguiu para o norte, na direção do hotel. Muldoon apanhou o rádio.
— Controle.
— Sim — Arnold respondeu.

— Voltamos para a base.

O rio tornara-se ainda mais estreito e rápido. O bote seguia cada vez mais acelerado. Parecia até um passeio num parque de diversões. — Upa! — Alexis gritou, segurando-se na amurada. — Mais depressa!
Grant semicerrou os olhos, checando o rio à frente. Estreito e escuro, por enquanto. Mais adiante, contudo, a mata terminava, o sol brilhava forte na água e um ronco distante já podia ser ouvido. A correnteza parecia terminar abruptamente, numa linha reta muito peculiar...
O bote ia cada vez mais rápido.
Grant agarrou os remos.
— O que foi?
— Uma cachoeira — Grant anunciou.
O barco saiu das sombras da mata para a claridade intensa da manhã ensolarada, e deslizou empurrado pela correnteza, em direção à cachoeira. O ronco tornou-se mais audível. Grant remava com o máximo de força possível, mas o bote só fazia girar com isso, seguindo inexoravelmente para a queda.
Alexis agarrou-se a ele.
— Não sei nadar!
Grant viu que ela não estava usando o colete salva-vidas, mas não dava mais tempo de fazer nada. Numa velocidade alucinante chegaram na beirada, e o ronco da cachoeira encheu seus ouvidos. Grant enfiou o remo na água, sentiu que se prendia a algo, e segurou firme, bem na beirada. O bote de borracha estremeceu na correnteza, mas eles não caíram. Grant segurou o remo com força e olhou para baixo, vendo a queda de quinze metros terminar numa piscina natural de águas revoltas.
E, parado na beirada, esperando por eles, o tiranossauro. Alexis gritava de terror. O barco girou, libertando-se, atirando-os no ar e na água, e eles caíram inapelavelmente. Grant ergueu os braços

e o mundo repentinamente ficou quieto e lento.

Teve a impressão de cair durante muito tempo. Observou Alexis, agarrada ao salva-vidas laranja, caindo junto com ele. Acompanhou a queda de Tim, olhando para o fundo. Observou a água borbulhando na piscina natural, seu destino, enquanto caía lentamente, no silêncio. Depois, sentindo uma pontada de dor, Grant mergulhou na água fria e foi rodeado por bolhas brancas. Ele rolou e foi arrastado, vendo de relance a perna do tiranossauro ao passar girando pela piscina e seguir pelo rio. Grant nadou para a margem, tentou subir nas pedras, escorregou, agarrou um galho e finalmente conseguiu se livrar da correnteza. Sem fôlego, subiu numa pedra e olhou para o rio, bem a tempo de ver o bote de borracha passando por ele. Depois veio Tim, lutando contra a correnteza. Agarrando o braço do menino, puxou-o para fora, trêmulo e engasgado.
Grant olhou para a cachoeira e viu que o tiranossauro mergulhava a cabeça na piscina. A cabeça monstruosa balançou, espalhando água para todos os lados. Tinha algo entre os dentes. O tiranossauro ergueu a cabeça.
Pendurado nas presas estava o colete salva-vidas laranja de Alexis.

No segundo seguinte, Alexis surgiu na superfície, ao lado da longa cauda do dinossauro. Boiava com a cara dentro d'água, o pequeno corpo arrastado pelo rio. Grant mergulhou atrás dela e novamente foi dominado pela correnteza possante. Com um esforço supremo, trouxe-a para as pedras. Era um peso inerte, com o rosto acinzentado. De sua boca escorria água. Grant debruçou-se e fez a respiração boca a boca. Ela tossiu, depois vomitou um líquido amarelo-esverdeado, e tossiu novamente. As pálpebras se moveram.
— Oi — disse. — Conseguimos.
Tim começou a chorar. Ela tossiu de novo.

— Quer parar? Por que está chorando?
— Porque sim.
— Estávamos preocupados com você — Grant disse. Pequenos flocos brancos passaram no rio. O tiranossauro despedaçava o salva- vidas. De costas para eles, virado para a cachoeira. Mas a qualquer momento o animal poderia vê-los... — Vamos embora, crianças. — Para onde? — Alexis perguntou.
— Vamos logo! — Ele procurava um lugar para se esconder. Rio abaixo, viu apenas um descampado que não oferecia proteção. Rio acima havia o dinossauro. Então Grant avistou uma trilha saindo do rio. Parecia levar à parte superior da cachoeira. E na lama reparou na marca deixada por um sapato. Virada para o caminho.
O tiranossauro finalmente se voltou, grunhindo para o descampado. Parecia ter se dado conta de que haviam escapado. O animal procurou por eles rio abaixo. Grant e as crianças esconderam-se entre as samambaias gigantescas que cresciam na beira do rio. Com cautela, seguiram rio acima. — Para onde vamos? — Alexis tornou a perguntar. — Estamos voltando.
— Eu sei.
Estavam bem perto da cachoeira, o barulho aumentara. As pedras tornaram-se escorregadias, a trilha barrenta, a névoa constante. Era como andar dentro de uma nuvem. A picada parecia levar diretamente para a cachoeira, mas quando chegaram mais perto, Grant notou que na verdade conduzia a um lugar atrás da queda d'água. O tiranossauro olhava para o rio, de costas para eles. Eles correram pelo caminho, e já estavam quase atrás da cachoeira quando Grant percebeu que o tiranossauro finalmente se virará em sua direção. Depois ficaram totalmente atrás da queda, e Grant não viu mais nada através da cortina prateada.
Ele observou em torno, surpreso. Havia um pequeno recesso ali, pouco maior do que uma sala, cheio de máquinas. Bombas, filtros

enormes e tubulação. Tudo molhado e frio.
— Ele viu a gente? — Alexis gritou, para ser escutada acima do ruído da água. — Onde estamos? O que tem aqui? Ele nos viu? — Espere um pouco — Grant disse, estudando o equipamento. Obviamente, a maquinaria pertencia ao parque. Precisava de eletricidade para funcionar, de modo que poderia haver um telefone. Procurou entre os filtros e canos.
— O que está fazendo? — Alexis gritou de novo. — Procurando um telefone. — O relógio marcava dez da manhã. Tinha pouco mais de uma hora para contatar o navio antes que chegasse ao continente.
No fundo encontrou uma porta de metal onde se lia: "Manut 04", mas estava trancada. Perto dela havia uma abertura para cartão magnético de segurança. Ao longo da parede, descobriu uma série de caixas metálicas. Abriu-as uma a uma, mas só achou interruptores e peças. Nada de telefone. E nada que acionasse a fechadura da porta. Quase deixou passar a caixa perto da porta. Ao abri-la, achou um teclado numérico, com nove botões, coberto de bolor verde. Mas parecia servir para abrir a porta, e ele intuiu que do outro lado encontraria um telefone. Viu que o número mil e vinte e três fora rabiscado

na caixa de metal. Ele teclou. Com um silvo, a porta se abriu. Do outro lado, escuridão completa, e degraus que levavam para baixo. Na parede uma seta apontando a descida e um aviso, dizendo: "Veículo de Manutenção 04/22". Encontrariam mesmo um carro? — Vamos, garotada.

— Esqueça — Alexis disse. — Não vou entrar aí. — Vamos logo — Tim pediu.

— De jeito nenhum. Está tudo escuro. Não vou entrar. — Tudo bem — Grant disse. Não havia tempo para argumentar. — Espere aí que eu já volto.

— O que vai fazer? — Alexis perguntou, subitamente assustada. Grant deu um passo à frente, passando pela porta. Com um bip

eletrônico, ela se fechou.
Grant mergulhou na escuridão total. Depois de um momento de espanto, apalpou a porta, sentindo sua superfície molhada. Não encontrou maçaneta nem dobradiça. Passou a mão na parede ao lado, procurando um interruptor, uma caixa de controle, qualquer coisa... Não achou nada.
Lutava contra o pânico, quando seus dedos tocaram um cilindro metálico. Tateou sobre a superfície arredondada, a parte plana... uma lanterna! Ligou-a e ficou surpreso com a intensidade da luz. Olhou para a porta e viu que não abria mesmo por dentro. Precisaria esperar que as crianças a destrancassem. Enquanto isso... Começou a descer os degraus. Estavam úmidos e escorregadios por causa do limo e ele seguiu com cautela. Na metade da escada ouviu um ruído e o som de garras arranhando o concreto. Sacou a pistola de dardos e avançou com mais cuidado.
Os degraus faziam uma curva, e quando iluminou o outro lado ele viu o carro. Era um veículo elétrico, parecido com um carrinho de golfe, virado de frente para um longo túnel que parecia se estender por quilômetros. Uma luz vermelha brilhava perto do volante, indicando que deveria estar com a bateria em ordem.
Grant ouviu o som de um animal que farejava novamente, virou e percebeu que uma sombra pálida pulava em sua direção, de boca aberta. Sem pensar, disparou. O animal caiu em cima dele, derrubando-o, e Grant rolou para longe assustado. A lanterna girou no ar. Mas o animal não se ergueu, e ele se sentiu um tolo quando o viu. Era um velociraptor, muito jovem, com menos de um ano. Tinha cerca de sessenta centímetros de altura, o tamanho de um cachorro médio, e jazia estendido no chão, respirando com dificuldade, o dardo preso abaixo da mandíbula. Era anestésico demais para seu tamanho e Grant puxou o dardo depressa. O velociraptor o encarou com olhos ligeiramente vidrados.
Grant percebeu claramente a inteligência daquela criatura, uma espécie de suavidade que contrastava estranhamente com a ameaça

representada pelos adultos do cercado. Segurou a cabeça do
velociraptor, tentando acalmá-lo. Olhou para o corpo, que tremia ligeiramente com o efeito do tranqüilizante. Então notou que se tratava de um macho.
Um animal jovem, e macho. Não havia como se equivocar. O velociraptor nascera no mato.
Excitado com a descoberta, ele subiu a escada apressado, voltando para a porta. Com a lanterna, examinou a superfície lisa e as paredes. Enquanto passava a mão pela porta, se deu conta de que estava trancado por dentro, e o único modo de abrir a passagem seria por fora. Isso dependia da iniciativa das crianças. Ele podia ouvi-las, debilmente, do outro lado.
— Doutor Grant! — Alexis gritou, batendo na porta. — Doutor Grant!
— Vá com calma — Tim disse. — Ele voltará. — Mas para onde foi?
— Olhe, o doutor Grant sabe o que faz — Tim respondeu. — Voltará num minuto.
— Já devia ter voltado — Alexis disse. Ela levou as mãos ao quadril e bateu o pé com raiva.
Naquele momento, com um rugido, o tiranossauro enfiou a cabeça pela cachoeira.
Tim observou horrorizado quando a imensa boca se escancarou. Alexis gritou e se atirou no chão. A cabeça movimentou-se de um lado para outro e afastou-se. Mas Tim via a sombra do animal do outro lado da lâmina de água.
Ele puxou Alexis para o fundo, bem na hora em que as mandíbulas atacavam novamente e a língua grossa procurava pela presa. A água batia na cabeça e se espalhava por toda parte. Alexis aninhou-se perto de Tim, tremendo. — Eu o odeio — disse. Recuaram o máximo possível, mas o local estava cheio de máquinas. Não havia um esconderijo seguro. A cabeça surgiu de novo na água, mais lenta desta vez, e o

queixo pousou no chão. O tiranossauro roncou, abrindo as ventas,

sentindo o ar. Mas os olhos permaneciam para lá da água. Ele não pode nos ver, Tim pensou. Sabe que estamos aqui, mas não enxerga nada por causa da água.
O tiranossauro farejou.
— O que ele está fazendo? — Alexis perguntou baixinho. — Psiu.
Com um ronco demorado, a boca se abriu e a língua saiu para fora. Era grossa e preta-azulada, com uma pequena bifurcação na ponta. Tinha mais de um metro, e com facilidade chegaria até a parede do fundo. A língua passeou pelos equipamentos. Tim e Lex se esconderam perto dos canos.
A língua moveu-se lentamente para a esquerda, depois para a direita, sentindo as máquinas. Tim percebeu que aquilo se movimentava graças aos músculos, como uma tromba de elefante. A língua pesquisou o canto direito, passando pela perna de Alexis. — Aaaaii — ela gritou.
A língua parou. Curvando-se, começou a subir, como uma cobra, pelo corpo da menina.
— Não se mexa — Tim sussurrou.
Passou pelo rosto, depois pelo ombro de Tim, e finalmente parou em sua cabeça. Tim fechou os olhos, quando o músculo pegajoso cobriu sua face. Era quente e úmida e fedia a urina. Envolvendo-o, a língua começou a puxá-lo lentamente na direção da boca aberta.
— Timmy...
Tim não podia responder. Sua boca fora coberta pela língua negra. Podia ver, mas não falar. Alexis segurou sua mão. — Vamos, Timmy!
A língua o arrastava para a boca resfolegante. Ele sentiu o hálito morno nas pernas. Alexis o puxava, mas não era páreo para os músculos poderosos. Tim largou-lhe a mão, e apertou a língua com todos os dedos, tentando libertar a cabeça. Nem sequer a moveu.

Enterrou os calcanhares no chão enlameado, mas foi arrastado assim
mesmo. Alexis o abraçou pela cintura e puxou com força, gritando, mas era incapaz de impedir que fosse puxado. Ele começava a ver estrelas. Uma espécie de paz o invadiu, uma sensação de que o inevitável se aproximava.
— Timmy?
De repente a língua relaxou e o soltou. Tim sentiu que seu rosto estava livre. Apesar do corpo coberto pela espuma pegajosa da saliva, experimentou profundo alívio quando viu a língua bater contra o chão. As mandíbulas se fecharam, mordendo o gigantesco órgão. O sangue escuro jorrou, misturando-se ao barro. As narinas ainda se moviam, devido à respiração ofegante.
— O que ele está fazendo? — Alexis gritou. E depois, lentamente, muito lentamente, a cabeça começou a recuar, saindo do esconderijo, deixando uma marca funda na lama. Finalmente desapareceu atrás da cortina prateada de água.

CONTROLE

— Tudo bem — Arnold disse na sala de controle. — O rex apagou. — Ele empurrou a cadeira e sorriu ao acender o último cigarro, dispensando o maço vazio. Pronto: era o último passo para pôr o parque nos eixos. Precisavam apenas ir lá e pegá-lo. — Filho da mãe — Muldoon xingou, olhando para o monitor. — Eu o acertei, afinal de contas. — Olhou para Gennaro. — Ele demorou uma hora para sentir o efeito.
Henry Wu fechou a cara ao observar a tela. — Corre o risco de se afogar, naquela posição. — Não vai se afogar — Muldoon garantiu. — Nunca vi um animal tão difícil de abater.
— Creio que precisamos ir até lá logo, para pegá-lo — Arnold disse.
— É o que faremos — Muldoon respondeu. Mas não parecia muito animado.

— Trata-se de um animal valioso.
— Sei que é valioso — Muldoon retrucou. Arnold voltou-se para Gennaro. Não resistia a um momento de triunfo.
— Gostaria de registrar que agora o parque voltou completamente ao normal. Não importa o que o modelo matemático de Malcolm afirma. Temos controle completo da situação. Gennaro apontou para a tela atrás da cabeça de Arnold: — O que é aquilo?
Arnold se virou. Era o quadro de condição geral do sistema, no canto superior da tela. Normalmente ficava vazio. Arnold surpreendeu- se ao ver que apresentava uma mensagem em amarelo: "Força Auxiliar Baixa". Por um momento, não entendeu. Como a força auxiliar poderia

estar baixa? Trabalhavam com a força principal, não a auxiliar. Pensou
que poderia ser um teste de rotina da força auxiliar, talvez do nível dos tanques ou das baterias...
— Henry — Arnold chamou Wu. — Dê uma olhada nisso. — Está trabalhando com a força auxiliar? — Wu indagou. — Não.
— Mas dá a impressão de que está.
— Não pode ser.
— Chame a tela de verificação do sistema — Wu sugeriu. Aquilo indicaria as condições operacionais nas últimas horas. Arnold teclou o comando e eles ouviram o zumbido da impressora no canto da sala. Wu foi até lá. Arnold olhou para a tela. A mensagem passou de amarelo para vermelho, e dizia agora: "Falha na Força Auxiliar". Os números começaram uma contagem regressiva, a partir de vinte. — O que está acontecendo afinal? — Arnold perguntou. Cautelosamente, Tim avançou alguns metros na trilha barrenta, iluminada pelo sol. Olhou para a piscina da cachoeira e viu o tiranossauro caído de lado, flutuando.
— Espero que esteja morto — Alexis disse. Tim notou que não: o peito do dinossauro ainda se movimentava, e um braço tremia. Mas havia algo de errado com ele. Então Tim viu o cilindro metálico na cabeça, perto da orelha. — Ele foi atingido por um dardo — falou. — Que bom — Alexis suspirou. — Ele quase nos comeu. Tim observou a respiração difícil do animal e sentiu-se inexplicavelmente triste ao ver o tiranossauro naquele estado. Não queria que morresse.
— Não é culpa dele — falou.
— Claro — Alexis ironizou. — Praticamente nos devorou, mas não é culpa dele.
— Ele é um carnívoro. Apenas seguiu seu instinto. — Você não diria isso — Alexis falou —, se estivesse no

estômago dessa fera agora.
Depois o som da cachoeira mudou. De um ruído ensurdecedor passou a um murmúrio suave. A cortina de água diminuiu, tornou-se um fio... E parou.
— Timmy, a cachoeira parou — Alexis gritou. Agora pingava como uma torneira que não fora completamente fechada. A piscina na base acalmou-se. Eles pararam perto do topo, na fenda cheia de máquinas, e olharam para baixo. — As cachoeiras não param — Alexis disse. Tim balançou a cabeça.
— Deve ser a força... Alguém desligou a energia. — Atrás deles, as bombas e filtros paravam de funcionar um a um, e as luzes piscaram. Todas as máquinas pararam.
Depois ouviram um estalo de mola que se soltava, e a porta marcada "Manut 04" se abriu. Grant saiu, piscando com a luz forte. — Bom trabalho, crianças. Conseguiram abrir a porta. — Não fizemos nada — Alexis respondeu. — A força acabou — Tim informou.
— Não faz mal — Grant disse. — Venham ver o que eu achei.
Arnold arregalou os olhos, em estado de choque. Um a um, os monitores escureceram, e depois as luzes se apagaram, mergulhando a sala de controle em confusão. Todos começaram a gritar ao mesmo

tempo. Muldoon abriu as persianas para deixar entrar um pouco de luz. Wu leu o informe retirado da impressora.
— Olhe só para isso — alertou.

Hora
Evento
Status do Sistema
Código
05:12:44
Segurança 1 Off
Operativo
[AVI 2]
05:12:45
Segurança 2 Off
Operativo
[AV12]
05:12:46
Segurança 3 Off
Operativo
[AV12]
05:12:51
Comando Desligar
Desligado
[-AV0]
05:13:48
Comando Iniciar
Desligado
[-AV0]
05:13:55
Segurança 1 On
Desligado
[-AV0]
05:13:57
Segurança 2 On
Desligado
[-AV0]
05:13:59
Segurança 3 On
Desligado
[-AV0]
05:14:08
Comando Iniciar
Ligado-Força Auxiliar
[-AV1]
05:14:18
Monitor-Principal
Operativo-Força Auxiliar

[AV04]
05:14:19
Segurança-Principal
Operativo-Força Auxiliar
[AV05]
05:14:22
Comando-Principal
Operativo-Força Auxiliar
[AV06]
05:14:24
Laboratório-Principal
Operativo-Força Auxiliar
[AV08]
05:14:29
TeleCom-VBB Operativo-Força Auxiliar
[AV09]
05:14:32
Esquema-Principal Operativo-Força Auxiliar
[AV09]
05:14:37
Visão Operativo-Força Auxiliar [AB09]
05:14:44
Checagem do Status do Controle
Operativo-Força Auxiliar
[AV09]
05:14:57
Aviso: Status da Cerca [NB]
Operativo-Força Auxiliar
[AV09]
09:11:37
Aviso: Combustível Auxiliar 20%) Operativo-Força Auxiliar [AVZZ]
09:33:19
Aviso: Combustível Auxiliar 10%) Operativo-Força Auxiliar [AVZ1]
09:53:19
Aviso: Combustível Auxiliar (1%)
Operativo-Força Auxiliar
[AVZ2]
09:53:39
Aviso: Combustível Auxiliar (0%)
Desligado
[-AV0]

— Você desligou o sistema às cinco da manhã e quando o ligou novamente, ele passou a usar a força auxiliar — Wu concluiu. — Meu Deus — Arnold murmurou. Aparentemente, a força principal estava fora de uso desde o momento em que o sistema fora desligado. Quando o acionaram novamente, operaram só com a força auxiliar. Arnold considerou isso muito estranho, mas de repente se deu conta de que era normal. Fazia sentido, deveria acontecer mesmo. O gerador auxiliar fora ligado primeiro

porque precisavam de uma carga alta para acionar o gerador principal. O sistema fora planejado para reagir assim.
Mas Arnold nunca tivera a oportunidade de desligar a força principal. Quando as luzes e telas voltaram a funcionar na sala de controle, não lhe ocorrera que a força principal não havia sido restaurada.
Desde aquele momento o parque estava sendo mantido em funcionamento pela força auxiliar. Nesse meio tempo, tinham procurado pelo rex e feito várias outras coisas, o que havia sido lamentável. Na verdade, as conseqüências só agora começavam a ficar claras... — O que quer dizer esta linha? — Muldoon perguntou,

apontando para a lista.

05:14:57 Aviso: Status da Cerca [NB] Operativo-Força Auxiliar [AV09]
— Significa que um aviso foi enviado aos monitores da sala de controle — Arnold disse. — E se referia às cercas. — Você viu esse aviso?
Arnold fez que não com a cabeça.
— Não. Acho que eu estava conversando com você enquanto percorria o parque. Não vi nada.
— O que significa "Aviso: Status da Cerca"? — Bem, naquele momento eu não sabia, mas estávamos funcionando com a força auxiliar. E o gerador auxiliar não produz amperagem suficiente para eletrificar as cercas, de modo que ficaram automaticamente desligadas. Muldoon empalideceu. — As cercas eletrificadas estavam desligadas? — Estavam.
— Todas elas? Desde as cinco da manhã? Nas últimas cinco horas?
— Sim.
— Inclusive as cercas da área dos velociraptores? Arnold suspirou.
— Sim.
— Meu Deus — Muldoon disse. — Cinco horas. Os animais podem ter escapado.
E, de repente, ouviram um grito ao longe. Muldoon começou a falar muito depressa. Percorreu a sala, distribuindo os rádios portáteis. — O senhor Arnold vai para o abrigo da manutenção e ligará a força principal. Doutor Wu, fique na sala de controle. E a única pessoa que pode lidar com o computador. Senhor Hammond, volte para o alojamento. Não discuta comigo. Saia imediatamente. Tranque os portões e fique lá dentro até receber novas instruções minhas. E u vou ajudar Arnold com os velociraptores. — Ele se virou para Gennaro: —

Gostaria de viver perigosamente mais uma vez?
— Não — Gennaro disse, pálido.
— Está bem. Então fique com os outros no alojamento. — Muldoon falou ao grupo: — E só por enquanto. Agora mexam-se! Hammond protestou:
— O que pretende fazer com meus animais? — A questão não é esta, senhor Hammond — Muldoon disse. — A questão é: o que eles pretendem fazer conosco? Cruzando a porta, ele disparou pelo corredor, até seu escritório. Gennaro o acompanhou.
— Mudou de idéia? — Muldoon indagou.
— Vai precisar de ajuda.
— Vou mesmo. — Muldoon entrou na sala cuja porta dizia: "Supervisor dos Animais", pegou o lançador de foguetes cinza e destrancou um armário na parede, atrás de sua mesa. Havia seis cilindros e seis caixas.
— O problema destes dinossauros danados — comentou — é com o sistema nervoso, por causa do tamanho deles. Demoram a morrer, mesmo com um tiro no cérebro. E possuem uma ossatura forte. As

costelas grossas tornam um tiro no coração muito arriscado, e é difícil imobilizá-los acertando nas pernas. Sangram devagar, morrem devagar. — Ele jogou um cinto grosso para Gennaro. — Leve isso. Gennaro afivelou o cinto e Muldoon entregou-lhe os projéteis. — Nossa única esperança é estourar os bichos. Infelizmente, só temos seis projéteis aqui. E há oito raptores no cercado. Vamos logo. Fique perto de mim. Está com os projéteis. Muldoon saiu apressado pelo corredor, olhando para baixo, onde ficava o caminho que levava ao abrigo de manutenção. Gennaro o acompanhava ofegante. Chegaram ao térreo e cruzaram as portas de vidro. Muldoon parou.
Arnold, de costas para o abrigo da manutenção, estava cercado por três raptores que se aproximavam dele. Arnold pegara uma vara e gritava com os animais, gesticulando muito. Os raptores se espalharam

em volta dele, em leque. Um ficou no meio, os outros dois nas laterais.
Coordenados. Espertos. Gennaro arrepiou-se. Agiam em conjunto.
Muldoon já estava ajoelhado, levando o lançador de foguetes ao ombro.
— Carregue — ordenou a Gennaro, que enfiou o projétil. Houve um zumbido elétrico. Nada aconteceu. — Você o colocou ao contrário — Muldoon constatou, virando o cano para baixo. O projétil caiu nas mãos de Gennaro, que o enfiou na posição certa. Os raptores ros-navam para Arnold quando o animal da esquerda simplesmente explodiu, a parte superior do corpo voando no ar e o sangue se espalhando como um tomate pisado nas paredes do prédio. A parte inferior do corpo caiu no chão, as pernas e a cauda agitando-se.
— Isso vai dar um susto neles — Muldoon disse. Arnold correu para o abrigo de manutenção. Os velociraptores viraram na direção de Muldoon e Gennaro. Separaram-se ao se aproximar. Ao longe, em algum ponto próximo do alojamento, ouviram gritos.
— Pode acontecer um desastre — Gennaro apavorou-se. — Carregue — Muldoon disse, seco.
Henry Wu escutou as explosões e olhou para a porta da sala de controle. Passeou entre os consoles e parou. Queria sair, mas sabia que precisava ficar na sala. Se Arnold conseguisse religar a força — mesmo por um minuto — Wu ativaria o gerador principal. Ele precisava ficar na sala.
Ouviu alguém gritar. Parecia ser a voz de Muldoon.
Muldoon sentiu uma dor lancinante no tornozelo, rolou por uma encosta, ergueu-se e correu. Olhando para trás, viu Gennaro correndo na direção oposta, para a floresta. Os raptores ignoraram Gennaro, mas perseguiam a ele, Muldoon. Estavam a menos de vinte metros. Muldoon gritava o mais alto possível enquanto corria, pensando vagamente em que direção poderia ir. Pois sabia que restavam uns dez segundos antes

que fosse alcançado.
Dez segundos.
Ou menos.

Ellie precisou ajudar Malcolm a se virar, enquanto Harding injetava a morfina. Malcolm suspirou e se deitou. Enfraquecia visivelmente, a cada minuto. No rádio, ouviu gritos fracos e explosões abafadas, vindas do centro de visitantes. Hammond entrou no quarto.
— Ele está bem? — perguntou.
— Está agüentando — Harding disse. — Delira um pouco. — Deliro coisa nenhuma — Malcolm protestou. — Estou muito consciente. — Eles ouviram os barulhos no rádio. — Pelo jeito há uma guerra lá fora.
— Os raptores escaparam — Hammond contou. — Escaparam, é? — Malcolm respirava com dificuldade. — Mas como uma coisa dessas foi acontecer?

— Houve um colapso no sistema. Arnold não percebeu que operava com a força auxiliar e as cercas ficaram desligadas. — Sei.
— Vá para o inferno, seu filho da mãe metido. — Se bem me recordo — Malcolm disse — eu predisse que as cercas falhariam.
Hammond suspirou, sentando-se esgotado. — Que se dane tudo. Você deve ter notado que no fundo pretendíamos fazer algo muito simples aqui. Meus colegas e eu descobrimos, há vários anos, que era possível clonar DNA de um animal extinto e produzi-lo. Parecia ser uma idéia maravilhosa, uma espécie de viagem no tempo: a única viagem no tempo possível. Trazê-los de volta à vida, por assim dizer. E como era tão excitante, e possível, decidimos tentar. Compramos a ilha e implantamos o projeto. Tudo muito simples. — Simples? — Malcolm disse, arranjando forças para se sentar na cama. — Simples? Você é mais tolo do que eu pensava. E eu já

pensava que era bem tolo.
— Doutor Malcolm, por favor — Ellie censurou, tentando fazer com que deitasse de novo. Mas Malcolm se recusou. Ele apontou para o rádio, de onde vinham gritos desesperados. — O que está acontecendo lá fora? Eis aí sua idéia simples. Simples. Cria novas formas de vida, sobre as quais nada sabe. O doutor Wu nem conhece o nome dos animais que fabrica. Ele não se preocupa com detalhes como o nome dos seres que produz. E muito menos com o que são. Criaram muitos, em pouco tempo, nunca aprenderam nada a respeito deles. Mas esperavam que se comportassem direitinho. Afinal, vocês os geraram, era seus donos. Esqueceram-se de que tratavam com criaturas vivas, com inteligência própria, que poderiam não se comportar como esperado. Esqueceram-se de que sabiam muito pouco e agiram como incompetentes, fazendo as coisas que chama frivolamente de... "simples". Meu Deus...
Ele se deitou, tossindo.
— Sabe o que está errado no poder da ciência? — continuou. — Trata-se de uma forma de riqueza herdada. Sabe o quanto as pessoas que nascem ricas são idiotas.
Hammond resmungou:
— Do que ele está falando?
Harding fez um sinal, indicando que delirava. Malcolm piscou o olho.
— Vou explicar o que estou dizendo. A maior parte dos poderes exige um sacrifício substancial de quem os deseja. Existe um aprendizado, uma disciplina que dura anos. Isso vale para diversos tipos de poder. A presidência de uma grande empresa. Faixa preta em caratê. Guru espiritual. Seja o que for, exige tempo, prática, esforço. Precisa abrir mão de muitas coisas para chegar lá. É necessário que dê muita importância ao que almeja. Quando consegue chegar lá, tem o poder. Não pode ser dado a outro, existe dentro da pessoa. Literalmente, é o resultado da disciplina. Esse processo tem um aspecto interessante. Quanto uma pessoa adquire a habilidade de matar com as

mãos nuas, também amadureceu a ponto de não sair por aí matando
gente. Esse tipo de poder traz consigo um controle. A disciplina necessária para conseguir o poder modifica a pessoa, ensinando-a a não abusar dele. Mas o poder da ciência é como a fortuna herdada: não exige disciplina. A pessoa lê o que outros escreveram e dá o passo seguinte. Isso pode ser feito na juventude. Progride-se rapidamente. Não há necessidade de décadas de disciplina. Não há mestres: os velhos cientistas são ignorados. Não há humildade perante a natureza. Só se pensa em riqueza rápida, na fama. Minta, falsifique, engane, tudo bem! Ninguém liga, nem você nem seus colegas. Ninguém vai criticá-lo. Não há regras. Todos tentam fazer a mesma coisa: criar algo grande, e depressa. Malcolm fez uma pausa para respirar e retomou o raciocínio: — E como sobe no ombro de um gigante, pode conseguir sucesso rapidamente. Nem chega a entender direito o que fez, mas prepara

textos, patenteia e vende. O comprador tem ainda menos disciplina. Ele simplesmente adquire o poder, como qualquer mercadoria. O comprador nem sabe que a disciplina pode ser necessária.
— Sabem do que ele está falando? — Hammond tornou a perguntar.
Ellie fez que sim com a cabeça.
— Eu não entendi — Hammond disse.
— Vou repetir — Malcolm disse. — Um faixa preta de caratê não sai por aí matando gente com as mãos. Ele não perde a paciência e assassina a esposa. A pessoa que mata é aquela que não tem disciplina, escrúpulos, que comprou o poder de matar adquirindo um 38 na loja. Esse é o tipo de poder que a ciência fornece e autoriza. Por isso você pensou que construir este local fosse simples. — Era simples — Hammond insistiu.
— Então por que deu tudo errado?
Tonto de tanta tensão, John Arnold abriu a porta do abrigo da manutenção e entrou. Estava escuro lá dentro, negro. Ele deveria ter se lembrado de que não haveria luzes. Sentiu o ar frio, as dimensões

cavernosas do espaço vazio, estendendo-se dois pisos para baixo.
Precisava encontrar a passarela. E tomar cuidado para não quebrar o pescoço.
A passarela.
Ele tateou como um cego, até se dar conta da inutilidade de seu esforço. O único jeito era iluminar o abrigo. Ele voltou até a porta e a abriu alguns centímetros. Iluminava um pouco o local. Mas não havia jeito de manter a porta aberta. Rapidamente tirou o sapato e o usou para manter a fresta.
Depois seguiu para a passarela, agora visível. Caminhou pelo piso de metal gradeado, sentindo a diferença nos pés, um calçado e o outro descalço. Pelo menos conseguia enxergar o caminho. A escada para o piso inferior ficava bem à frente. Mais dez metros. Escuridão.
A luz desapareceu.
Arnold olhou para a porta e percebeu que a luz fora bloqueada pelo corpo de um velociraptor. O animal se abaixou e cuidadosamente farejou o sapato.

Henry Wu andava de um lado para o outro. Passava a mão pelos consoles do computador. Tocava as telas. Não conseguia ficar parado. Estava agitado, quase frenético de tanto nervosismo. Repassou mentalmente os procedimentos necessários. Precisava agir rapidamente. A primeira tela se acenderia, e ele... — Wu! — O rádio chamou. Ele o agarrou. — Sim. Estou aqui.
— Conseguiu restaurar a força? — Era Muldoon. Havia algo estranho em sua voz, um vazio.
— Não — Wu disse, sorrindo de satisfação ao saber que Muldoon ainda vivia.
— Acho que Arnold chegou até o abrigo — Muldoon disse. — Depois não sei o que aconteceu.
— Onde está?

— Estou preso.
— O quê?
— Preso dentro de um cano desgraçado — Muldoon disse. — E estou fazendo o maior sucesso.

Colado dentro do cano, melhor dizendo, Muldoon pensou. Havia uma pilha de tubos de drenagem atrás do centro de visitantes e ele se jogara dentro de um deles, o mais próximo, arrastando-se como um desesperado. Os canos eram meio estreitos, mas conseguira entrar e ficar a salvo.
Pelo menos por enquanto, depois que arrancara a perna de um velociraptor com um disparo, quando o filho da mãe abelhudo chegara muito perto do cano. O bicho saíra urrando, e os outros se intimidaram. Só lamentava não ter esperado para ver a cabeça no fim do cano antes de apertar o gatilho.
Mas ainda teria outras chances, porque três ou quatro animais o esperavam lá fora, rosnando.

— Sim, sou muito popular — disse pelo rádio. — Arnold tem um rádio? — Wu perguntou. — Acho que não — Muldoon respondeu. — Fique aí, e espere. Não saia.
Ele não vira como era a outra extremidade do cano, pois entrara muito depressa. E não podia ver agora. Estava preso. Só torcia para que não fosse aberto. Jesus, detestava a idéia de um dos desgraçados morder seu traseiro.

Arnold recuou, na passarela. O velociraptor encontrava-se a uns três metros, procurando-o, avançando na escuridão. Arnold podia ouvir os estalos das patas mortíferas no metal. Mas ele avançava lentamente. Arnold sabia que o animal enxergava bem, mas o piso da passarela e os odores mecânicos pouco familiares o tornavam mais cauteloso. Aquela cautela era sua única esperança. Se conseguisse chegar na escada e descer para o piso

inferior...
Porque tinha quase certeza de que os velociraptores não desciam escadas. Pelo menos não desceria aquela, com degraus tão pequenos e íngremes.
Arnold olhou por cima do ombro. Os degraus estavam a pouco mais de um metro. Mais um passo...
Chegara! Recuando, segurou o corrimão e desceu os degraus quase verticais. Seus pés tocaram o piso de concreto. O raptor rosnou de frustração, a seis metros acima dele, na passarela. — Ainda não foi desta vez, cara — Arnold falou, virando-se em seguida. Agora estava muito próximo do gerador auxiliar. Só mais alguns passos, e mesmo no escuro...
Ouviu um baque surdo atrás de si.
Arnold olhou para trás.
O raptor estava parado ali embaixo no piso de concreto, rosnando.
O miserável tinha pulado.
Olhou em volta, procurando algo que servisse de arma. De repente, foi jogado de costas no chão. Algo pesado comprimia seu peito, não conseguia respirar. O animal estava em cima dele. Sentiu as garras fortes rasgando a carne do tórax e o hálito morno contra o rosto. Desesperado, Arnold abriu a boca para gritar. Ellie segurava o rádio, escutando. Dois empregados, sabendo que ali estariam seguros, tinham vindo para o alojamento. Mas nenhum outro chegara nos últimos minutos. E lá fora reinava o silêncio. Pelo rádio, Muldoon perguntou:
— Quanto tempo já passou?
— Quatro ou cinco minutos — Wu respondeu. — Arnold deveria ter ligado o gerador a esta altura — Muldoon preocupou-se. —- Tem alguma idéia? — Não — Wu disse.
— Notícias de Gennaro?
A voz de Gennaro soou imediatamente:

— Estou aqui.
— Onde se meteu, diacho? — Muldoon esbravejou. — Estou a caminho do prédio da manutenção — Gennaro informou. — Tomara que eu tenha sorte.

Gennaro agachou-se no meio da vegetação, escutando atento. Bem na sua frente estendia-se o caminho entre canteiros, levando ao centro de visitantes. Sabia que o abrigo da manutenção ficava a leste. Ouviu o chilrear dos pássaros nas árvores. Uma brisa suave soprava. Um dos raptores rugiu, ao longe. Gennaro correu, mergulhando na folhagem.
Gosta de viver perigosamente?
Nem um pouco.
Era verdade, não gostava mesmo. Mas Gennaro achou que tinha um plano, ou pelo menos uma

esperança. Se ficasse ao norte do complexo principal de prédios, poderia aproximar-se do abrigo por trás. Todos os raptores provavelmente rodeavam os outros edifícios, ao sul. Não teriam motivos para permanecer no mato. Pelo menos ele esperava que não.
Movia-se com cuidado, embora soubesse que fazia muito barulho. Diminuiu a velocidade, estava perdendo o fôlego. A vegetação era muito densa, não via mais do que dois ou três metros à frente. Temia passar reto pelo abrigo da manutenção. Então avistou o teto, à direita, acima das palmeiras.
Ele seguiu na direção do abrigo pela lateral. Encontrou a porta e a abriu, entrando. Estava escuro. Tropeçou em alguma coisa. Um sapato masculino.
Gennaro franziu a testa. Escancarou a porta e penetrou mais fundo no prédio. Viu uma passarela à frente. De repente se deu conta de que não sabia para onde ir. E havia deixado o rádio para trás. Droga! Deveria haver um rádio em algum lugar do abrigo de manutenção. Ou talvez fosse melhor procurar o gerador e pronto. Sabia

reconhecer um gerador. Provavelmente ficava no andar de baixo.
Encontrou uma escada que levava ao piso inferior. Lá embaixo estava mais escuro ainda, era difícil ver qualquer coisa. Tateando, avançou por entre os canos, mantendo as mãos à frente para não bater a cabeça em nada. Ouviu um animal rosnar e parou. Escutou, mas o som não se repetiu. Avançou cautelosamente. Algo pingou em seu ombro, escorrendo pelo braço. Era quente, líquido. Ele tocou o braço no escuro. Pegajoso. Cheirou o líquido.
Sangue.
Olhou para o alto. O raptor estava trepado num cano, um pouco acima de sua cabeça. O sangue pingava de suas garras. Estranhamente, Gennaro pensou que o animal estava ferido. Depois se deu conta da realidade e começou a correr, mas o raptor pulou nas suas costas, jogando-o no chão.
Gennaro era forte. Conseguiu se levantar, empurrando o raptor, e rolou no piso de concreto. Quando virou, viu que o raptor estava caído de lado, agitando as pernas.
Sim, estava ferido. Na perna, por algum motivo. Mate-o.
Gennaro procurou algo que servisse como arma. O raptor ainda estava caído. Procurou desesperado por alguma coisa... qualquer coisa. Quando olhou novamente, o dinossauro tinha desaparecido. E rosnava, oculto nas sombras.
Gennaro fez um círculo completo, com as mãos estendidas. Então sentiu uma dor forte na mão direita. Dentes.
Fora mordido.
O raptor moveu a cabeça e Gennaro perdeu o equilíbrio, caindo. Deitado na cama, lavado em suor, Malcolm escutava o rádio que estalava.
— Alguma coisa? — Muldoon perguntou. — Conseguiu ouvir alguma coisa?

— Nem uma palavra — Wu respondeu.
— Diabos. Houve uma pausa. Malcolm suspirou. — Mal posso esperar para saber qual é seu novo plano. — Eu gostaria de levar todos para o alojamento e formar um grupo. Mas não vejo como.
— Há um jipe na frente do centro de visitantes — Wu informou. — Se eu o levar até aí, acha que consegue chegar até ele? — Talvez. Mas você precisaria abandonar a sala de controle. — Não posso fazer nada aqui, de qualquer maneira. — Deus sabe que fala a verdade — Malcolm concordou. — Uma sala de controle sem eletricidade não controla nada. — Está bem — Muldoon disse. — Vamos tentar. A coisa aqui está ficando preta.
Deitado na cama, Malcolm repetiu:
— Sim, está ficando preta. E vai acabar numa tragédia. — Os raptores nos seguirão até lá — Wu afirmou. — Mesmo assim vamos tentar — Muldoon decidiu. O rádio foi desligado. Malcolm fechou

os olhos, respirando lentamente, tentando se poupar ao máximo. — Relaxe — Ellie pediu. — Fique calmo. — Sabe o que temos aqui? — Malcolm falou. — E u explico. Todas estas tentativas de controlar a situação... refletem a atitude ocidental, que já tem quinhentos anos. Começou na época em que Florença, na Itália, era a cidade mais importante do mundo. O conceito básico de ciência, uma nova maneira de olhar a realidade, uma maneira objetiva, que não dependia d e nossas crenças ou nacionalidades, uma maneira racional, era uma idéia original e excitante naquele tempo. Oferecia possibilidades e esperanças para o futuro, e acabava com o antigo sistema medieval, que tinha centenas de anos. O mundo medieval da política feudal, dogma religioso e superstições fanáticas caiu perante a força da ciência. Mas, na verdade, isso aconteceu porque o mundo medieval não funcionava mais. Não funcionava nem econômica nem intelectualmente, e não se encaixava no novo mundo

que surgia.
Malcolm tossiu.
— Mas agora — ele prosseguiu —, a ciência é o sistema de crenças que tem centenas de anos. E, do mesmo modo que o sistema medieval antes dele, a ciência não se encaixa mais no mundo. A ciência reuniu tanto poder que suas limitações práticas começam a aparecer. Em grande parte por causa da ciência, bilhões de pessoas vivem num mundo pequeno, amontoadas, em contato permanente. Mas a ciência não pode nos ajudar a decidir o que fazer com o mundo, ou a viver. A ciência pode fazer o reator nuclear, mas não pode nos ensinar a construir um. A ciência faz inseticidas, mas não pode nos ensinar a usá-los. E nosso mundo está se poluindo nos pontos fundamentais, ar, água e terra, por causa da ciência descontrolada. — Ele suspirou. — Isso é óbvio para todos.
Malcolm ficou em silêncio por algum tempo. De olhos fechados, respirava com dificuldade. Ellie achou que finalmente dormira. Mas de repente ele se sentou na cama.
— Ao mesmo tempo, o maior argumento intelectual em defesa da ciência desapareceu. Desde Newton e Descartes, a ciência nos oferece explicitamente a possibilidade d o controle total. A ciência reivindicava o poder de controlar tudo, através da compreensão das leis naturais. Mas, no século vinte, esta reivindicação tornou-se inócua, e não pode ser restaurada. Em primeiro lugar, o princípio da incerteza de Heisenberg estabeleceu os limites do que podemos saber a respeito do" mundo subatômico. Ora essa, dizemos. Ninguém vive num mundo subatômico. Não faz diferença na nossa vida cotidiana. Depois o teorema de Gõdel criou limites similares para a matemática, a linguagem formal da ciência. Os matemáticos costumavam pensar que sua linguagem possuía uma verdade intrínseca especial, derivada das leis da lógica. Agora sabemos que a chamada "razão" não passa de um jogo arbitrário. Nada muito especial, como pensávamos que era. Ellie achou que tinha visto um sorriso no rosto de Malcolm. — E agora a teoria do caos prova que a imprevisibilidade faz

parte de nossas vidas diárias. E tão mundana quanto a tempestade que
não conseguimos prever. Com isso, o grande projeto da ciência, acalentado durante tantos séculos, o sonho do controle total, morreu neste nosso século. E com ele muitas das justificações, do aparato racional que justifica os atos da ciência. A ciência sempre disse que não sabia tudo, mas que um dia saberia. Agora sabemos que isso não é verdade. Só uma pretensão tola. Tão errada e equivocada quanto uma criança que pula do alto de um prédio porque acredita que pode voar. — Isso é muito radical — Hammond disse, balançando a cabeça.
— Testemunhamos o fim da era da ciência. A ciência, como qualquer outro sistema fora de moda, está se destruindo. Conforme adquire mais poder, mais se mostra incapaz de lidar com este poder. Porque as coisas estão acontecendo muito depressa atualmente. Há cinqüenta anos, todos ficaram de queixo caído por causa da bomba atômica. Aquilo sim era poder. Ninguém poderia imaginar algo além dela. No entanto, menos de uma década depois da bomba, começamos a ter poder genético. E o poder

genético é muito mais potente do que o poder atômico. E estará ao alcance de todos. Virá em kits para se guardar na garagem. Experiências para crianças. Laboratórios baratos para terroristas e ditadores. E isso forçará todos a fazer a mesma pergunta: "O que devo fazer com meu poder? E esta é a pergunta que a ciência diz que não pode responder.
— E então, o que acontecerá? — Ellie perguntou. Malcolm deu de ombros.
— Uma mudança.
— Que tipo de mudança?
— Todas as grandes mudanças são como a morte — ele afirmou. — A gente só enxerga o outro lado quando chega lá. — E fechou os olhos.
— Coitado — Hammond murmurou, balançando a cabeça. Malcolm suspirou.
— Tem alguma noção de que é improvável que você ou qualquer

um de nós consiga escapar desta ilha com vida, John?

SEXTA ITERAÇÃO

"A recuperação do sistema pode se mostrar impossível."

IAN MALCOLM

VOLTA

O motor elétrico zumbia enquanto o carrinho deslizava pelo escuro túnel subterrâneo. Grant dirigia, com o pé apoiado no fundo. O túnel era uniforme, a não ser pelas aberturas para ventilação no teto, a intervalos, protegidas para evitar a entrada da chuva, tornando-as inúteis como fonte de luz. Mas ele notou que havia excrementos ressecados por toda parte, esbranquiçados. Obviamente, muitos animais passavam por ali.
Sentada a seu lado no carro elétrico, Alexis virou a lanterna para trás, onde o velociraptor estava.
— Por que ele não está respirando direito? — Porque eu o anestesiei — Grant respondeu. — Vai morrer?
— Espero que não.
— Porque o pegamos? — a menina quis saber. — Para provar às pessoas no centro que os dinossauros estão realmente procriando — Grant explicou. — Esse daí é jovem. E macho. — E mesmo? — Alexis tornou a focar a lanterna no animal. — Sim. Agora por favor, ilumine a frente. — Grant ergueu o braço, virando o relógio para ela. — Que horas são? — Dez e quinze.
— Obrigado.
— Isso significa que só temos quarenta e cinco minutos para contatar o barco — Tim falou.
— Já estamos chegando — Grant disse. — Calculo que nos aproximamos agora do centro de visitantes. — Ele não podia afirmar com certeza, mas sentia que o túnel subia um pouco, levando-os

para a superfície.
— Uau! — Tim exclamou.

Tinham acabado de sair para a luz. Havia uma névoa clara,
escondendo parcialmente o prédio que se erguia à frente deles. Grant reconheceu imediatamente B centro de visitantes. Haviam saído bem na frente da garagem!
— Oba! — Alexis gritou. — Nós conseguimos! — Ficou pulando n o banco, enquanto Grant estacionava o carrinho na garagem. Encostadas na parede, encontraram jaulas para animais. Puseram o velociraptor em uma delas, com um prato com água. Depois subiram as escadas que levavam ao acesso do centro de visitantes, no térreo. — Vou comer um hambúrguer! E batatas fritas! Milk shake de chocolate! Chega de dinossauros! Oba!
Eles abriram a porta e entraram no saguão. E emudeceram de espanto.

No saguão do centro de visitantes, as portas de vidro haviam sido quebradas e a névoa fria cinzenta cobria o chão do salão principal. O cartaz dizendo "Quando os Dinossauros Dominavam a Terra", inclinado, balançava ao sabor do vento. O enorme tiranossauro robô estava caído, com as pernas para cima, os canos e fios internos expostos. Do lado de fora, pelo vidro, viram as palmeiras alinhadas na névoa.
Tim e Alexis aproximaram-se da escrivaninha de metal do guarda de segurança. Grant pegou o rádio que encontrou ali e tentou todos os canais.
— Alô, Grant falando. Alguém está ouvindo? Alô, aqui é Grant. Alexis olhou para o corpo do segurança, esticado no chão, à direita. Ela só via os braços e as pernas.
— Alô! Aqui é Grant! Alô.
Alexis se debruçara na mesa, olhando do outro lado. Grant a segurou pela manga.
— Ei, pare com isso.
— Ele está morto? O que é aquilo no chão? Sangue? — É.

— Por que não é vermelho de verdade?
— Você é mórbida — Tim disse.
— O que é "mórbida"? Eu não sou. O rádio estalou. — Meu Deus — disse a voz. — Grant? É você? E depois: — Alan! Alan! - Era Ellie.
— Estou aqui — Grant disse.
— Graças a Deus! — Ellie exclamou. — Tudo bem? — Sim, estou bem.
— E as crianças? Você sabe onde estão?— Aqui comigo. Tudo bem com elas.
— Graças a Deus.
Alexis engatinhava pelo lado da mesa. Grant segurou-lhe a perna.
— Volte aqui.
O rádio estalou de novo.
— ... onde você está?
— No saguão. No saguão do prédio principal. Ele ouviu Wu dizer:
— Meu Deus. Eles estão aqui.
— Alan, preste atenção — Ellie avisou. — Os raptores saíram do cercado. Sabem abrir portas. Talvez estejam no mesmo prédio que vocês.
— Genial. Onde você está? — Grant perguntou. — No alojamento.
— E os outros? Muldoon, todos eles?
— Perdemos algumas pessoas. Mas reunimos a maioria no alojamento.
— Os telefones funcionam?

— Não. O sistema todo entrou em pane. Nada funciona. — Como podemos religá-lo?
— Estamos trabalhando nisso.
— Precisamos religar o sistema — Grant insistiu. — Imediatamente. Caso contrário, dentro de meia hora os raptores

chegarão ao continente.
Ele começou a explicar o problema do barco, quando Muldoon o interrompeu. — Acho que não está entendendo, doutor Grant. Não temos meia hora de vida aqui.
— Como é?
— Os raptores nos seguiram. Há dois deles no telhado agora. — E daí? O prédio é seguro.
Muldoon tossiu.
— Aparentemente não. Nunca imaginamos que os animais chegassem ao telhado. — O rádio estalou. — Devem ter plantado uma árvore perto demais da cerca. Os raptores pularam a cerca e foram para o telhado. De qualquer maneira, as barras de ferro das clarabóias eram eletrificadas, mas estamos sem energia. Eles estão mordendo a grade. — Mordendo a grade?! — Grant estremeceu ao imaginar a cena. — Com que rapidez?
— Bem, eles conseguem morder com uma pressão de dois mil quilos por centímetro quadrado — Muldoon respondeu. — São como hienas, podem cortar ferro com os dentes... — A estática interrompeu a transmissão por alguns instantes.
— Demoram quanto ainda? — Grant perguntou. — Acho que ainda temos uns dez ou quinze minutos antes que eles passem pela clarabóia e entrem no prédio. E, quando entrarem... Espere um minuto, doutor Grant — Muldoon pediu. O rádio foi desligado.

Na clarabóia acima da cama de Malcolm, os raptores acabaram de cortar a primeira barra de ferro. Um deles segurou a ponta do metal e o entortou, arrancando-o. Bateu com a poderosa pata traseira no vidro, que se quebrou. Os cacos caíram sobre a cama de Malcolm. Ellie se abaixou e tirou os pedaços maiores.
— Nossa, como são feios — Malcolm comentou. Com o vidro destruído, ouviam claramente o rosnar dos raptores e o ruído dos dentes cortando o metal. A parte roída por eles brilhava,

prateada. A saliva espumante pingava sobre os lençóis e a mesa de
cabeceira.
— Pelo menos não podem passar ainda — Ellie disse. — Precisam cortar mais uma barra.
— Se Grant conseguisse ir até o abrigo de manutenção... — Wu falou, esperançoso.
— Inferno — Muldoon praguejou. Ele mancava, circulando pela sala, com o tornozelo torcido. — Ele nunca vai chegar lá a tempo de religar a força. Não a tempo de acabar com isso... Malcolm tossiu.
— Sim. — Sua voz era suave como um sussurro. — O que ele disse? — Muldoon perguntou. — Sim — Malcolm disse. — Ele consegue. Podemos... — Podemos fazer o quê?
— Distrair... — Ele gemeu.
— Distrair os animais? Como?
— Vá... até a cerca...
— Sim. E faço o quê? Malcolm sorriu debilmente. — Ponha a mão para fora...
— Jesus Cristo — Muldoon disse, virando-se. — Espere um pouco — Wu chamou. — Ele tem razão. — Há apenas dois raptores aqui. Pelo menos outros quatro estão lá fora. Podemos fazer algo para distraí-los.
— E daí?
— Grant ficará livre para ir até o abrigo da manutenção e ligar o gerador.

— E depois voltar à sala de controle e ligar o sistema? — Exatamente.
— Não vai dar tempo — Muldoon disse. — Não vai dar. — Mas se pudermos atrair os raptores para cá — Wu insistiu — e talvez até tirá-los da clarabóia... pode dar certo. Vale a pena tentar. — Uma isca — Muldoon refletiu.
— Isso mesmo.

— E quem vai ser a isca? Eu não posso. Meu tornozelo está mal.
— Eu posso fazer isso — Wu se ofereceu. — Não — Muldoon recusou. — Você é o único que sabe como lidar com o computador. Precisa dar as instruções para Grant religar o sistema.
— Então eu vou — Harding se adiantou.
— Não — Ellie disse. — Malcolm precisa de você. Eu vou. — Diacho, acho que não vai dar — Muldoon interferiu. — O s raptores vão tentar te pegar, é muito perigoso... Mas ela já estava amarrando o cordão do tênis. — Mas não fale nada para o Grant. Isso o deixaria nervoso.
O hall continuava com seu aspecto fantasmagórico, varrido pela neblina úmida. O rádio ficou silencioso por vários minutos. — Por que não falam com a gente? — Tim perguntou, impaciente.
— Estou com fome — Alexis disse.
— Planejam algo — Grant deduziu. O rádio estalou. — Doutor Grant? ...nry Wu falando. Está me ouvindo bem? — Estou.
— Preste atenção — Wu pediu. — Pode ver os fundos do prédio dos visitantes do ponto onde se encontra agora? Grant olhou pelas portas de vidro dos fundos, distinguindo as palmeiras na neblina.
— Posso — Grant disse. Wu continuou:
— Há um caminho que vai direto até as palmeiras e depois para o abrigo de manutenção. Os geradores e o equipamento de força ficam lá. Acredito que esteve no prédio da manutenção ontem. —

Sim
—
Grant
confirmou.
Entretanto,
ficou
momentaneamente intrigado. Visitara o prédio no dia anterior? Parecia ter sido há anos.
— Então ouça — Wu disse. — Creio que podemos atrair todos os raptores para o alojamento, mas não temos certeza. Nos dê cinco

minutos.
— Está bem — Grant concordou.
— Pode deixar as crianças no refeitório, ficarão seguras. Leve o rádio quando sair.
— Certo.
— Desligue-o quando sair, para não fazer nenhum barulho l á fora. E me chame quando entrar no prédio da manutenção. — Certo.
Grant desligou o rádio. Alexis voltou engatinhando. — Vamos para o refeitório?
— Sim.
Eles se levantaram e começaram a atravessar o saguão enevoado.
— Quero um hambúrguer — Alexis disse.
— Não temos eletricidade para prepará-lo. — Então sorvete.
— Tim, precisa ficar aqui, para ajudá-la. — Certo.
— Terei de sair por algum tempo — Grant explicou. — Eu sei.

Eles se aproximaram da entrada do refeitório. Ao abrir a porta, Grant viu um salão quadrado, com mesas e cadeiras, tendo portas de vaivém ao fundo. Na entrada havia um caixa, com máquina registradora e prateleiras com chicletes e doces.
— Muito bem, crianças, quero que fiquem aqui, aconteça o que acontecer. Entenderam bem?
— Deixe o rádio conosco — Alexis pediu. — Não posso. Preciso dele. Fiquem aqui. Não demoro mais do que cinco minutos. Certo?
— Certo.
Grant fechou a porta. O refeitório ficou completamente às escuras. Alexis cerrou os punhos.
— Acenda a luz — falou para o irmão.

— Não tem eletricidade, não posso — Tim respondeu, e ajustou
seu binóculo de visão noturna.
— Você pode enxergar, mas e eu?
— Segure na minha mão. Vamos pegar comida. — Ele a puxou. Pelo visor verde-claro, viu as mesas e cadeiras. Do lado direito, o caixa, com os chicletes e balas. Ele agarrou um punhado de doces. — Eu já falei — Alexis protestou. — Quero sorvete, não doce! — Pegue estes aqui, assim mesmo.
— Sorvete, Tim.
— Está bem.
Tim guardou os doces no bolso, e Alexis o seguiu até o fundo do salão. Ela segurava firme em sua mão.
— Não vejo nada.
— Fique junto comigo. Segure a minha mão. — Então vá mais devagar.
Depois das mesas e cadeiras havia um par de portas de vaivém, com pequenas aberturas redondas. Provavelmente levavam à cozinha. Ele abriu uma delas.

Ellie Sattler deu mais um passo e parou do lado de fora da porta do alojamento, sentindo a névoa fria no rosto e nas pernas. Seu coração disparou, embora soubesse que estava em segurança atrás da cerca. Bem à frente, distinguiu as pesadas barras no meio da neblina. Mas não conseguiu enxergar quase nada para lá da cerca. Vinte metros depois a paisagem se tornava leitosa, indistinta. E não via nenhum raptor. Na verdade, os jardins e árvores estavam estranhamente silenciosos.
— Ei! — gritou. Muldoon se apoiou na porta. — Duvido que dê certo. Preciso fazer algum barulho. — Ele agarrou um pedaço de ferro e bateu nas barras como se tocasse um gongo anunciando a refeição. — Vamos lá! O jantar está servido! — Muito engraçado — Ellie disse, olhando nervosa para o teto. Não viu os raptores.

— Eles não falam a nossa língua — Muldoon comentou
sorrindo. — Mas imagino que tenham entendido o sentido geral da coisa.
Ela, tensa, irritou-se com a brincadeira. Olhou para o prédio dos visitantes, coberto pela neblina. Muldoon retomou as batidas nas barras. No limite da área visível, apenas uma sombra na névoa, Ellie finalmente notou um animal. Um raptor.
— Primeiro freguês — Muldoon avisou.
O raptor desapareceu, uma sombra branca, e depois surgiu novamente, sem se aproximar muito. Parecia estranhamente desinteressado no barulho vindo do alojamento. Preocupada, Ellie pensou que Grant estaria em perigo se ela não conseguisse atrair os animais.
— Está fazendo muito barulho — falou a Muldoon. — Que nada — ele retrucou.
— Claro que está.
— Conheço esses animais...

— Você está bêbado. Eu cuido disso.
— E o que pretende fazer?
Ela não respondeu, dirigindo-se para o portão. — Dizem que os raptores são inteligentes. — E muito. Mais do que um chipanzé.
— Possuem boa audição?
— Sim, excelente.
— Talvez reconheçam este som — ela disse, abrindo o portão. As dobradiças de metal rangeram, enferrujadas pela neblina constante. Ela o fechou e abriu outra vez.
E deixou o portão aberto.
— Eu não faria isso, se fosse você — Muldoon alertou. — Ou pelo menos espere até que eu pegue o lançador de foguetes. — Pegue o lançador.
Ele suspirou quando se lembrou.
— Os projéteis ficaram com Gennaro.

— Então fique de olhos abertos. — Ela cruzou o portão, parando
para lá das barras. O coração batia tão forte que Ellie mal sentia o pé no chão. Afastou-se da cerca, que desapareceu na neblina em seguida, assustando-a.
Como esperava, Muldoon começou a gritar, agitado: — Diacho, cadê você, garota?
— Não me chame de "garota".
— Eu a chamo do que quiser — Muldoon esbravejou. Ela não prestou mais atenção. Andava para um lado e para outro, tensa, vigiando as áreas próximas. Estava a pelo menos vinte metros da cerca naquele momento, e sentia a névoa que passava como chuva pela vegetação. Ficou longe das folhagens. Mergulhara num mundo de sombras cinzas. Os músculos da perna e do ombro doíam de tanta tensão. Os olhos apertados tentavam enxergar mais longe. — Está me ouvindo, droga? — Muldoon gritou. Será que os animais são mesmo eficientes?, Ellie se perguntou. A ponto de cortar minha retirada? A cerca ainda estava bem próxima, na verdade...
Eles atacaram.
Sem fazer ruído.
O primeiro raptor avançou, saindo das folhagens na base de uma árvore, à esquerda. Quando saltou, Ellie começou a correr. O segundo atacou do outro lado, tentando pegá-la na corrida, pulando no ar, garras à mostra. Ela aumentou a velocidade o mais que pôde e o animal caiu na lama. Ellie, ofegante, corria sem enxergar nada que não fossem as barras da cerca surgindo na névoa, vendo Muldoon abrir o portão e esticar o braço para ajudá-la, gritando, agarrando-a e puxando-a com tanta força que ela se desequilibrou e caiu. Quando abriu os olhos, viu um, dois, três animais batendo na cerca e rosnando.
— Bom trabalho — Muldoon falou. Ele provocava os raptores, rosnando, o que os deixou furiosos. Atiravam-se contra a cerca, tentavam pular, um deles quase conseguiu. — Nossa Senhora, foi por pouco. Como saltam bem!

Ellie levantou-se, examinando os arranhões. Escorria sangue
pela sua perna. Só pensava numa coisa: três animais aqui. E dois no telhado. Ainda faltava um, perdido por aí. — Rápido, venha me ajudar — Muldoon chamou. — Vamos nos divertir.
Grant deixou o centro de visitantes e avançou depressa, no meio da neblina. Encontrando o caminho entre as palmeiras, seguiu para o norte. A silhueta retangular do abrigo de manutenção emergiu da brancura.
Não havia nenhuma porta, pelo que podia ver. Deu a volta. Nos fundos, oculta pela vegetação, encontrou uma plataforma de concreto para caminhões. Dava numa porta vertical de aço, trancada. Pulando para baixo outra vez, seguiu contornando o prédio. Adiante, à direita, achou uma porta

comum. Um sapato masculino impedia que se fechasse totalmente.
Grant entrou e tentou ver algo na penumbra. Apurou os ouvidos, mas não escutou nada. Pegou o rádio e tentou contato. — Aqui é Grant. Estou dentro.

Wu olhou para a clarabóia. Os dois raptores ainda examinavam o quarto de Malcolm, mas pareciam distraídos pelos sons lá embaixo. Seguindo para a janela, espiou. Lá fora, três velociraptores continuavam a atacar a cerca. Ellie corria de um lado para outro, segura atrás das barras. Mas os raptores não pareciam mais seriamente interessados em pegá-la. Brincavam, acompanhando-a do outro lado da cerca, pulando e rosnando, para depois atacar. Seu comportamento revelava a disposição para fazer um jogo, e não a intenção de atacar para valer. — Como pássaros — Muldoon disse —, eles gostam de se exibir. Wu concordou.
— São inteligentes. Sabem que não podem pegá-la. E nem tentam. O rádio estalou.
— ...entro.
Wu agarrou o rádio.

— Repita, doutor Grant.
— Estou dentro.
— Doutor Grant, entrou no prédio da manutenção? — Entrei — Grant disse. — Pode me chamar de Alan. — Está bem, Alan. Se entrou pela porta leste, deve estar vendo um monte de tubulações e canos. — Wu fechou os olhos, visualizando a área. — Bem à frente há um buraco, no meio do abrigo, com uma escada que desce dois pavimentos. Na sua esquerda tem uma passarela de metal, com corrimão.
— Estou vendo.
— Siga pela passarela.
— Já vou. — O rádio transmitiu o ruído metálico de passos na passarela.
— Depois de avançar uns dez metros, verá outra passarela, para a direita.
— Já vi — Grant confirmou.
— Siga por ali.
— Certo.
— Vai dar numa escada, à esquerda. Desça. — Estou vendo.
— Desça por ela.
Houve uma longa pausa. Wu passou os dedos nos cabelos molhados de suor. Muldoon franziu a testa, tenso. — Certo, descendo a escada — Grant tornou a falar. — Ótimo — Wu respondeu. — Agora siga em frente, vai dar em dois grandes tanques amarelos marcados "Inflamável". — Encontrei. Tem algo escrito em baixo. Em espanhol. — São os tanques — Wu disse. — Os tanques de combustível para alimentar o gerador. Um deles está seco, precisamos ligar o outro. Se olhar na parte de baixo, verá um cano branco. — De PVC, com quatro polegadas?
— Isso mesmo. PVC. Siga o cano, que vai para trás. — Certo, estou seguindo... Ai!

— O que aconteceu?
— Nada. Bati a cabeça. Grant fez uma pausa. — Está bem?
— Sim, só machuquei a cabeça. Estupidez... — Siga o cano.
— Certo — Grant assentiu. Parecia irritado. — O cano leva a uma caixa de alumínio grande, com fendas para ventilação dos lados. Está escrito "Honda". Parece ser um gerador. — Sim — Wu disse. — É o gerador. Se der a volta, verá um painel com dois botões.
— Estou vendo. Um vermelho, outro amarelo? — Isso mesmo. Aperte o amarelo primeiro, segure e depois aperte o vermelho.
— Entendi.

A pausa seguinte durou quase um minuto. Wu e Muldoon trocaram olhares preocupados.
— Alan?
— Não deu certo — Grant disse.
— Segurou o amarelo e apertou o vermelho? — Wu insistiu. — Fiz exatamente o que você mandou — Grant disse, irritado. — Ouvi um zumbido, depois estalos seguidos: clic, clic, clic. Depois o zumbido parou e não aconteceu mais nada. — Tente de novo.
— Já tentei. Não funciona.
— Certo, espere um minuto. — Wu franziu a testa. — O gerador está tentando ligar, mas não liga, por algum motivo. Alan? — Sim?
— Vá até a parte traseira do gerador, onde tem a entrada do cano plástico.
— Certo. O cano entra por um cilindro redondo que parece ser uma bomba de combustível.
— Correto — Wu disse. — Trata-se mesmo de uma bomba de combustível. Procure uma pequena válvula no topo.

— Uma válvula?
— Fica em cima, tem uma pequena borboleta de metal que precisa virar.
— Encontrei. Mas fica na lateral, e não em cima. — Certo. Abra.
— O ar está saindo por ela.
— Ótimo. Espere até que...
— O líquido começou a sair. Tem cheiro de gás. — Certo. Feche a válvula. — Ele se virou para Muldoon, balançando a cabeça. — A bomba estava cheia de ar. Alan? — Sim.
— Tente os botões novamente.
Um momento se passou, e Wu escutou um ruído e depois o barulho do gerador em funcionamento, que engasgou e entrou no ritmo certo.
— Funcionou — Grant disse.
— Bom trabalho, Alan! Maravilha!
— E agora? — Grant perguntou. Sua voz soou fria, dura. — A luz ainda não acendeu.
— Vá para a sala de controle, eu lhe direi como religar manualmente os sistemas.
— É isso que eu preciso fazer agora?
— Sim.
— Está bem — Grant concordou. — Entro em contato quando chegar lá.
Depois se um chiado final, o rádio ficou mudo. — Alan?
O rádio continuou silencioso.

Tim atravessou as portas vaivém nos fundos do refeitório e entrou na cozinha. Havia uma mesa enorme de aço inoxidável no centro, um fogão com várias bocas à esquerda, e mais adiante uma imensa câmara frigorífica. Tim e Alexis começaram a abrir as portas das

geladeiras, procurando pelo sorvete. Uma névoa gelada saía quando
escancaravam os congeladores.
— Por que o fogão está ligado? — Alexis indagou, soltando a mão.
— Não está ligado.
— Mas tem uma chama azul.
— É o piloto.
— O que é um piloto? — Na casa deles havia um fogão elétrico. — Deixa pra lá — Tim disse, abrindo outro congelador. — Mas isso quer dizer que podemos cozinhar. — Na geladeira seguinte encontrou todo tipo de alimento: litros de leite, gavetas cheias de legumes e uma pilha de filés, além de peixe.

Mas nada de sorvete. — Quer mesmo sorvete?
— Eu já falei que quero, não falei?
O refrigerador seguinte era imenso. Tinha porta de aço inoxidável, com uma barra horizontal para abri-lo. O menino empurrou a barra, abriu a porta e viu que dava numa câmara do tamanho de uma sala, gelada.
— Timmy...
— Espere um pouco! Estou tentando achar o sorvete! — Timmy... tem alguma coisa aqui.
Alexis sussurrava, e por um instante ele não registrou as últimas palavras. Depois Tim correu para fora da câmara frigorífica, vendo a porta envolta em uma névoa esverdeada brilhante. Alexis estava perto da mesa de aço, e olhava para a porta da cozinha. Ele ouviu um silvo, como de uma grande cobra. O som ficou mais alto, depois diminuiu. Mal dava para ouvir. Poderia ser o vento, mas no fundo ele sabia que não era.
— Timmy... — ela murmurou. — Estou com medo... Ele seguiu até a porta da cozinha e olhou para fora. No salão escuro, identificou as mesas retangulares. E, movendo-se silenciosamente no meio delas como um fantasma, a não ser pelo silvo, viu o velociraptor.

Na escuridão da sala de manutenção, Grant tateava nos canos, dirigindo-se para a escada. A movimentação era difícil no escuro e o ruído do gerador o desorientava. Chegou na escada e começou a subir quando percebeu que havia algo ali, além do gerador. Grant parou, apurando os ouvidos.
Um homem gritava.
Parecia a voz de Gennaro.
— Onde está você? — Grant gritou em resposta. — Aqui — Gennaro disse. — No caminhão. Grant forçou os olhos no escuro. Num canto, notou sombras que se moviam. Depois viu o caminhão e dirigiu-se para lá.
O silêncio assustava Tim.
O velociraptor tinha dois metros de altura e era forte, percebeu, embora suas pernas estivessem ocultas pelas mesas. Tim só via a parte superior musculosa, os dois braços junto ao corpo, as garras ameaçadoras. Identificou as pintas nas costas. O velociraptor examinava tudo, alerta. Enquanto avançava, movia a cabeça abruptamente, como um pássaro. A cabeça subia e descia quando andava, o que aumentava a semelhança com uma ave. Um pássaro gigantesco, silencioso, de rapina. A sala escura não impedia que o velociraptor enxergasse o suficiente para avançar sem hesitar. De vez em quando ele se abaixava, olhando sob as mesas. Tim ouviu um som de animal a farejar. Depois a cabeça se ergueu, alerta, virando rapidamente. Tim observou até ter certeza de que o velociraptor seguia na direção da porta da cozinha. Estaria seguindo pelo faro? Todos os livros diziam que os dinossauros quase não tinham olfato, mas aquele ali era uma exceção. De qualquer forma, o que os livros sabiam? Aquele bicho estava ali, vivo.
Avançando para ele.
Tim voltou para a cozinha.

— Tem alguma coisa lá? — Alexis perguntou.
Tim não respondeu. Empurrou-a para baixo de uma mesa no canto, atrás de uma lata de lixo grande. Abaixou-se e disse enérgico: — Fique aqui! — e depois correu para a geladeira. Pegando uma pilha de filés com osso, tipo T-bone, seguiu para a porta. Colocou um filé no chão, cuidadosamente, deu alguns passos para trás, deixou o segundo...
Pelo binóculo, viu que Alexis o espiava, atrás da lata de lixo. Fez sinal para que se escondesse. Deixou um terceiro filé, e um quarto, recuando na cozinha.

O silvo aumentou e a garra arranhou a porta. A cabeça avaliou cautelosamente a cozinha.
O velociraptor parou na entrada.
Tim ficou meio agachado, no fundo, perto da perna da mesa de metal. Mas não teve tempo para se esconder. A cabeça e o ombro ainda apareciam acima da mesa. O velociraptor podia vê-lo. Lentamente, Tim baixou o corpo, ocultando-se sob a mesa... O velociraptor virou a cabeça, olhando diretamente para ele... Tim parou. Ainda estava exposto, mas sabia que não podia se mover.
O velociraptor também estacou, perto da porta. Farejando.
Está muito escuro aqui, Tim pensou. Ele não enxerga tão bem. Por isso, toma cuidado.
Naquele momento Tim sentiu o cheiro forte do grande réptil, e pelo binóculo viu que o dinossauro bocejava silenciosamente, abrindo a boca, mostrando os dentes afiados como navalhas. O velociraptor olhou para a frente outra vez, movendo a cabeça. Os olhos enormes giravam nas órbitas.
Tim sentiu que seu coração disparava. Era pior enfrentar um animal daqueles numa cozinha do que na floresta. O tamanho, os movimentos ágeis, o cheiro penetrante, a respiração como um silvo... De perto, o animal inspirava mais medo do que o tiranossauro.

Mesmo enorme e poderoso, o T-rex não era muito inteligente. O
velociraptor, pouco maior do que um homem, obviamente era rápido e esperto. Tim temia os olhos curiosos, tanto quanto os dentes afiados. O velociraptor farejou algo. Deu um passo à frente, na direção de Alexis! Devia ter sentido o cheiro dela. O coração de Tim batia alucinado.
O velociraptor parou. Baixou a cabeça lentamente. Ele encontrou o filé.
Tim queria se abaixar, para olhar por debaixo da mesa, mas não ousou. Continuou imóvel, meio agachado, ouvindo o som da mastigação. O dinossauro estava comendo o filé, com osso e tudo. O raptor ergueu a cabeça esguia, olhando em volta. Farejou. Viu o segundo filé. Avançou rapidamente. Abaixou-se. Silêncio.
O raptor não o comeu.
A cabeça se levantou. As pernas de Tim doíam, mas ele não se mexeu.
Por que o animal não comera o segundo filé? Uma dúzia de possibilidades passou pela mente do menino — não gostou do sabor da carne, ou achou o filé muito gelado. Talvez preferisse a carne de presas vivas, ou desconfiasse de uma armadilha. Ou então tinha farejado Lex, ou a ele mesmo, Tim...
O velociraptor se mexia mais depressa. Encontrou o terceiro filé, abaixou a cabeça, ergueu-a e seguiu em frente. Tim prendeu a respiração. O dinossauro parou a poucos metros. Tim reparou na contração dos músculos do flanco. Viu o sangue seco nas garras. Observou as pequenas listras entre as pintas e as dobras da pele no pescoço, abaixo da mandíbula.
O velociraptor farejou. Moveu a cabeça e olhou direto para Tim, que quase desmaiou de tanto medo. O corpo do menino ficou rígido, tenso. Ele acompanhou o movimento dos olhos do réptil, perscrutando a cozinha. Farejando.
Ele me encontrou, Tim pensou.

Depois a cabeça se agitou e o animal avançou para o quinto filé.
Tim pensou: Lex, não se mexa, por favor não se mexa... O velociraptor farejou o filé e seguiu adiante. Parou na frente da porta aberta da câmara frigorífica. Tim via a névoa fria saindo, cobrindo o pé do animal. Uma pata enorme se ergueu, depois voltou ao chão, silenciosamente. O dinossauro hesitou. Muito frio, Tim pensou. Ele não vai entrar lá, é frio demais, não vai entrar, não vai entrar... O dinossauro entrou.
A cabeça desapareceu, depois o corpo, e finalmente a cauda grossa.
Tim correu, jogando o peso contra a porta de aço da câmara frigorífica, que bateu com estrondo. Ficou presa na ponta da cauda! A porta não se fechara totalmente! O velociraptor rugiu, um som terrível.

Inadvertidamente, Tim deu um passo para trás e a cauda foi puxada para dentro. Ele empurrou a porta de uma vez, e ouviu um estalo. Fechada!
— Lex, Lex — gritou. Ele ouvia o raptor jogando o corpo contra a porta, batendo com as patas no aço. Sabia que havia uma maçaneta de metal do lado de dentro, e se o raptor a acertasse, poderia abri-la. Precisava trancar a porta. — Lex!
A irmã estava a seu lado.
— O que é?
Tim segurou a barra horizontal que mantinha a porta fechada por fora.
— Tem um pino. Um pino pequeno. Pegue! O velociraptor rugiu como um leão, mas o som foi abafado pelo aço espesso.
— Não vejo nada! — Alexis gritou.
O pino pendurado na porta balançava, preso a uma corrente de aço.
— Bem ali!
— Não consigo enxergar — Alexis gritou de novo, e Tim se deu cohta de que ela não usava o binóculo para ver no escuro.

— Tateie!
Ele acompanhou a pequena mão que percorria a porta, tão próxima dele que Tim sentiu o quanto ela estava apavorada, ofegando em pânico, enquanto procurava o pino e o velociraptor batia contra a porta. O animal conseguira abrir a maçaneta! Meu Deus, estava aberta! Mas o raptor não contava com aquilo e se afastara para atacar novamente. Tim teve a chance que precisava e a fechou outra vez. Alexis recuou:
— Encontrei!
Ela ergueu o pino e o enfiou no orifício. Ele escorregou para fora. — Por cima, precisa pôr por cima!
Ela ergueu o pino outra vez, pela corrente, e o enfiou da maneira correta. No orifício.
Trancada.
O velociraptor rugiu. Tim e Alexis deram um passo para trás, quando o dinossauro jogou seu peso contra a porta outra vez. A cada impacto, as pesadas dobradiças de metal rangiam, mas seguravam o bicho. Tim achou que o animal jamais conseguiria abrir aquela porta. O raptor estava preso lá dentro.
Ele soltou um suspiro de alívio.
— Vamos embora.
Pegando a mão dela, correu.

— Você deveria ter visto — Gennaro disse enquanto Grant o guiava para fora do abrigo de manutenção. — Acho que havia duas dúzias deles. Procompsognatos. Precisei me esconder no caminhão. Subiram no pára-brisa. Parados ali, como abutres. Mas fugiram quando você se aproximou.
— Carniceiros — Grant disse. — Não atacam nada que se movimente ou pareça forte. Preferem os mortos, ou moribundos. Qualquer coisa que não possa reagir.
Eles subiam a escada, dirigindo-se para a porta de saída. — O que aconteceu com o raptor que o atacou? — Grant

perguntou.
— Não sei — Gennaro disse.
— Foi embora?
— Não vi. Fugi. O animal estava ferido, Muldoon o acertou na perna e sangrava muito. Depois... não sei. Talvez tenha saído. Ou morrido aqui. Não vi.
— E talvez ainda esteja aqui dentro — Grant retrucou.

Wu olhou pela janela do alojamento, vendo os raptores do outro lado da cerca fingindo atacar Ellie. O comportamento não mudou por algum tempo, e ele pensava que a brincadeira demorava demais. Parecia até que procuravam atrair a atenção de Ellie, da mesma maneira que ela tentava distraí-los.
Mas o comportamento dos dinossauros sempre fora um assunto menor para Wu. Claro, não passava de um efeito secundário do DNA, como o desenvolvimento das proteínas. O comportamento não podia ser previsto, nem controlado de verdade, a não ser de modo bem grosseiro. Por exemplo, tornando o animal dependente de determinada substância de sua dieta, através da manipulação de uma enzima. Mas, no geral, o comportamento se situava além da sua compreensão. Não dava para olhar uma seqüência do DNA e prever as ações do bicho. Impossível. Isso tornara o trabalho de Wu com o DNA puramente empírico. Era uma questão de montagem, de conserto, similar ao que um homem moderno fazia no relógio do avô. Ele lidava com algo pertencente ao passado, feito de materiais antigos, que seguiam regras ancestrais. Nem sabia direito como havia alcançado tanto êxito. O animal já havia sido consertado e modificado muitas vezes, pelas forças da evolução, com o passar dos milênios. Assim, como o relojoeiro que fazia um ajuste e esperava para ver se o relógio funcionaria melhor, Wu fazia ajustes e esperava por uma melhora do comportamento dos animais. E tentava apenas corrigir atitudes destrutivas: ataque descontrolado a cercas eletrificadas, tendência para esfregar a pele em troncos até sangrar. Esse tipo de coisa o levava de volta ao laboratório.

E os limites da ciência lhe deixaram uma sensação misteriosa no
que se referia aos animais do parque. Nunca tivera certeza, certeza absoluta, de que o comportamento dos animais era historicamente coerente. Agiam agora como tinham agido no passado? Era uma questão em aberto, impossível de responder. Embora Wu fosse incapaz de admitir, a descoberta de que os animais se reproduziam representava uma confirmação da qualidade de seu trabalho. Um animal capaz de procriar constituía uma prova de sua eficácia. Indicava que Wu montara o quebra-cabeças corretamente. Recriara um animal extinto há milhares de anos com tanta precisão que a criatura se reproduzia.
Mas, olhando para os raptores lá fora, ele se sentia incomodado com a repetição do comportamento. Os raptores eram inteligentes, e os animais inteligentes se entediavam facilmente. Os animais inteligentes planejavam seus ataques...
Harding saiu do quarto de Malcolm, seguindo pelo corredor. — Onde está Ellie?
— Lá fora, ainda.
— Melhor mandar que entre. Os raptores saíram da clarabóia. — Quando? — Wu perguntou.
— Agora mesmo.
Wu abriu a porta da frente.
— Ellie, entre já!
Ela olhou para trás, intrigada.
— Não tem problema, sei o que estou fazendo, está tudo sob controle...
— Entre já!
Ela balançou a cabeça.
— Não se preocupe.
— Entre logo Ellie, por favor.
Muldoon não gostou de ver Wu parado ali, com a porta aberta, e estava a ponto de reclamar, quando notou a sombra descendo lá do alto e se deu conta no ato do que acontecera. Nesse exato momento Wu deu

um passo à frente e concomitantemente Muldoon ouviu o grito de Ellie.
Muldoon voou até a porta e viu Wu caído de costas, o corpo já dilacerado pela imensa garra. O raptor

devorava seus intestinos, embora Wu ainda vivesse, tentando debilmente erguer a mão para afastar a cabeça assassina, tentando evitar que fosse comido vivo. Ellie parou de gritar e começou a correr paralelamente à cerca. Muldoon fechou a porta e encostou-se nela, horrorizado. — Ele pulou do teto? — Harding perguntou. Muldoon fez que sim. Correu para a janela e olhou para fora, vendo que os três raptores do lado de lá da cerca se afastavam. Mas não seguiam Ellie.
Voltavam para o centro dos visitantes.

Grant chegou na quina do prédio da manutenção e espiou em volta. Podia ouvir-los rosnar dos raptores, pelo jeito se aproximavam. Viu os corpos passando por ele, apressados. Seguiam para o centro de visitantes.
Ele olhou para Gennaro.
Gennaro balançou a cabeça, negativamente. Grant aproximou-se e murmurou em seu ouvido: — Não temos escolha. Precisamos ligar o computador. Depois avançou na neblina.
Após hesitar por um momento, Gennaro o seguiu.
Ellie não tinha parado para pensar. Quando os raptores pularam e atacaram Wu, ela simplesmente correu, o mais rápido possível, para a extremidade do alojamento. A distância entre a cerca e o prédio era de uns cinco metros. Correu, mas não ouviu o som de animais a persegui- la, apenas sua própria respiração. Contornou uma das laterais do edifício e avistou uma árvore. Em segundos alcançou-a e pulou, segurando um galho. Não sentiu pânico. Apenas uma espécie de entusiasmo, quando viu as próprias pernas subindo até a altura do rosto. Prendeu uma delas num galho mais acima e içou-se para o alto.

Já se erguera a quatro metros do solo e os raptores ainda não
estavam à vista. Começava a se sentir melhor, quando de repente enxergou o primeiro animal no pé da árvore. A boca cheia de sangue, entreaberta, exibia nacos de carne presos aos dentes. Ela subiu mais, e depressa, até ver o topo do prédio. Olhou para baixo. Dois raptores subiam na árvore.
Agora Ellie se encontrava ao nível da laje do telhado, via os pedriscos a pouco mais de um metro, e as pirâmides de vidro das clarabóias, encobertas pela neblina. Havia um acesso por ali, lembrou- se, poderia usar aquela porta para entrar. Um último esforço a levou ao espaço vazio e depois a aterrissar na laje. Arranhou o rosto na queda, mas sentiu a excitação do triunfo, como se disputasse um jogo e pretendesse vencer. Correu para a porta que levava à escada. Atrás dela, os raptores sacudiam os ramos da árvore. Ainda não haviam atingido o telhado.
Ellie chegou à porta e girou a maçaneta. Trancada!
Bastou um instante para que a decepção substituísse a euforia. A porta, trancada. Ela em pleno telhado, sem poder descer. A porta estava trancada.
Ellie esmurrou a madeira, frustrada, correndo depois para o outro lado do telhado, esperando encontrar uma forma de descer, mas viu apenas o contorno verde da piscina destacando-se na neblina. Em volta da água havia um deque de concreto. Mais de um metro de concreto. Longe demais para um salto. Nenhuma árvore por onde descer. Nem escada. Nem saída de incêndio. Nada.
Ellie, ao virar, viu os dois raptores pulando com facilidade para o telhado. Correu para a ponta do prédio, esperando encontrar outra porta, mas não achou nada.
Os raptores aproximavam-se lentamente, avaliando-a, desviando silenciosos das pirâmides de vidro. Ela olhou para baixo. A beira da piscina ficava a três metros do prédio.

Longe demais.
Os raptores chegaram mais perto e começaram a se separar. Ilogicamente Ellie pensou: Não é sempre assim? Um pequeno engano põe tudo a perder? Experimentava uma certa tontura, uma certa euforia, e

por algum motivo não acreditava que os animais a pegariam, encerrando sua vida assim abruptamente. Não era possível. Sentindo-se protegida, animada, não admitia que pudesse morrer. Os raptores rosnaram. Ellie recuou, chegando na beira do telhado. Tomou fôlego e começou a correr para o outro lado. Conforme se aproximava, via a beira da piscina, e mesmo sabendo que ficava longe demais, pensou: Que se dane. E pulou no vazio. Com um choque, Ellie foi envolvida pelo frio. Estava sob a água. Sucesso! Subiu à superfície, olhando para cima, e viu os raptores observando-a do alto do prédio. Percebeu que também eles podiam pular. Começou a dar braçadas vigorosas, o pensamento martelando- lhe o cérebro: os raptores sabem nadar? Claro que sabiam, deviam nadar tão bem quanto os crocodilos.

Os raptores se afastaram da beirada do prédio. De repente ela ouviu o chamado de Harding:

— Doutora Sattler? — e percebeu que ele abrira a porta do telhado. Os raptores seguiam na direção dele. Apressada, ela saiu da piscina e correu para o alojamento. Harding subira os degraus de dois em dois, escancarando a porta sem pensar nas conseqüências.

— Doutora Sattler! — gritou. E então parou. A neblina cobria as pirâmides do teto. Os raptores não estavam à vista. — Ellie!

Tão preocupado estava com a moça que levou algum tempo para se dar conta do erro que cometera. No segundo seguinte uma pata coberta de garras entrou pela fresta, arranhando seu peito, provocando uma dor lancinante. Num esforço supremo, ele recuou e fechou a porta sobre a pata. Lá embaixo ouviu o grito de Muldoon: — Ela está aqui, já entrou.

Do lado de fora o raptor rosnou e Harding bateu a porta
novamente. As garras recuaram e ele conseguiu fechá-la com um ruído metálico, caindo em seguida no chão, tossindo.

— Onde vamos? — Alexis perguntou. Estavam no segundo andar do centro de visitantes. Um corredor envidraçado ia de ponta a ponta do edifício.

— Para a sala de controle — Tim disse. — Onde fica?

— Por aqui, em algum lugar. — Tim olhou para as placas nas portas: "Guarda do Parque"... "Serviços para Hóspedes"... "Gerência Geral"... "Supervisão"... Chegaram a uma divisória de vidro, com um aviso:

ÁREA RESTRITA

SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO
PODE ULTRAPASSAR ESTE PONTO

Havia um nicho para cartão magnético de segurança, mas Tim empurrou a porta e ela cedeu.

— Como conseguiu abrir?

— A força está desligada — Tim explicou. — Por que estamos indo para a sala de controle? — Para achar um rádio. Precisamos chamar alguém. Para lá da divisória de vidro, o corredor prosseguia. Tim lembrou-se daquela área, tinham passado por ali durante o passeio. Alexis o acompanhava. Ao longe, ouviam o rosnar dos raptores. Os animais pareciam se aproximar cada vez mais. Depois Tim ouviu quando bateram contra o vidro, lá embaixo. — Estão aqui... — a menina sussurrou.

— Não se preocupe.

— O que estão fazendo aqui?

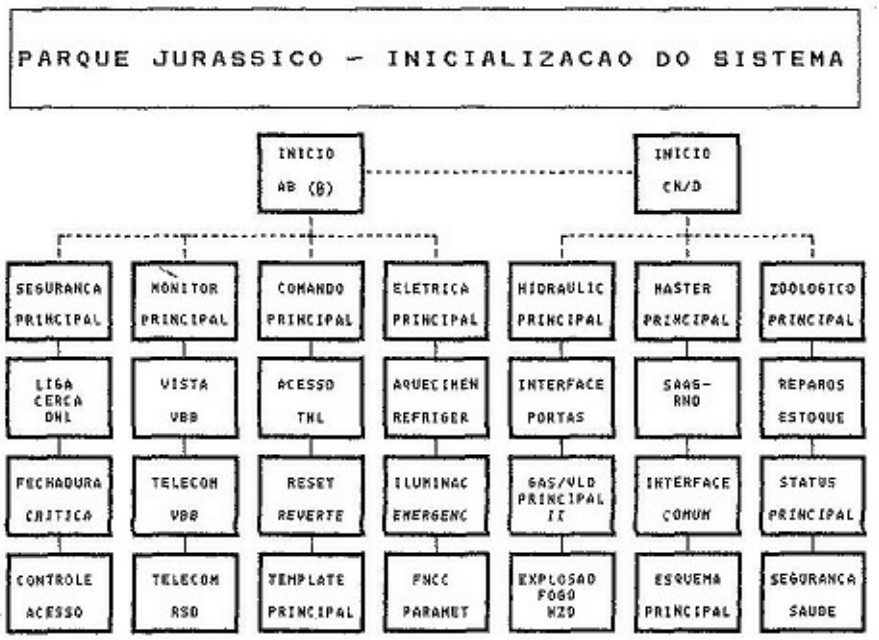
— Não se preocupe com isso agora.

"Supervisor do Parque"... "Operações"... "Controle Principal"... — É aqui — Tim disse, empurrando a porta. A sala de controle estava do mesmo jeito que a conhecera. No centro havia quatro cadeiras e

quatro monitores de computador. O aposento estava completamente escuro, a não ser pelos monitores, que mostravam todos uma série de retângulos coloridos.
— E cadê o rádio? — Alexis indagou.
Mas Tim se esquecera totalmente do rádio. Ele avançou, olhando para as telas de computador. Estava ligado! Isso só podia significar uma coisa...
— A força foi religada...
— Nossa — Alexis exclamou, erguendo o pé. — O que foi?
— Eu estava pisando na orelha de alguém. Tim não vira nenhum corpo ao entrar. Olhou para trás e encontrou apenas a orelha, no meio do piso. — Isso é nojento — Alexis disse.
— Deixe pra lá. — Ele se concentrou nos monitores. — Cadê o resto dele? — Alexis perguntou. — Esqueça.
Ele estudou o monitor com atenção. Havia uma série de quadros coloridos na tela:

2

2 Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



É melhor você não mexer em nada, Timmy — ela recomendou. — Não se preocupe, não vou mexer.
Ele já vira computadores complicados antes, como os instalados no prédio onde seu pai trabalhava. Controlavam tudo, dos elevadores à segurança, passando pelos sistemas de aquecimento e refrigeração. Tinham mais ou menos aquela aparência — um monte de quadros coloridos — mas eram mais simples, fáceis de entender. E quase sempre possuíam um quadro de auxílio, explicando o funcionamento do sistema. Mas ele não viu auxílio nenhum ali. Procurou de novo, para se certificar.
Então viu um número piscando no canto superior esquerdo da tela. Dizia 10:47:22. Tim se deu conta de que era a hora. Restavam apenas treze minutos para contatar o barco. Mas ele se preocupava mais com as pessoas no alojamento.
Escutou um estalo de estática. Virou-se e viu Alexis segurando um rádio. Ela mexia nos botões.
— Como se liga isso? Não consigo.
— Me dá esse rádio.
— E meu! Fui eu que achei!
— Me dá o rádio, Lex!

— Quero falar primeiro!
— Lex. Repentinamente, uma voz soou:
— Mas que diabos está acontecendo aí? — Era Muldoon. Surpresa, Alexis deixou o rádio cair no chão. Grant recuou, escondendo-se entre as palmeiras. No meio da névoa, via os raptores rosnando e batendo as cabeças contra o vidro do centro de visitantes. Mas, nos intervalos dos ataques, ficavam quietos, como se ouvissem um som distante. E guinchavam, como se choramingassem.
— O que estão fazendo? — Gennaro perguntou. — Ao que parece tentam entrar no refeitório — Grant respondeu.
— O que há lá?
— Deixei as crianças no refeitório... — Grant explicou. — Conseguem quebrar o vidro?
— Não creio.
Grant observou, e de repente ouviu o estalo de um rádio ao longe. Os raptores começaram a se agitar. Um depois do outro, passaram a pular cada vez mais alto, até que finalmente o primeiro deles conseguiu atingir o balcão do segundo andar, e dali alcançar o centro de visitantes.
Na sala de controle do segundo andar, Tim apanhou o rádio que Alexis derrubara e apertou o botão.
— Alô? Alô?
— ... é você, Tim?
— Sim, sou eu.
— Onde está?
— Na sala de controle. A energia voltou! — Isso é ótimo, Tim — Muldoon disse.
— Se alguém me disser como ligar o computador, posso fazer isso. Tim não recebeu resposta.
— Alô? — Tim insistiu. — Estão me ouvindo?

— Temos um problema aqui — Muldoon disse. — Ninguém...
hã... no momento, pode dizer como proceder para ligar o computador. — Está brincando? — o menino gritou. — Ninguém? — Parecia impossível.
— Ninguém. Acho que é preciso acionar a tela principal. Sabe alguma coisa sobre computadores, Tim?

Tim olhou para a tela. Alexis o cutucou. — Diga que não, Timmy.
— Sim, eu entendo um pouco — Tim disse. — Então vamos tentar — Muldoon suspirou —, porque ninguém sabe o que fazer. Grant também não conhece nada de computadores. — Certo — Tim concordou. — Vou tentar. — Ele desligou o rádio e olhou para a tela, tentando entender os quadros. — Timmy — Alexis falou —, você não pode mexer aí. Não sabe o que fazer.
— Sim, eu sei.
— Ah-ah, duvido.
— Espere só um minuto. — Disposto a tentar, Tim puxou a cadeira para perto do teclado e movimentou o cursor apertando as teclas de navegação. Seriam as teclas adequadas para levar o cursor aos diversos quadros, mas nada aconteceu. Tim tentou outras teclas. A tela não se modificou.
— E então? — Alexis desafiou.
— Tem alguma coisa errada — Tim disse, franzindo a testa. Ele examinou o computador outra vez, minuciosamente. O teclado possuía uma fileira de teclas de função no alto, como um PC normal, e o monitor era grande e colorido. Mas a tela era meio diferente. Tim olhou para as bordas e viu pontos vermelhos piscando. Pontos vermelhos luminosos, contornando a tela... O que poderia significar? Ele moveu o dedo até os pontos luminosos e viu a luz vermelha refletida na pele.
Quando tocou a tela ouviu um bip.

Você Já Tem Acesso
Faça Sua Seleção na Tela Principal

Um segundo depois a mensagem desapareceu, e a tela original voltou na íntegra.
— O que houve? — Alexis perguntou. — O que fez? Onde pôs o dedo?
Claro, ele pensou. Tocara a tela. Era uma tela que reagia ao toque! As luzes vermelhas indicavam os sensores infravermelhos. Tim nunca vira uma tela daquelas, mas lera a respeito numa revista. Ele tocou RESET/REVERT.
A tela mudou instantaneamente, exibindo a mensagem:
O COMPUTADOR ESTÁ PRONTO
FAÇA SUA SELEÇÃO NA TELA PRINCIPAL

Pelo rádio, eles ouviram o rosnar dos raptores. — Quero ver — Alexis disse. — Deveria tentar VISTA. — Não, Lex.

— Bem, eu quero VISTA. — E antes que ele pudesse impedi-la,
Alexis esticou a mão e tocou no quadro VISTA. A tela mudou.

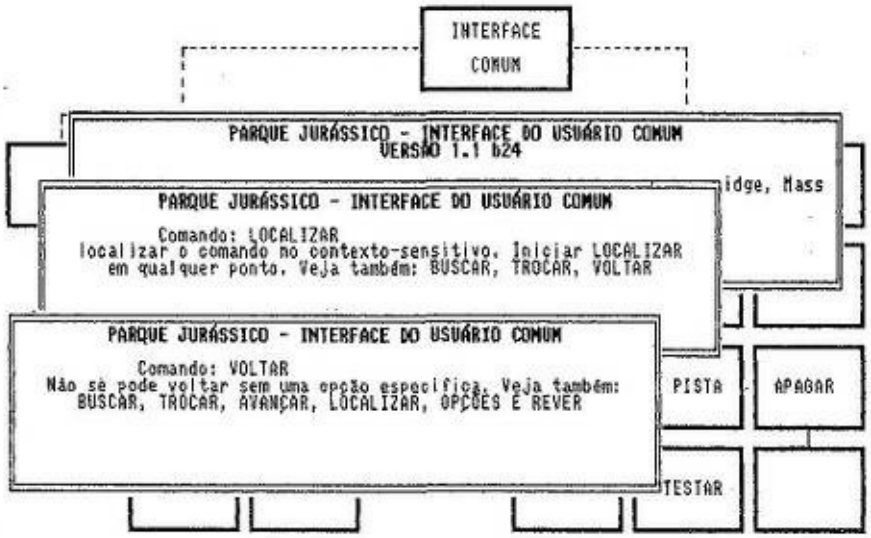
— Ora, ora! — Alexis exclamou.
— Lex, quer parar com isso?
Por toda a sala, os monitores mostravam cenas sucessivas de diversos pontos do parque. A maioria das imagens era acinzentada, por causa da névoa lá de fora, mas uma mostrava a parte externa do alojamento, com um raptor no telhado, e outra uma cena sob o sol forte, e a popa de um navio, brilhando... — O que era aquilo? — Tim perguntou, debruçando-se. — O quê?
— Aquela cena?
Mas a imagem já mudara, e agora viam o interior do alojamento, um quarto após outro, até passar pelo

de Malcolm, que estava deitado na cama...
— Pare — Alexis mandou. — Quero vê-lo. Tim tocou a tela em diversos pontos, entrando nos submenus. E outros submenus.
— Espere — a menina se impacientou. — Está fazendo a maior

confusão.
— Cale a boca! Você não entende nada de computadores! Tim conseguiu uma lista dos monitores na tela. Um deles era o "Alojamento Safári: LV2-4". Outro, o "Remoto: Navio (VND)". Ele tocou a tela várias vezes.
As imagens surgiram nos outros monitores espalhados pela sala. Um deles mostrava o navio de suprimentos e o oceano à frente. Ao longe, Tim viu o continente, e o porto. Reconheceu o local, pois o sobrevoara de helicóptero no dia anterior. Era Puntarenas. O navio atracaria dentro de alguns minutos.
Mas sua atenção concentrou-se na tela seguinte, que mostrava o teto avermelhado do alojamento de visitantes. Os raptores se escondiam atrás das pirâmides, mas suas cabeças estavam à vista. E depois, no terceiro monitor, Malcolm encontrava-se deitado na cama, com Ellie a seu lado. Ambos olhavam para cima. Enquanto observavam, Muldoon entrou, e também olhou para o alto, preocupado. — Eles podem nos ver? — Alexis perguntou. — Acho que não.
O rádio estalou. Na tela, Muldoon aproximou o rádio dos lábios.. — Alô, Tim.
— Estou aqui — Tim respondeu.
— Bem, não temos muito tempo — Muldoon disse. — Melhor acionar a força principal, que ativa a cerca eletrificada. — E então Tim ouviu o rosnar dos raptores e viu uma das cabeças compridas apontar pelo vidro, entrando no alto da tela por um instante, mostrando as garras.
— Depressa, Timmy! — Alexis gritou. — Ligue a força.

A CERCA

Tim se perdeu numa série de telas de controle, ao tentar voltar para a tela principal. Muitos sistemas possuíam um comando único, ou uma tecla para voltar para a tela anterior ou para o menu principal. Aquele ali não — ou pelo menos ele não descobrira como proceder. Além disso, tinha certeza de que o sistema possuía telas de auxílio e informações, embora não as encontrasse. Alexis pulava de um lado para outro, gritando, deixando-o mais nervoso ainda. Finalmente voltou à tela principal. Não sabia bem como, mas lá estava ela. Ele hesitou, procurando o comando certo. — Faça alguma coisa, Timmy!
— Quer calar a boca? Estou tentando. — Ele pressionou o "Template-principal". A tela se encheu de diagramas complicados, com quadros interligados e setas.
Não adiantava nada.
Ele tentou "Interface Comum". A tela mudou:



— O que é isso? — Alexis disse. — Por que não liga a força de uma vez, Timmy?
Ele a ignorou. Talvez o auxílio estivesse em "Info". Tocou o quadro.

— Timmy! — Alexis exclamou, mas ele já havia solicitado "Buscar". Outra tela inútil. Tentou "Voltar". Pelo rádio, Muldoon disse:
— Tim, como vai indo?

Ele não se deu ao trabalho de responder. Frenético, apertou
várias teclas. Repentinamente, sem nenhum aviso, a tela principal voltou.

Ele estudou a tela. "Elétrica Principal" e "Ativa Cerca Dnl" talvez tivessem algo a ver com a tela, que ativassem o sistema principal de força. Percebeu que "Segurança/Saúde" e "Fechaduras Críticas" poderiam ajudar. Ouviu o rugido dos raptores. Precisa escolher logo. Tentou "Ativa Cerca Dnl", e gemeu quando viu:

Ele não sabia fazer. Tentou PARÂMETROS STANDARD

PARÂMETROS STANDARD

Cercas do Parque B4-C6 Cercas Externas C2-D2 Cercas Zoológicas BB-07 Cercas animais R4-R4 Cercas Alojamento F4-D4 Cercas Manut. E5-L6 Cercas Principais C4-G7 Sensores Cercas D5-G4 Cercas Utilitárias Ah-B5 Cercas Centrais Al-Cl

Integridade do Circuito Não Testada
Cercas de Segurança Permanecem no Automático
Tim balançou a cabeça, frustrado. Mas em um segundo percebeu que havia obtido informações valiosas. Agora sabia as coordenadas para as cercas do alojamento! Ele tentou a cerca F4.
CERCA ELETRIFICADA F4 (ALOJAMENTO SAFÁRI) COMANDO NÃO PODE SER EXECUTADO ERRO-505 (FORÇA INCOMPATÍVEL COM COMANDO ERRADO) Ver Manual, Páginas 4.09-4.11

— Não adiantou — Alexis disse.
— Eu sei! — Ele tentou outro comando. A tela piscou novamente:

CERCA ELETRIFICADA D4 (ALOJAMENTO SAFÁRI) COMANDO NÃO PODE SER EXECUTADO. ERRO-505 Ver Manual, Páginas 4.09-4.11

Tim tentou manter a calma e refletir. Por alguma razão o computador indicava um erro, sempre que tentava acionar uma cerca. Dizia que a força era incompatível com o comando solicitado. Mas o que significava? Por que a força era incompatível?

— Timmy... — Alexis começou de novo.
— Agora não, Lex.
— Sim, agora mesmo — ela disse, puxando-o para longe do console e das telas. Foi então que ele ouviu o rosnar dos raptores. Vinha do corredor.
No alto, acima da cama de Malcolm, os raptores continuavam a roer a segunda barra de ferro. Já conseguiam enfiar a cabeça pelo vidro partido e rosnar para as pessoas lá embaixo. Depois de um momento, recuavam e continuavam a morder o metal. — Não demora muito — Malcolm disse. — Mais três ou quatro minutos. — Ele apertou o botão do rádio. — Tim, está me ouvindo? Ninguém respondeu.

Tim abriu a porta e saiu, vendo o raptor no, final do corredor, parado perto da sacada. Ele o olhou atônito. Como conseguira escapar da câmara frigorífica?
Depois, enquanto olhava, um segundo raptor surgiu na sacada, e o menino entendeu tudo. O raptor não fugira da câmara. Viera de fora, pulando do chão até a sacada. O segundo raptor parou, silencioso, perfeitamente equilibrado. Não dava para acreditar. O animal pulara três metros, para cima. Mais de três metros. Tinha pernas incrivelmente fortes.
Alexis sussurrou:
— Você disse que eles não...
— Psiu! — Tim tentava pensar em uma saída, mas só conseguia observar, num estado de terror deslumbrado, o raptor que pulava na sacada. Os animais olharam para o corredor por um momento e depois começaram a se mover em fila. Vinham em sua direção. Silenciosamente, Tim empurrou a porta, tentando voltar para a sala de controle. Mas a porta não se abriu. Empurrou com mais força. — Estamos trancados aqui fora — Alexis sussurrou. — Olhe. — Ela apontou para a ranhura do cartão de segurança que abria a porta. Uma luz vermelha brilhante indicava que voltara a operar. As portas de

segurança haviam sido ativadas, de algum modo. — Seu idiota, você
trancou a gente do lado de fora!
Tim olhou para o corredor. Viu diversas outras portas, mas todas elas exibiam a luz vermelha brilhante. Significava que estavam trancadas também. Não tinham para onde ir. Então ele viu uma pessoa caída no final do corredor. Era um guarda morto. E havia um cartão magnético de segurança branco preso no cinto. Aquilo poderia salvá-los!
— Vamos logo — ele murmurou.
Eles correram até o guarda. Tim pegou o cartão e voltou. Claro, os raptores os viram. Rosnaram e bloquearam o acesso da sala de controle. Começaram a se separar, abrindo um leque no corredor para cercar Tim e Alexis. As cabeças se moviam ritmicamente. Atacariam num instante.
Tim tomou a única atitude possível. Usando o cartão, abriu a porta mais próxima no corredor e

empurrou Alexis para dentro. Quando a porta começou a se fechar lentamente atrás deles, os raptores atacaram.

ALOJAMENTO

Ian Malcolm respirava como se cada vez fosse a última. Ele olhou os raptores com ar ausente. Harding tirou sua pressão sangüínea, franziu a testa, repetiu o procedimento. Ellie se enrolou num cobertor, tremendo de frio. Muldoon sentou-se no chão, apoiado na parede. Hammond olhava para cima, sem falar nada. Todos prestavam atenção ao rádio.
— O que aconteceu a Tim? — Hammond perguntou. — Ainda não respondeu?
— Não sei.
— Eles são horríveis — Malcolm disse. — Pavorosos. Hammond balançou a cabeça.
— Quem poderia imaginar que tudo acabaria assim? — Obviamente Malcolm imaginou — Ellie resmungou. — Não imaginei nada — Malcolm disse. — Eu calculei tudo. Hammond suspirou.
— Chega desta conversa, por favor. Ele só fica dizendo "eu avisei". Mas ninguém queria que terminasse assim. — Não se trata de querer ou não — Malcolm disse, de olhos fechados. Falava devagar, por efeito dos remédios. — A questão é saber o que se pode fazer ou não. Quando um caçador entra na mata para procurar comida para sua família, ele por acaso tenta controlar a natureza? Não. Ele imagina que a natureza está além de seu controle. Além de sua compreensão. Talvez reze para a natureza, já que não pode controlá-la. Está à sua mercê. Mas vocês decidiram que não ficariam à mercê da natureza. Resolveram controlá-la, e neste momento se meteram numa grande enrascada, porque isso é impossível. Mas criaram uma situação que exige que se faça isso. Mas não podem, nunca puderam e nunca poderão controlar a natureza. Não confundam

as coisas. Sabem fazer um barco, mas não fazer um oceano. Podem
fazer um avião, mas não podem fazer a atmosfera. Seus poderes são muito menores do que seus delírios de razão levam a acreditar. — Ele sumiu — Hammond disse. — Onde foi que Tim se meteu? Parecia um menino tão responsável!
— Tenho certeza de que está tentando controlar a situação — Malcolm disse. — Como todos os outros.
— E Grant? O que houve com Grant?
Grant atingiu a porta dos fundos do centro de visitantes, a mesma porta por onde passara há vinte minutos. Girou a maçaneta. Estava trancada. Então viu a luz vermelha. As portas de segurança haviam sido reativadas! Droga! Ele correu para a frente do prédio, passando pelas portas arrebentadas do saguão principal. Ouviu o chiado de um rádio. Dirigiu-se à cozinha, procurando pelas crianças, mas a porta estava aberta e os dois não se encontravam lá. Subiu, chegando à divisória de vidro indicando "Área Restrita", e encontrou a porta trancada. Precisava de um cartão magnético para seguir adiante.
Grant não tinha como entrar.
Em algum ponto do corredor, ouviu o rosnar dos raptores. O couro do réptil tocou o rosto de Tim e as garras rasgaram sua camisa. Tim caiu de costas, berrando de pavor. — Timmy! — Alexis gritou.
Tim ergueu-se novamente. O filhote de velociraptor pendurou-se em seu ombro, guinchando de medo. Tim e Alexis estavam no berçário. Havia brinquedos espalhados pelo chão: uma bola amarela, uma boneca, um chocalho de plástico.
— É o filhote — Alexis disse, apontando para o animal que se agarrava ao ombro de Tim.
O pequeno raptor escondeu a cabeça no pescoço de Tim. O coitado provavelmente estava morrendo de fome, ele pensou. Alexis aproximou-se e o filhote pulou para o seu ombro, esfregando-se no pescoço

da menina.

— Por que ele faz isso? Está com medo?
— Não sei — Tim disse.
Ela passou o raptor para Tim. O filhote guinchava, pulando excitado no ombro. Olhava para os lados, movendo a cabeça rapidamente. Não havia dúvida, estava tenso, e... — Tim — Alexis sussurrou.
A porta do corredor não se fechara depois que entraram no berçário. Os velociraptores adultos entraram. Primeiro um, depois o outro.
Claramente agitado, o filhote pulou no pescoço de Tim. O menino sabia que precisava fugir. Talvez o filhote os distraísse. Afinal de contas, era um filhote de raptor. Ele arrancou o bicho do ombro e o atirou do outro lado da sala. O bebê raptor se escondeu entre as pernas dos adultos. O primeiro baixou a cabeça, farejando o filhote delicadamente.
Tim pegou Alexis pela mão e a puxou para dentro do berçário. Precisava encontrar uma porta e sair... Um grito agudo cortou o ar. Tim olhou para trás e viu o filhote na boca do adulto. O segundo velociraptor avançou e puxou o bebê pela perna, tentando roubá-lo. Os dois raptores brigaram pelo filhote que guinchava. O sangue se espalhou pelo chão. — Eles comeram o filhote! — Alexis exclamou. Os raptores disputaram os restos do bebê, sacudindo a cabeça. Tim encontrou uma porta. Estava destrancada. Entrou, puxando Alexis pela mão.
Deram noutra sala, e pelo brilho esverdeado ele percebeu que entrara no laboratório de extração de DNA, agora deserto, as filas de microscópios abandonadas, as telas de alta resolução mostrando imagens congeladas, enormes, em branco e preto, de insetos. Eram as moscas e mosquitos que há milhões de anos picaram os dinossauros, sugando o sangue usado para recriar os animais do parque. Correram pelo laboratório, e Tim percebeu que os raptores os perseguiam rosnando, cada vez mais perto. Foi para os fundos do laboratório,

passando por uma porta que devia ter um alarme, porque no corredor
estreito uma sirene soou aguda, e as luzes do teto piscaram. Disparando pelo corredor, Tim mergulhou na escuridão — depois viu a luz — e depois na escuridão novamente. Cobrindo com seus rugidos o som do alarme, os raptores perseguiam as crianças. Tim viu outra porta, com o aviso azul de substâncias biológicas perigosas, entrou e bateu-a atrás de si. Seguiu correndo, quando colidiu com algo grande, e Ale-xis gritou de pavor.
— Calma, crianças — disse uma voz.
Tim arregalou os olhos, incrédulo. Parado na frente dele estava o dr. Grant. E a seu lado o sr. Gennaro.

Grant levou um minuto para se lembrar de que o guarda morto no corredor deveria ter um cartão magnético. Voltou para pegá-lo e entrou no corredor superior, que atravessou depressa. Orientou-se pelo som dos raptores e deu com eles no berçário, brigando. Calculou que as crianças estariam na outra sala, e correu para o laboratório de extração.
E encontrou os garotos.
Agora os raptores vinham atrás deles. Os animais pareceram hesitar por um instante, surpresos com o aparecimento de mais gente. Grant empurrou as crianças para Gennaro: — Leve-os para um local seguro.
— Mas...
— Por ali — Grant disse, indicando uma porta ao fundo. — Leve-os para a sala de controle, se puder. Estarão seguros lá. — O que pretende fazer? — Gennaro perguntou. Os raptores pararam perto da porta. Grant notou que esperavam até que todos os animais se juntassem, e depois se moviam em bloco. Caçadores em grupo. Ele estremeceu.

— Tenho um plano — falou. — Agora vá.
Gennaro levou as crianças. Os raptores avançaram para Grant, passando pelos supercomputadores, pelas telas que ainda mostravam

seqüências intermináveis de códigos genéticos. Os animais não mais
hesitavam, mexendo as cabeças, farejando o chão. Grant escutou o som da porta que se trancava e olhou por cima do ombro. Todos pararam do outro lado da porta de vidro, observando- o. Gennaro balançou a cabeça.
Grant entendeu. Não havia porta de acesso à sala de controle, ali.
Gennaro e as crianças estavam encurralados.
Grant se deslocou lentamente, afastando os raptores de Gennaro e das crianças. Na porta mais próxima um aviso indicava: "Laboratório". Tivera uma idéia e esperava estar certo. A porta estampava o signo de produtos biológicos perigosos. Grant entrou numa sala quente, silenciosa.

Ele estava certo.
Havia chegado onde pretendia: na incubadeira, onde fileiras de ovos alinhadas em cima de longas mesas eram chocadas por luzes infravermelhas, em meio à névoa baixa. Os ovos nas mesas viravam e se mexiam em câmera lenta. A névoa vazava pela beira das mesas e escorria para o chão, onde evaporava, desaparecendo. Grant correu para os fundos da incubadeira, onde ficava o laboratório com paredes de vidro sob a luz ultravioleta. Suas roupas brilhavam, azuladas. Ele examinou os reagentes químicos, as pipetas, provetas e todo o delicado equipamento do laboratório. Os raptores entraram, cautelosamente no início, farejando o ar úmido, olhando para as fileiras de ovos. Silenciosamente, passaram entre as mesas. Os animais atravessavam o local de modo coordenado, baixando a cabeça de tempos em tempos para olhar embaixo das mesas.
Procuravam por ele.
Grant agachou-se e seguiu para o fundo, avistando uma caixa metálica com uma caveira e ossos cruzados. Um aviso dizia: "Cuidado:

Toxinas Biológicas Precauções A4 Necessárias". Grant lembrou-se do
que Regis dissera. Eram venenos poderosos. Bastava um punhado de moléculas para matar instantaneamente... A imensa caixa estava em cima de uma mesa. Grant não conseguiu abri-la, pois não havia maçaneta nem vãos por onde pudesse enfiar a mão. Ergueu-se devagar e olhou em torno. Os raptores ainda examinavam as mesas.
Ele se concentrou na caixa. Viu um interruptor de metal na superfície da mesa, com uma tampa redonda. Erguendo a tampa, apertou o botão.
Com um silvo suave, a parte frontal da caixa se ergueu. Nas prateleiras havia garrafas marcadas com a caveira e o ossos cruzados. Leu os rótulos: "CCK-55"... "Tetra-alpha Secretina"... "Thymolevin X-1612"... Os líquidos brilhavam sob a luz ultravioleta. Em um prato de vidro encontrou seringas pequenas, cada uma com uma pequena quantidade de líquido esverdeado. Agachado na escuridão, Grant esticou a mão para pegar o prato das seringas. As agulhas possuíam capas plásticas. Removeu a proteção de uma delas, puxando- a com os dentes. Olhou para a agulha fina. Então avançou. Na direção dos raptores. Devotara toda sua vida a o estudo dos dinossauros. Agora confirmaria seus conhecimentos. Velociraptores eram dinossauros carnívoros pequenos, como oviraptores e dromaeossauros. Acreditava- se que roubavam ovos, como alguns pássaros modernos atacavam ninhos de outros pássaros. Grant sempre achara que os velociraptores comeriam ovos se os encontrassem.
Ele seguiu para a mesa mais próxima da incubadeira. Com cautela, retirou um dos ovos. Era quase do tamanho de uma bola de futebol, de cor creme, com pequenas pintas rosadas. Segurou o ovo e injetou

o conteúdo da seringa através da casca. O ovo brilhou, azulado. Grant se abaixou de novo. Sob a mesa, podia ver as pernas dos raptores no meio da névoa que caía das bordas. Ele rolou o ovo pelo chão, na direção dos animais, que acompanharam o barulho sutil do

ovo rolando com olhos atentos. E retomaram seu avanço.
O ovo parou a vários metros de um dos raptores. Droga!
Grant repetiu a tentativa. Pegou outro ovo, injetou a substância e o rolou novamente. Desta vez, o ovo parou bem no pé de um deles. Balançou um pouco, batendo na imensa garra. O velociraptor olhou para baixo, surpreso com o presente. Abaixou-se e farejou o ovo brilhante. Empurrou-o com o focinho e o ignorou.
Em seguida ergueu-se e avançou mais um pouco, procurando por Grant.
Não estava dando certo.
Grant pegou o terceiro ovo e injetou o conteúdo de outra seringa. Rolou-o pelo chão, desta vez mais depressa, com força, como se fosse uma bola de boliche. O ovo avançou com estrondo. Um dos animais ouviu o barulho, abaixou, viu o ovo e instintivamente o atacou, movimentando-se ágil para interceptar o objeto. A boca se abriu e fechou, esmagando a casca. O raptor parou, a clara pingando pela mandíbula. Ele lambeu os restos de ovo da boca e rosnou. Mordeu de novo, erguendo o ovo. Baixou para comer mais, da parte que ainda estava no chão. Grant olhou para ver o que aconteceria... E o raptor o avistou.
O animal rosnou ameaçador. Avançou para Grant, cruzando a sala em passadas longas, incrivelmente rápidas. Grant estremeceu, achando que desta vez estava perdido. Repentinamente, o velociraptor emitiu um som gutural e o corpo imenso desabou no chão. A cauda pesada batia no piso, durante os espasmos. O bicho soltava gritos agudos, engasgava. A boca vertia uma espécie de espuma. A cabeça se agitava frenética.
Um já foi, pensou Grant.
Mas estava morrendo devagar. Muito devagar, na opinião de Grant. Pegando outro ovo, ele viu quando os outros raptores pararam,

como que analisando a situação. O som do animal moribundo deixou-os
assustados. Um deles moveu a cabeça, depois o outro e o outro. O primeiro aproximou-se do companheiro caído. O moribundo tinha convulsões e gemia de dor. Saía tanta espuma da boca que Grant mal via a cabeça. O bicho rolou e gemeu de novo.
O segundo raptor se abaixou para farejar. Parecia intrigado com aquela morte súbita. Cautelosamente, olhou para a cabeça, depois para o pescoço, as costelas, as pernas...
E mordeu a pata traseira.
O animal moribundo rosnou e de repente ergueu a cabeça, enterrando os dentes no pescoço do atacante. Lá se vai o segundo, Grant comemorou.
Mas o animal conseguiu se libertar. O sangue jorrava do pescoço. Golpeando o moribundo com a garra poderosa, em um único golpe rasgou-lhe a barriga. Os intestinos se projetaram como cobras gordas. Os gritos do raptor moribundo encheram a sala. O atacante recuou, como se considerasse que a luta não valia a pena. Ele atravessou a sala, abaixou a cabeça e a ergueu, segurando um ovo! Grant observou quando o raptor o quebrou e mergulhou a boca no líquido brilhante.
Agora sim, eram dois.
O segundo raptor caiu instantaneamente, tossindo e tropeçando. Ao tombar, bateu numa mesa. Dúzias de ovos rolaram pelo chão. Grant olhou para eles desesperado.
Ainda faltava um raptor.
Grant só tinha mais uma seringa. Com tantos ovos rolando pelo chão, precisava pensar em outra coisa.

Tentava decidir o que fazer quando o último animal rosnou furioso. Grant olhou para cima — o raptor o vira.
O dinossauro não se moveu por um longo tempo, só o encarou. Depois avançou devagar, avaliando a situação. Olhando debaixo das mesas. Atacava calculadamente, sem a rapidez que mostrava em bando.

Não tirava os olhos de Grant, que procurou em torno. Não tinha onde se
esconder. Nada a fazer...
Grant tornou a fixar os olhos no raptor, deslocando-se lentamente para o lado. Tentava manter o máximo de mesas entre ele e o animal. Bem devagar, seguiu para a esquerda... O raptor avançou sob a luz avermelhada da incubadeira. Respirava em silvos breves, pelas narinas abertas. Grant sentiu que os ovos se quebravam sob seus pés, a gema grudando na sola do sapato. Agachou-se e sentiu o volume do rádio no bolso.
O rádio.
Ele o tirou do bolso e ligou.
— Alô. Grant falando.
— Alan? — Ellie respondeu.
— Preste atenção — Grant disse. — Não pare de falar. -- Alan? É você?
— Fale sem parar — Grant pediu, e jogou o rádio para o outro lado da sala, distante do ponto onde se encontrava, na direção do raptor.
Agachou-se atrás da perna da mesa e esperou. — Alan, fale comigo, por favor.
Depois um estalo, e o silêncio. O rádio ficou mudo. O raptor avançou, sibilante.
O rádio continuou mudo.
Por que ela não falava nada? Não entendera? Na escuridão, o raptor se aproximava.
— ... Alan?
A voz distante no rádio atraiu a atenção do animal, que parou. Farejou o ar, como se procurasse mais alguém. — Alan, sou eu. Não sei se pode me ouvir. O raptor desviou os olhos de Grant e dirigiu-se para o rádio. — Alan... por favor...
Por que não jogara o rádio mais longe? O raptor ainda estava

perto demais. A pata enorme pisou no chão, bem perto de Grant, que
viu a pele rugosa, o brilho verde suave. As marcas de sangue na garra curva. Sentiu o cheiro forte do réptil. — Alan... está me escutando? Alan?
O raptor se abaixou, tocando o rádio com cautela. Dera as costas para Grant. A cauda imensa ficou bem acima de sua cabeça. Esticando a mão, ele enterrou a seringa na cauda e injetou o veneno. O velociraptor virou e rosnou, saltando. Numa velocidade assustadora, atacou Grant com as garras à mostra. Mordeu, mas seus dentes se fecharam contra a perna da mesa. Ao levantar a cabeça, jogou a mesa longe. Grant caiu de costas, completamente indefeso. O raptor ergueu a cabeça, batendo nas luzes infravermelhas, que balançaram alucinadamente.
- Alan?
O raptor recuou um pouco e ergueu a pata traseira para atacar. Grant rolou no chão e a pata passou perto, sem atingi-lo. Sentiu uma dor forte no ombro e o sangue quente escorrendo pela camisa. Rolou, esmagando os ovos, ferindo as mãos e o rosto. O raptor desferiu outro golpe, esmagando o rádio, que soltou faíscas. Rosnou de raiva e atacou de novo. Grant encostou na parede, sem ter para onde ir, e o animal preparou-se para dar o golpe final.
E cambaleou para trás, tonto. A espuma surgiu em sua boca. Gennaro e as crianças entraram na sala. Grant fez um sinal para que se mantivessem a distância. A menina olhou para o animal moribundo e gritou:

- Uau!
Gennaro ajudou Grant a se levantar e saíram todos correndo para a sala de controle.

CONTROLE

Tim viu que o dr. Grant olhava desconsolado para a tela, aproximando a mão do teclado, hesitante. — Não entendo nada de computadores — Grant disse, balançando a cabeça.

Mas Tim não perdeu tempo e sentou-se. Tocou a tela rapidamente. Nos monitores de vídeo ele via o barco que se aproximava de Pun-tarenas. Já estava a menos de duzentos metros da doca. No outro monitor, viu o alojamento, onde os raptores se penduravam no alto. Pelo rádio, escutou seus rugidos.
— Faça alguma coisa, Timmy — Alexis implorou. Ele apertou "Ativa Cerca Dnl", embora o quadro piscasse. Na tela surgiu a resposta:

AVISO: EXECUÇÃO DO COMANDO ABORTADA
(FORÇA AUXILIAR BAIXA)

— O que significa isso? — Tim perguntou. Gennaro estalou os dedos.
— Já aconteceu antes. Quer dizer que a força auxiliar está baixa. Precisamos ativar o gerador principal. — É mesmo?
Ele tentou "Elétrica Principal".

Tim gemeu.
— O que está fazendo agora? — Grant perguntou. A tela inteira começou a piscar.
Tim tentou "Principal".
Nada aconteceu. A tela continuou piscando. Tim experimentou "Cerca Principal P". Sentiu um frio no estômago de tanto medo.

FORÇA DA CERCA PRINCIPAL DESATIVADA/
FORÇA AUXILIAR APENAS

A tela ainda piscava. Ele tentou "Liga Principal 1".
FORÇA PRINCIPAL ATIVADA

Todas as luzes da sala de acenderam. As telas dos monitores pararam de piscar.
— Ei! Deu certo!
Tim tocou o quadro "Ativar Cercas". Nada aconteceu, por um momento. Ele olhou para os monitores de vídeo e depois para a tela principal.

Grant disse algo que Tim não escutou, notando apenas a tensão em sua voz. Ele olhava para Tim, preocupado. Tim sentiu o coração disparar dentro do peito. Alexis gritava com ele. Não queria mais olhar nos monitores. Já ouvia o som das barras sendo curvadas no alojamento e o rosnar dos raptores. E Malcolm disse:
— Meu Deus...
Ele tentou "Alojamento".

ESPECIFIQUE NÚMERO DA CERCA A SER REATIVADA
Por um instante apenas, que pareceu interminável, ele não conseguiu se recordar do número, mas depois se lembrou e apertou F4.
ATIVANDO CERCA F4 DO ALOJAMENTO

No monitor de vídeo ele viu uma explosão de faíscas saindo do teto do quarto do alojamento. O monitor ficou branco e Alexis gritou: — O que foi que você fez?
Imediatamente a imagem voltou e eles viram que os raptores estavam presos entre as barras, tremendo e guinchando no meio da cascata de faíscas, enquanto Muldoon e os outros batiam palmas, as vozes excitadas transmitidas pelo rádio. — Isso mesmo! — Grant disse, batendo nas costas de Tim. — Isso mesmo! Você acertou!
Todos comemoravam o triunfo quando Alexis lembrou: — E o barco?
— O quê?
— O barco — a menina repetiu, apontando para a tela.
No monitor, os prédios ao longe, para lá da popa do barco, aumentavam de tamanho e se moviam para a direita, enquanto o navio ia para a esquerda e se preparava para encostar na doca. Ele viu os marinheiros que se dirigiam para a popa, preparando-se para lançar os cabos de amarração.
Tim voltou para a cadeira e olhou para a tela. Estudando o quadro, achou que "TeleCom VBB" e "Telecom RSD" poderiam ter algo a ver com os telefones. Tentou "Telecom Rsd".
HÁ 23 CHAMADAS E/OU RECADOS À ESPERA.
QUER RECEBÊ-LOS AGORA?

Ele respondeu NÃO.
— Talvez o navio esteja aguardando numa das linhas — Alexis disse. — Talvez assim consiga o número deles. Ele a ignorou.

DIGITE O NÚMERO QUE DESEJA CHAMAR OU F7 PARA LISTA

Ele apertou F7 e uma série de nomes e números surgiu na tela. A lista era enorme. Não estava em ordem alfabética e demorou um pouco até que encontrasse o que procurava: VSL ANNE B. (FREDDY) 708-3902
Agora só precisava descobrir como discar. Tentou as teclas no alto da tela.

LIGAR AGORA OU DEPOIS?

Ele respondeu LIGAR AGORA

O CHAMADO NÃO PODE SER COMPLETADO (ERRO 598) TENTE NOVAMENTE

Ele tentou outra vez.
Ouviu o sinal de linha, e o som dos números sendo chamados automaticamente, em rápida seqüência.
— Acertou? — Grant indagou ansioso.
— Muito bem, Timmy — Alexis gritou. — Mas eles já estão quase lá. — Na tela, viam a proa do navio próxima à doca de Puntarenas. Ouviram um som agudo, e depois uma voz disse: — Alô, John, aqui fala Freddy. Está me ouvindo? Câmbio? Tim pegou o telefone na mesa, mas só ouviu o ruído de linha. — Alô John? Freddy falando, câmbio.
— Responda logo — Alexis implorou.
Todos começaram a pegar nos telefones, erguendo os aparelhos disponíveis, mas só ouviam o sinal de linha. Finalmente Tim encontrou um. do lado do console, onde uma luz piscava. — Alô, controle. Aqui é Freddy. Estão me ouvindo, câmbio? Tim agarrou o telefone.
— Alô, aqui é Tim Murphy. Vocês precisam... — Repita, por favor, não recebemos, John.

— Não atraque o barco, está ouvindo?
Houve uma pausa. Depois uma voz desconfiada disse: — Parece alguma criança, pô. Tim berrou: — Não atraque o barco! Volte para a ilha! As vozes soavam distantes e abafadas.
— Ele disse que o nome... era Murphy? Outra voz respondeu: — Não deu para entender direito.
Tim olhou apavorado para os outros. Gennaro pegou o telefone. — Deixe comigo. Como é o nome dele? A estática tomou conta da ligação.
— ... uma piada ou trote... a... criança brincando... algo assim... Tim lidava com o teclado, precisava descobrir o nome inteiro de Freddy...
— Está me ouvindo? — Gennaro disse ao telefone. — Se pode me ouvir, responda, câmbio.
— Menino — foi a resposta —, não sei quem você é, mas isso não tem graça nenhuma, vamos atracar agora e temos muito trabalho a fazer. Agora, identifique-se corretamente ou saia dessa linha... Tim olhou para a tela, que dizia: FARRELL, FREDERICK C. (CAPT.)
— Tente entender o seguinte, capitão Farrell — Gennaro disse. — Se não der meia volta nesse barco e retornar imediatamente para a ilha, estará violando a Seção 509 do Regulamento Marítimo Unificado, estando sujeito a perda da licença de comandante, multas superiores a cinqüenta mil dólares e cinco anos de prisão. Entendeu? Houve um momento de silêncio.
— Recebeu a mensagem, capitão Farrell? Então, ao longe, uma voz respondeu.
— Entendi. Outra voz disse:
— Recuar a toda força.
E pelo monitor todo o mundo assistiu ao barco afastar-se da doca. Alexis começou a gritar animada. Tim caiu na cadeira, limpando o suor da testa.

— O que é o Regulamento Marítimo Unificado? — Grant
perguntou.
— Como é que eu vou saber? — Gennaro respondeu. E todos eles olharam para a tela, satisfeitos. O barco já se encontrava a uma razoável distância do porto. — Acho que a pior parte já passou — Gennaro comentou. Grant balançou a cabeça.
— A pior parte está só começando.

SÉTIMA ITERAÇÃO

"Cada vez mais, a matemática exigirá coragem para enfrentar suas implicações." .
IAN MALCOLM

DESTRUINDO O MUNDO

Eles levaram Malcolm para outro quarto do alojamento e o colocaram em uma cama limpa. Hammond pareceu ressuscitar, e andava de um lado para outro, animado.
— Pelo menos evitamos um desastre.
— Que desastre? — Malcolm perguntou, suspirando. — Bem — Hammond disse. — Eles não fugiram daqui para conquistar o mundo.
Malcolm ergueu-se nos cotovelos.
— Estava preocupado com isso?
— Mas claro, isso representava o maior risco. Os animais poderiam destruir o planeta, são predadores ferozes — Hammond afirmou.
— Seu egomaníaco idiota — Malcolm retrucou furioso. — Tem alguma idéia do que está falando? Acha que pode destruir o planeta? Está intoxicado pelo poder. Não conseguiria destruir o planeta. Nem de longe.
— Muita gente acredita — Hammond argumentou —, que nosso planeta corre sério perigo.
— Bem, não corre — Malcolm contradisse. — Todos os especialistas concordam que o planeta tem problemas. Malcolm suspirou de novo.
— Vou explicar algo sobre o nosso planeta. Ele tem quatro bilhões e meio de anos. Há vida aqui praticamente desde o início. Três vírgula oito milhões de anos, data da primeira bactéria. E mais tarde vieram os animais multicelulares, depois as primeiras criaturas complexas, no mar e na terra. Depois as grandes eras dos animais: dos anfíbios, dos dinossauros, dos mamíferos, cada uma durando milhões de anos. Grandes dinastias de criaturas surgiram, floresceram e

desapareceram. Tudo isso ocorreu tendo como pano de fundo
mudanças violentas, surgimento e erosão de grandes cadeias montanhosas, impacto de cometas, erupções vulcânicas, subida e descida de oceanos, movimento de continentes inteiros... Mudanças constantes e violentas... Mesmo hoje em dia, o maior acidente geográfico do planeta vem da colisão de dois continentes, que se espremeram, criando a cordilheira do Himalaia, há-milhões de anos. O planeta sobreviveu a tudo. Certamente sobreviverá a nós. Hammond fechou a cara.
— Só porque durou muito tempo não quer dizer que seja permanente. Se um acidente radioativo... — Suponha que aconteça isso — Malcolm disse. — Vamos dizer que seja sério, e que todas as plantas e animais morram, e que a terra se aqueça insuportavelmente durante cem mil anos. A vida sobreviverá em algum ponto, sob o solo, ou talvez congelada no gelo ártico. E, depois de muitos anos, o planeta não será mais inóspito, e a vida voltará a se espalhar por sua superfície. O processo da evolução recomeçará. Talvez demore alguns bilhões de anos para que a vida recupere sua variedade atual. E,

claro, será muito diferente do que temos agora. Mas a Terra sobreviverá a nossas loucuras. Só nós não sobreviveremos...
— Bem, a camada de ozônio diminui... — Hammond começou. — Aumentando os raios ultravioletas na superfície. E daí? — Bem, causa câncer na pele. Malcolm balançou a cabeça. — A radiação ultravioleta faz bem à vida. É uma poderosa forma de energia. Promove mutações, mudanças. Muitas formas de vida serão beneficiadas com o aumento dos raios ultravioletas. — E muitas outras morrerão — Hammond teimou. — Acha que é a primeira vez que isso acontece? Não sabe nada sobre o oxigênio?
— Sei que é necessário para a vida.
— Agora é — Malcolm disse. — Mas o oxigênio, na verdade, é um veneno para o metabolismo. Um gás corrosivo, como o flúor, usado

para gravar no vidro. Quando o oxigênio começou a ser produzido, como
subproduto das células de certas plantas, digamos, há uns três bilhões de anos, gerou uma crise para todas as formas de vida no planeta. As plantas poluíam a atmosfera com um veneno mortífero. Exalavam um gás letal, e aumentavam sua concentração. Um planeta como Vênus tem menos de um por cento de oxigênio. Na Terra, a concentração aumentava rapidamente, cinco, dez, até chegar a vinte e um por cento! A Terra tinha uma atmosfera carregada de veneno! Incompatível com a vida! Hammond parecia irritado.
— Então, aonde quer chegar? Acha que os poluentes atuais são importantes também?
— Não — Malcolm disse. — Quero dizer que a vida na Terra sabe cuidar de si. Na opinião dos seres humanos, cem anos é muito tempo. Há cem anos, não tínhamos carros, aviões, computadores ou vacinas... O mundo era muito diferente. Mas, para a Terra, cem anos não significam nada. Um milhão de anos não é nada. O planeta vive e respira em escala muito maior. Não conseguimos imaginar seu ritmo poderoso, nem temos a humildade necessária para tentar. Vivemos aqui há um piscar de olho. Se desaparecermos amanhã, a Terra não sentirá a nossa falta.
— E talvez aconteça isso mesmo — Hammond afirmou, cada vez mais bravo.
— Sim — Malcolm concordou. — Pode ser. — Então o que quer dizer? Que não devemos ligar para o meio ambiente?
— Claro que não.
— Então o que sugere?
Malcolm tossiu, e seus olhos fitaram a distância. — Vamos deixar algo bem claro. O planeta não corre perigo. Nós é que corremos perigo. Não temos poder para destruir o planeta, nem para salvá-lo. Mas talvez tenhamos o poder de salvar a nós mesmos.

SOB CONTROLE

Passaram-se quatro horas, o sol baixava no céu. O ar condicionado administrava a temperatura da sala de controle e o computador funcionava a contento. Pelo que podiam determinar, das vinte e quatro pessoas na ilha, oito tinham morrido e seis estavam desaparecidas. O centro de visitantes e o alojamento safári permaneciam em segurança, e a região norte parecia estar livre de dinossauros. Tinham chamado as autoridades de San José, pedindo auxílio. A Guarda Nacional da Costa Rica encontrava-se a caminho, bem como um helicóptero-ambulância, para levar Malcolm ao hospital. Mas, pelo telefone, a guarda da Costa Rica fora extremamente cautelosa. Sem dúvida contatos seriam feitos entre San José e Washington, antes que enviassem algum auxílio para a ilha. E o dia ia

chegando ao fim. Se os helicópteros não aparecessem logo, teriam de aguardar pelo amanhecer.
Neste meio tempo, não havia nada a fazer senão esperar. O navio retornava. A tripulação descobrira três jovens raptores passeando por uma das plataformas da popa e os matara. Na Islã Nublar o perigo imediato dava a impressão de ter sido superado. As pessoas concentravam-se no alojamento e no centro de visitantes. Tim, agora dominando melhor o computador, acionou outra tela: Total de animais_____292_____
Espécies Esperado Encontrado Ver Tiranossauros 2 1 4.1 Maiassauros 22 20 ?? Estegossauros 4 1 3.9 Triceratops 8 6 3.1 Procompsognathids 65 64 ?? Othnielia 23 15 3.1 Velociraptores 37 27 ??

Apatossauros 17 12 3.1
Hadrossauros 1 1 5 3.1 Düofossauros 7 4 4.3 Pterossauros 6 5 4.3 Hypsüophodontids 3 4 1 4 ?? Euoplocephalids 16 9 4.0 Estiracossauros 18 7 3.9 Microceratops 22 13 4.1
Total 292 203
— Mas que diabo está acontecendo agora? — Gennaro perguntou. — O número de animais diminuiu?
Grant fez que sim.
— Muito provavelmente.
— O Parque Jurássico finalmente está sob controle — Ellie suspirou.
— Como assim?
— Equilíbrio. — Grant apontou para os monitores. Em um deles, os hypsilophodontes pulavam no ar, enquanto um grupo de velociraptores entrava em cena, vindo do leste. — As cercas ficaram desligadas por muito tempo — Grant comentou. — Os animais estão interagindo. As populações atingem o equilíbrio, um verdadeiro equilíbrio jurássico. — Acho que isso não foi previsto — Gennaro observou.
— Os animais não deveriam se misturar nunca. — Bem, é o que estão fazendo agora.
Em outro monitor, Grant viu que os raptores corriam a toda velocidade em campo aberto, caçando um hadrossauro de quatro toneladas. O hadrossauro tentou fugir, mas um dos raptores pulou nas suas costas, mordendo o longo pescoço, enquanto os outros corriam pela frente, cercando a presa, mordendo as patas, pulando para rasgar a barriga com as garras temíveis. Em poucos minutos, seis raptores derrubavam um animal muito maior.
Grant acompanhou tudo em silêncio.
— Era assim que você os imaginava? — Ellie perguntou. — Não sei bem o que eu imaginava — Grant respondeu,

olhando para o monitor. — Não, acho que não.
— Sabe, parece que os raptores adultos estão aí fora, neste instante — Muldoon disse sombrio.
Grant não prestou muita atenção, no início. Apenas observou nos monitores a interação entre os grandes animais. No sul, o estegossauro balançava a cauda espinhuda, dando voltas em torno do tiranossauro mais jovem, que o acompanhava com o olhar, intrigado, tentando às vezes mordê-lo, sem sucesso. No quadrante oeste, os triceratops adultos lutavam entre si, batendo seus chifres poderosos. Um animal jazia já no solo, ferido de morte. — Ainda temos cerca de uma hora de luz, doutor Grant — Muldoon alertou. — Se quiser podemos tentar localizar o ninho. —Certo — Grant aceitou. — Eu quero. — Andei pensando — Muldoon continuou —, que o pessoal da Costa Rica, quando chegar, tratará a ilha como um problema militar. Um local a ser destruído o mais depressa possível. — Cem por cento correto — Gennaro confirmou. — Lançarão bombas dos aviões. Talvez usem napalm, e gás tóxico também. Mas ficarão lá em cima — Muldoon disse. — Espero que façam isso — Gennaro falou. — A ilha oferece riscos excessivos. Todos os animais da ilha precisam ser destruídos, e quanto mais cedo melhor.
— Isso não basta. — Grant falou. — Vamos logo. —. Creio que não entendeu, Alan — Gennaro disse.

— Em minha opinião, a ilha é perigosa demais. Todos os animais precisam ser destruídos, e vamos deixar isso por conta da Guarda Nacional da Costa Rica. Podemos confiar na eficiência deles. Entende o que quero dizer? — Perfeitamente — Grant respondeu.
— Então qual é o problema? — Gennaro questionou. — Não passa de uma operação militar. Eles cuidarão de tudo. Grant sentiu uma pontada nas costas, no ponto atingido pelo raptor.
— Não. Precisamos cuidar disso.

— Deixe por conta dos especialistas — Gennaro insistiu.
Grant se lembrou de como encontrara Gennaro há seis horas, encolhido e apavorado na cabine de um caminhão no prédio da manutenção. E de repente perdeu a paciência, agarrando o advogado pelos colarinhos.
— Escute aqui, seu filho da mãe, você tem responsabilidade por esta situação e vai ter de encarar isso.
— Eu estou encarando — Gennaro defendeu-se, gaguejando. — Está coisa nenhuma. Sempre fugiu da responsabilidade, desde o começo!
— Uma ova...
— Vendeu uma idéia que não compreendia direito para os investidores. Associou-se a um projeto, mas o deixou sem supervisão. Não acompanhou nem checou as atividades de um homem que sabia, por experiência própria, tratar-se de um mentiroso. Permitiu que esse homem brincasse com a tecnologia mais perigosa de toda a história da humanidade. Acho que fugiu da responsabilidade, sim! Gennaro gaguejou de novo:
— Bem, estou assumindo a responsabilidade agora. — Não — Grant disse. — Continua querendo fugir dela. Basta, não pode mais fazer isso. — Soltou Gennaro, que tentou recuperar o fôlego, e virou-se para Muldoon: — Temos armas? — Temos redes e bastões de choque — Muldoon informou. — Os bastões são eficientes?
— Funcionam como bastões para afugentar tubarões. A ponta é um capacitor de contato, que emite um choque. Alta voltagem, baixa amperagem. Não é fatal, mas paralisa o animal. — Não adianta, no caso do ninho.
— Que ninho? — Gennaro perguntou.
— O ninho dos raptores — Ellie esclareceu. — O ninho dos raptores? Grant o ignorou. — Muldoon, você tem coleiras de sinalização? — Creio que sim.

— Arranje uma. Mais alguma coisa para usar como defesa?
Muldoon fez que não com a cabeça.
— Bem, veja o que dá para arranjar. Muldoon saiu. Grant disse a Gennaro:
— Sua ilha é um perigo, senhor Gennaro. Um projeto irresponsável. Precisamos acabar com ele. Mas isso não pode ser feito até que se conheça a extensão do estrago. Para tanto, precisamos encontrar os ninhos da ilha. Especialmente os ninhos dos raptores, normalmente ocultos em locais de difícil acesso. Precisamos encontrá-los, inspecioná-los e contar os ovos. Temos de saber exatamente quantos animais nasceram na ilha. Depois poderemos queimar tudo. Mas antes há trabalho a fazer.

Ellie consultava o mapa, que agora exibia as áreas mais freqüentadas pelos animais. Tim trabalhava no teclado. Ela mostrou o mapa:
— Os raptores preferem a região sul, perto dos pontos de emanação de vapores vulcânicos. Talvez apreciem o calor. — Há algum bom esconderijo por lá?
— Creio que sim. Uma imensa represa de concreto, para evitar inundações nas planícies a o sul. Muitas construções subterrâneas. Água e sombra.
Grant balançou a cabeça.

— Deve ser lá, então.
— Acho que há um acesso pela praia — Ellie disse. — Tim, mostre os caminhos e acessos para as obras da represa. Tim não a ouvia.
— Tim?
Ele se debruçara sobre o teclado.
— Espere. Encontrei algo.
— O que é?
— Um depósito não identificado. Não sei o que há lá dentro. — Pode ser um depósito de armas — Grant sugeriu.

Foram todos para os fundos do prédio de manutenção e abriram
uma pesada porta de aço. Desceram os degraus de concreto para o subterrâneo.
— Arnold era um filho da mãe — Muldoon exclamou. — Aposto que sabia da existência deste depósito. — Talvez não — Grant ponderou. — Ele não tentou se esconder aqui.
— Bem, então Hammond sabia. Alguém sabia. — Onde está Hammond?
— Ficou no alojamento.
Chegando ao final da escada, toparam com máscaras de gás enfilei-radas, em embalagens plásticas. Apontaram as lanternas para os fundos e viram vários cilindros de vidro, com meio metro de altura e tampa de aço. Grant notou que havia pequenas esferas escuras dentro dos tubos. Era como entrar numa sala cheia de moinhos de pimenta- do-reino, pensou.
Muldoon destampou um tubo e apanhou uma esfera. Iluminou- a, franzindo a testa.
— Puxa vida.
— O que é? — Grant perguntou.
— "Moro-12" — Muldoon respondeu. — Um gás que afeta os nervos. São granadas. Dúzias de granadas. — Vamos logo com isso — Grant apressou-o, sombrio. — Ele gosta de mim — Alexis disse, sorrindo. Estavam na garagem do centro de visitantes, com o pequeno raptor que Grant capturara no túnel. Ela acariciava o animal pelo vão das barras. O raptor se esfregava em sua mão.
— Tome cuidado — Muldoon alertou. — Eles mordem. — Ele gosta de mim — Alexis repetiu. — Seu nome é Clarence. — Clarence? Sim.
Muldoon segurava uma coleira de couro, com uma pequena caixa metálica presa a ela. Grant ouviu o som agudo saindo da caixa. - Acha que vamos ter problemas para instalar a coleira

localizadora no animal?
Alexis continuava brincando com o raptor. — Aposto que ele me deixa pôr a coleira. — Melhor não tentar — Muldoon aconselhou. — Eles são imprevisíveis.
— Pode deixar, não tem problema —- ela respondeu. E Muldoon acabou entregando a coleira a Alexis, que a esticou para que o raptor a cheirasse. Depois, com cuidado, passou-a no pescoço do animal, que ficou verde-claro quando a menina a afivelou e fechou a tira de velcro por cima da fivela. Depois o raptor relaxou, - voltando a sua cor pálida.
— Dá para acreditar? — Muldoon perguntou. — Ele é um camaleão — Alexis comentou. — Os outros raptores não conseguiam fazer isso — Muldoon disse, franzindo a testa. —- Este animal deve ser diferente, tendo nascido no mato. Por falar nisso — disse, dirigindo-se a Grant —, se eram todos fêmeas ao nascer, como se reproduziram? Nunca explicou aquela história de DNA de rã.
— Não se trata do DNA de rã apenas — Grant afirmou. — Mas sim de DNA de anfíbio. Mas o fenômeno foi particularmente bem documentado nas rãs. Especialmente nas rãs do oeste da África, se não me engano.
— E que fenômeno é esse?

— Transição de gênero — Grant respondeu. — Na verdade, não passa de mudança de sexo. — Ele explicou que um certo número de plantas e animais possuíam a capacidade de mudar de sexo durante a vida — como orquídeas, alguns peixes e camarões, e também as rãs. Neste caso, rãs que punham ovos se transformavam em machos perfeitos em alguns meses. Começavam por mostrar a agressividade dos machos, depois o chamado de acasalamento. Por uma mudança hormonal, passavam a ter gônadas de macho e acabavam por se acasalar com fêmeas.
— Está brincando — Gennaro disse. — E o que provoca isso?

— Aparentemente as mudanças são estimuladas por um
ambiente em que todos os animais são do mesmo sexo. Nessa situação, alguns anfíbios espontaneamente mudam de fêmea para macho. — Acredita que isso ocorreu com os dinossauros? — Pelo menos é a melhor explicação que encontrei — Grant afirmou. — Acho que foi isso mesmo. Agora, vamos procurar os ninhos? Eles entraram no jipe e Alexis pegou o raptor na jaula. O animal parecia muito calmo, quase domesticado, em suas mãos. Ela lhe fez um agrado final na cabeça e o soltou.
O animal não se afastou.
— Vá embora! Passa! Vá para casa! — Alexis gritou. O raptor correu para o mato.

Grant pegou o receptor e os fones de ouvido. Muldoon dirigia o carro, que sacolejava na estrada principal, no rumo sul. Gennaro virou- se para Grant:
— Como é um ninho deles?
— Ninguém sabe — Grant respondeu.
— Mas pensei que você havia encontrado ninhos em suas escavações.
— Eu encontrei ninhos de dinossauros fossilizados — Grant lembrou. — Mas todos os fósseis são afetados por milênios de transformações. Formulamos algumas hipóteses, mas no fundo ninguém sabe como são os ninhos.
Grant se concentrou nos bips e apontou para o oeste, indicando a Muldoon a direção que o velociraptor solto por Alexis havia tomado. Pelo jeito Ellie estava certa: o ninho ficava na área vulcânica do sul. Ele balançou a cabeça.
— Precisamos admitir, não conhecemos muito nem sobre o comportamento de répteis atuais nos ninhos, como por exemplo crocodilos e jacarés. São animais difíceis de se estudar. Mas sabe-se, no caso dos jacarés da América do Sul, que só a fêmea cuida do ninho, esperando a época da eclosão. O jacaré macho passa alguns dias no

início da primavera ao lado da fêmea, fazendo um par para o
acasalamento, soprando bolhas em sua cara para torná-la mais disponível, finalmente fazendo com que erga a cauda e permita que ele insira o pênis. Quando a fêmea faz o ninho, dois meses depois, o macho já se foi. A fêmea guarda com ferocidade o ninho em forma de cone, com um metro de altura, e quando os filhotes começam a gritar e querer sair da casca, ela com freqüência os ajuda a quebrar os ovos, e depois os empurra para a água. Chega a carregá-los na boca. — Então os jacarés adultos protegem os jovens? — Protegem — Grant confirmou. — Há também uma espécie de proteção do grupo. Os jovens jacarés emitem um som de alerta, e isso faz com que qualquer adulto que o ouça, pai ou não, venha em sua ajuda, atacando com fúria. Não só uma demonstração de raiva, mas sim um ataque violento contra a fonte de perigo. — Ah. — Gennaro ficou em silêncio.
— Mas os dinos não são répteis — Muldoon disse laconicamente.
— Exatamente. O padrão de comportamento dos dinossauros aproxima-se mais do de alguns pássaros.
— Em resumo, isso quer dizer que você não tem a menor idéia — Gennaro concluiu, irritado. — Não

sabe como é o ninho? — Não — Grant disse. —- Eu não sei.
— Ora, ora — Gennaro zombou. — E ainda se diz um especialista.
Grant o ignorou. Já sentia o cheiro de enxofre. E, à frente, via as emanações dos campos vulcânicos.

O solo era quente, Gennaro pensou, enquanto caminhava. Quente mesmo. Aqui e ali o barro borbulhava. E as emanações vulcânicas malcheirosas saíam em jatos que chegavam na altura dos ombros. Parecia que andavam no meio do inferno. Ele olhou para Grant, na frente, com os fones, acompanhando os bips. Grant usava botas de cowboy, calça jeans e camisa estilo

havaiano. Parecia muito calmo. Gennaro, ao contrário, sentia muito
nervosismo. Pavor de estar naquele lugar diabólico e fedorento, tendo os velociraptores como companhia em algum ponto próximo. Não entendia como Grant podia ficar tranqüilo numa situação daquelas. A mulher também não se abalava. Sattler. Caminhava relaxada, -olhando em torno.
— Você não sente medo? — Gennaro indagou a Grant. — Precisamos fazer isso — foi a resposta. E ele cortou a conversa. Foram adiante, entre as emanações. Gennaro apertou as granadas
de gás que levava à cintura.
— Por que ele não se incomoda? — perguntou a Ellie. — Talvez ele se incomode. Mas sonhou com este momento a vida inteira.
Gennaro fez que entendia, e tentou imaginar. Pensou se esperara a vida inteira por algo. Concluiu que não. Grant semicerrou os olhos por causa do sol. Entre os veios de um regato, um animal abaixado olhava para eles. Depois fugiu. — Era o raptor de Alexis? — Ellie indagou. — Acho que sim. Ou algum outro, também novo. — Tentando nos atrair?
— Talvez.
Ellie contara como os raptores brincaram com ela na cerca, distraindo sua atenção, enquanto outro subia no telhado. Se confirmado, esse comportamento indicava uma capacidade mental muito acima das formas de vida existentes na Terra. Classicamente, a habilidade para inventar e executar planos se limitava a três espécies: chipanzés, gorilas e seres humanos. Agora havia a possibilidade de incluir um dinossauro na lista.
O raptor surgiu outra vez, correndo numa área limpa, e saltou, desaparecendo com um guincho. Realmente parecia querer atraí-los. Gennaro franziu o cenho.
— Serão mesmo tão espertos?

— Se pensar neles como pássaros — Grant disse —, pode ser.
Alguns estudos recentes mostram que o papagaio cinzento tem quase tanta inteligência simbólica quanto o chipanzé. E o chipanzé pode utilizar linguagem. Agora os pesquisadores descobriram que os papagaios possuem um desenvolvimento emocional de uma criança de três anos, mas sua inteligência é indiscutível. Sem dúvida, os papagaios podem raciocinar simbolicamente.
— Nunca ouvi falar de alguém que tenha sido assassinado por um papagaio — Gennaro resmungou.

Ao longe, ouviam o som das ondas batendo na praia. Os campos vulcânicos ficaram para trás e eles chegaram a uma área com pedras enormes. O raptor subiu numa delas e depois sumiu abruptamente.
— Para onde foi? — Ellie perguntou. Grant concentrou-se nos fones. O bip cessou.
— Sumiu.
Correram e encontraram no meio das pedras um pequeno buraco, como uma toca de coelho. Tinha no máximo sessenta centímetros de diâmetro. Enquanto olhavam, o jovem raptor reapareceu, piscando ofuscado pelo sol. Depois fugiu. — Nem pensar — Gennaro foi logo dizendo. — Não vou descer lá.
Grant não falou nada. Ellie e ele começaram a lidar com o equipamento. Em pouco tempo ligaram a

câmera de vídeo ao monitor. Ele amarrou a câmera com uma corda, ligou-a e a desceu pelo buraco. — Não vai conseguir ver nada assim — Gennaro se intrometeu. — Vamos ajustar — Grant respondeu. Havia luz suficiente no buraco para permitir a visão das paredes lisas e de um túnel que surgia de repente. No microfone, ouviram um guincho. Depois um som grave, como de trombeta, e mais ruídos, provocados por vários animais. — Parece que é mesmo o ninho — Ellie falou. — Mas não está vendo nada — Gennaro disse, limpando o suor da testa.

— Não — Grant concordou. — Mas posso ouvir.
Depois de acompanhar os ruídos por mais algum tempo, ele ergueu a câmera e a colocou no chão.
— Vamos logo — decidiu, dirigindo-se para o buraco. Ellie pegou uma lanterna e um bastão de choque. Grant prendeu a máscara contra gases no rosto e agachou-se, estendendo as pernas para trás.
— Não podem estar falando sério. Não vão entrar lá — Gennaro protestou.
Grant o encarou.
— Não estou entusiasmado. Mas precisamos ir. Vou descer primeiro, depois é a vez de Ellie, e em seguida a sua. — Espere aí — Gennaro disse, apavorado. — Por que não jogamos as granadas de gás no buraco e depois descemos? Não faz mais sentido?
-— Ellie, pegou a lanterna? Ela passou a lanterna para Grant. — Então? — Gennaro insistiu. — O que acha da minha idéia? — Acho ótima — Grant disse, seguindo para o buraco. — Mas você já viu uma morte por gás venenoso? — Não...
— Geralmente causa convulsões violentas. — Sim, sei que é desagradável, mas...
— Compreenda — Grant disse —, precisamos descer ao ninho para contar quantos animais nasceram. Se matar os animais primeiro, e alguns caírem em cima do ninho durante as convulsões, nunca ficaremos sabendo o que havia ali. Todo o trabalho estaria perdido. — Mas...
— O senhor fez estes animais, senhor Gennaro. — Eu não!
— Seu dinheiro fez. Ajudou a criá-los. São obra sua. E não pode matá-los assim só porque está meio nervoso... — Eu não estou meio nervoso — Gennaro contestou. — Estou morrendo de medo!
— Siga-me — Grant ordenou. Ellie entregou o bastão de choque.

Ele começou a descer pelo buraco, reclamando: — E apertado.
Então soltou o ar, ergueu os braços e sumiu de vista. O buraco ficou vazio, escuro.

— O que aconteceu a ele? — Gennaro perguntou, assustado. Ellie deu um passo à frente e debruçou-se sobre o buraco, escutando os barulhos lá embaixo. Pegou o rádio e chamou baixinho: — Alan?
Depois de uma longa pausa silenciosa, a resposta veio baixa também:
— Estou aqui.
— Está tudo bem, Alan?
Outra pausa longa. Quando Grant finalmente falou, sua voz soou diferente, quase maravilhada.
— Está tudo ótimo.

QUASE UM PARADIGMA

Enquanto isso, no alojamento, John Hammond andava de um lado para outro no quarto de Malcolm. Estava impaciente e constrangido. Desde o esforço supremo de sua última explosão, Malcolm entrara em coma, e agora Hammond tinha a impressão de que morreria mesmo. Claro, tinham chamado o helicóptero, mas não chegaria a tempo. A possibilidade de Malcolm morrer enchia Hammond de ansiedade e medo.

Paradoxalmente, Hammond considerava a situação pior ainda por detestar o matemático. Pior do que se o sujeito fosse seu amigo. Considerava a morte de Malcolm como uma jogada final daquele cérebro insuportavelmente brilhante, e isso era demais para o velho. De qualquer maneira, o cheiro no quarto tornara-se nauseante. Tudo fedia a carne humana apodrecendo.
— Tudo... paradi... — Malcolm falou, tossindo. — Ele vai acordar? — Hammond perguntou. Harding balançou a cabeça negativamente.
— O que disse? Algo sobre o paraíso?
— Não entendi direito — Harding respondeu. Hammond continuou andando para lá e para cá. Abriu a janela, para deixar entrar um pouco de ar puro. Finalmente, quando não agüentava mais, perguntou:
— Temos algum problema lá fora?
— Creio que não. Esta área está segura. — Bem, então vou dar uma volta.
— Tudo bem — Harding concordou, ajustando o fluxo de antibiótico por via intravenosa.
— Volto logo.
— Até mais.

Hammond saiu a passeio, e lá fora pensou no motivo de ter
justificado sua saída a Harding. Afinal, o sujeito não passava de um empregado. John Hammond não precisava dar explicações. Aproximou-se dos portões da cerca. A névoa se dissipara, o sol brilhava de vez em quando, como naquele momento. Hammond considerou isso um bom sinal. Seu parque era ótimo. Mesmo que o cretino do Gennaro resolvesse queimar tudo, não faria a menor diferença.
Hammond sabia que, em dois cofres separados, na sede da InGen em Paio Alto, havia dúzias de embriões congelados. Não haveria dificuldade em desenvolvê-los novamente, em outra ilha, em algum lugar do mundo. Certo, tinham surgido alguns problemas ali em Islã Nublar, mas da próxima vez tomariam mais cuidado. O progresso era isso, resolver problemas.
Concluiu que Wu não fora a pessoa indicada para o serviço. Obviamente desleixado, indigno de sua grande tarefa. Wu se preocupava demais em melhorar o produto. Em vez de fazer mais dinossauros, queria melhorá-los. Hammond suspeitava de que essa era a razão para o colapso do parque.
Wu era o culpado.
Além disso, tinha de admitir que John Arnold não fora o mais adequado para o cargo de chefe da engenharia. Seu currículo era impressionante, mas já estava cansado de tudo, e se preocupava demais. Não era muito organizado, e deixara de lado muitas coisas importantes.
Na verdade, nem Wu nem Arnold possuíam a qualificação mais importante, Hammond concluiu. Nenhum dos dois tinha visão. Esse grande ato da imaginação que evocara um parque maravilhoso, onde as crianças poderiam encostar nas cercas, observando criaturas extraordinárias, tiradas de seus livros de histórias. Uma visão real. A capacidade de enxergar o futuro. A capacidade de reunir os recursos para tornar essa visão realidade.
Não, Wu e Arnold não serviam para tal tarefa.

Ed Regis fora uma escolha infeliz, também. Harding, no máximo,
uma escolha indiferente. Muldoon bebia demais... Hammond balançou a cabeça. Da próxima vez escolheria melhor.
Absorto em seus pensamentos, seguiu para o bangalô pelo caminho que saía do centro de visitantes em direção ao norte. Passou por um dos funcionários, que o cumprimentou. Hammond não respondeu. Considerava os operários um bando de insolentes. No fundo, a escolha dessa ilha na Costa Rica fora infeliz, também. Não cometeria tais erros no futuro...
O urro de um dinossauro o assustou, de tão próximo. Hammond tropeçou e caiu, e quando olhou para trás teve a impressão de ver a sombra do jovem tiranossauro movendo-se no mato, avançando em sua

direção.
O que o T-rex estava fazendo ali? Por que não se encontrava no cercado?
Hammond teve um acesso de raiva. Depois viu o operário costarriquenho correndo para salvar a vida, e reuniu forças para erguer-se e disparar na direção da mata que ladeava a trilha. Mergulhou na escuridão da selva; tropeçou e caiu de novo, e seu rosto se encheu de folhas úmidas e terra. Levantou-se cambaleando e correu, caiu e conseguiu se erguer e seguir em frente. Chegou a um barranco e perdeu o equilíbrio. Rolou indefeso pelo solo macio, chegando ao pé da encosta. Seu rosto mergulhou na água tépida do regato que ali corria. Hammond entrou em pânico. Que idiota! Deveria ter corrido para seu bangalô! Levantou-se, amaldiçoando a própria atitude, e sentiu uma dor intensa no tornozelo, que encheu seus olhos de lágrimas. Tentou apoiar o pé, com mais cuidado, pois poderia estar fraturado. Forçou um pouco. Sim, estava quebrado. Na sala de controle, Alexis disse a Tim: — Gostaria de ter ido junto com eles até o ninho. — Seria muito perigoso para nós, Lex. Precisamos ficar aqui. Escute só isso. — Apertando outro botão, Tim fez com que o urro do

tiranossauro ecoasse pelo parque, nos alto-falantes.
— Legal — Alexis comentou. — Melhor do que o outro. — Pode fazer também — Tim ofereceu. — Se apertar aqui, ele re-verbera.
— Quero tentar — Alexis aceitou. Ela apertou o botão. O tiranossauro rugiu de novo. — Podemos aumentar a duração? — Claro — Tim falou. — E só virar este botão aqui... Deitado no final do barranco, Hammond ouviu o rugido do tiranossauro, que ecoava na selva.
Meu Deus.
Ele tremeu, ao ouvir o som. Um grito terrível, do outro mundo. Esperou para ver o que aconteceria. O que o tiranossauro faria? Teria atacado o operário? Hammond aguardou em silêncio, ouvindo apenas o barulho das cigarras, até perceber que prendia o fôlego, e soltou um longo suspiro.
Com o tornozelo fraturado, não poderia subir o barranco. O único jeito era esperar ali. Depois que o tiranossauro fosse embora, pediria ajuda. Nesse meio tempo não corria perigo. Depois ouviu uma voz amplificada dizer: — Vamos, Timmy, eu também quero fazer a voz. As crianças! O tiranossauro rugiu de novo, mas desta vez o som saiu modulado, musical, com eco.
— Lindo — exclamou a menina. — Outra vez. Aquelas crianças danadas!
Nunca deveria ter trazido os netos. Só tinham causado problemas, desde o início. Ninguém queria saber deles. Hammond os trouxera por pensar que assim impediria Gennaro de destruir o parque. Mas Gennaro faria isso de qualquer modo, agora. E as crianças haviam entrado na sala de controle e brincavam com o equipamento. Quem tinha permitido uma coisa dessas?
Sentiu que seu coração disparava, e encontrava dificuldade em respirar. Tentou relaxar. Não havia nada de errado. Embora não pudesse subir o barranco, não estava a mais de cem metros do bangalô

e do centro de visitantes. Hammond sentou-se na terra úmida, ouvindo
os sons da selva que o rodeava. Depois de algum tempo, gritou por socorro.
A voz de Malcolm não passava de um sussurro: — Tudo... parece diferente... do outro lado... Harding aproximou-se dele.
— Do outro lado? — perguntou. Pensou que Malcolm estivesse falando da morte.
— Quando... muda — Malcolm continuou.
— Muda?
Malcolm não respondeu. Seus lábios ressequidos moveram-se outra vez:
— Paradigma — disse finalmente. Nas últimas duas décadas, esta fora a palavra da moda para se falar das mudanças científicas. "Paradigma" era apenas outra palavra para modelo, mas os cientistas a usavam em outro sentido, mais amplo, indicando uma visão de mundo. Uma forma mais geral de ver a

realidade. As mudanças de paradigma ocorriam sempre que a ciência mudava significativamente sua maneira de ver o mundo. Tais mudanças eram relativamente raras, ocorrendo uma vez a cada século, mais ou menos. O evolucionismo de Darwin forçara uma mudança de paradigma. A mecânica quântica outra, menor.
— Não — Malcolm disse. — Não... paradigma... além — Além do paradigma? — Harding sugeriu. — Não se preocupar mais... o que...
Harding suspirou. Apesar de todos os esforços, Malcolm mergulhava em um delírio terminal. A febre aumentava e os antibióticos estavam quase no fim.
— Não se preocupar mais com o quê?
— Com qualquer coisa — Malcolm disse. — Porque... tudo parece diferente... do outro lado.
E sorriu.

DESCIDA

— Você é louca — Gennaro disse a Ellie Sattler, quando ela se esgueirava pelo buraco, erguendo os braços. — Fazer isso é absurdo! Ela sorriu.
— Talvez — respondeu, apoiando-se nas laterais do buraco com jas mãos. Em seguida sumiu.
A abertura escureceu novamente.
Gennaro virou-se para Muldoon, parado perto do jipe. — Não vou descer.
— Vai sim.
— Não posso. Sério.
— Esperam por você — Muldoon alertou. — Ande logo. — Mas só Deus sabe o que tem lá embaixo. Não tenho coragem. — Mas precisa.
Gennaro olhou de novo para o buraco e em seguida para trás. — Não posso. Ninguém vai me obrigar.
— É mesmo? — Muldoon disse, erguendo o bastão — Nem mesmo com um choque?
— Não.
— Quase nunca é fatal. Normalmente a pessoa desmaia. Deixa as pernas bambas. Mas quase nunca deixa seqüelas. Pelo menos não nos dinossauros. Bem, as pessoas são menores. Gennaro olhou para o bastão.
— Você não teria coragem!
— Acho melhor descer logo para contar os animais, Gennaro. Rápido.
O advogado olhou hesitante para o buraco, uma boca aberta na terra. E depois para Muldoon, parado impassível.

Gennaro suava. Começou a andar na direção do buraco. De
longe parecia tão pequeno, mas aumentava conforme ele se aproximava. — Isso — Muldoon aplaudiu.
Gennaro sentou-se na borda, com as pernas para dentro. Mudou de idéia. Cair assim no desconhecido o aterrorizava. Resolveu enfiar a cabeça primeiro, pelo menos veria o caminho. Prendeu a máscara contra gases no rosto e foi em frente.
De repente lá estava ele escorregando na escuridão, vendo que as paredes desapareciam e depois se estreitavam, cada vez mais — muito mais — e sentiu a pressão contra o peito, tirando o ar dos pulmões. Mal se deu conta de que o túnel se inclinava ligeiramente, torcendo seu corpo, fazendo com que pontos luminosos dançassem diante de seus olhos, aumentando a dor. E depois o túnel se alargou. Gennaro sentiu uma superfície rugosa, de concreto, e ar frio. Seu corpo ficou livre e rolou pelo concreto.

Vozes na escuridão. Dedos que o tocavam, vozes sussurradas. O ar era frio, como numa caverna.
— ... tudo bem?
— Ele parece estar bem.
— Está respirando.
— Ótimo.
Uma mulher acariciava seu rosto. Era Ellie. — Pode me ouvir, Gennaro?
— Por que todos estão falando baixo? — ele perguntou. Ellie ergueu a mão, apontando.
Gennaro virou e se levantou lentamente. Arregalou os olhos quando a vista se acostumou à escuridão. A primeira coisa que notou, brilhando no escuro, foram os olhos. Muitos olhos verdes faiscando. Dúzias de olhos o cercavam.
Estavam em uma plataforma de concreto, a cerca de dois metros acima do solo. Uma estrutura de ferro grande fornecia um esconderijo

improvisado, protegendo-os da visão dos dois velociraptores adultos que
se encontravam bem à frente, a pouco mais de um metro. Os animais eram verdes, escuros, com listras marrons, como as de um tigre. Mantinham-se em pé, equilibrados pela cauda rígida. Em silêncio total, vigiavam a área com seus olhos enormes. Nos pés dos adultos, os filhotes de velociraptor pulavam e guinchavam. Mais para trás, os jovens brincavam, rosnando e rugindo.
Gennaro ficou sem fôlego.
Dois raptores!
Agachado na beirada, viu que menos de dois metros o separavam da cabeça dos animais. Os raptores pareciam inquietos, as cabeças movendo-se nervosamente para cima e para baixo. De tempos em tempos rosnavam impacientes. Depois voltaram para perto do grupo maior.
Conforme seus olhos se ajustavam, Gennaro percebia que se encontrava em uma espécie de estrutura subterrânea enorme, feita pelo homem — havia colunas de concreto e barras de ferro protuberantes. Dentro daquele espaço imenso havia muitos animais: Gennaro calculou o total em pelo menos trinta raptores. Talvez mais. — Trata-se de uma colônia — Grant explicou. — Quatro a seis adultos. O resto se compõe de filhotes e jovens. Pelo menos duas ninha- das. Uma no ano passado, outra este ano. Os filhotes devem ter uns quatro meses. Provavelmente nasceram em abril. Um dos filhotes, curioso, chegou na beira da plataforma e aproximou-se deles guinchando. Estava a três metros. — Meu Deus — Gennaro murmurou. Mas imediatamente um dos adultos ergueu a cabeça, avançou e gentilmente empurrou o filhote de volta para o ninho. O animal reclamou, depois pulou na cara do adulto, que se movia lentamente, deixando que o filhote subisse em sua cabeça e descesse pelo pescoço. Sentindo-se seguro, o filhote guinchou, olhando na direção dos intrusos.
Os adultos não os viam ainda.
— Não entendo — Gennaro sussurrou. — Por que não nos

atacam? Grant balançou a cabeça.
— Não podem nos ver. E não há ovos no momento... Isso os deixa mais tranqüilos.
— Tranqüilos? — Gennaro repetiu. — Quanto tempo vamos ficar aqui?
— O suficiente para contá-los — Grant disse. Pelo que Grant pôde observar, havia três ninhos, vigiados por três casais. A divisão de território era demarcada, a grosso modo, pelas bordas dos ninhos, embora os filhotes cruzassem as áreas. Os adultos mostravam muita paciência com os filhotes, e pouca com os jovens, ocasionalmente dando uma patada nos animais maiores, quando suas brincadeiras tornavam-se muito agitadas. Naquele momento, um raptor jovem aproximou-se de Ellie e esfregou a cabeça em sua perna. Ela olhou para baixo e viu a coleira de couro com a caixa preta. Estava molhada em um ponto. E machucara a pele do raptor.

O animal guinchou.
No salão abaixo, um dos adultos olhou curioso na direção do som.
— Acha que posso removê-la? — ela perguntou. — Seja rápida.
— Está bem. — Ellie ajoelhou-se ao lado do filhote. Ele guinchou. O adulto rosnou, erguendo a cabeça. Ellie acariciou o animalzinho, tentando acalmá-lo, impedindo os guinchos. Depois moveu a mão na direção do colarinho, tirando a faixa de velcro, que fez um ruído alto. Os adultos levantaram a cabeça! Um deles começou a caminhar em sua direção. — Merda! — Gennaro exclamou.
— Não se mexam — Grant avisou. — Fiquem calmos. Os adultos passaram por eles. As longas garras curvas arranhavam o concreto. O animal parou na frente de Ellie, que se mantinha agachada ao lado do mais jovem, perto da proteção de aço. O raptor jovem estava à vista, bem como a mão de Ellie. O adulto ergueu a

cabeça, farejando. Estava muito próximo dela, mas o ferro impedia a
visão. Pôs a língua para fora, sentindo o ar. Grant pegou uma granada de gás no cinto e manteve o polegar no pino. Gennaro segurou sua mão, balançou a cabeça negativamente e apontou para Ellie, que não usava a máscara contra gases. Grant deixou a granada de lado, pegando o bastão de choque. O adulto continuava muito próximo da moça. Ellie soltou a coleira. A fivela de metal tilintou no concreto. Movendo a cabeça, o adulto virou para o lado, curioso. Avançava para investigar, quando o filhote pulou alegremente e se afastou. O adulto permaneceu perto de Ellie. Depois deu-lhe as costas, voltando para o centro do ninho.
Gennnaro soltou um suspiro de alívio.
Meu Deus. Vamos logo embora.
Ainda não — Grant disse. — Mas já podemos iniciar nosso trabalho.

Na luz fosforescente do binóculo de visão noturna, Grant examinou o salão, estudando o primeiro ninho. Era feito de palha e barro, na forma de um cesto largo e baixo. Identificou os remanescentes de quatorze ovos. Claro, não poderia contar as cascas, a distância, e além disso já haviam se quebrado há muito e se espalhado pelo chão. Mas pôde contar as marcas na lama. Aparentemente os raptores construíam os ninhos pouco antes de botar os ovos, que deixavam uma marca permanente no barro. Viu que pelo menos um se quebrara. Registrou treze animais.
O segundo ninho estava quebrado no meio. Mas Grant calculou onze ovos. O terceiro tinha quinze, mas três haviam se rompido prematuramente.
— Qual é o total? — Gennaro perguntou. — Trinta e quatro filhotes nasceram.
— Quantos está vendo?
Grant balançou a cabeça. Os animais corriam pelo local

cavernoso, passando das partes claras para as escuras.
— Estive observando — Ellie disse, iluminando o bloco de anotações com a lanterna. — Precisaríamos tirar fotos para confirmar, mas as marcas no focinho dos filhotes são diferentes entre si. Contei trinta e três.
— E os jovens?
— Vinte e dois. Mas, Alan, nota algo de estranho neles? — O quê? — Grant sussurrou.
— Como se distribuem espacialmente. Estão formando um padrão ou ordem.
Grant franziu a testa.
— Está muito escuro...
— Não, olhe. Acompanhe os menores. Quando brincam, rolam e pulam em todas as direções. Mas, nos intervalos, quando os filhotes ficam por perto, veja como orientam o corpo. Ficam virados para uma

das paredes, em fila.
— Não sei, Ellie. Acha que existe uma metaestrutura de colônia? Como nas abelhas?
— Não, não é bem isso. Algo mais sutil. Apenas uma tendência. — E os filhotes a acompanham?
— Todos eles. Os adultos também. Observe-os. Estou dizendo, formam filas.
Grant franziu a testa de novo. Pelo jeito ela estava certa. Os animais brincavam, mas durante as pausas, quando vigiavam ou descansavam, pareciam se orientar de modo específico, como se houvesse linhas invisíveis no solo.
— Isso me intriga — Grant disse. — Talvez seja a brisa... — Não sinto nenhum vento, Alan.
— Mas o que estão fazendo? Existiria algum tipo de organização social, expressa na disposição espacial? — Isso não faz sentido — ela negou. — Porque todos agem do mesmo modo.
Gennaro consultou o relógio.

— Sabia que isso seria útil algum dia. — No relógio havia uma
bússola.
— Usa bússola no tribunal? — Grant indagou. — Não — Gennaro respondeu. — Ganhei de minha esposa, no aniversário. Eles não se alinham por nenhuma... Espere, parecem virados para nordeste-sudoeste, algo assim. — Talvez escutem algo, e virem as cabeças na direção do som — Ellie sugeriu.
— Talvez seja só comportamento ritual. Comportamento específico da espécie, para identificação mútua. Talvez não haja nenhum significado particular. Ou talvez sejam malucos. Talvez os dinossauros sejam malucos. Ou usam isso para se comunicar. Grant
pensava
nisso.
As
abelhas
se
comunicavam
espacialmente, com uma espécie de dança. Talvez os dinossauros também. Gennaro olhou-os e disse:
— Por que não saem?
— São animais noturnos.
— Sim, mas parece que estão escondidos. Grant deu de ombros. No instante seguinte, os filhotes começaram a guinchar e pular excitados. Os adultos os observaram curiosos por um momento. E depois, entre guinchos e gritos, todos eles começaram a correr, dirigindo-se para o túnel de concreto, desaparecendo na escuridão.

HAMMOND

John Hammond sentou-se pesadamente na terra fofa, no meio do barranco molhado e tentou recuperar o fôlego. Deus do céu, como fazia calor, pensou. Parecia que respirava através de uma esponja, tão grande era a umidade.
Olhou para o regato, agora a quinze metros abaixo dele. Tinha a impressão de que levara horas para sair de lá e subir a encosta até onde se encontrava agora. O tornozelo estava inchado e roxo. Não conseguia apoiar o peso do corpo no pé machucado. Fora obrigado a subir apoiado na outra perna, que também doía, devido ao esforço. Tinha sede. Antes de deixar a margem do regato, bebera água, mesmo sabendo que era perigoso. Agora sentia tonturas e o mundo às vezes girava. Problemas de equilíbrio. Mas sabia que subir era necessário, precisava retornar à trilha. Hammond pensara ter escutado passos no caminho, diversas vezes, na última meia hora, e sempre gritava, pedindo socorro.

Mas sua voz não ia longe e ninguém aparecera para ajudá-lo. Assim, em plena tarde, ele se dera conta de que teria de subir o morro, com o pé quebrado ou não. E era o que fazia naquele momento.
Crianças danadas.
Hammond balançou a cabeça, tentando clarear os pensamentos. Subia há mais de uma hora, percorrendo um terço da distância até o topo. O cansaço o dominava. Ofegando como um cachorro, tinha certeza de não correr perigo — impossível, quase do lado de seu bangalô — mas era forçado a reconhecer seu cansaço. Sentado no barranco, concluiu que não queria mais ir a lugar algum.
E o que era que havia de errado em se cansar? Afinal, tinha setenta e seis anos. Passara da época de subir barrancos íngremes. Mesmo assim, Hammond estava em forma para um homem de sua

idade, e pretendia chegar aos cem anos. Bastava cuidar bem de si, e
enfrentar os problemas só quando surgissem. Certamente tinha muitas razões para viver. Outros parques a construir. Outras maravilhas a criar...
Ouviu um guincho, depois um som parecido com um chilrear. Algum pássaro comendo minhoca. Ouvira ruídos de pequenos animais a tarde inteira. Havia de tudo por ali: ratos, gambás, cobras. O guincho aumentou, e um pouco de terra rolou do barranco, passando por ele. Um animal se aproximava. Viu um bicho verde-escuro descendo em sua direção. E outro. E mais um. Procompsognatos, pensou, tremendo.
Abutres.
Os procompsognatos não pareciam perigosos. Eram do tamanho de uma galinha, e se moviam nervosamente, erguendo e baixando a cabeça, como essas aves. Venenosos. Sua mordida injetava um veneno de ação lenta, utilizado para apressar a morte de animais feridos. Animais feridos, pensou, gelado de pavor. O primeiro procompsognato parou, olhando para ele. Permaneceu a uns dois metros de distância, fora do alcance, encarando-o. Os outros se aproximaram logo, formando uma espécie de fila. Observando. Pulavam e guinchavam, estendendo as pequenas patas cheias de garras.
— Fora! Xô! — Hammond gritou, atirando uma pedra. Os animais recuaram cerca de um metro. Não demonstravam medo. Pareciam saber que ele não podia lhes fazer mal. Furioso, Hammond arrancou um galho de árvore e tentou afugentá-los. Os procompsognatos morderam as folhas, guinchando de alegria. Pelo jeito acharam que se tratava de uma brincadeira. Hammond pensou novamente no veneno. Lembrou-se de que um dos tratadores de animais fora mordido por um procompsognato na jaula. Dissera que o veneno agia como um narcótico. Acalmava, relaxava. Nada de dor.
Só dava sono.

Que se danem, pensou. Hammond pegou outra pedra, fez
pontaria e acertou um bem no peito. O animalzinho gritou assustado ao ser jogado para trás, rolando por cima da cauda. Os outros recuaram. Melhor assim.
Hammond deu as costas e retomou a escalada do barranco. Agarrando os galhos com ambas as mãos, apoiava-se na perna esquerda, sentindo a dor na coxa. Não avançou nem três metros quando um dos procompsognatos pulou em cima dele. Hammond agitou os braços, frenético, jogando longe o animal, mas perdeu o equilíbrio e rolou o barranco. Quando parou, um segundo procompsognato atacou, mordendo de leve sua mão. Ele observou horrorizado o sangue que escorria pelos dedos. Continuou a subir. Outro animal pulou no seu ombro, e ele sentiu uma pontada de dor, quando foi mordido na nuca. Gritou e atirou o dinossauro bem longe. Virou-se para enfrentar os restantes, com a respiração acelerada. Estava cercado por eles, que pulavam e moviam as cabeças, atentos. Sentiu um calor iniciando-se no ponto da nuca em que fora mordido e espalhando-se pelos ombros, descendo a espinha. Quase sem se dar conta, deixou-se escorregar para o chão. Deitado de costas no barranco, Hammond se sentiu estranhamente relaxado, tranqüilo. E percebeu que não havia nada de errado.

Nenhum engano fora cometido. Malcolm estava completamente equivocado em suas previsões. Continuou ali estendido, quieto como uma criança no berço, em paz. Quando outro procompsognato mordeu seu tornozelo, fez um gesto vacilante, insuficiente para afugentar o animal. Os demais se aproximaram. Logo guinchavam a sua volta. Ergueu a cabeça quando um deles pulou sobre seu peito, um bichinho surpreendentemente leve e delicado. Hammond sentiu apenas uma ligeira dor, quando o procompsognato se abaixou para morder seu pescoço.

A PRAIA

Caçando os dinossauros, seguindo pelas curvas e rampas de concreto, Grant subitamente encontrou uma abertura, e chegou à praia, ao oceano Pacífico. Por toda a parte, os jovens velociraptores pulavam e cavavam a areia. Um a um, os animais se dirigiram para a sombra das palmeiras na beira do manguezal, e ficaram ali parados, enfileirados em seu modo peculiar, olhando para o mar. Não tiravam os olhos do sul.

— Não entendo — Gennaro disse.

— Nem eu — Grant falou. — Só dá para perceber que odeiam o sol. O sol na praia nem estava muito forte. Uma brisa suave soprava, o mar se encapelava. Mas por que tinham deixado o ninho de repente? O que atraíra toda a colônia para a praia? Gennaro consultou a bússola do relógio, olhando depois para os animais.

— Nordeste-Sudoeste, como antes.

Atrás da praia, no meio da mata, ouviram o zumbido da cerca elétrica.

— Pelo menos já sabemos como driblam a cerca — Ellie comentou.

Em seguida ouviram o ronco de um motor diesel, e no meio da neblina viram um navio apontando no sul. Um cargueiro grande, lento, dirigia-se para o norte.

— Então foi por isso que eles saíram? — Gennaro indagou. Grant fez que sim.

— Devem ter ouvido o barulho.

Quando o cargueiro passou, os animais o encararam, silenciosos.

Grant ficou espantado com seu comportamento coordenado. Agiam como um grupo. Talvez o mistério não fosse tão grande assim. Mentalmente, revisou a seqüência dos eventos iniciados na caverna.

Primeiro, os filhotes ficaram agitados. Depois os adultos. Finalmente, os animais saíram para a praia. A seqüência indicava que os mais novos, com audição apurada, tinham detectado antes o barco. Os adultos, depois, lideraram o grupo para a praia. Grant percebeu que os adultos comandavam o bando naquele momento. Havia uma organização espacial clara, ao longo da praia. Os animais paravam, em ordem rigorosa, como faziam lá dentro. Pareciam um regimento. Os adultos posicionavam-se a cada três metros, rodeados de um grupo de filhotes. Os juvenis ficavam nos intervalos, ligeiramente à frente dos adultos.

Mas Grant também notou que os adultos não eram iguais. Havia uma fêmea com uma listra diferente na cabeça, posicionada bem no centro do grupo que se distribuía pela praia. A mesma fêmea ficava no

centro do ninho. Ele calculou que os raptores, como alguns bandos de macacos, se organizavam de acordo com uma ordem matriarcal, e que o animal listrado era a fêmea alfa da colônia. Os machos cuidavam da defesa, no perímetro do grupo.
Mas, ao contrário dos macacos, cuja organização era precária e flexível, os dinossauros seguiam um padrão rígido — quase uma formação militar. Além disso, havia a estranha fixação pelo nordeste-sudoeste. Isso Grant não compreendia. De certa forma, não os e surpreendia. Os paleontólogos desenterravam ossos há tanto tempo que se esqueciam de que um esqueleto fornecia pouquíssimas informações. Os ossos podiam indicar a aparência do animal, a grosso modo, dando altura e peso. Revelavam dados sobre os músculos, e portanto sobre o comportamento do animal em vida. E guardavam marcas de algumas doenças ósseas. Mas um esqueleto pouco ajudava a entender o comportamento geral de um bicho, na verdade. E uma vez que os paleontólogos só tinham ossos para trabalhar, paciência. Como seus colegas, Grant tornara-se um especialista em ossos. E, no decorrer do processo, esquecera-se de possibilidades

improváveis — que os dinossauros pudessem ser animais muito
diferentes, com uma vida social e um comportamento organizado de acordo com padrões misteriosos para seus descendentes mamíferos. E, sendo os dinossauros basicamente pássaros... — Meu Deus — Grant exclamou.
Ele olhou boquiaberto para os raptores, em sua formação rígida na praia, vigiando silenciosamente o barco. E de repente entendeu o que ocorria.
— Esses animais! — Gennaro exclamou, balançando a cabeça. — Estão desesperados para fugir daqui, sem dúvida. — Não — Grant contestou. — Eles não tentam escapar. Não é isso.
— Não?
— Não — Grant disse. — Eles querem migrar.

AO ENTARDECER

— Migrar?! — Ellie exclamou. — Isso é fantástico! — Sim — Grant concordou sorrindo.
— Para onde supõe que desejam ir? — Ellie indagou. — Não sei — Grant falou.
Nesse momento helicópteros enormes romperam a neblina, trovejando e sobrevoando a paisagem, pesadamente armados. Os raptores espalharam-se assustados quando um dos aparelhos circulou por cima da praia, acompanhou a linha das ondas e pousou. A porta deslizou e os soldados em uniformes verde-oliva saíram, correndo na direção deles. Grant ouviu as conversas em espanhol, e viu que Muldoon já estava a bordo, com as crianças. Um dos soldados disse, em inglês:
— Por favor, venham conosco. Por favor, não há mais tempo. Grant olhou para a praia, mas todos os raptores haviam sumido. Nem um só animal à vista. Era como se nunca tivessem existido. Os soldados gesticulavam, e ele foi puxado para dentro, abaixando-se por causa das hélices. Muldoon inclinou-se e gritou no ouvido de Grant: — Querem tirar a gente daqui agora. Vão queimar tudo. Os soldados acomodaram Grant, Ellie e Gennaro em seus assentos, e os ajudaram a prender os cintos. Tim e Alexis acenaram, e subitamente o cientista se deu conta do quanto eram pequenos e estavam exaustos. Alexis bocejava, recostada no ombro do irmão. Um oficial aproximou-se de Grant e gritou: — É o responsável, senor?
— Não — Grant respondeu. — Não sou o responsável. — Então quem é o responsável?
— Não sei.

O oficial dirigiu-se a Gennaro e fez a mesma pergunta:

— É o responsável?
— Não — Gennaro disse.
O oficial olhou para Ellie, mas não disse nada. A porta permaneceu aberta, enquanto o helicóptero se afastava da praia, e Grant tentou ver os raptores pela última vez, mas o helicóptero já passava sobre as copas das palmeiras, no rumo norte. Grant debruçou-se para Muldoon e gritou: — E quanto aos outros?
— Já levaram Harding e os operários — Muldoon respondeu. — Hammond sofreu um acidente. Foi encontrado no barranco perto do bangalô. Deve ter caído.
— Ele está passando bem? — Grant indagou. — Não. Os procompsognatos o pegaram.
— E, quanto a Malcolm?
Muldoon balançou a cabeça, desconsolado. Grant estava cansado demais para sentir qualquer emoção profunda. Escurecia, e no crepúsculo mal podiam ver o pequeno rex, com as mandíbulas ensangüentadas, devorando um hadrossauro na beira da lagoa, olhando para o helicóptero e rugindo. Em algum ponto começaram as explosões, e depois viram outro helicóptero surgir na névoa, perto do centro de visitantes. No minuto seguinte o prédio inteiro transformou-se numa bola alaranjada de fogo e Alexis começou a chorar. Ellie a abraçou e desviou os olhos. Grant olhava para o solo, e teve a última visão dos hypsilophodon-tes, saltando graciosos como gazelas, pouco antes de uma nova explosão iluminar a mata e os descampados. O helicóptero em que estavam ganhou altura e seguiu na direção do mar, a leste. Grant voltou para seu lugar. Pensou nos dinossauros parados na praia e tentou imaginar para onde migrariam, se pudessem. Concluiu
que
jamais
saberia,
sentindo
tristeza
e
alívio,
simultaneamente.
O oficial voltou, encarando-o.

— E o responsável?
— Não.
— Por favor, senor, quem é o responsável? — Ninguém — Grant respondeu.
O helicóptero seguiu ligeiro para o continente. Fazia frio e os soldados fecharam a porta. Grant olhou para baixo pela última vez e viu a ilha ao longe, recortada contra o céu e o mar avermelhados, mergulhada em uma densa névoa que toldava as explosões que se sucediam rápidas, até que toda ela estava brilhando, transformada num pequeno ponto de luz e fogo na noite que caía.

EPÍLOGO: SAN JOSÉ

Os dias se sucederam. O governo foi gentil, instalando-os em um agradável hotel de San José. Podiam passear à vontade e telefonar para qualquer pessoa. Mas não podiam sair do país. Um funcionário da embaixada norte-americana vinha visitá-los diariamente, e perguntava se precisavam de alguma coisa. Explicou que Washington fazia o possível para apressar-lhes a partida, mas muita gente morrera dentro de uma área sob jurisdição da Costa Rica. Um desastre ecológico de grandes proporções fora evitado por um triz. O governo da Costa Rica fora iludido e enganado por John Hammond, quanto ao

projeto para a ilha. Nessas circunstâncias, as autoridades não se dispunham a liberar os sobreviventes sem mais nem menos. Nem sequer permitiram o enterro de Hammond e Ian Malcolm. Simplesmente esperavam. Grant, a cada dia, ia a uma repartição diferente do governo, onde era interrogado por funcionários corteses e inteligentes. Eles o faziam repetir sua história a cada conversa. Como Grant conhecera John Hammond. Como Grant fora informado do projeto. Detalhes do fax de Nova York. Por que Grant visitara a ilha. O que acontecera lá. Os mesmos detalhes, dia após dia. A mesma história. Por um longo tempo, Grant pensou que eles achavam que mentia e esperavam descobrir algo. Mas, de algum modo, pareciam apenas aguardar.

Finalmente, quando descansava numa cadeira certa tarde, na beira da piscina do hotel, acompanhando os mergulhos de Tim e Alexis, um norte-americano de roupa caqui apareceu para conversar. — Ainda não nos conhecemos — o americano falou. — Meu nome é Marty Guitierrez. Sou pesquisador da estação em Carara.

—

O
senhor
encontrou
o
espécime
original
do
Procompsognathus — Grant lembrou.

— Isso mesmo — Guitierrez confirmou. — Deve estar ansioso para voltar para casa.

— Sim — Grant disse. — Tenho apenas mais uns dias de escavações antes da chegada do inverno. Sabe, em Montana a neve começa a cair em agosto.

— Por isso a Fundação Hammond financiou as escavações no hemisfério norte? — Guitierrez perguntou. — Porque as possibilidades de encontrar material genético de dinossauro eram maiores nos climas frios?

—- Sim, presumo que sim. Guitierrez balançou a cabeça. — Sujeito esperto, esse Hammond.

Grant nada comentou. Guitierrez sentou-se. — As autoridades não lhe dirão nada — Guitierrez falou finalmente —, porque têm medo, e talvez guardem ressentimento pelo que foi feito, Mas há algo muito peculiar ocorrendo na região norte. — Ataques contra bebês?

— Não, isso parou, ainda bem. Na primavera, na região de Ismaloya, ao norte, animais desconhecidos atacaram as lavouras de um modo muito bizarro. Eles avançavam, dia após dia, em linha reta — como uma seta — da costa para as montanhas, sumindo na selva. Grant se empertigou na cadeira.

— Como numa migração — Guitierrez concluiu. — Não concorda?

— Quais as lavouras atacadas?

— Bem, isso também é esquisito. Só comiam um tipo de feijão, soja e de vez em quando atacavam galinhas. — Alimentos ricos em lisina — Grant constatou. — O que aconteceu com os animais?

— Presumidamente se esconderam na mata. De qualquer maneira, não foram encontrados. Claro, é difícil caçá-los na selva. Uma expedição de busca poderia passar anos nas montanhas de Ismaloya,

sem resultados concretos.

— E estamos sendo mantidos aqui porque... Guitierrez deu de ombros.

— O governo está preocupado. Talvez haja mais animais. Mais problemas. Agem com cautela.

— Acredita que possa haver mais animais? — Grant perguntou. — Não sei dizer. Você sabe?

— Também não — Grant falou.
— Mas tem suspeitas? Grant fez que sim. — Pode haver. Sim, tenho suspeitas.
— Concordo com você. — Guitierrez levantou-se da cadeira. Acenou para Tim e Alexis, que brincavam na piscina. — Provavelmente mandarão as crianças para casa. Não há motivo para retê-las aqui. — Colocando os óculos escuros, acrescentou: — Aproveite sua temporada conosco, doutor Grant. Este país é maravilhoso. — Isso significa que não vamos a lugar algum? — Grant questionou.
— Nenhum de nós vai a lugar algum — Guitierrez disse sorrindo. E caminhou na direção da entrada do hotel.

*** FIM ***

MICHAEL CRICHTON nasceu em Chicago, em 1942. Cursou a Harvard Medical School e em 1969 fez doutoramento no Salk Institute, na Califórnia, mas cedo trocou a carreira de médico pela de escritor. Os maiores sucessos de Crichton na literatura foram vertidos para o cinema, incluindo O Enigma de Andrômeda, O Grande Roíqbo do Trem, O Homem Terminal e O Parque dos Dinossauros, que foi filmado por Spielberg. Seu mais recente livro, Rising Sun, é campeão absoluto de vendas nos Estados Unidos.

Do autor, pela Best Seller: ESFERA

Contra-Capa

O QUE SERIA UM FENOMENAL SUCESSO DA CIÊNCIA PODE SE TORNAR O MAIOR PESADELO DA HISTÓRIA DO PLANETA!

Numa remota ilha da Costa Ria a multinacional de engenharia genética InGen prepara-se para assombrar o mundo com o mais fantástico parque turístico que a humanidade já conheceu. Recorrendo a avançadíssimas técnicas de reconstituição de DNA, sua equipe de cientistas conseguiu nada mais, nada menos do que produzir... dinossauros !

No entanto, quando o paleontólogo Allan Grant chega a Islã Nublar, encontre evidências de que o projeto não é tão perfeito quanto s e imaginava. H á algo d e muito estranho acontecendo c o m as gigantescas criaturas pré-histórica... Tudo indica que estão prestes a se tornar uma ameaça que nem mesmo os super computadores da InGen conseguirão evitar!

UM DOS MAIS OUSADOS ROMANCES DE AVENTURA DO AUTOR DE ESFERA E O ENIGMA DE ANDRÔMEDA FICÇÃO CIENTÍFICA_ ISBN 85-7123-296-2